

Da mesma autora de *Eu vejo Kate*

UM
MARTINI
COM
O DIABO
CLÁUDIA LEMES

| E | M | P | (Í) | R | E | O |

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



UM
MAR
TINI
COM
O DIABO
CLÁUDIA LEMES

SÃO PAULO

|E|M|P(I)R|E|O|

2016

Todos os direitos reservados.
Copyright © 2016 Cláudia Lemes
Copyright © 2016 Editora Empíreo

Editor
Filipe Nassar Larêdo
Assistente editorial
Adriana Chaves
Projeto gráfico & diagramação
Project Nine Editorial
Capa
Project Nine Editorial
Revisão
Toni Moraes

Texto adequado às normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

L551m
Lemes, Cláudia
Um Martini com o Diabo / Cláudia Lemes. – São Paulo : Empíreo, 2016.
336 p. ; 16cm x 23cm.
ISBN: 978-85-67191-28-7
1. Literatura brasileira. 3. Ficção. 4. Romance. 5. Máfia Italiana.
6. Estados Unidos. I. Título.
CDD 869.8992
CDU 821.134.3(81)

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira 869.8992

Todo livro deve ser mantido ao alcance de
qualquer pessoa e em contato com os olhos.

Conservar na temperatura do seu ambiente.

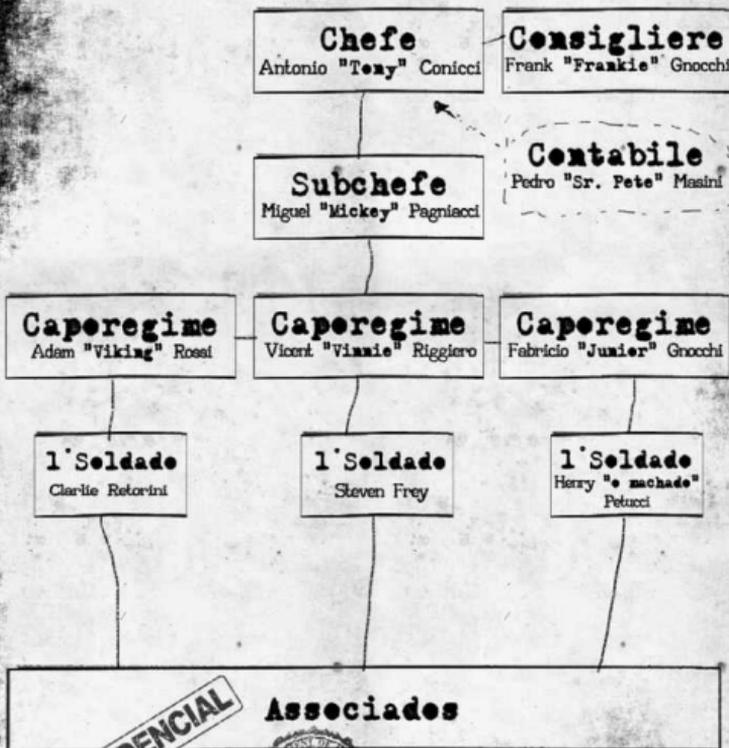
| E | M | P | (Í) | R | E | O |

2015
TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À
EDITORA EMPÍREO
RUA CAJAÍBA, 451
VILA POMPEIA
05025-000 - SÃO PAULO – SP
TELEFONE (11) 2309 2358
WWW.EDITORAEMPIREO.COM.BR
CONTATO@EDITORAEMPIREO.COM.BR

Em memória de
Maria Aurora dos Santos
“Margot”

FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION

Família Conicci



CONFIDENCIAL
FRANCESCA
STRONG



Agradecimentos

Muitas pessoas escrevem um livro com a gente, os que nos apoiam com um lanche ou um cafezinho às duas da manhã quando estamos suando, escrevendo o clímax com os dedos ágeis no teclado, e também aquelas que simplesmente confiam em nós e no nosso trabalho. Escrevi este livro entre abril e maio de 2016, com um bebê de quatro meses nos braços e outros dois filhos pedindo minha atenção. Deu certo porque nunca estive sozinha na minha jornada.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus betas: Glaucia Arize, Camila Sígolo Lopes, Maria Espinheira, Larissa Padovan, Daniel Faleiro, Ricardo Negreiros, Rízia Castro, Beatriz Lucio, Ge Benjamim, Everaldo Rodrigues e Larissa Azevedo. Obrigada a todos que trabalharam no livro, direta e indiretamente: Toni Moraes, Carolina do Amaral, Bruno Godoi e Francisco Martins. Adriana Chaves e Filipe Larêdo, vocês são amigos, parceiros e pessoas muito pacientes. Obrigada por me aguentar.

Este livro não teria sido escrito se não fossem as gargalhadas e a amizade de Andrea Dantas, em 2002, sem sua consultoria de italiano eu teria cometido erros imperdoáveis. Gostaria de mandar um enorme abraço a todos os meus amigos no meio literário, em especial aos que me apoiaram muito neste ano: Nathália Novikovas, Patrícia Pires, Marcelo Rocha, Bianca da Silva, Giselle Ortmann, Eduarda Henker, Rízia Castro, Paula Febbe, Juliana Malta, Denise Flaibam, Lucas Dallas, Rafael Machado, Rafael Luty, William Oliveira, Wilza

Meireles, Flavia Saad, Ana Carolina Lyoko, Agenor, Margarida, Viviane, João Henrique e muitos mais, cujos nomes não estão aqui, mas estão no meu coração.

E como não poderia deixar de ser, um agradecimento especial para minha família: Juçara, Juan, Katty, Odair, José Ricardo, Tânia, Mônica, Airton, Bruno, Rafaela, Renata, Leandro, Cauê, Morgana e Eduardo. Vocês são meu norte e meu motivo para persistir.

“Espero que você saia e deixe histórias, que são vida, acontecerem com você, e que trabalhe com essas histórias... regue-as com seu sangue e lágrimas e risadas até que floresçam, até que você mesma exploda em florescimento.”

CLARISSA PINKOLA ESTÉS, *Mulheres que Correm com os Lobos*.

Sobre a história deste livro

O primeiro livro que escrevi, entre 1999 e 2010, chegou a ter cerca de três mil páginas. Nunca o enxerguei como uma trilogia, até decidir que chegara a hora de publicá-lo. Queria ter a tão sonhada história da família do Sul dos EUA Woodson em papel, sentia a necessidade de tocar na obra à qual havia me dedicado por uma década, entre faculdade, casamento, filhos, trabalho e toda a turbulência da vida cotidiana. Dessa forma, precisei dividir a novela de quatro gerações de uma mesma família em três volumes. Publiquei de forma independente, depois por uma editora pequena, e observei com um sorriso muitas reações empolgadas de leitores. Recebi até a bênção de ouvir de várias pessoas que a saga da família Woodson “é meu livro preferido”.

Depois do lançamento de *Eu Vejo Kate: o despertar de um serial killer*, eu sabia que queria oferecer aos leitores algo tão intenso quanto, e tinha muitos livros na fila. A verdade é que minha paixão pela escrita já me levou para diversos lugares, épocas e temáticas. Eu já escrevera um drama familiar, um *slasher*, contos de terror, um policial de grande sucesso de público e um faroeste, uns em inglês, outros em português. Alguns nos quais a história é ambientada fora

do Brasil, outros em território nacional. E, entre eles, o livro que pareceu levantar o braço e gritar “Eu, eu, eu, chegou minha vez!” era um livro que fazia parte da *Trilogia Woodsons*, apelidado por todos os seus leitores devotos de “*Charlie*”.

Folheeí a trilogia novamente, me perguntando se teria coragem de desmembrá-la para que fizesse jus à história de Charlie, transformando-a em um único volume, com todo o seu estilo *noir*. Confesso que partiu meu coração, mas foi uma decisão sábia, para Charlie e para a trilogia. Dessa separação nasceu um livro mais interessante, uma história mais completa da vida de Charlie Walsh. E ela não deixou um vazio na *Trilogia Woodsons*, mas sim um espaço para que eu volte aos Woodsons com carinho e cuidado mais para frente e me dedique àquela história com exclusividade.

O resultado desse trabalho de adaptação é o livro que você tem em mãos. Ele é a nova e mais elaborada edição de parte de um livro publicado por mim no passado. Acredito que a adaptação vai agradar àqueles que já são fãs do livro do Charlie dentro da *Trilogia Woodsons*, assim como a leitores que não tiveram contato, ainda, com a história. *Um martíni com o Diabo* é um livro de tema policial que foca na máfia italiana nos Estados Unidos, com o estilo *noir* do qual sempre fui grande admiradora.

Buscando honrar nomes como Dashiell Hammett, Elmore Leonard e James Ellroy, apresento para vocês meu primeiro romance *noir*, cuja história foi esboçada quando eu ainda tinha dezoito anos, e que sempre amei como meu primogênito dentro da esfera policial.

Maio de 2016,
CLÁUDIA LEMES

Sobre a linguagem

Um martini com o Diabo foi baseado numa profunda pesquisa sobre os termos usados na máfia italiana como jargão, gíria ou código. Ao traduzir o livro para português, foi necessário adaptar essa terminologia, o que fiz de forma livre e pessoal, como nos exemplos:

Soldado (*soldei*): um capanga da máfia;

Comare (*comare*): a amante de um mafioso;

Um amigo meu (*a friend of mine*): um homem conectado à máfia;

Um amigo nosso (*a friend of ours*): um membro da máfia;

Um homem feito (*a made man*): um homem que se tornou membro da máfia;

Abrir os livros (*to open the books*): abrir espaço para fazer mais membros ou promover membros já existentes. Fechar os livros, *to close the books*, é o oposto disso;

Don/chefe (*don, boss*): o chefe de uma família;

Consigliere: conselheiro do chefe; (**Consiglieri**, pl.)

Contabile: contador da família;

Jurar por (*to vouch for*): para que alguém entre para a família, é necessário que um membro vote por essa pessoa, fazendo um juramento de que ela é leal;

Execução (*whack job*): assassinato mandado;

Caporegime: um homem no alto da hierarquia, abaixo do chefe e subchefe, que controla os soldados; (**Capiregime**, pl.)

Contrato (contract): assassinato com recompensa monetária;

Omertà (Omerta): código de silêncio e lealdade da máfia;

Deixa disso (Forget about it): a gíria mais famosa dos mafiosos, o “deixa disso” é uma exclamação. Pode significar “esqueça”, “deixe isso de lado”, “que loucura”, “nossa”, “pare” e dezenas de outras coisas. O filme *Donnie Brasco*, 1997, tem uma cena inteira dedicada aos múltiplos significados dessa expressão;

Boyo: gíria irlandesa para “garoto”.

Charlie com sangue nas mãos

Las Vegas, Natal de 1997

Achava que o sangue dela nunca sairia de suas mãos. Tinha uma maneira perseverante e orgulhosa de enfiar-se e secar entre as minúsculas montanhas que compunham suas digitais e a superfície rugosa da sua palma. O sangue descansava no espaço restrito entre as unhas e a pele de Charlie. Ele não sabia se deveria lavar as mãos ou apenas continuar fitando-as, agora que seu coração finalmente se acalmara e ele se permitira entrar num estado quase de transe, que era o limiar entre a loucura total, eterna e desenfreada, e a sanidade que sempre praticara com devoção e disciplina.

A voz calma que o levava até aquele momento e lugar falou no tom comedido de praxe: *ela não vai morrer*. Charlie quase sentiu uma mão reconfortante no ombro. Sentiu o cheiro metálico do sangue e olhou para baixo. Usava o costume característico, de um cinza tão escuro que era quase preto, que o distinguia como o braço direito de Tony Conicci. Via as manchas ocre na calça e no paletó. A camisa branca parecia a droga de um absorvente feminino.

Sozinho no corredor do hospital, Charlie desviou o olhar para a árvore de Natal que piscava no canto, ao lado do balcão onde uma recepcionista fazia anotações em formulários presos a uma prancheta de acrílico. O ritmo do piscapisca entediante o acalmou. A aberração que a esposa do chefe fizera, numa noite sagrada para um homem como Tony, era quase alimento para a insanidade.

Como deixei isso acontecer?

Charlie esfregou a testa melada de suor, deixando uma marca vermelha. Não conseguia deixar de se culpar por aquilo. A imagem impressa na sua mente, a imagem dela nua numa piscina de sangue que antes fora a banheira luxuosa da

suíte, ameaçou vir. Ele concentrou-se em empurrá-la para algum lugar escuro dentro de si, e deixou a praticidade e a racionalidade tomarem conta.

Poucas mulheres cometem suicídio nuas porque sabem que serão encontradas pelas famílias daquela forma, que serão fotografadas pela polícia e coisas do tipo.

Mas ela faria. Não se importa.

Queria mesmo morrer? Ou queria que ele a encontrasse e se sentisse como um merda pelo resto da vida? Queria que a polícia se metesse nisso, para dar um último “Vá se foder!” ao marido? A polícia faria perguntas. Muito provavelmente os federais se envolveriam no caso, procurando uma abertura para conseguir o que as investigações passadas não haviam conseguido. Usariam aquela mensagem feminina de desespero para encontrar brechas outrora inexistentes graças à burocracia. Sim, a mulher de Tony sempre seria usada, de uma forma ou outra.

Marion.

Desgraçada.

Encostou a cabeça na parede e se perguntou se um dia voltaria a dormir, se conseguiria deixar o coração bater num ritmo regular o suficiente para cair num abençoado estado de esquecimento.

Lembrou-se daquele dia, de seu aniversário de dezoito anos, da revelação macabra da mãe, da descrição de violência que desencadeara dentro dele, ainda tão novo, o desejo corrosivo de vingança. Lembrou-se do porquê, tão frequentemente esquecido nos últimos anos, de ter se metido naquela família, naquele negócio inescrupuloso, com aquelas pessoas.

Você se traiu no caminho, garoto, isso é fato. Esqueceu seu objetivo, sua vingança, seu ódio. Agora não adianta querer fugir das consequências.

– Charlie.

Deu um pulo, entendendo que cochilara por um ou dois segundos antes de ouvir a voz do chefe. Charlie viu Tony com a pele avermelhada diante de si. Não suave, não parecia aflito e muito menos receoso. Mas a brincadeira mórbida da esposa conseguira finalmente tirá-lo do estado de frieza, pelo jeito.

Charlie levantou-se, sem saber como proceder, e notou o olhar de Tony para o sangue seco que cobria suas mãos. O chefe olhou em seus olhos, finalmente. Charlie não se intimidava pelo negro deles há anos, mas sentiu o gosto, por um segundo, da lembrança da época em que Tony o apavorava.

– Ela... – Charlie lambeu os lábios e firmou a voz – Está bem, vai ficar bem? Quer dizer... sobreviveu?

Conseguia Tony ver o medo e a tristeza na face de Charlie?

Tony suspirou. O vermelho de sua pele pareceu recuar um pouco.

– É claro que sim.

Charlie sentiu uma onda de alívio tão grande que os joelhos quase cederam. Não conseguia sorrir. Apenas fitou o homem diante de si.

Antes de sair, Tony olhou para baixo e ajeitou os punhos da camisa. Olhou para Charlie novamente.

– Aquela desgraçada não vai morrer sem minha permissão, filho.

Charlie entrou em seu apartamento e não acendeu a lâmpada ao fechar a porta. Os móveis estavam contornados pela luz que vinha da rua e entrava pelas janelas abertas e sem cortinas. Sentou-se no escuro, acendeu um cigarro e fumou, com as mãos apoiando a cabeça pesada, tão conturbada pelas sensações da noite. Ele sabia que não conseguiria dormir. A adrenalina baixara, tornando todas as dores perceptíveis, quase tiranas. Para chegar ao tubo laranja de plástico, que continha as pílulas mágicas que fariam a dor ir embora, ele teria que levantar-se e andar até o banheiro, e tinha certeza absoluta de que não conseguiria fazer aquilo. Dar mais alguns passos, naquele instante, parecia uma odisséia digna de um filme épico, do tipo que um insone como Charlie assistiria às três e vinte da madrugada, comendo um sanduíche murcho que encontrara na geladeira. Não, decidiu que poderia até mijar nas calças, mas não iria ao banheiro. Melhor sentir as dores, e, por que não, entregar-se às lembranças.

Charlie supunha que todo ser humano tinha alguns momentos de se perguntar: “Como cheguei a esse ponto?”. Fizera aquilo diversas vezes em sua vida, inevitavelmente quando estava fodido. E estivera bem fodido antes, mais de uma vez. Naquela noite de Natal, no entanto, havia uma pergunta que se seguia àquela, uma pergunta que o perturbava como um gato circulando as pernas do dono em busca de carinho ou comida. Sabia exatamente como chegara àquele ponto, então a próxima pergunta era: “e o que vai fazer a respeito?”.

Precisa matá-lo, Charlie. Precisa ter os colhões que não teve até hoje e matá-lo.

Era a primeira vez que pensava aquilo com convicção. Soube naquele momento que mesmo aos dezoito anos, mesmo no dia em que decidira matar Tony, não tivera certeza de que conseguiria.

Agora a certeza o golpeara no peito como um trem.

Então Charlie se permitiu, divagando ao fitar a fumaça fina do cigarro contra a escuridão da sala de estar, a voltar no tempo, para o dia em que colocara seu plano ingênuo e estúpido, embora cheio de coragem, em prática. Um mês após a revelação sombria da mãe.

Charlie chegou em casa com um sorriso no rosto. Ainda não podia comprar álcool legalmente, mas já comprava cerveja desde os quatorze. Dezoito parecia ser um número divisor de águas, uma grande barreira entre o antes e o depois, entre o “moleque” e o “homem”. Encontrou a mãe na cozinha, ainda usando o uniforme do restaurante onde trabalhava há dezesseis anos como garçonete.

Loreen ainda tinha 36 anos, e isso era algo que Charlie precisava lembrar-se sempre. A vida difícil colocara um ar permanentemente exausto no rosto da mãe, que aparentava ter quase cinquenta. Pequena e magra, a ruiva não sorriu quando viu o filho. Ele esperava um beijo, um “feliz aniversário” que nunca veio.

– Notei que tem novos amigos.

Charlie deu de ombros... – Jimmy e Stu? Eu conheço os caras desde...

– Não eles, os outros. Os que têm aparecido aqui durante a tarde. Os que se vestem melhor e parecem durões.

Charlie ficou quieto por algum tempo. Sentiu-se um pouco infantil por ter que ouvir um discurso “não gosto dos seus amigos” da mãe. Loreen nunca fizera aquilo antes. O garoto sabia que ela o observava bem, durona como era, mas algo daquele tipo? Nunca.

– Sim... bem, o que posso dizer? – ele suspirou. – Eles são caras legais.

– Estão ligados à máfia irlandesa, Charlie. Você sabe disso.

Sim, ele sabia. Acendeu um cigarro e soprou um pouco de fumaça. – E daí?

– Não sei o que você está pensando. Não tenho uma única reclamação de você como filho, não tenho mesmo. Não sei se você está cansado da sua vida, de

ser pobre, de viver comigo, eu não me importo. Mas não posso te ver numa vida assim, simplesmente não consigo.

Era só preocupação da velha, coisa normal de mãe. Estaria ficando com aquela coisa de síndrome do ninho vazio ou sei lá o quê. Mas a intrusão o incomodou, então as próximas palavras saíram ríspidas:

– “Uma vida assim”? Seria tão ruim ter mais dinheiro? Poderíamos morar num lugar melhor, você poderia parar de trabalhar e...

– Charlie, eu preciso que você escute – ela suspirou.

Deus, ela parecia exausta. Ele se inclinou para trás na cadeira e sentiu a brisa no rosto, que entrava pela janela aberta. A cozinha minúscula era o campo de batalha entre Charlie e as baratas, que insistiam em aparecer em todas as estações do ano. Loreen era metódica na limpeza, como em todas as outras coisas, mas certos bichos pareciam ter rixas pessoais com humanos e ignoram completamente seus instintos, como no filme *Tubarão*.

Loreen fechou os olhos. Tocou as duas mãos nos lábios, como se estivesse prestes a rezar. – Olha, desde que você nasceu, pensei sobre isso um milhão de vezes. Se eu deveria te contar sobre o meu passado e sobre seu pai.

Aquilo surtiu o efeito desejado por ela, tirando Charlie de uma conversa superficial e movida puramente por *momentum*, fazendo-o despertar, concentrar-se nas palavras dela. Algo estava prestes a acontecer, soube, naquele momento, algo que mudaria tudo.

– E eu pensei que não deveria – ela continuou, sentando-se do outro lado da mesa, de frente para o filho, com o sotaque irlandês carregado. – Achei que a melhor coisa que poderia fazer por você era te dar uma ficha limpa. Você tem algo que eu nunca tive na vida: opções. Você pode fazer e ser, Charlie, o que quiser.

Loreen olhou para baixo e ele pensou que ela fosse chorar, mas a mulher não o fez. – Mesmo se eu te disser que é uma história horrível... você quer saber?

Charlie não tinha mais tanta certeza. Ele passara toda a vida lhe perguntando. Ela nunca dava respostas. Ele aprendera a viver sem elas.

– Por que agora?

– Eu preciso que entenda algumas coisas sobre a vida. Confie em mim, eu sei que é difícil de ouvir, mas você não sabe nada sobre violência.

– Você vai me contar tudo porque tenho passeado por aí com alguns mafiosos? Quer dizer, uma criança perguntando sobre suas origens não é motivação, mas meus novos amigos são? – Ele estava falando um pouco mais alto do que pretendia, mas era difícil parar.

– Você não é mais uma criança – ela disse, olhando-o. Seus olhos verdes estavam um pouco avermelhados e completamente cansados. – Eu vou contar apenas uma vez. Nunca mais.

Charlie deu uma longa tragada no cigarro. Esperara um abraço da mãe naquela noite, um dos abraços cheirosos que ela sempre lhe dava. Esperara ver a felicidade refletida nos olhos dela, os conselhos que sempre dava, que ele sabia serem versões parafraseadas dos sermões que ouvia na igreja. Amava Loreen. Era o único de seus amigos que tinha um respeito profundo pela mãe. Agora estavam naquela conversa estranha, com gosto de “vamos direto ao ponto”, e ele não estava gostando nada. Mas era finalmente a chance de saber a verdade.

– Conte, então.

Loreen esfregou os olhos. – Tudo bem. Eu tinha a sua idade... A vida não era fácil naquela época, principalmente para imigrantes irlandeses em Nova Iorque. Minha mãe trabalhava até os dedos virarem ossos e era espancada por meu pai todas as noites. Tudo o que eu conseguia pensar era que eu não iria acabar como ela. Eu estudava muito, ia à igreja e cuidava dos meus quatro irmãos mais novos. Então... um dia eu estava andando pela rua... meu irmão Joey tinha pego pneumonia e eu estava levando-o para o médico. – Ela tinha o olhar distante enquanto falava, como se estivesse vendo tudo acontecer de novo. – Havia um bando de italianos lá. Eu os odiava. Eles sempre cuspiam e xingavam quando me viam, dizendo coisas sujas sobre a... “puta” irlandesa que achavam que eu era. – Ela puxou o cabelo para atrás das orelhas.

– Era real, mesmo, esse ódio entre carcamanos e irlandeses? Pensei que fosse coisa de filme.

– Não... era real, sim. Existe até hoje, Charlie... entre mafiosos. Lembro que na época era um ódio muito enraizado em todos aqueles homens... e era um ódio que contaminava as mulheres também. Umás italianas passavam por mim às vezes e cuspiam no chão... mas sabe, era tanta pobreza, tanto sofrimento naqueles dias, que isso não chegava a ser um problema tão grande. Tínhamos coisas mais importantes para pensar, como o que comer, por exemplo, os sapatos que estavam rasgando nas pontas, as escolas que estavam sem vagas...

– Então os desgraçados xingavam você só por ser irlandesa?

– Mulher e irlandesa, suponho. Um dia estava passando e eles fizeram a mesma coisa, cerca de cinco deles, e eu sabia que estavam ligados à máfia italiana, que florescia naquela época. Um homem chamado... – Ela parou por um segundo. – Tony estava lá. Ele não era nada naqueles dias, mas seu tio era um homem importante. De qualquer maneira, ele olhava para mim de um jeito diferente. Eu passei por eles, segurei meu irmão com força pela mão e ignorei os comentários vulgares e ameaçadores. Mas, depois disso, comecei a ver Tony sempre. Um dia ele agarrou o meu braço, disse que me achava bonita. Ele disse que não era como os seus amigos. – Ela tinha um sorriso amargo nos lábios. – Eu não falei nada. Ele sugeriu passar na minha casa e me levar para sair. Livrei-me de suas garras e me afastei. Então... – Loreen parou.

Charlie observou-a com atenção, sentindo que não escaparia de uma descrição de algo que ele não estava pronto para ouvir. Não tinha contato com a família da mãe, os Walshes. De fato, a única família que Charlie conhecia era a própria mãe, que nunca falara nada sobre os tios e avós de Charlie. Não havia nem fotos dos Walshes em casa.

– Mãe... eles machucaram você?

Ela alisou a toalha da mesa um pouco. Procurava algo dentro de si, Charlie notou. Temia que fossem forças para não desabar ao contar a história. Temia que fosse tão ruim quanto ele começara a imaginar.

– Cerca de um mês depois, meu irmãozinho estava ficando cada vez melhor, só Deus sabe como. Mas ele tinha que continuar a tomar o remédio ou voltaria a ficar como antes. Minha mãe não estava se sentindo bem naquele dia e ela se esqueceu de pegar a última garrafa de xarope que tinha comprado de Joe Lang, o farmacêutico. Bem... quando meu pai descobriu, foi à loucura. Ele bateu muito em todos. Então lá fui eu, às onze da noite, sozinha naquelas ruas sujas, desejando ser rápida e invisível. Andei o mais rápido que pude, e até mesmo, por vezes, corri. Joe Lang estava dormindo e ficou furioso, claro, mas me deu a garrafinha. Segurei firme e fiz meu caminho de volta. Mas então me distraí. Acho que foi a lua, eu estava andando e olhando para ela, e me deparei com eles. Eram seis naquela noite. Lembro bem deles. E lembro que naquele momento eu ainda tinha esperanças de que, se olhasse ao redor, encontraria alguém, alguém disposto a me ajudar. Mas a rua estava deserta.

Charlie nunca tinha considerado algo parecido. Ele se convencera de um milhão de razões para que ela não falasse sobre o passado, mas nunca algo daquele tipo. Pegou-se com ódio, não quis ouvi-lo. Mas precisava. Ele tinha que saber.

– Eles não me tocaram a princípio, só xingaram. Tudo em mim os incomodava, meu cabelo vermelho, minhas sardas. O mais estranho é que naquele momento, no qual todos os meus instintos de sobrevivência gritavam dentro de mim, eu me dei conta do vidro de remédio do meu irmão, de como as minhas mãos suavam, do medo que eu tinha que quebrassem. É esquisito o que nossa mente faz em momentos de perigo, é muito esquisito.

– Mãe... o que fizeram? – Ele já sabia, mas precisava ouvir.

– Tony apareceu das sombras, mas ele não estava tão arrogante como de costume, só ficava me olhando. Foi o outro, o homem de cabelo castanho e bigode fino, que disse: “Ela é sua, Tony”. Ela é sua... como se... como se eu fosse uma presa e ele um predador, sabe? Ele hesitou. Eu vi. Eu vi porque nos olhos dele tive esperanças que ele impedisse aquilo de acontecer. Mas eles insistiram. Eles o incitavam, quase como se torcendo por ele, como se fosse um jogo. Então, ele foi o primeiro... dois deles seguraram meus braços e... – Ela soltou um suspiro. Manteve os olhos secos e a voz controlada. – E outros dois levantaram

minha saía e... seguraram minhas pernas. Eram muito, muito fortes. E... e ele foi o primeiro.

Charlie levantou-se. Precisava afastar-se. Indo para a geladeira, sem pensar, pegou uma cerveja. Abriu-a com as mãos e bebeu um gole longo e frio. Estava rangendo os dentes de ódio. Fechou os olhos e o punho e respirou fundo. Ele a ouviu atrás de si, insistindo na história para conseguir terminá-la:

– Depois do terceiro, eu não estava mais lá... perdi-me dentro da minha mente, mantive os olhos abertos e olhei para o lado. Fixei na garrafinha marrom que segurava, desejando que ela não se quebrasse. Porque eu sabia que, no final, o que acontecia naquele momento comigo não seria tão ruim para minha família quanto se o remédio se quebrasse, sabe? E vai além de toda a humilhação, vai além das risadas deles, que consigo escutar até hoje. A dor... doeu demais. Aquilo doeu demais.

– Pare – ele pediu.

Ela obedeceu. Cruzou os braços e observou-o.

– Eu não quero ouvir isso – ele falou, um dedo para cima. – Você tá inventando. Isso não aconteceu e você sabe, por isso pare.

Loreen ficou ali, em silêncio.

Ele manteve os olhos no chão. A cerveja estava congelando a sua mão. Sabia que não era mentira da mãe, sabia que ela, como tantas outras antes dela, não escapara daquela coisa nojenta que acontecia com tanta frequência. – Por favor, me diga que você não engravidou naquela noite.

– Não engravidei. Deus me fez um favor de não ter que olhar para você sem saber qual daqueles monstros era o seu pai.

Ele bebeu mais. Acendeu outro cigarro. Não olhou nos olhos dela. Observou a toalha branca manchada. Loreen suspirou e continuou:

– Quando cheguei em casa, não demonstrei nada. Ninguém poderia saber. Inventei uma história sobre um policial ter me parado e feito perguntas, eles acreditaram. Entreguei o frasco à minha mãe, então tomei um banho. Não sabia se o sangue que escorria era da minha virgindade ou de machucados, tudo doía em mim. Chorei quieta no travesseiro para não acordar meus irmãos. Mas o pior era saber que, mais cedo ou mais tarde, eu teria que encará-los e ouvir os insultos e sentir seus olhos em mim novamente. Pensei que o suicídio seria melhor. Mas não tive forças para fazê-lo, só pensava nos meus irmãos. Eles precisavam de mim.

“No dia seguinte fui para o hospital porque minha barriga doía. Depois fui ao trabalho. Eu costumava lavar e passar roupas para uma velha senhora, Hessel. Tony estava me esperando do lado de fora, na saída. Eu tremi quando o vi. Ele estava sozinho. Comecei a correr, mas ele agarrou minha mão. Eu chorei. Ele disse: ‘Você é minha agora. Eu não queria que acontecesse daquela forma, mas você não me deu escolha’. Não sabia o que pensar daquilo. Talvez ele estivesse

certo. ‘Faça o que eu digo e vou deixar todo mundo fora disso. Vou deixar meus amigos e sua família fora disso’. E eu acreditei nele. “Não posso ser visto com uma ruiva como você senão o meu tio vai cortar minhas bolas, mas eu gosto de você, Loreen”. Eu apenas assenti. Queria ir para casa.

“Ele me pressionou contra a parede e me beijou. Eu chorava, era tudo que eu podia fazer. Então ele me deixou lá. No dia seguinte fiquei doente e não fui trabalhar. Tive minhas regras e sangrou mais do que o habitual. Vomitei e dormi no chão do banheiro, meu pai me acusou de ser negligente com a minha saúde, ele disse que não precisava de outro filho doente. Tudo piorou quando a senhora Hessel disse à minha mãe que eu estava dispensada de meus deveres com ela, isso realmente enfureceu meus pais. Eu prometi encontrar outro emprego. Achei um, perto de casa, lavando pratos na lanchonete McNugget Coffee Shop. Eu gostei... – Ela umedeceu os lábios de novo. – Era perto, então eu corria pra casa quando meu turno acabava.

“Fiquei feliz que não iria encontrar mais os italianos, e aquela felicidade durou meses. Mas Tony não se esqueceu. Quando ele descobriu meu trabalho novo, passou a ir lá para tomar café. Seus amigos não estavam por perto, pelo menos. Todos o tratavam com medo e respeito, mesmo naquela época, por causa das conexões de seu tio. Ele não tirava os olhos de mim. Então... fui promovida à garçonete. Eu nunca fiz perguntas, sabia que era coisa dele. Eu tinha que servir sua mesa e eu odiava aquilo. Ele falava baixo comigo enquanto eu o servia café e sanduíches. Depois de duas semanas, meu chefe me chamou e disse que fechar o lugar passaria a ser parte do meu trabalho. Eu não podia reclamar, o dinheiro estava ajudando muito. Os meninos tinham sapatos novos e roupas, e estávamos comendo melhor, então fiquei até tarde para fechar a loja. E ele estava lá, Tony. Ele entrou e fechou a porta. Ele estava... – Ela parou. – Eu fiquei parada, eu não me mexi ou emiti um som durante aquilo. Ele não era violento, tipo... ele não me batia, mas não importa. Tornou-se rotina. Ele ia para lá todos os dias na hora do fechamento. Eu só chorava quando ele saía”.

– Então ele é o cara.

– Sim, ele é seu pai. – Ela suspirou.

Charlie enfiou outro cigarro na boca. Então, como todos os seus amigos, ele tinha um pai filho da puta. Sentia o corpo quente, a testa suada, e o estômago embrulhado. Nunca tinha olhado para a mãe com qualquer coisa além de respeito e amor. Naquele momento, não conseguia imaginá-la sendo jovem um dia, e nem sendo exposta a uma coisa daquela, uma apropriação bestial e constante do próprio corpo.

– E o que aconteceu com ele? – Charlie ainda estava desejando um final feliz de alguma maneira. Ele queria que ela dissesse: “ele morreu, eu dei um tiro na porra da cara dele”, ou “ele ainda está na prisão”. Mas sua mãe molhou os lábios mais uma vez.

– Mudou-se de Nova Iorque, foi para Las Vegas, acho que é dono de um cassino lá. Virou o chefe da família Conicci um ano atrás, quando o tio dele morreu.

Charlie sacudiu o fósforo para apagar a chama e soltou a fumaça do cigarro. – O quê? Você deixou isso acontecer? Você não contou a ninguém?

– Como você é ingênuo. Vamos supor que eu tivesse contado a alguém, filho... o que teriam feito contra Tony numa parte da cidade controlada pelo tio dele? Escute o que estou tentando te dizer, *boyo*. Uma pessoa é insignificante contra um sistema. E eles, aqueles desgraçados, eram um sistema que se criava e se alimentava de si mesmo. Contei da gravidez ao Tony. E quando fiz isso ele me bateu. Bateu muito, Charlie. Hoje, quando penso naquilo, sei que não era raiva que ele sentia por eu ter engravidado... era medo que o tio descobrisse que ele estava com uma irlandesa. Acho que tinha medo de perder seja lá o que ganhara controlando aquelas ruas. Então eu fugi. Não tinha outra opção. Vim para Chicago onde uma tia me acolheu. Você nasceu e eu...

Ela sorriu. Charlie não entendia como a mãe não chorava falando naquilo. Como a desgraçada era durona. Mas ele não se iludia, conhecia Loreen, e sabia que ela só mostraria fraqueza contra o travesseiro, no meio da noite, e não para o filho. A tristeza estava de fato nadando naqueles olhos verdes. Ele já havia se acostumado a ela. A mãe colocou uma mão sobre a dele.

– O importante é que você nasceu e a dor passou, filho. E você fez com que eu me envergonhasse de ter pensado tanto no suicídio, e, sim... na agulha de tricô que o tiraria de dentro de mim. Confesso meus pensamentos horríveis agora, com a esperança de que me perdoe por eles.

– Puta que pariu. – A angústia aumentava à medida que ele compreendia a história dela. Aquilo tudo tinha um jeito lento de fazer sentido. Ele colocou as mãos na cabeça. – Puta que pariu, mãe.

– Charlie, olhe para mim.

Fora um comando, o tom ele conhecia bem.

Os olhos de Loreen tinham um aspecto austero. – Você é o que importa. Entendeu? Você foi meu bálsamo, querido. Curou-me de todo o horror daqueles dias. A podridão da violência precisa, Charlie, precisa acabar agora, precisa acabar com você. Eu não toleraria que seguisse os passos dele. Eu não toleraria que você aceitasse a violência dentro de você como algo natural ou até mesmo inevitável.

Mas Charlie reconhecera naquela história a fonte de sentimentos que o atormentaram durante toda a sua vida. Atrações, propensões, entusiasmos por uma escuridão que ele carregara na alma desde pequeno. Sem algo bom a dizer para a mãe, e com medo que ela o fizesse declarar promessas que ele não estava inclinado a cumprir, deixou-a na cozinha e foi para o quarto.

No terceiro dia, depois de ter ficado acordado por 28 horas seguidas, Charlie estava calmo. Ele havia tido pensamentos de ódio em relação a ela, a Tony, a Deus e a todos. Ele havia passado por negação: *talvez seja mesmo mentira*. Então, lentamente, ficou entorpecido. Seus pensamentos abrandaram, assim como o batimento cardíaco. Aquilo havia acontecido. Ela havia superado, Deus sabe como. Eles tinham sido felizes até ela contar tudo. Ela convivera com aquilo, mas ele não precisava. Foi em 29 de setembro que Charlie decidiu. Ele tinha um propósito agora. E paciência para cumpri-lo, até o fim. Mesmo que o fim significasse a morte.

Ela estava feliz quando chegou. Cansada, como de costume, foi direto para a cozinha e comeu um pedaço do bolo de aniversário enquanto lia uma revista feminina. Quando ele entrou, ela olhou para cima. – Pensei que estava dormindo. Com fome?

Ele fez o seu caminho lentamente para a mesa e sentou-se. – Um pouco. – Estudou-a.

– Sobrou comida de ontem. Tenho uma coisa para você. – Ela entregou-lhe um pedaço de papel duro. Ele viu que era uma passagem de avião. Para Iowa.

– O que é... ?

– Um cliente meu. – Ela sorriu docemente. – Ele tem uma empresa em Iowa. Eles aceitam estagiários. O negócio é que você vá, trabalhe lá e estude à noite. Eles estão oferecendo um curso de vendas e em um ano você estará recebendo um bom salário e pode, um dia, se tornar um gerente regional de vendas, como ele.

Charlie olhou para ela. – Eu não tenho interesse nisso.

Ela não parecia surpresa, mas ainda assim decepcionada. – E você não pode tentar?

Houve um silêncio constrangedor. Ele ficou um pouco irritado. – Me afastar não vai apagar o fato de que agora eu sei.

– Vai te dar uma boa chance de ser bem-sucedido – ela disse, com a voz dura.

Ele pirou. – Ele a estuprou! Eu não posso esquecer isso! Como *voce* consegue? Como pôde não fazer nada a respeito? Como pôde fugir que nem uma covarde?

Ela não reagiu.

– Me empurrando para um trabalho de hamster na porra de Iowa? Essa é sua maneira de consentar as coisas?

Ela suspirou. – Você é um homem agora. Faça o que quiser. – Afastou-se dele. Charlie viu quando ela tirou as sobras de comida da geladeira e começou a abri-las.

– Mamãe... eu não posso voltar ao normal – disse.

Loreen olhou para ele. – O que diabos isso significa, *boy*? Você é normal e sempre vai ser normal. Eu queria que soubesse o que *eles* são. Agora você sabe. Agora você sabe que precisa ficar longe de pessoas assim. Fim da história. Não quer o emprego em Iowa? Não aceite, eu não me importo. Eu vou apoiar sua decisão e vou pagar por sua educação universitária, se quiser, mas é hora de decidir o que quer fazer da vida.

– Eu quero vingança.

Ela não se moveu.

Ele odiava estar fazendo aquilo com ela. – Eu quero fazê-lo pagar.

– O quê? – ela retrucou.

– Eu quero *matar* o desgraçado – ele enfatizou. – Eu quero olhar nos olhos dele e dizer quem eu sou. Eu quero que ele saiba.

As lágrimas dela pingaram nas bochechas pintadas por sardas. Charlie ficou surpreso, e deu um passo para trás.

– Eu não te criei para ser como ele – ela sussurrou.

– Eu sou filho do ódio. Você não pode mudar isso.

– Não – ela chorou. – Você é um bom rapaz que me ajudava a arrumar a mesa e a carregar as compras. Você é a razão pela qual eu estou viva. Você é o filho que dormia na minha cama até fazer quinze anos. Você é *meu* filho, e não dele!

– Eu não posso! Eu não posso ignorar isso e continuar a viver esta vida idiota!

– Vida idiota?! – ela gritou. – Você não tem ideia do que isso significa!

– Eu entendo, mãe! Você tinha um filho e colocou isso no passado, mas eu não tenho nada a perder!

– O que está dizendo, Charlie?

– Que vou para Vegas!

– Você não ousaria fazer isso comigo! – ela berrou.

Ele engoliu a resposta. Ela chorou mais. Charlie ouviu um vizinho berrar para eles se calarem. Loreen deu três passos curtos e agarrou a camiseta dele.

– Charlie, ouça – implorou. – Dói agora, mas vai passar. Eu sei isso melhor do que ninguém. Você tem tudo para viver, e tudo o que eu sempre quis foi que tivesse uma vida boa. Não pode estragar tudo por pensar que pode puni-lo pelo que ele fez. Eu superei. Eu não o odeio mais. Fiz as pazes com o que aconteceu comigo.

– Fez as pazes? Você nunca teve um homem, mãe. Não até onde consigo lembrar.

– Porque eu tinha você – ela chorou. – Porque você é a minha vida.

– Não há nada que você possa dizer para me convencer do contrário. A meu ver, você não podia puni-lo, mas eu posso. E vou.

Quanto mais Charlie pensava nos últimos dias, menos esforço precisava fazer para se convencer de que era uma boa ideia. Soube que o tempo chegara para tomar um caminho na vida, e Loreen havia sido paciente demais naquela questão, sustentando-o enquanto ele pensava no que queria fazer. Naturalmente, Charlie ajudava em casa. Fazia serviços pelo bairro e juntava trocados, limpava a casa e cozinhava. As conversas sobre o “futuro”, que costumavam acontecer uma vez por mês, haviam ficado mais frequentes e mais curtas. Geralmente acabavam quando ele dizia: “Não gosto de nada, *ma*”. E ela suspirava: “Uma hora vai ter que se decidir, Charlie”.

Bem, agora ele decidira.

Era difícil para ele imaginar as coisas que ela relatara, muito provavelmente porque receava imaginá-las. Olhava para a mãe e não conseguia acrescentar aquele fato ao conjunto de atributos que lhe dava, à mulher que ele conhecia tão bem. Lembrou-se da coleção de enciclopédias que ela colecionara para ajudar a igreja, comprando cada exemplar religiosamente todas as semanas e juntando-os numa fila arrumada na prateleira da sala. Charlie sempre folheava os tomos de capa vermelha em couro quando tinha tempo para matar, e seu volume preferido era o que tinha um esqueleto do corpo humano. Várias folhas de plástico precediam a figura em questão, cada uma com uma camada. A primeira tinha órgãos vitais; a segunda, outros órgãos; então a terceira acrescentava um mapa de veias e artérias; a outra, músculos; e, por fim, a pele e os olhos. Ele sempre adorara brincar com sobreposição de ilustrações. Com Loreen agora era aquilo. Ele a via como sempre fora, mas não conseguia acrescentar uma camada nova: a de vítima de violência.

Uma coisa era inegável: desde que ouvira aquela história dos lábios da mãe, ele sentia ódio. E ódio sem rosto, sem ter onde ser descontado, parece apenas alimentar-se de si mesmo e crescer como uma doença. Então Charlie pegara o ônibus até a biblioteca e sentara-se em frente ao projetor, procurando jornais até encontrar Tony.

Quando viu o rosto de Antonio Conicci pela primeira vez, viu um homem que nem parecia real. Posava para uma foto preta e branca com outros homens, que a legenda identificou como tio Vittorio e outros gângsteres. Tony não pareceu alguém que habitava o mundo e a realidade de Charlie, e sim uma figura histórica ou uma personagem. Tinha a impressão que, se o procurasse, não o encontraria. A própria existência de Tony tinha uma qualidade etérea.

Mas a ideia não o deixou em paz. Roía seus pés à noite, seguia-o pela casa, chamava seu nome quando ele estava pegando no sono.

Abriu uma revista de turismo, que mantinha no banheiro para esconder as revistas de mulheres nuas que tinha certeza que Loreen já vira mas ignorara, e folheou até encontrar fotos de Las Vegas. Hotéis e cassinos, luzes, shows, tigres, fontes, dados e roletas. Imaginou-se num lugar daqueles e sorriu.

Seria tão bom ir para algum lugar quente. Seria tão bom sair daquelas ruas feias, daquela cidade de concreto e muros pichados e daquele bairro cheio de gangues. E a raiva... a raiva do filho da puta. *É*, Charlie pensou, deitado, fitando o teto do quarto, *imagina poder dar àquele merda o que ele merece, a sensação maravilhosa de poder vingá-la.*

A cada hora que passava, a ideia se solidificava. Ele contou a grana de suas economias, uma mistura do dinheiro que sobrava dos trabalhos de pintar muros, consertar chuveiros e tirar neve com pá, e com parte das gorjetas de Loreen. O plano havia sido comprar um carro quando fizesse dezoito.

Colocou tudo num caderno, fez as contas e chegou à conclusão de que conseguiria sobreviver em Las Vegas, num bairro péssimo, no menor apartamento do mundo, por quatro meses. Depois disso só com um emprego. Saber cozinhar ajudava, porque ele não precisaria gastar dinheiro em restaurantes e lanchonetes. Quase tudo serviria para pagar moradia.

Uma nova ida à biblioteca lhe informou que o cassino do qual Tony era dono era o Bayside. Isso não era segredo, uma vez que os jornais do ano anterior falavam sobre a morte de Vittorio Conicci. Charlie anotou o endereço. Leu mais jornais. Anotou o que podia.

Um dia, encontrou uma informação que instintivamente soube ser útil. Vittorio Conicci fora acusado de lavagem de dinheiro através de uma lavanderia. Sim, Charlie sacou a ironia. E o pior: não fora condenado, por falta de provas. Ele anotou o nome do lugar.

Charlie saiu de casa em 23 de outubro. No ônibus, teve a sensação de que tudo se encaixava. Durante toda a sua vida, sentira-se como se estivesse à procura de pistas que o levariam ao seu destino. Sempre tivera a sensação de que estava esperando a vida começar. Agora estava aqui, sentia que fazia sentido. Tinha, finalmente, um propósito. Agora ele tinha um plano: iria para Vegas. Encontraria uma forma de infiltrar-se. Aproximaria-se do desgraçado. E então colocaria uma bala no peito dele.

A despedida da mãe fora dolorosa. Tudo o que conseguira fora um abraço apertado, soluços, e uma visão das costas dela enquanto ia a passos apressados até o quarto. Mas precisava fazer aquilo. Sabia que, como todas as mães, um dia ela o perdoaria.

Ele estava olhando para fora da janela e sorrindo.

Chegara o momento. Se fodesse tudo, poderia ser morto. Mas se tudo corresse conforme o planejado, ele iria realizar o seu objetivo: um primeiro contato com a família Conicci. O que aconteceria a partir dali era território desconhecido, uma jornada com a qual ele havia sonhado, fantasiado e planejado. Mas, em seus poucos anos de vida, ele já sabia que nada ocorria conforme o planejado. Era, na teoria, bastante simples. Os passos um e dois já haviam sido completados.

O primeiro foi observação. Encontrou o lugar perfeito para ter uma completa imagem da rua onde a família Conicci mantinha a lavanderia, onde provavelmente faziam negócios e conduziam reuniões. Nem faziam questão de manter segredo. Charlie encontrara o estabelecimento no diretório da cidade.

De onde ele estava sentado, naquele momento, conseguia ver a rua inteira, desde o antigo teatro em forma arredondada em uma esquina, até a casa abandonada na outra. Bem em frente ficava o Açougue do Rodello, e bem próximo a ele o Jim Fly's Steak and Fries, onde seu alvo, Antonio Conicci, almoçava todas as quintas-feiras com os amigos Steven Frey, Vinnie Ruggiero, velho Pete e o enorme homem que chamavam de Viking. A observação que conduziu durante as últimas três semanas confirmava a rotina.

Charlie viu seu primeiro alvo, Cindy Tate, caminhar pela rua com o primeiro peão, sua melhor amiga, Marcella Rodello, a filha do açougueiro. Eram meninas recém-desabrochadas, bonitas, de dezessete anos e que sempre tomavam o mesmo caminho para casa depois da escola. A primeira coisa que ele precisava fazer era entrar nas calças de Cindy Tate. Levou duas semanas.

O segundo passo foi a sedução.

Ela respirava devagar, e a luz do luar que entrava pela janela brilhava sobre a doçura que era o seu corpo magro, forte. Mas seus olhos escuros estavam bem abertos. Ele beijou seu ombro suavemente. Após duas semanas falando sobre o quanto ela era linda, um pouco sobre o seu passado e muito sobre o seu futuro, ele perguntou:

– Cindy, você é boa amiga da garota Rodello, a loura platinada?

Cindy virou-se para ele curiosa, mas não muito animada. – Sim, é a minha melhor amiga. Eu não curto essa coisa de *ménage* que as pessoas falam, Charlie.

Ele riu. – Não, não. Escute... preciso muito de um emprego. Minhas economias estão secando. Estava pensando que poderia chamar a atenção do velho, do pai dela, você sabe.

Cindy pensou. Ela parecia um pouco entediada. Suspirou. – Bem... entre lá e fale com ele.

– Na verdade, eu estava pensando em algo mais dramático. Estava pensando que você poderia me ajudar. Seria como uma aventura, você e eu, um... segredo.

Cindy mudou. Virou-se na cama para deitar de barriga para cima. Ele teve um vislumbre de um mamilo rosa, mas ela instintivamente puxou os lençóis sobre os seios. – Uma aventura? O que tem em mente?

– Pensei que uns caras poderiam, tipo, atacar vocês, mas em plena luz do dia, você sabe, só levantar suas saias ou algo assim. Então eu apareceria do nada e daria umas porradas neles, bem em frente ao açougue. O pai dela sem dúvidas ficaria na obrigação de me recompensar e eu pediria um emprego.

Mentiras. Ele não se importava. Ela estava sorrindo.

– Pode ser divertido – ela comentou, olhando para o teto do apartamento detonado que ele alugava. – Mas de onde viriam os caras?

– Deixa isso comigo. Você faria isso? Sem contar a ela, é claro. Nunca.

Cindy mordeu o lábio inferior e olhou para ele. Ele viu as mudanças em seu rosto, tão sutis. Ela levantou a cabeça e beijou-o na boca, e desta vez estava com fome dele. Ele afastou-se, no entanto. – Então?

– Sim – ela gemeu baixinho. – Agora cala a boca e entra em mim.

O terceiro passo foi o estímulo. Estava lidando com encenqueiros natos e precisava incitar o ódio que tinham de tudo e todos, o tipo de ódio que ferve nas veias de filhos de pais alcoólatras e mães negligentes, e que não têm onde descontar senão nas ruas.

O momento certo estava próximo. O carro de Tony chegara há uma hora. Ele entrara na lavanderia com os quatro amigos e saíra há dez minutos. Entraram no Jim Fly's.

O coração de Charlie batia depressa, a voz do pessimismo lhe dizia repetidamente que era perigoso demais, que não iria funcionar, que ele pagaria

um preço alto demais para imaginar. Ele a ignorou. Bebeu sua cerveja devagar, saboreando-a. Nem sempre tinha dinheiro para comprá-las.

Tarrant e Patricio jogavam cartas. Eles passavam suas tardes preguiçosas em cima do telhado da casa da sra. Browning. Ali podiam fumar, jogar cartas e fazer merda nenhuma o dia todo e ninguém saberia que estavam lá. Os outros garotos faziam isso para não serem encontrados quando os pais procuravam por eles pelo bairro. Era assim que evitavam trabalhar. Mas Charlie, como sempre, tinha outros planos. Ele observava o movimento na rua e ouviu Patricio chamar seu nome.

– Você tá me ouvindo? – O rapaz magro de cabelos negros sorriu.

– Na verdade, não – Charlie suspirou, não interessado, tomando um lugar no telhado ao lado deles.

Eles passaram a maior parte do tempo tentando falar e parecer durões. Charlie tinha sacado quem eram logo no primeiro dia. Fora bem fácil fazer amizade com eles, mas o sotaque... o sotaque era algo no qual trabalhava duro. Perder um sotaque irlandês não era assim tão fácil, mesmo um tão fraco quanto o dele. Ele tinha nascido em Chicago, mas o sotaque de sua mãe era tão forte agora como fora no dia em que deixara a Irlanda, e sempre marcava o discurso de Charlie quando ele estava com raiva ou pressa. Agora precisava eliminá-lo completamente. Ele não poderia cometer um único erro. Era cansativo.

– Eu estava falando da gostosa na loja de discos, você conhece? Aquela com as tatuagens...

Charlie fingiu não saber. Era sempre melhor deixá-los falar. – Não, o que tem ela?

– Ela deu uns amassos no meu amigo por grana, os outros caras estavam falando disso. Vinte dólares e ela faz qualquer coisa.

– Não estou interessado – ele murmurou. Lá estavam elas, Cindy e Marcella. Ele respirou fundo quando as viu descer a rua, rindo, de mãos dadas. – Tá vendo – começou – aquilo realmente me deixa puto.

Patricio foi o primeiro a morder a isca. Ele caminhou até a borda do telhado para ver o que deixara Charlie tão nervoso. – O quê?

– Aquelas ali. – Charlie apontou para sua namorada e a melhor amiga dela. – Você não entende? Elas são sapatas. Não gostam de homens.

Agora Tarrant estava ali ao lado deles. – Sério?

– Sim – Charlie suspirou. – Isso é simplesmente errado. Quem pensam que são? Quem são elas para dizer *foda-se* para nós, que construímos o mundo e tudo o que tem nele, que trabalhamos que nem uns bostas para dar pra elas o que querem... se as coisas fossem certas, elas seriam corrigidas, todas essas machas.

Percebeu seus amigos trocando olhares e pensando sobre o que dissera. Ele fumava enquanto as meninas falavam em sussurros e riam. Continuou: – Elas

deveriam ser obrigadas a transar com homens. Ai sim seriam corrigidas. – Ao dizer aquilo, as palavras tiveram um gosto amargo.

– Você tá certo. – Foi o que Torrant disse. – Vamos ferrar com elas.

E assim, fácil desse jeito, ele começou a escorregar pelos canos da parede até o chão. Patricio seguiu, animado por estar prestes a causar problemas a alguém, mas Charlie não foi atrás deles logo. Ele percebeu que parte dele achara que não fosse funcionar. Alguma coisa sobrenatural parecia estar dando uma força, mas ele não sabia se era Deus ou o Diabo. Então ele deslizou pela parede, assim como seus amigos haviam feito, e estava pronto para colocar o plano em ação. Pegou um taco de madeira. O momento chegara.

Joanne Du Pond estava apertando os tomates suavemente, mas o suficiente para saber os que eram perfeitos para o seu molho e os que não eram. O velho comerciante sempre ficava irritado com ela, mas ela estava pagando, então ia comprar os melhores.

Ela odiava tudo naquele bairro periférico de Las Vegas. Tudo. Apenas cinco minutos antes, um rapaz havia roubado a bicicleta de outro, bem na frente dela, e isso a incomodava de maneira absurda, cada vez que ela se lembrava do quão pobre, decrépito e violento tudo estava se tornando. Enquanto pensava naquilo, viu dois jovens, provavelmente nos seus vinte e poucos anos, passarem correndo por ela e começarem a brincar com duas garotas bem vestidas.

Ela largou o último tomate na sacola de compras e viu que a princípio as meninas pareciam irritadas com as observações grosseiras. Depois ficaram mais intimidadas quando um deles pegou a loira pelo braço e tentou beijá-la. A outra garota parecia um pouco mais corajosa. Ela gritou alguns insultos para os rapazes. Muitas pessoas pararam para olhar, curiosas, mas não dispostas a interferir. O outro rapaz, que não tinha feito nada, até então, além de falar, agarrou a menina corajosa, deu-lhe um beijo forte e tentou enfiar a mão dentro da sua saia.

Joanne estava prestes a berrar que ia chamar a polícia, quando, do nada, um rapaz forte e rápido correu na direção deles com um taco de beisebol. Antes que ela pudesse abrir a boca para soltar um suspiro surpreso, viu-o golpear o valentão número dois à direita no rosto com o bastão. Houve gritos e suspiros, e quando Joanne viu o rosto dele, pingava sangue. O outro rapaz parecia surpreso, sem palavras, mas não por muito tempo. O taco encontrou sua rótula direita e, em seguida, ele caiu no concreto e o menino-herói lhe deu um soco forte no rosto, uma, duas, três vezes.

Agora os homens ao redor estavam deixando as lojas para interromper a luta. Uma das meninas, a primeira a ser atacada, chorava para um homem mais velho e gordo, falando rápido. Os agressores fugiram, gritando ameaças ao herói, que agora estava olhando para as meninas. Joanne pensou que ele era sexy com a calça preta e a camiseta branca apertada.

– Que merda está acontecendo lá fora? – Foi o que Tony perguntou, meio interessado, enquanto fumava e olhava o menu no Jim Fly's Steak and Fries. Viking estava voltando para a mesa. Ele vira todo o tumulto da janela e estava rindo enquanto sentava-se ao lado de Tony.

– Uns dois merdas estavam mexendo com a filha do velho Rodello e outra garota, quando esse cara, uma porra de um pedaço de Nápoles, simplesmente quebrou o rosto deles com um taco de beisebol. – Ele riu. Bebeu um pouco de cerveja.

Tony olhou em direção à janela, onde um monte de pessoas estava reunida, falando alto. Ele sorriu. – Bateu neles? Sozinho?

– Um cara era um porra de um magrela, mas o outro era forte pra caralho, e sim, ele sozinho foi pra cima dos dois.

Pete não parecia interessado.

Tony olhou para o menu. Então, olhou para as janelas novamente. Levantou-se e saiu. Viking o seguiu, porque era, afinal, o seu trabalho.

Lá fora, na calçada, um grupo de pessoas amontoava-se ao redor, tagarelando sobre o que tinha acontecido. Tony não viu nenhum dos personagens principais da luta, então entrou no açougue do Rodello, onde o herói estava sentado ao balcão enquanto as meninas bebiam água e conversavam com outras pessoas. Frank Rodello estava conversando com o rapaz, empurrando um copo de água em sua direção, quando Tony e Viking entraram.

O açougueiro esqueceu-se completamente do garoto e, com um aceno de cabeça respeitoso, disse: – Senhor Conicci, bem-vindo à minha loja.

Todos pararam de falar e olharam para Tony. Sim, conheciam-no.

Mas não o herói.

Tony sorriu. – Ouvi dizer que você arrebentou os dois, sozinho.

Foi quando Charlie, alto, magro, mas com uma boa dose de bíceps, virou a cabeça lentamente e encarou Tony. Ele não disse nada por um tempo. Tony pensou que ele definitivamente parecia um lutador. De seu cabelo negro escorria suor. Então, o mais jovem sorriu. – Foi uma das coisas mais fáceis que eu já fiz, senhor.

Tony e Viking trocaram um sorriso. Tony olhou para as meninas. – Vocês estão bem?

A filha de Rodello, Marcella, estava um pouco assustada, assentiu. Foi Cindy Tate que disse: – Sim, senhor.

– Desgraçados, acham que podem fazer o que querem – murmurou Tony, olhando para longe, balançando a cabeça.

– Sinto muito se perturbou o seu almoço, Sr. Conicci – disse Rodello. – Está tudo bem agora, eu estava apenas oferecendo ao garoto meus agradecimentos.

– Deixe-me oferecer-lhe mais. – Tony notou que o herói o observava. – Deixe-me pagar seu almoço, garoto.

Rodello parecia desconfortável. Cindy Tate sorriu para o herói. Ele levantou-se: – Claro. – E seguiu-os até o estabelecimento ao lado, onde o ar condicionado estava funcionando e algumas pessoas comiam tranquilamente.

Charlie tentou manter a calma enquanto seguia Tony até a mesa. Estava acontecendo rápido demais. Estava realmente acontecendo. À mesa, ele viu dois homens mais velhos que apenas o fitavam com curiosidade. Tony fez um gesto para que ele se sentasse e ele o fez, sentindo o ar condicionado congelar o suor nas costas e testa.

Ele tinha que admitir que Tony não era o que ele esperara. Era menor e mais bonito. Ele o imaginara como um homem horrível, intimidador no tamanho e com os olhos ameaçadores, mas Tony parecia uma pessoa normal. Sua reputação o precedia, no entanto, e além disso, Charlie sabia exatamente o tipo de pessoa que era por dentro. Ele tentou permanecer calmo, como havia praticado tantas vezes naqueles meses. Todos os homens o fitavam.

– Você tem um nome, herói? – indagou Tony.

Charlie limpou a garganta. – Retorini. Charlie.

– Que sotaque é esse? – falou Pete, menos entusiasmado e fitando-o com desconfiança.

– Meu pai era italiano, mas eu nunca o conheci, então eu não tenho certeza de onde. Eu vivi aqui toda a minha vida.

Tony começou a comer da cesta de pão que alguém tinha posto em cima da mesa. Viking parecia distraído enquanto bebia a cerveja. Vinnie estava olhando para ele e Steven Frey lia o menu.

– A sua mãe é italiana também? – perguntou Vinnie.

– Não. Americana – mentiu. Sem hesitação.

– Então, o que o levou a fazer isso? Criar dois inimigos para nada?

Charlie observou Tony. – Eles estavam incomodando aquelas duas meninas...

– Na frente da loja do pai de uma delas. Havia cerca de doze homens na calçada, eles não teriam conseguido chegar longe. Mas você usou violência desnecessária contra dois caras, e, até onde estou vendo, nem ficou com as garotas.

Todos riram.

Charlie suspirou. Não era o que ele esperara. – Eu acho que faz parte de mim.

Vinnie: – Ser um herói ou ser violento?

Tony sorriu e bebeu seu vinho.

Charlie pensou por um tempo. – Ser violento, eu acho.

Uma garçonete colocou os pratos na frente deles. Charlie prestou atenção apenas no de Tony, um bife grosso mal passado e batatas fritas salgadas. A garçonete virou-se para ele: – Vai fazer seu pedido?

– Ele vai comer o mesmo que eu, Gina – Tony disse, enquanto mastigava o bife.

– Ao ponto – disse Charlie, mas ela o ignorou e saiu.

– Então, o que você faz, Charlie? – perguntou Frey, falando pela primeira vez. Era mais jovem do que os outros.

– Estou desempregado. Estava prestes a pedir emprego para Rodello. – Tentou parecer entediado com as perguntas.

Os homens consideraram a resposta. E, surpreendentemente, durante o resto do almoço, falaram sobre as notícias, política e mulheres. Na maioria das vezes, pareciam esquecer que Charlie estava lá, e às vezes pediam sua opinião. Depois do café, eles simplesmente levantaram-se, deram um tapinha no ombro do herói e saíram.

Cindy quebrou o silêncio:

– Você pode gozar dentro, sabia?

Ele fumava, olhando as ondas azuis que saíam do cigarro no quarto preto. – Eu não quero te engravidar – murmurou.

Nada fora como planejava. Até o momento em que estava comendo com o filho da puta, ele se considerara um gênio. Mas uma semana inteira havia se passado desde aquela tarde e Tony não tinha entrado em contato ou mesmo trocado uma palavra com ele. Não sabia o que fazer.

Sentiu as mãos em suas costas, massageando-o. – Você está quieto essa noite. – Um beijo em seu pescoço, em seguida, um abraço doce, os braços em volta de seu peito e os seios pressionados contra suas costas.

– Não é nada. Você não tem que ir para casa?

Ela recuou, magoada.

Charlie olhou para ela. – Desculpa.

Ela assentiu, perdoando-o.

– Olha... eu só... eu vi aqueles caras e sei que me daria bem trabalhando para eles.

– Não acho que você deva trabalhar com essas caras. Eles fazem coisas ilegais. As pessoas dizem que Tony é um mafioso.

– Pode significar muito dinheiro, trabalhar para eles.

Cindy fez beicinho. Ela fazia isso quando não gostava do que estava ouvindo. – Você não tem medo?

Ele apagou o cigarro e recostou-se na cama. Ela se encaixou perfeitamente com a cabeça em seu peito, o braço dele ao redor dela. – Não – ele murmurou. Era verdade.

– Pode significar uma vida inteira de crime – Cindy disse, com a voz suave.

Ele ficou em silêncio por um tempo. – O que a lei já fez por você, Cinthia? – questionou. – Quer dizer, se algo de ruim acontecer com você ou com a sua família, o que a polícia vai fazer para ajudar? Para punir os responsáveis? Fale-me.

Ele ficou em silêncio por um tempo. Ele esperou.

– Nada, eu acho.

– Esse é o sistema. Nós estamos do lado errado dos trilhos, querida. Temos que lutar por nós mesmos. Os caras de Tony... – Charlie conhecia a mentira que estava dizendo a ela. – Protegem toda a porra do bairro melhor do que a polícia. Você sabe disso.

Por um longo tempo eles ficaram ali, acordados, pensando.

E então, Cindy moveu-se. Beijou-lhe o peito e desceu até encontrá-lo duro, e o tomou em sua boca. Ele a queria outra vez. Não se importava que ela tivesse dezessete anos, ou que ainda estivesse na escola. Ela era uma boa menina, mas gostava do fogo também. No início, fora tímida na cama. Ela aceitava-o com doçura, mas não com ação. Mudou após o incidente, a “aventura” que ele tinha proposto na semana anterior. Vê-lo bater naqueles caras devia ter feito alguma coisa com ela, porque, naquela noite, ela fora mais do que receptiva. Ela gemera ao toque dele e, mesmo quando ele a beijou antes do sexo, pôde sentir seus mamilos duros contra o tecido do agasalho. Gozara muito rápido.

Estava acontecendo de novo agora, e ela nunca iria admitir, mas o perigo a deixava excitada. Ele tinha acabado de mencionar a coisa dos gângsteres e agora ela estava reagindo àquilo, sentando sobre ele, chupando-lhe os dedos.

Depois do sexo, ela pegou no sono em dois minutos. Charlie pensou em tudo enquanto olhava pela janela, até o sol nascer. Então, enterrou a cabeça no ombro dela e dormiu.

Duas semanas após o incidente “taco-na-cara-deles”, Charlie sentia-se perdido. Por um lado, estava feliz porque tinha seguido o conselho de Cindy e conversado com o velho Rodello. O homem, agradecido, deu-lhe um emprego. Ele tinha que fazer coisas como limpar, tirar o lixo e cuidar de pequenas tarefas cotidianas. Às vezes, entregava mercadoria. A grana dava para comer e pagar o aluguel, e isso já era bom demais. Mas ainda esperava, todos os dias, que alguém da família Conicci o procurasse, mesmo sabendo que não tinham motivo para aquilo. Pelo jeito, só haviam ficado impressionados o suficiente para pagar-lhe o almoço.

Ele estava na loja do Rodello naquele momento, vendo o velho ler um jornal com um lápis atrás da orelha esquerda. Não havia mais ninguém no

estabelecimento. Charlie mastigava a ponta de um palito de dente e estava absolutamente entediado.

– O capitão de *Moby Dick*? – o velho cuspiu. – Quatro letras.

Charlie estudou o palito mastigado. – Ahab.

Houve um suspiro de Rodello, algo como “eu deveria saber disso”.

– Instalação de banheiro, quatro letras.

Charlie teve um vislumbre de movimento de veículos do lado de fora. Levantou-se e viu dois carros estacionando na rua e homens saindo deles. – Bidé – respondeu.

É. Era Tony.

– *Bidé*? Tem certeza?

Ele não respondeu. Tinha que fazer alguma coisa.

– Ei, vou fumar um cigarro – disse.

Rodello estava ocupado com as palavras cruzadas e não respondeu.

Charlie saiu para a calçada e acendeu um. Sentou-se na guia e fumou, observando tudo com atenção. Podia ser que passassem horas na lavanderia, ou apenas minutos. Teria que esperar.

Depois de vinte minutos, foi Viking que ele avistou. O homem gigante sorriu de uma maneira que Charlie não sabia se estava rindo dele ou apenas sendo amigável. Talvez um pouco das duas coisas. – Ei – disse, enquanto caminhava em direção a ele. – É o herói. Como vai?

Charlie atirou o terceiro cigarro na rua e levantou-se. Ele cumprimentou Viking com um aperto de mão. – Tudo bem.

Tony estava caminhando na direção deles.

– É o herói – disse Viking novamente, daquela vez para Tony, apontando para Charlie.

Tony sorriu. – É ele mesmo. – Deu um tapinha nas costas de Charlie. – Então, as coisas funcionaram para você? Os caras voltaram pra seingar? Ficou com as garotas? – Ele estava de bom humor.

Às vezes Charlie se esquecia de odiá-lo, e este era um daqueles momentos. – Eles não voltaram – disse. – E hã... sim, fiquei com a garota.

Viking riu alto. Ele parecia se divertir com meros mortais.

Tony olhou para a fachada do Rodello. – Ficou com a garota e um emprego? Parece que você tem tudo planejado.

Ele não era idiota. Charlie sorriu. – Eu não fiquei com a filha do Rodello, e sim com a outra. Mas não posso reclamar, não é um mau trabalho.

Tony o estudou. Outros homens estavam entrando nos carros e um deles o chamou. Mas o chefe deu um passo para frente e falou baixo para Charlie:

– Se eu tivesse alguns serviços para você, estaria interessado?

É isso, Charlie. Cuidado agora, pensou com o coração acelerado.

– Que tipo de serviço?

– Músculo – Tony replicou, sem hesitar.

Charlie assentiu. – Sim.

– Certo. Então onde posso te encontrar se precisar de você, herói?

– Aqui. Estou sempre aqui, Sr. Conicci.

– Ei, me chama de Tony. – Ele sorriu e entrou no carro.

Eles foram embora em carros pretos e reluzentes.

Charlie não podia acreditar no que tinha acontecido. Ele suspirou aliviado.

Então sorriu.

Olhou para o relógio. Duas da manhã. O que o acordara? Olhou para a direita e viu Cindy, em um sono profundo.

Havia mais alguém no apartamento dele.

Levantou-se sem fazer barulho e vestiu seu jeans. Agarrou o taco, sua única arma, e caminhou em passos lentos para a sala de estar. Nada. Olhou para a direita e viu Viking, sentado à sua pequena mesa redonda na minicozinha.

– Oi, Charlie, me servi umas cervejas – ele sorriu. – Tudo bem?

– Que droga está fazendo aqui? – murmurou, confuso. Ele tomou um assento oposto ao homem louro e abriu uma cerveja para si.

– Ah, garoto... temos que checar, sempre. Eu precisava saber onde você mora e dar um pulo aqui para ter certeza de que não é um federal ou uma bicha, ou alguma merda assim. Relaxa, você tá limpo.

Charlie sorriu. – Você poderia ter perguntado.

– Olha, os caras gostam de você. Tony está de olho em você. Quem é a garota no quarto?

Charlie ficou imóvel por um microssegundo. Viking havia estado em seu quarto. – A melhor amiga da filha do Rodello.

Viking deu-lhe um sorriso. – Beleza, garoto.

Ele se levantou e simplesmente saiu do apartamento.

O dia chegou. Viking acordou Charlie às duas da madrugada com um telefonema: – Vamos, garoto, tem um cara que precisa da nossa atenção. Estou na frente do seu prédio. Você tem três minutos.

Charlie jogou-se da cama e, sem acender as luzes, enfiou um par de calças e uma camisa branca. Encontrou meias no escuro, rezou para que formassem um par, pegou as chaves e saiu do apartamento com os sapatos e meias nas mãos. Desceu as escadas correndo e viu o Mustang de Viking parado, faróis baixos, do outro lado. Atravessou a rua sem olhar para os lados, correndo, e enfiou-se no banco de passageiros, sem fôlego.

Viking riu. – Três minutos era só modo de falar, garoto. Puta merda, aprenda a relaxar. Tá fedendo.

Charlie começou a calçar os sapatos. – Sabe, seria legal se você usasse o tom de brincadeira quando está brincando.

Viking engatou o carro e começou a dirigir, as janelas baixadas. – E qual seria a graça disso? Não se preocupe, o cretino não vai a lugar algum.

Saíram da cidade, indo para o deserto. Charlie não perguntou. Temia parecer ansioso ou com medo. Tudo o que ele desejava, de uma forma quase instintiva que não precisava de análise ou explicações, era o respeito de Viking. Ele simplesmente precisava que o cara gostasse dele.

Quando o ar que entrava pelas janelas ficou um pouco mais fresco, e já não se via as luzes da cidade, Viking desligou o rádio e o carro ficou pesado com o silêncio.

– O cara estava distribuindo droga dentro do Sunset Peach, um dos clubes de *strip* da família. Não conhece a gente, não pediu permissão, não entrega

comissão, nada. Só se encheu de coragem, achou que era esperto demais, e vendeu drogas para as meninas em troca de boquetes e para os clientes do lugar também.

Charlie entendeu que o rapaz em questão precisava ser punido pela audácia, mas ainda não sabia ler nas entrelinhas dos discursos daqueles caras. Estava indo para uma execução? Se fosse o caso, pra que ir buscá-lo se podiam simplesmente dar um tiro na cara do cidadão?

– Entendi – ele murmurou.

Viking virou o volante de forma graciosa, saindo do asfalto e ganhando tração contra a areia do deserto, diminuindo a velocidade. Parou o carro. Saiu.

Charlie foi atrás, observando, tentando prever como a noite seria. Viu o homem enorme abrir o porta-malas, relaxado, e tirar uma pá de dentro. Era usada, amassada em alguns lugares no metal. Dava para ver, mesmo na escassa iluminação dos faróis do Mustang, que já fora usada muitas vezes. Ela voou em sua direção e ele agarrou o cabo.

– Uma cova só. Um metro e meio é o suficiente.

Charlie não reagiu a princípio, mas quando Viking descansou a bunda contra o carro e acendeu um cigarro ele começou a se mexer. Enfiou a pá na areia, percebendo que era mais dura do que parecia nos filmes, e com um movimento curto jogou terra para a direita.

– Não quero areia no meu carro, hein, porra. – Foi o murmúrio de Viking.

Charlie cavou. No começo sentiu cansaço, tédio, uma ligeira irritação. Aos poucos aceitou o que não podia ser mudado e entrou num transe leve, induzido pela repetição dos movimentos. Cavou durante horas uma bela cova de dois metros de comprimento, setenta centímetros de largura e um metro de profundidade. Então fincou a pá, ereta, e, com as costas da mão, limpou o suor da testa, respirando fundo e sentindo o vento gelar o pescoço e peito.

Viking deu uma olhada como um professor rígido, fez um aceno de aprovação com a cabeça e ofereceu um cigarro, que Charlie aceitou.

Fumando, Charlie teve coragem: – E aí, cadê o defunto?

E Viking sorriu. – Chegando.

Charlie virou a cabeça e viu luzes de faróis a distância. Um carro, sem pressa, diminuindo a velocidade.

Parou perto, saíram Vinnie e Frey, que puxou um cara do banco de trás. O sujeito era magro e de estatura mediana, usava jeans com corrente de motoqueiro e camiseta de uma banda de rock da qual Charlie nunca ouvira falar. Já tinha levado alguns socos, os cabelos claros pingavam suor. Caiu na areia com o chute na bunda que levou de Frey, e amorteceu a queda com as mãos o melhor que pôde.

– Quero voltar para casa em tempo de assistir *Roda da Fortuna* – disse Vinnie. – Rapaz, você desembucha logo e não vai parar nessa cova, ouviu? – O

indicador gordo apontava para a obra prima de Charlie.

O homem ficou ajoelhado, cabisbaixo. – Eu movo as drogas sozinho, já contei. Prometo que nunca mais entro naquela boate, pessoal.

Viking deu um passo em sua direção e ele se encolheu. – Trabalha para quem? É uma pergunta bem direta.

– Eu juro, eu juro que trabalho sozi...

Levou um soco de Viking, no rosto, que Charlie reagiu com uma careta. Cuspiu sangue na areia e ofegou um pouco, antes de choramingar entre dentes sangrentos:

– Consigo a mercadoria com meu primo, cara. Juro. E vendo so...

Outro soco, então Frey apontou para Charlie e depois para o cara. Charlie entendeu que era a vez dele bater. Ficou paralisado um instante, então começou a se convencer com clichês: *O cara vende drogas. É um desgraçado. O cara é mau. O cara faz o mal.* Deu um passo até ele e o agarrou pelos cabelos. Não olhou nos seus olhos, e ficou grato que a escuridão não dava detalhes demais. O soco foi bom, mas Charlie não era Viking. Foi o suficiente para fazer os nós dos dedos arderem um pouco, e jogar o homem contra a areia.

Frey tirou a jaqueta e a dobrou. Colocou-a com cuidado em cima do capô do seu carro. Levantou o homem, segurando-o pelos sovacos. Viking não hesitou. Desferiu quatro socos, em ordem: costela direita, costela esquerda, rim direito, rim esquerdo. O cara ficou tão mole que Frey não conseguiu segurá-lo. Caiu de cara na areia.

– Matou? – Vinnie perguntou baixo, curioso.

Frey deu um chute e o cara gemeu.

Eles suspiraram de alívio.

Frey virou-o com os pés, para encará-lo. Quando Viking se aproximou mais uma vez, o homem colocou as mãos para cima:

– Tá bom... meu Deus... – Chorava, tremia. – Trabalho para Jimmy Milwaukee.

Vinnie e Viking trocaram olhares e franzidas de testa.

– Que porra de nome é Jimmy Milwaukee? – perguntou Frey.

– Vou descobrir. Deve ser um traficante local, pequeno – disse Viking. Virou a atenção para o chorão. – Onde encontro esse seu amigo?

– No bar Hot Rods... na Avenida Tropicana.

Frey procurou a parte de trás dos jeans e sacou uma pistola.

Charlie engoliu em seco e tentou se preparar. *Vou ver um cara morrer. Puta merda, vou ver um cara ser assassinado.* Nunca fora ingênuo a ponto de achar que não aconteceria. Mas naquele momento pareceu real demais. A adrenalina vibrava em suas veias, e ele tentou manter o rosto impassível. Sem um momento de dúvida, Frey apontou a pistola para o homem e atirou duas vezes: peito e cabeça. O cidadão só deu um tremelique com o impacto da segunda bala e parou

de se mexer. A imobilidade dele foi o que fez Charlie prender a respiração. A imobilidade dele era suja, obscena, e quase demais para ele.

– Novato. – Frey entregou a pá para Charlie, que a pegou com dedos fracos.

Vinnie deu um chute e o homem rolou para a cova.

Charlie o cobriu de terra, alerta, hiperconsciente, os olhos arregalados e o estômago frio.

Quando acabou, recebeu um tapinha nas costas, de Viking, que pegou a pá e a jogou no porta-malas.

Sentiu o estômago apertar. Vomitou um jorro fraco na areia. A garganta arranhou, e ele cuspiu para tirar o gosto amargo da boca.

Frey riu: – Parece uma grávida de quinze anos.

Viking sorriu. – Foi bem para a primeira vez, Charlie.

Falou uma besteira porque queria falar algo: – Os cigarros na areia, o vômito, a terra na pá dentro do carro, as marcas de pneus... tudo isso não são evidências?

Por um segundo houve silêncio, depois uma gargalhada dos três homens. Viking balançou a cabeça e entrou no Mustang. Frey lambeu os beiços. – Ninguém vai procurar esse merda, Charlie... – riu mais. – Relaxa.

O segundo trabalho aconteceu três dias depois.

O esquema era que o trapaceiro golpista Lucas Bimbello tinha convencido um cidadão rico a investir em um negócio que não existia e saíra do negócio com uma mala que continha 125 mil dólares. Bimbello devia aos homens de Tony 25 desses milhares, mas não tinha pago. O prazo havia expirado na noite anterior.

Charlie estava sentado no carro com Viking, Frey e Vinnie. Estavam estacionados do outro lado da rua, em frente à casa de Bimbello, há dez minutos. Charlie percebeu que essa turma era padrão quando algo muito próximo de Tony estava acontecendo, caso contrário outros soldados, abaixo na hierarquia, cuidavam do assunto. Viking era intimidador, Frey era o cara que gostava de dar porrada e Vinny o supervisor. E agora que Charlie estava com eles, era o cara que fazia o trabalho sujo.

Charlie descobriu que estava empolgado com isso. Um pouco da sensação era medo de ser morto ou ir para a prisão. A outra parte era só adrenalina. Ele convenceu-se rápido que não se importava com Bimbello, afinal, o cara era um merda. Sentiu o metal duro e frio em suas mãos. Era Frey passando-lhe uma arma.

Ele segurou e a estudou por um tempo. Não, ele nunca usara uma antes. O cabo parecia grande na palma da sua mão. Não entendia de armas. Apenas deduziu que estava carregada.

Eles saíram do carro e caminharam com passos apressados em direção à pequena casa. Aquele era o bairro mais sujo que Charlie já tinha visto, e ele tinha sido muito pobre por toda sua vida.

Frey bateu na porta e esperou. Demorou um pouco. Ele estava prestes a bater de novo quando ela foi aberta e um Lucas Bimbello apavorado apareceu diante deles. Ele estava suando.

– Olá – sorriu Frey. – Deixa a gente entrar, sem alarde.

O homem abriu ainda mais a porta e deu um passo para o lado. Em algum lugar na rua, um cachorro latiu, mas, fora aquilo, tudo era silêncio. Entraram olhando em volta. Vinnie empurrou Bimbello na frente e o sentou com uma dose de estupidez em seu próprio sofá.

– Sairemos daqui a cinco minutos, Lucas – começou Frey. – Mas se você nos obrigar a procurar a grana, só vai piorar a situação.

Os olhos de Bimbello procuraram o rosto dos intrusos. – Não está aqui, pessoal. E-eu po-posso pegar amanhã.

Viking apenas suspirou.

– Não está aqui! – disse Bimbello, um pouco mais alto.

Viking então deu um grande passo à frente e golpeou o queixo de Bimbello com um soco rápido, duro. Charlie odiava Lucas por não lhes contar tudo de uma vez. Valia à pena apanhar daquele jeito por dinheiro? Aqueles caras eram todos iguais.

Ele gemia de dor e segurava o rosto. Todos esperaram.

– Eu... pã-por favor não me ba-bata de novo – gemeu. – Não estou com a grana!

Viking deu-lhe outro e inclinou-se com as mãos no sofá, de modo que seu rosto estava a centímetros do de Bimbello:

– Fala logo, porra.

Vinnie e Frey começaram a andar pela sala, calmos, abrindo caixas e levantando objetos, olhando fotos. Foi então que uma mulher apareceu, usando um robe, de pé ao lado da porta, apavorada. Tinha seus quarenta anos, mas comível. Olhos com a maquiagem borrada e o cabelo loiro escuro desarrumado. Vulgar.

– Lucas, amor?

Os outros homens reagiram. Viking foi rápido: – Senta, porra, agora.

Ela sentou-se lentamente, toda curvada para dentro, mãos apertadas no robe, com medo pra cacete.

– Uma última vez – Viking latiu, perdendo a paciência. – Onde está?

– Nã-não... aqui.

Outro soco no rosto. Esse quebrou o nariz. A mulher fechou os olhos e se encolheu mais, com as faces cobertas de lágrimas.

– Se tivermos que procurar e encontrarmos, vamos matá-lo – Viking disse lentamente.

– Talvez *ela* saiba – disse Frey, o tom tarado na voz.

O coração de Charlie estava “tu-dum-tu-dum” como louco.

– Sabe, delícia? – Frey pressionou.

Ela olhou para Bimbello, então balançou a cabeça. – Não...

Vinnie falou pela primeira vez:

– Você nem perguntou o que estamos procurando. Ela sabe.

Frey puxou-a pelo robe. Ela chorava baixinho e tremia.

– Vamos ter uma conversa você e eu – ele falou, arrastando-a para o corredor. Charlie tinha que dizer alguma coisa:

– Vou procurar a grana.

– Eu vou com o herói – acrescentou Vinnie.

Enquanto andava na escuridão, à procura de um quarto, ele ouviu a porta fechar. Frey estava com a mulher em um dos quartos e Charlie sabia que tinha que fazer alguma coisa. Ele ouviu algo como um gritinho, como se ela tivesse levado um tapa. Parou de andar. Vinnie não parecia incomodado. Estava dentro do quarto principal, mexendo no armário e debaixo da cama, deixando tudo uma bagunça. A mulher chorava no quarto. Ele podia ouvir Viking falando baixinho com Bimbello e o homem ainda jurando que o dinheiro não estava na casa. Charlie não pensou. Ele voltou e abriu a porta para o quarto onde Frey e a mulher estavam. Para seu alívio, ela ainda estava vestida, sentada na cama. Frey estava de pé, conversando com ela de maneira intimidadora. Ele batera nela, isso era claro, mesmo no escuro.

– O que você quer, Charlie?

– Achar a porra do dinheiro e dar o fora daqui. Deixe-me falar com ela.

Frey olhou para ele por um tempo. – Você pode bancar o herói nas ruas, mas não temos espaço para isso aqui.

– Ei, quem disse que eu quero ser herói? Cinco minutos com ela, só isso – ele sorriu. Ele levantou sua mão de novo, lentamente, e mostrou os dedos. – Cinco.

Steven olhou para a mulher de novo, que tinha a cabeça baixa. Então deu de ombros e saiu do quarto. Charlie fechou a porta, ficou de joelhos e sussurrou-lhe:

– Olha, ele vai te estuprar e te espancar. Conta onde tá a merda do dinheiro. Poupe-se dessa dor.

Seus lábios tremiam. – Eu não posso – sussurrou.

– Bimbello não vai te machucar.

– Vai sim.

– Não, eu garanto que não. Me fale. Agora.

Ela não parecia confiante. Mas, em seguida, cochichou:

– Embaixo da casa.

Charlie levantou-se. – Sinto muito, mas preciso fazer isso – ele murmurou. Então, deu um tapa nela. Ela gritou de dor. *Ótimo, eles ouviram*, pensou. – Eu sinto muito – sussurrou novamente. Abriu a porta e Frey estava esperando por ele.

Ele colocou o dedo nos lábios para o outro ficar quieto e fez sinal para segui-lo. Caminharam até a porta dos fundos. A noite estava fria lá fora, num quintal imundo.

– Embaixo da casa, vamos ter que nos arrastar na terra.

– Você primeiro – disse Frey, animado com a possibilidade de encontrar o dinheiro naquele momento, já se esquecendo da mulher.

Quando voltaram para a casa, com a grana em sacos de plástico cobertos de terra, Viking estava fumando, sentado em frente a Bimbello, esperando pacientemente, e Vinnie ao lado dele, segurando o braço da mulher enquanto ela ficava sentada em silêncio.

– Tá aqui. – Frey sorriu com um ar de vitória, erguendo os sacos.

Bimbello parecia ter se cagado quando viu. A mulher não se mexeu.

Viking levantou-se. – Vamos dar o fora daqui. – Ele olhou ao redor. – Quem vai fazer?

Charlie deu um passo adiante. – Eu faço.

Todos olharam para ele, surpresos.

Vinnie balançou a cabeça, no entanto. – Ainda não, Charlie.

Frey sacou a pistola de trás das calças e caminhou até Bimbello. A mulher enrolou-se em uma bola e tampou os ouvidos. Charlie preparou-se para o momento.

Lucas parecia resignado, como se a vida não valesse mais a pena agora que o dinheiro não era mais seu. O tiro rasgou o silêncio da noite. Subiu o cheiro suave de ferro e fumaça. Os homens caminharam para a porta, Frey olhou para a mulher:

– A gente se vê por aí, delícia.

Enquanto Vinnie dirigia, a mente de Charlie acelerava. Seu corpo reagiu. Ele gemeu para Vinnie parar, e quando o velho o fez, ele saiu do carro e vomitou na calçada. Ficou lá, a dor em seu estômago se despedindo lentamente. Oferecera-se para matar Bimbello. Naquele momento sentira vontade de assassiná-lo.

Ouviu Vinnie:

– Você tá legal, Charlie?

Ele se virou e acenou com a cabeça. – Sim.

Entrou no carro e pegou a troca de risos entre Viking e Frey. Sabia que na próxima vez não poderia vomitar. Aquilo já estava ficando ridículo.

– Vocês vão me dar uma carona para casa?

Vinnie suspirou. – Vamos passar no Tony primeiro.

Charlie ficou embasbacado com o tamanho do lugar. Nunca vira uma mansão antes. Longe da famosa rua principal, a Strip, com colinas a distância, Charlie via um portão de ferro com interfone na porta, e, além dele, uma mansão de muitos níveis, totalmente iluminada sob o céu estrelado de Vegas. Um segurança falou num rádio e os portões abriram para eles. O carro avançou por um pavimento reto que expandia para os dois lados, virando um círculo. Palmeiras, um belo jardim iluminado por luzes amareladas e outros homens ao redor, para vigiar a casa.

Saíram, Charlie contemplava a fonte do jardim, até que Frey o puxou para que o seguisse.

Subiram degraus de mármore e a porta foi aberta por uma mulher usando uniforme de empregada. Passaram por ela e Charlie entrou num lugar como os que vira apenas em filmes.

Tapetes persas, estátuas, piso de mármore marrom e, basicamente, lavagem de dinheiro por toda a parte. Os corredores eram amplos como quartos, era como se ele tivesse diminuído. Charlie notou que já se passava de uma da madrugada, mas todos pareciam estar acordados. Tony estava em uma das salas de estar, bebendo um martini.

Charlie prendeu o fôlego ao vê-lo. Relaxado, usando uma calça social preta, uma camisa branca, cujos botões de cima já se abriram e as mangas se dobraram, ele parecia menos um monstro, e mais um homem.

Ele se levantou quando os viu. – Vamos conversar no escritório.

Quando ele entrou no cômodo e fechou a porta, Vinnie entregou-lhe os sacos de dinheiro. – Ele não nos disse onde estava. Embaixo da casa. Steve Frey o eliminou.

– Você fez bem, ele sabia demais. Algum problema?

– Nenhum – disse Frey.

Tony sentou-se e abriu os sacos. Começou a tirar o dinheiro e colocar tudo em pilhas sobre a mesa. – Como Charlie se saiu? – sorriu.

– Como uma garotinha.

Viking riu alto. – Nem, ele se saiu bem. Ele xavecou a vadia do Bimbello para nos contar onde estava o dinheiro.

– O que aconteceu com a mulher? – perguntou Tony.

– Ela vive, mas não fala – disse Viking. – Não é um problema.

Tony pensou, então deu de ombros. Ele olhou para Charlie e sorriu. Charlie sentiu-se estranho quando ele o fez. Ainda não acreditava que estava naquele escritório enorme, forrado com livros de capas de couro, uma mesa de mogno maior do que a sua cama, e seu pai em frente a ele.

Tony entregou um maço de dinheiro para Frey, então a Viking, depois para Vinnie. Os homens enfiaram as notas nos bolsos. Ele chamou Charlie com os dedos e entregou-lhe uma grossa camada de notas. Charlie segurou o dinheiro com as mãos dormentes.

– Bom trabalho, garoto. Continue assim e vai dar tudo certo.

Charlie apenas concordou com a cabeça.

Os caras deixaram-no em seu apartamento, com algumas palavras amigáveis de aprovação. Ele subiu as escadas como se estivesse em um sonho, e quando finalmente entrou, caiu no sofá. Ficou ali sentado no escuro por bastante tempo.

Então puxou o bloco do bolso e começou a contar o dinheiro. Quando terminou, colocou as notas com cuidado sobre a mesa, inclinou-se para trás e as observou. Dois mil dólares. Para um trabalho de meia hora. Ele nunca tivera dinheiro assim antes. Correu para o banheiro e vomitou de novo.

Charlie se demitiu do Rodello. Levou Cindy para jantar num restaurante fino e depois voltaram para o apartamento dele. Ela trepou como louca naquela noite.

Disse a si mesmo que tudo o que estava acontecendo era parte de seu plano. Disse a si mesmo, mais uma vez, que ele estava no controle. Sentia-se feliz e não sabia por quê. Três meses se passaram desde o primeiro serviço de Charlie, período em que a vida foi completamente imprevisível. Durante dias, ele ficava em casa, assistindo TV, perdido em seus pensamentos, com saudades de casa e da mãe. Dormia bastante durante o dia e acabava encontrando lugares para ir à noite. Começou a frequentar bares, pubs e clubes, apenas para manter-se ocupado. Às vezes levava uma garota para casa. Então alguém, geralmente Viking ou Vinnie, chamava-o para um trabalho ou apenas para sair com os mafiosos. Os serviços eram simples naqueles dias. Seguir Vinnie pela cidade quando ele ia coletar dinheiro, servir como guarda-costas para os velhos quando eles encontravam com alguém para falar de negócios, coisas assim. Então os dias se passavam sem acontecimentos novamente e ele ficava entediado. Logo percebeu que sempre tinha que estar pronto para quando precisassem dele. Não era algo difícil com o qual se acostumar, afinal, Charlie não era muito de rotina.

– Você vai se acostumar – sorriu Viking. – Estar cercado por prostitutas o tempo todo... Tony quer que você se acostume, para depois não se distrair.

Charlie o seguiu até a parte de trás do Sunset Peach, um corredor estreito com algumas portas fechadas nas laterais. Viking parou em frente a uma:

– Ele mesmo arranjou isso, por isso deveria agradecê-lo na próxima vez que vocês se encontrarem – disse em sua voz profunda.

Ele bateu na porta e, cerca de dois segundos depois, uma morena deslumbrante abriu. Ela sorriu quando o viu. – Entre, Charlie. – E puxou-o pela mão. Viking acenou um adeus e desapareceu. Ela se virou para olhar para ele. – Estou aqui para fazer o que quiser.

Charlie sentiu uma mistura esmagadora de tesão, alegria e apreensão na história da sua curta vida. Um presente do papai. Ela era da mesma altura que ele, magra, coxas duras, suaves, abdome malhado e peitos enormes. Um pouco grandes demais para ela. Estava tirando a pouca roupa que vestia, ficando completamente nua na frente dele.

Ele sentiu que deveria fazer alguma coisa, então começou a tirar a camisa. Ela esperou, paciente. A mulher era tão bonita que ele não conseguia parar de olhar para ela. Ele observou todo o corpo dela, como se o consumindo, sentindo-se tão pronto para ela que ficou envergonhado.

Será que alguma vez seria comum tudo aquilo? Viking estava certo? Será que ele realmente se acostumaria a ver essas mulheres até o ponto de conseguir olhar para elas e não ter uma enorme ereção? Ele duvidava.

Ela deu um passo à frente e começou a ajudá-lo a se despir. Seu nervosismo foi embora. Ele a beijou e ela devolveu o gesto, toda língua e já suspirando, e aquilo foi o suficiente para fazê-lo agir.

Quando tudo acabou, ela simplesmente foi ao banheiro, e quando ele viu um rolo de papel higiênico na mesa de cabeceira colocou a cabeça para funcionar.

Ele havia feito sexo com ela sem preservativo. Primeiro puta erro. O que estava fazendo?

Charlie fechou os olhos e pensou sobre isso. Alguma coisa estava fora. Mas talvez não. Talvez isso fosse padrão para os homens de Tony, como uma espécie de iniciação. Ela estava caminhando de volta para a cama depois de ter lavado o rosto. Charlie não sabia o que dizer. Ele acendeu um cigarro e fumou. Foi um choque vê-la inclinar-se para trás, em algumas almofadas, abrir um livro e começar a ler, relaxada.

– Você tem um nome? – ele perguntou, para quebrar o gelo.

– Eu sou Lindsay – ela murmurou, ainda lendo.

Certo. Charlie terminou o cigarro, vestiu-se e saiu.

Enquanto dirigia para a casa de Vinnie, ele pensou que nunca poderia fazer isso novamente. Poderia pegar alguma doença, inclusive aquela que estava matando usuários de drogas e gays por toda a parte. Fazia sentido, mesmo que ele achasse estranho, Tony fazê-lo comer uma garota daquelas. Primeiro porque esses caras odiavam gays, e eles tinham que ter certeza de que Charlie não era. Mas também porque, sim, ele teria que coletar dinheiro e fazer outros negócios no Jackson e no Susete Peace, os dois clubes de striptease, e precisaria acostumar-se com as meninas. Lógica masculina.

Ele estacionou na garagem de Vinnie, de uma pequena e aconchegante casa, onde todos se encontravam a cada dois ou três dias. A esposa dele, Suzette, fazia a melhor comida do planeta e todos amavam a gorducha.

Ele abriu a porta da frente e ouviu risadas nos fundos. Seguiu o ruído para a sala de TV, onde, logo que entrou, todo mundo levantou-se para cumprimentá-lo com cerveja nas mãos. – Charlie! – Eles riam e gritavam. Ele entendeu o porquê imediatamente. Eram ele e Lindsay na TV. Os caras haviam gravado o show inteiro. Ele não acreditou quando viu.

– Aqui está ele! – riu Steven Frey.

– O beija-puta! – gritou Vinnie.

Viking e Miguel riam sem parar. Tony tinha os braços cruzados e um sorriso confortável, observando-o de perto.

É um teste, Charlie. Tudo é um teste.

Na tela, Lindsay estava montada nele com os cabelos no rosto.

Um teste. Ele sorriu, face corando, enquanto Viking dava um tapinha nas suas costas. Estavam todos em volta dele e aquilo era um “bem-vindo ao clube”. Eles deviam ter passado por aquilo, todos eles. Até pipoca comiam. Estavam rindo e chamando-o de “beija-puta”. Tony estava esperando sua reação.

– Esse é o melhor pornô que vocês conseguem? – obrigou-se a dizer.

Funcionou. De alguma maneira, ele segurou a raiva dentro de si e sua voz saiu confiante e arrogante. Eles riram. Ele sorriu. Pegou um punhado da pipoca de Vinnie e sentou-se no sofá com eles. Odiava olhar para aquela tela e ver aquilo. Mas não queria mostrá-lo. Tony parecia satisfeito. Eles continuaram falando:

– Você mandou ver *mesmo* nessa daí, Charlie!

Vinnie estava murmurando:

– Eu disse que ele não era bichinha.

E mesmo com raiva e vergonha de todas aquelas piadas, ele tinha que admitir, era bom sentir-se parte de algo. Olhou ao redor e aqueles homens bebendo, rindo e dando tapinhas nas costas dele... não parecia tão ruim assim. Na verdade, até que era bacana.

O espelho pequeno do banheiro refletia Charlie no dia de seu aniversário de 21 anos. Sentiu a mistura amarga da saudade brutal da mãe, com o orgulho de estar morando num apartamento bonito e ser respeitado por todos nas ruas.

Mandava dinheiro todos os meses. Mandava presentes, cartões de Natal e cartas pequenas. Loreen devolvia o dinheiro, devolvia os presentes e ficava com as cartas. Pelo menos era o que ele esperava, odiaria pensar que a mãe as queimava com um isqueiro na pia da cozinha. Pensou: *quem está matando as baratas?* e sentiu outra pontada de tristeza.

Estava ganhando entre cinco e quinze mil dólares por mês, dinheiro que entrava aos poucos, quase todos os dias, relacionado aos trabalhos que fazia com os outros. Variava entre socar alguém, vigiar alguém, enterrar alguém, entregar alguma coisa para alguém e intimidar alguém. Raramente via Tony, mas, quando via, tentava aproximar-se. Tony sorria para Charlie, era gentil, fazia elogios.

Viking era seu melhor amigo no mundo, coisa que os dois nunca haviam discutido porque isso seria frescura. Mas sabiam. Nos últimos três anos, Viking ensinara o negócio para Charlie. Oferecia conselhos em voz baixa, desde: “Charlie, não olhe para um cara da família dessa forma”, até “Não fale em Frank Sinatra na frente do Vinnie, ele odeia o cara”.

Por vezes, eram brincadeiras: “Olha, uma puta na esquina, Charlie. Corre, vai lá beijar”.

Mas Charlie adorava o cara. E os outros.

Recebeu a ligação às duas da manhã. Aprendera a atender, sempre. Seu trabalho não acontecia das nove às cinco, a final de contas.

Viking: – Fodeu, o Tony tá num bar. Ele só vai para lá quando tá mal, e, cara, quando ele fica mal é uma merda. Você vai buscar ele lá, imediatamente. Fica a duas quadras do cassino, chama Old Sport's.

– Tipo *O Grande Gatsby*?

Silêncio. Então a voz de Viking:

– Você é bicha, Charlie?

– Não-não, esquece, desculpa, cresci passando muito tempo sozinho em casa, só tinha duas coisas para fazer. Ler era uma delas.

– Qual era a outra?

– O que você acha?

– Charlie. Agora. Pega o velho, fica de olho nele, não o desafie, mas fique de olho nele. Vinnie e Frey estão cuidando de negócios.

– Tá, entendi.

Charlie desligou e ficou olhando para o telefone. Existem alguns momentos na vida em que pensar não adianta porque a coisa é imprevisível demais. Você tem que agir. Fazer alguma coisa.

O Old Sport's estava quase vazio. Iluminação baixa demais, do tipo ideal para passar dinheiro ou mercadoria por baixo da mesa sem ninguém notar. Tony foi fácil de identificar mesmo no escuro. Estava ao balcão, sozinho, de costas para a entrada. Charlie avaliou o lugar, viu um casal bem óbvio numa mesa de canto com sofá: um coitado de meia-idade e uma prostituta de luxo. Viu uns caras mais velhos do outro lado, contando piadas, com cara de homens cujos filhos não telefonavam nem mandavam notícias. Charlie puxou o fôlego e caminhou até o balcão.

– Chamaram você?

Charlie sentou-se. Estranho, muito estranho estar tão perto de Tony, sem os outros e naquele lugar. – É... como... guarda-costas, sabe?

Tony sorriu. Finalmente olhou para Charlie.

Charlie tentou imaginá-lo mais jovem, capaz das crueldades que fizera com Loreen. Por um momento, duvidou da história dela. Devia haver outra explicação, outra versão, porque Tony não parecia ser o tipo de homem que violentaria, sistematicamente, uma mulher tão frágil.

Uma *barmaid* aproximou-se. – O que vai beber?

Charlie olhou para a bebida de Tony. Sabia, pelo formato do copo e o palito com azeitonas, que era martini. – Um desses, por favor.

Tony deixou escapar um riso curto, cheio de ar. Trocou um sorriso íntimo com a *barmaid*. – Quando uma pessoa pede só um martini, Charlie, significa que ela não faz a mínima ideia do que quer beber.

Mesmo com a falta de luz, Tony parecia ter notado a vergonha no rosto do rapaz. – Não precisa se envergonhar, Charlie, você vem das ruas, como eu,

ninguém te ensinou a pedir *drinks*. Quantos anos tem?

– Ironicamente, faço 21 hoje, senhor.

– Perfeito. Vai ter sua primeira bebida de homem comigo. Em primeiro lugar, há variações num martini. Não faça a coitada da *barmaid* ficar perguntando se você quer *up* ou *on the rocks*, se você quer azeitonas, casca de limão ou cebola, se quer doce ou seco, se quer batido ou mexido. Coitada. Saiba o que quer beber. Saiba o que gosta.

– Mas não sei do que gosto, chefe.

Tony sorriu, olhou para Charlie por um tempo. Levantou um indicador: – Eu gosto de sinceridade, garoto. Essa confissão te rendeu muitos pontos comigo. Vamos lá: em primeiro lugar, não peça um martini com vodka. Um martini, mesmo, é feito com gin. Depois, você tem que tomar decisões. Ele é servido gelado, então se você pede *on the rocks*, com pedras de gelo, vai ter uma bebida mais aguada. Pede-se *up*, direto, sem gelo e o *barman* pode gelá-lo de duas formas: mexer no gelo antes de coar, ou bater com gelo antes de coar. O segundo método forma bolhas de ar, o que dizem que “machuca” a bebida. Ela com certeza fica um pouco mais arredondada.

– O James Bond gosta dela batida.

– Gosta de filmes de espíões?

Charlie não sabia se era um teste, ou se estava ficando paranoico. Deu de ombros e disse a verdade, já que aquilo funcionara alguns segundos antes. – Li os livros.

Tony abriu os braços num gesto tão suave e bem-humorado que Charlie quase sorriu. – Melhor ainda. Corajoso e inteligente. Então vai de Bond, Charlie?

Ele mordeu o lábio. A escolha de repente parecia tão essencial para sua existência, que era como se fosse defini-lo. – Sim, vou de batido, não mexido.

– Ótimo. O quanto de vermute quer no seu coquetel? Muito vermute, o Martini é doce, pouco, é seco.

– Pouco. Seco.

A *barmaid* sorria. Tony levantou mais uma vez o indicador, dessa vez não para Charlie, e sim para o teto: – Azeitonas, casca de limão ou cebolas?

– O que o senhor sugere?

– Você tem que fazer o *seu* martini, garoto, não eu. Vai ter tempo, vai poder experimentar um pouco de cada opção antes de escolher. Mas hoje, essa noite, aqui comigo, vai tomar o quê?

Charlie notou que se sentiu quente debaixo do terno. Procurou a raiva que tinha daquele desgraçado, dentro de si, e não a encontrou. – Casca de limão.

A *barmaid* puxou, de trás do balcão, duas garrafas, medidores e outros apetrechos. Charlie não prestou atenção porque tinha os olhos fixos em Tony. – Por que está aqui, senhor?

– Porque gosto de beber sozinho de vez em quando, Charlie. Não quero proteção dos caras, não sou esse tipo de homem.

– Eles só se preocupam com você. Respeitam muito o senhor, e sabem que... bem... sempre há filhos da puta lá fora querendo fazer mal a pessoas como você.

– Seu *drink* está pronto. Vamos ver o que acha da escolha que fez.

Charlie viu o martini no balcão. Parecia vivo. A casca amarela descansava, encostando-se ao fundo do copo. Charlie umedeceu o lábio para prepará-lo. Então bebeu. A bebida desceu suave, porém como se não bem-vinda em sua boca, como algo que não era natural a ela. Mas algo acontecera a ele naquele instante. Não era mais o Charlie moleque numa aventura suicida. Era o Charlie olhando para o pai, sentindo-se próximo a ele, sentindo que ele era humano e não o ser mitológico que Charlie criara para si mesmo para justificar sua revolta. Loreen parecia tão longe naquele momento, tão longe dele.

– Encontrei a minha bebida, senhor.

Tony deu um tapinha nas costas dele. Os olhos apertaram com o sorriso, criando algumas rugas. Tony ainda estava nos seus quarenta. – Seu *drink* é como uma versão mais jovem do meu. Fiz escolhas parecidas, Charlie.

Viking encontrou Charlie onde marcara: do lado de fora do Sunset Peach. Jogou o cigarro no chão e amassou a bituca com o pé.

– Como foi ontem com o chefe?

Charlie sorriu. – Tranquilo. Ficamos no bar por umas duas horas conversando e depois ele foi para casa. Segui o carro. Deu tudo certo.

Viking estudou o rosto de Charlie por um tempo. – Conversaram sobre o quê?

Charlie deu de ombros. – Martinis, a princípio, depois ele falou sobre Vegas, sobre a extensão do território da família, da nossa lealdade para com a família Gnocchi, em Nova Iorque... essas coisas.

– Bom, o velho gostou da sua lábia, Charlie. Transferiu você para coletar grana comigo. E este palácio de pureza e santidade está no seu itinerário de agora em diante. Toda sexta-feira, sem falta. Coletar com Phil. Entendeu?

Charlie sentiu o peito expandir por algo feito de orgulho e antecipação.

– Ficou todo metidinho, hein? – Viking sorriu, mas Charlie enxergou algo a mais naquele olhar. Medo, talvez. – Vamos lá, entra aí e tenta não se perder na visão de tantos peitos.

Charlie seguiu Viking para dentro da boate.

Tudo lá era escuridão no começo. Enquanto os olhos dele se acostumavam, ele absorvia o palco que se espalhava pelo recinto, em forma de gotas que se esticavam para várias direções, marcadas com postes em cada ponta. Ao redor das pontas, cadeiras e mais cadeiras de homens de todas as idades e classes

sociais. Havia quatro *strippers*, uma em cada gota, rebolando, mexendo os ombros, fazendo caras e bocas. Charlie não olhou demais, não queria levar uma bronca de Viking, mas olhou o suficiente para entender que eram lindas, que dançavam bem e que os homens sangravam dinheiro em cima do palco. Não era um lugar dos mais vulgares, mas também não era um show caríssimo de dança burlesca. O Sunset Peach era algo entre esses dois extremos: um lugar que aceitava democraticamente um pai de família, um jovem de férias e um pervertido que tinha preferência por colegiais. No Sunset, você podia jogar dólares no palco, berrar algumas obscenidades para as *strippers*, mas não podia tirar o pinto para fora. Mais ou menos isso.

Charlie também percebeu a segurança pesada do lugar.

Pararam de andar ao aproximarem-se de um cara que tinha a palavra “cafetão” praticamente tatuada na testa: camisa de seda colorida, calça apertada no saco, cinto de couro branco, botas de *cowboy* e cabelo penteado de lado para esconder a careca. Sorriu com o cigarro na boca ao ver Viking.

– Oi, Phil, esse é um amigo meu, Charlie. Vai coletar toda sexta-feira, entendeu? Avise seus rapazes, não quero confusão com este daqui, é meu irmãozinho. Tá ouvindo?

Phil estendeu a mão, Charlie apertou, sentindo como se tivesse que lavá-la urgentemente. – Charlie, prazer, Phil, sou o gerente aqui. Bonitas as meninas, hein?

Charlie assentiu.

– Vamos lá, então.

Seguiram Phil até o escritório, no final de um corredor estreito, atrás de uma porta escrita “Funcionários Apenas”. Era um escritório minúsculo e bagunçado, as luzes brancas pareciam ter sido tiradas de um consultório odontológico, ferindo os olhos de Charlie. Phil já deixara um envelope pardo em cima da mesa, o bolo de notas dentro dele deformando o papel lindamente na forma de um retângulo. Phil entregou o envelope para Viking, que pegou uma caneta grossa da mesa e escreveu: Peach. Então o envelope foi oferecido a Charlie.

Ele o segurou, amando seu peso, e o abriu. Viu notas num bolo envolto por um elástico e então olhou para Viking. Viu o gigante dar uma batida leve e amigável no ombro de Phil. Então Viking empurrou Charlie até a porta.

Sentaram numa mesa reservada, perto do palco.

Viking não pediu bebidas. Charlie acendeu o cigarro, e o amigo começou a falar: – Nunca ficamos no salão. O que estou fazendo hoje é uma exceção necessária, porque preciso te falar como agir nesse lugar. Faça sempre como fiz: entre, vá direto até Phil, siga-o até a sala dos fundos e pegue o dinheiro. Não toque nele, não conte, nada. Marque o envelope como “Peach”, coloque-o dentro do paletó e saia. Só isso. Não pare para ver mulheres peladas, não se distraia, se

precisar, bata uma punheta antes de vir, entende? Foque no que está fazendo. Esse dinheiro você vai me entregar todas as sextas, às onze da noite, no meu apartamento. Se por algum motivo eu não estiver lá, volte depois, me telefone, ouviu?

– E o que você faz com o dinheiro?

– Eu levo para Tony, que coloca no cofre. Quem faz a contabilidade é o *contabile* dos Conicci, Sr. Pete. Dessa grana eu recebo uma parte e repasso um pouco para você.

Uma *stripper* ficou de joelhos no palco, bem na frente de Charlie. Olhos com maquiagem pesada, grandes, lindos. Cabelo loiro. De quatro, rebolou com a bunda para o ar, jogando os cabelos de um lado para o outro. Ele sentiu o cheiro de um perfume floral e um pouco de suor. Desviou o olhar, querendo que Viking confiasse nele, mas já estava de pau duro.

– Certo, então.

Viking observou o amigo fumar um pouco. Então suspirou e falou num tom mais baixo: – Tony está de olho em você. Vai abrir os livros em breve.

O coração de Charlie deu um salto. Esqueceu-se da *stripper* na hora e inclinou-se para frente. – Isso significa que vai me tornar um cara feito? Que vou deixar de ser um amigo seu e me tornar um amigo de vocês?

Viking não parecia feliz, mas assentiu. – É, eu acho que sim. Vai chamar um de nós para jurar por você.

– E vai ser você, certo?

– É. Sabe o que isso significa?

– Que se eu fizer merda você vai ser mandado para me apagar. E depois eles apagam você também.

– É. É isso.

Charlie não sabia se Viking estava tendo dúvidas. Então ele se deu conta de que embarcara naquela jornada justamente para fazer merda. E que isso significaria a morte do seu melhor amigo. Não entendeu as múltiplas sensações dentro de si. Jurou, de forma impulsiva e sem convicção, que não colocaria Viking em perigo. – E você vai jurar?

– Não sei se devo, Charlie.

– Por quê? Tenho feito tudo certo.

– Você é jovem. Ainda não matou ninguém, não sabe o que é ter sangue nas mãos. Não sei... parece errado. Com você, a sensação é toda errada.

– Viking... não vou fazer besteira. Nunca trairia a família, nem sob tortura. Vocês *são* a minha família, nunca duvide disso. Eu quero isso, quero entrar, quero que confie em mim.

Viking passou a mão enorme na testa, parecendo exausto. O maxilar quadrado, o pomo de adão afiado no pescoço grosso, os pequenos olhos azuis,

tudo parecia denunciar uma tensão absurda dentro do amigo. – Vou jurar por você. Te amo, garoto. Mas tenho a sensação de que vou me arrepender.

Aconteceu um mês depois.

Houve uma batida na porta. Charlie estava sentado no sofá, assistindo televisão e bebendo uma cerveja.

– Tá aberta! – E em dois segundos Viking e Miguel “Mickey” Pagniacchi, o subchefe, estavam entrando.

– Uau, olha só pra você – sorriu Mickey. – Tá bonito o apê.

Viking sentou-se ao lado dele. – Gostei da decoração, Beija-puta.

– Escuta – Mickey sorriu. – Quanto tempo você leva para estar pronto?

– Dez minutos. Só vou tomar um banho.

Enquanto dirigiam para a casa de Vinnie, Charlie sentiu o olhar estranho de Viking nele. Não entendeu.

Eles chegaram e viram Sr. Pete e Frey na mesa da sala de jantar, fumando e discutindo algo. Charlie os cumprimentou, mas não os interrompeu. Não ser enxerido havia sido fundamental para conseguir a confiança das pessoas. Ele viu Tony abordá-los. – Charlie, venha aqui.

Ele seguiu o chefe até a cozinha, onde Tony estava fazendo molho de espaguete, quase como se materializasse um clichê do qual gostava. O cheiro era a melhor coisa da Terra. Charlie sentou-se e esperou, sentindo-se bem por estar na presença de Tony mais uma vez.

– Então, você está com a gente há três anos – ele começou, de costas para Charlie, polvilhando orégano na panela. – Como se sente?

Charlie percebeu que era “a” conversa. Ele falou sem hesitação:

– Eu me sinto como parte da família. Preocupo-me com todos aqui. E eu quero fazer uma contribuição significativa.

Tony baixou o fogo e o encarou. – Vou abrir os livros.

Até então, Charlie só fora um cara conectado. Isso rendia trabalhos, dinheiro e uma boa dose de respeito nas ruas. Mas o momento de virar um membro da família chegara. Ele seria finalmente um Conicci, para sempre.

Limpou a garganta. – Não há nada mais importante na minha vida do que ser aceito por você.

Não soou como mentira.

Tony assentiu. – Eu sei disso. Viking jurou por você essa manhã. Se você aceitar o nosso código, eu gostaria de recebê-lo em minha família, Charlie.

– Sim, eu aceito todas as responsabilidades. – Sentiu algo quando pronunciou as palavras. Como se alguma coisa houvesse mudado dentro dele. Um sentimento fugaz, porém forte. Ele ficou de joelhos. Beijou o anel de Tony. Então se levantou.

Tony colocou as mãos em seus ombros e olhou em seus olhos, como se quisesse enxergar algo neles. Charlie sentiu o coração bater mais rápido. Tony falou baixo:

– Você é como um filho para mim, garoto.

Charlie sentiu lágrimas queimarem seus olhos.

Eu sou seu filho.

Eu tento te odiar.

Eu te odeio.

Mas não sempre.

Não agora.

Tony o abraçou com força. Charlie prendeu a respiração e não sabia se amava ou odiava aquele homem. O homem que a partir daquele dia tinha o direito de vida e morte sobre ele.

Eles celebraram naquela noite. Tony, Charlie, velho Pete, Miguel, Viking, Steven Frey, Vinnie e outros caras que compunham a lista da família Conicci. A nova namorada de Miguel, Carmen, também estava lá. Eles foram para um bar com música alta e mulheres jovens com roupas apertadas. Eles davam batidinhas nas costas de Charlie. Apresentavam mulheres para ele e compravam-lhe bebidas. No final da noite, alguns dos caras mais velhos foram para casa. A maioria dos outros estava bêbada demais. Charlie sabia que estava um pouco alto de tanto uísque, vinho e cerveja. A amiga de Carmen, Destiny, estava emitindo sinais óbvios. Eles foram para o banheiro, onde ela fez sexo oral nele. Depois, ele sentou-se à sua mesa, tonto, e fitou aquelas bebidas com desconfiança. Precisava de um pouco de ar fresco.

Quando saiu, Viking estava do lado de fora fumando um cigarro. Ele olhou para Charlie com aquela expressão estranha novamente. Mas falou:

– Você está bem?

– Um pouco bêbado. – Foi a resposta.

Depois de um tempo de silêncio, Charlie olhou para ele. – Você jurou por mim. Obrigado.

– Sem problemas.

Mas o tom de Viking era seco. Charlie queria que ele estivesse feliz. Viking virou o corpo para ficar de frente para ele, e colocou uma mão no seu ombro. Hesitou, mas quando as palavras saíram, estavam pesadas com sentimentos. – Bem-vindo à família, garoto.

Quando Charlie entrou no Sunset Peach, sentiu sobre si os olhares de respeito, como sentira todas as sextas-feiras nos últimos dois anos. Os leões de chácara acenavam com a cabeça quando ele passava, e de certa forma parecia que as pessoas abriam espaço para ele passar. Ficava irritado com a música alta de então, e ainda sentia vontade de lavar as mãos quando apertava a de Phil.

A noite estava agitada, muitos universitários estavam na cidade para passar o *Spring break*, então Charlie já calculava que o envelope da próxima sexta seria mais grosso do que o usual. Phil sorriu ao vê-lo e ele seguiu o homem até o escritório dos fundos. Pegou a grana, como sempre, enfiou no paletó e saiu.

Estava caminhando em direção à porta quando as luzes mudaram. Todas as luzes avermelhadas que acompanhavam as curvas do palco se apagaram e um holofote focou no centro, para cortinas de veludo vermelhas que estavam bem fechadas. O lugar ficou em silêncio, e então uma voz masculina entusiasmada falou por caixas de som:

– A mais nova atração do Sunset Peach... a rainha suprema... a mulher que vai assombrar os seus sonhos...

Charlie ficou surpreso com a explosão de aplausos, assovios, e “*yeah*”, “isso” que tomou conta do lugar. Vinha todas as semanas, há dois anos, e nunca vira algo do tipo.

– Nossa musa, nossa deusa... a poderosaaaa... Rocket!

A música voltou a tocar, mais alta do que nunca. Era algo *rock 'n' roll* que Charlie não reconheceu a princípio e não estava acostumado a ouvir em uma boate de *strip*. O que primeiro chamou sua atenção foi a reação do público enquanto observava o palco. Charlie então olhou para cima e a viu.

A canção tinha ficado mais pesada e lá estava ela, algo tão completamente poderoso que ele foi pego desprevenido. A menina era um pouco mais alta do que a maioria das mulheres que ele conhecia, com longos cabelos castanhos, brilhantes e retíssimos. Não conseguia vê-la muito bem a princípio, por causa do jeito que ela estava se movendo. Vestia calça de couro, um sutiã preto e botas de salto agulha que iam até os joelhos. Estava se balançando com a música de uma maneira que era crua e elétrica, colocava os braços para cima e trazia-os para baixo lentamente sobre o corpo, enquanto os quadris se moviam. Então ela sacudia a cabeça de um lado para o outro em sincronia com a batida profunda, ondulava os quadris para o chão e para cima.

Charlie percebeu que tinha parado de andar e estava olhando para ela como um colegial. Deu uma olhada em volta e viu homens em transe enquanto a observavam. Deus, ela estava realmente dando um show. E agora ele podia ver seu rosto enquanto a canção ficava mais lenta. Ela sorria para eles com a expressão de alguém que está no paraíso. Era como um show de rock, ela era uma estrela, um ícone. Movia-se como uma leoa às vezes, e era impossível não seguir cada movimento dela, enquanto esfregava as mãos sobre as coxas e, em seguida, atirava-se ao chão e parecia renascer dele, subindo lentamente e pulsando ao som da bateria e guitarras da banda. De repente, ficou contra o poste. A canção tinha mudado e era algo mais lento e vibrante. Ela manteve os olhos fechados e os lábios moviam-se com as palavras. Parecia estar em um mundo interior, como se nenhuma daquelas pessoas existisse. Ela se tornou a canção, e Charlie sentiu-a pulsar em seu coração. Ela era simplesmente... divina.

A música terminou, e a reação foi imediata e selvagem. Era mais do que assobios, gritos e aplausos, eles eram loucos por ela. Charlie não se mexeu. Ela estava sorrindo enquanto olhava para o público.

Ele percebeu que ela ainda não tinha tirado a roupa, só havia dançado. Estava um pouco suada, seu rosto tinha adquirido um leve tom de vermelho, e ela exibia um sorriso cansado, um sorriso exausto, mas feliz.

O homem no microfone interrompeu os pensamentos de Charlie, ou a falta deles. – Sim, essa é a nossa principal atração da noite, senhores, palmas para Rocket!

E eles foram à loucura. Alguém estava falando com Charlie, de pé, ao lado dele, e ele levou alguns instantes para perceber que era Phil...

– A mesma coisa sempre.

– Huh? – Charlie finalmente concentrou-se em tirar os olhos dela e olhou para Phil.

– Rocket. Ela é fenomenal. Transferiram ela do Jackpot para cá, porque sempre lota a casa. Incrível.

O homem no microfone: – Tem uma última dança para vocês, aplausos para a nossa princesa *rock 'n' roll*, a nossa própria rainha, Rocket! – E os aplausos

novamente. Mais música rock.

E Rocket começou a dançar.

Ele começou a suar sob a camisa.

Ela andou de um lado do palco para o outro, balançando o cabelo, cantando e sorrindo com malícia, as luzes refletidas no brilho do batom melado. Era como se o palco fosse o seu *playground*, como se ela simplesmente amasse cada segundo daquilo. Ela colocou uma perna para o alto contra o poste e, lentamente, abriu o longo zíper da bota. A reação foi violenta. Ela tirou-a, depois a outra, mas daquela vez apontou para a multidão algo como: “Vocês querem isso?”. E todos pediram pela bota com gritos empolgados. Mas Rocket riu, uma linda, deliciosa risada, e negou com o dedo, atirando a bota por cima do ombro até pousar no fundo do palco em algum lugar. Virou-se e as mãos foram para suas costas, e ele viu quando ela tirou o sutiã.

Phil estava falando com ele, mas ele não conseguia tirar os olhos dela.

– Quinhentos dólares por foda, acredita?

Charlie observou-a dançar, os peitos absolutamente perfeitos. Ele saiu de seu transe e olhou para Phil novamente. – O que você disse?

– Eu disse que ela cobra quinhentos dólares por hora, Charlie. Ela fica com mais ou menos vinte mil por mês, contando os programas, as gorjetas e o salário por show.

– Está falando sério?

– Sim – ele riu.

A canção estava quase no fim. Rocket enfeitava, vestindo apenas uma calcinha fio dental preta agora. Umbigo com *piercing*, corpo escultural, tão feminino como uma Vênus de Milo no lugar errado. Uma única rosa tatuada na parte inferior das costas, um pouco acima da sua bunda perfeita. A maneira como o cabelo grudava em sua pele por causa do suor era um detalhe que o deixava ainda mais excitado.

Falou:

– Eu a quero.

Phil mudou a expressão. Os homens de Tony entravam no Peach para coletar grana, não como clientes. – Ela está... reservada para esta noite, Charlie.

– Não estou nem aí.

– Eu hã... nossa, cara, não faça isso comigo, você vai criar problemas pra mim, Charlie.

– Pago dois mil.

– Charlie... fale com Viking primeiro, ok? Se ele permitir, tudo bem... Não quero te desrespeitar nem nada, sabe que eu tenho grande respeito e admiração por você mas... porra, Charlie, isso nunca aconteceu antes e morro de medo de...

– Tudo bem, cale a boca, já entendi.

Ele olhou para o palco, mas ela se fora.

Naquela noite, Charlie pegou-se pensando sobre ela. O tempo estava quente, e ele rolou de um lado para o outro na cama, na esperança de se resfriar. Pensou no sorriso dela, em seus lábios cor de rosa e no jeito que ela tinha dançado. Então, balançou a cabeça para si mesmo por ser tão ridículo. Levantou-se, bebeu uma cerveja, assistiu TV e tentou voltar a dormir.

Não consegui.

Meia hora depois, ele saiu da cama de novo e pegou outra cerveja. Acendeu um cigarro, sentou-se de novo em frente à TV e tentou encontrar algo de bom para assistir. Nada. Às quatro da manhã ele encontrou uma reprise de um seriado e se conformou com isso. Sua mente continuava voltando para Rocket. O seriado acabou, ele encontrou um pornô. Três minutos depois, desligou. Olhou para fora da janela, para a noite, por vinte minutos. Voltou para a cama. Nada. Com raiva de si mesmo, ligou o pornô novamente e bateu uma, terminou em quatro minutos. Tomou um banho de água fria, comeu um sanduíche, bebeu uma cerveja e abriu um novo maço de Marlboro. Assistiu *Perry Mason* e finalmente caiu no sono às seis e dez da manhã.

O chefe chamara e Charlie foi até a mansão. Já se acostumara com o lugar, não se sentia tão oprimido pelo luxo exorbitante declarado em cada cristal Baccarat, cada ânfora caríssima, cada pintura na parede. Também já não sentia o coração disparado quando conversava com Tony. O chefe foi direto:

– Tenho um trabalho para você. Você vai se encontrar com um homem chamado Henry “O Machado” Petucci, ele é o nosso cara conectado em Reno.

– O Machado? Estou tremendo de medo.

Tony sorriu. – Você vai ter problemas qualquer dia desses por causa dessa boca... enfim, quando estiver lá, vocês dois vão falar com um cara chamado O’Sullivan. Ele é o nosso contato para uma carga de drogas de prescrição.

– O’Sullivan, que nome irlandês... – disse Charlie, observando Tony.

O rosto de Tony não disse nada. – Você tem um problema com os irlandeses, Charlie?

Ele não esperava que Tony fosse inverter a coisa. Ele deu de ombros. – Não... estou apenas dizendo que é um nome muito irlandês. Os putos têm superstições estranhas, mas não tenho nada contra eles.

Tony olhou para o seu prato. Distante, pensativo. – É. Então... alguma pergunta?

– Não.

Ele levantou-se e saiu.

O ponto de encontro era um pub. Naquele horário, no meio da tarde, não havia muita gente por lá. Charlie encontrou-o facilmente: um cara loiro com

músculos grandes no peito e bíceps, bebendo uma cerveja. Ele sentou-se no sofá, de frente para ele. – Machado?

– Charlie?

Ele acenou com a cabeça. Henry bebeu um pouco de cerveja. Quando ele falou, sua voz era baixa. – Sully é um cara sujo, mas não é uma ameaça. Ele passa informação para as pessoas certas, só isso. Ele tem dados sobre um caminhão que vai transportar um monte de drogas pesadas de prescrição de uma fábrica, de Paradise para Henderson. Isso nos dará um bom tempo para interceptá-lo.

– Que tipo de medicamentos?

– Coisa boa. Pílulas abortivas, essas valem cerca de cem dólares cada nas ruas. Também tem prednisona, antidepressivos, Percocet, Diazepam, Xanax... a carga vale milhões nas ruas.

– Então podemos confiar nesse cara?

– Sim, ele não tem colhões pra foder com Tony... – Encolheu os ombros. – Há quanto tempo você é um homem feito?

– Dois anos – disse Charlie.

Machado sorriu, e bebeu mais cerveja. Charlie decidiu que não gostava dele. Olhou ao redor do bar, querendo que esse encontro fosse breve. Decidiu começar uma conversa fiada. – Então, como é morar em Reno?

Machado encolheu os ombros. – Ah, nada demais. – Acendeu um cigarro. – Tony me mandou pra lá porque me meti numa briga com aquele desgraçado do Fabricio.

Charlie só vira Fabricio uma vez, na casa de Tony. Um homem intimidador, com cara de mau, que era filho do *consigliere* de Tony, Frank Gnocchi.

– O que ele fez?

Henry sorriu. – Eu suponho que já o conheceu.

– Recentemente. Ele acabou de sair da prisão.

– É um completo psicopata. Ele enfiou uma caneta esferográfica no peito de um amigo meu.

Charlie pegou as batatas fritas no prato de Henry. – O que o seu amigo fez?

– Ele disse algo sobre aquela tatuagem esquisita que Fabricio tem no braço. Você já viu?

– Não, é um padre transando com uma cabra ou algo assim?

Henry riu. Muito. Ele bebeu mais um pouco de cerveja. Acenou com o dedo para Charlie. – Gostei de você. – Então, ele sorriu um pouco. – Nem... – Fumou mais. – Ele tem essa tatuagem de uma *pin-up* transando com um dedo rasgado, tipo uma porra de um dedo gigante. E ainda por cima é artística, sabe.

Charlie se perguntou se era verdade. Bom, deveria ser. Henry continuou:

– Então o meu amigo, que não é um cara feito nem nada, mencionou que a merda da tatuagem o assustava. Fabricio perguntou o porquê. Ele apenas comentou que era esquisita. Fabricio então começou a explicar como as mulheres estragaram tudo, até mesmo o conceito de Deus. Você faz ideia do quanto esse cara é louco? – Ele balançou a cabeça. – É claro que o Elvis, que é o nome do meu amigo, achou aquilo ridículo e eles começaram a discutir. Do nada o putro do Fabricio pega uma caneta que estava sobre a mesa e *bam!*, a enfia no meio do peito de Elvis. O cara foi parar no pronto-socorro e fiquei furioso. Tony nos acalmou, mas meu presente foi morar em Reno.

– Cacete.

Um cara se aproximou da mesa. – Ei – falou, um pouco ansioso.

Henry moveu-se para o lado e o homem sentou-se.

– Esse aqui é Charlie, ele é um amigo nosso.

O’Sullivan apertou a mão de Charlie. Então ele olhou para ambos os rostos e inclinou-se sobre a mesa. – Ok, aqui está o negócio: em uma semana, no dia doze, a carga vai partir às nove horas, mais ou menos. O homem que dirige se chama Rick Caste, *não dá para negociar com ele*. Se ele os vir, então ferrou, vão ter que eliminá-lo. – Abaixou a voz. – Não aceita subornos. Então, façam o trabalho de uma maneira que ele não veja o rosto de ninguém, ou ele está morto, porra, sacaram?

Charlie mastigou a ponta de um palito de dentes. – Tudo bem então. Vamos seguir com isso. Levo os detalhes para Viking e entramos em contato com você, Machado.

Levantou-se, apertou a mão deles, e saiu.

Na sexta-feira, pegou-se entusiasmado para coletar no Sunset Peach.

Entrou na boate e coletou com Phil como de costume. Mas, em vez de ir embora, Charlie tirou um cara de uma mesa, bem de frente para o centro do palco, pelo colarinho, jogando-o em cima de um segurança que fez seu melhor para acalmar o homem e encontrar outra mesa para ele. Charlie viu uma garçonne seminua aproximar-se. – Senhor Retorini, vai beber algo?

– Martini seco com gim, não vodca, batido e com casca de limão.

Ela sorriu e sumiu.

O coração acelerou e ele afrouxou a gravata quando as luzes se apagaram. Mesma coisa: escuridão, holofotes e a introdução cafonha cheia de superlativos:

– Musa das noites... aquela que aquece o coração de todos os homens na face da Terra... nossa lindíssima deusa do rock, nossa inspiração... o Sunset Peach apresenta... a maravilhosaaa... Rohh-cket!

E lá estava ela... tudo o que ele descrevera, e mais. Apareceu ao som de aplausos e berros, com uma atitude cheia de orgulho, cabeça erguida e sorriso nos lábios. A música era “Rocket Queen”, dos Guns N’Roses.

No embalo da voz rouca e aguda de Axl Rose, ela agarrou o *pole* e rodopiou ao redor dele com uma suavidade que desafiava as leis da Física.

Charlie estava perto agora. Percebeu o drink sendo colocado na mesa e o levou à boca sem tirar os olhos dela. Ela ria, apontava, brincava, dançava com a precisão de uma bailarina e a malícia de uma ninfomaniaca. Olhou para ele, os olhos, com aquele sorriso. Levantou os braços e desceu os quadris num rebolado obscuro, sem parar de olhar. Ele sorriu também. Ela mordeu a ponta do dedo indicador, e quando virou as costas para ele, deslizando a microssaia para baixo com as palmas abertas, deu uma olhada sobre o ombro e piscou para ele.

E Charlie sabia que estava fisgado.

Não conseguia se acalmar quando saiu do Sunset. Precisava dela, sentir o gosto dela, ouvir sua voz, sentir a textura daquela pele de pêssego nas pontas dos dedos. Decidiu ir para a casa de Viking, e quando olhou no relógio do carro, percebeu que ainda era cedo para encontrar o amigo, nove e meia. *Foda-se*, pensou, *preciso falar com ele. Preciso dela.*

Dirigiu pelas ruas de Vegas, sentindo-se em parte coproprietário delas. Era uma cidade que nascia à noite, vibrava com o som dos caça-níqueis e cheirava a corrupção da alma humana. Era sem dúvidas a cidade do pecado, capaz de comer vivo tanto um apostador experiente quanto um novato. Cassinos cuja decoração parecia ter sido feita de forma que cada decorador escolhera uma parte distinta: um show de horrores de metal, tecido, couro e madeira, de todas as cores, estampas e estilos. E de alguma forma funcionava, dava certo.

Via as pessoas nas ruas, os turistas deslumbrados, os homens distribuindo panfletos de shows de *strip*, as prostitutas em casacos de pele falsa e saltos altíssimos, os rapazes embriagados com as possibilidades que só aquela cidade oferecia. E o coração apertou quando se lembrou da mãe, aquela baixinha de temperamento dócil com a força de mil espartanos, aquela mulher que cuidara dele com um amor quase brutal. Empurrou a dor para algum lugar fundo dentro de si e estacionou em frente ao prédio de dois andares em forma de U no qual Viking morava.

A piscina estava iluminada, mas vazia, e Charlie subiu para o segundo andar, onde bateu na porta do 26 e esperou.

Viking não atendeu.

Ele pensou nos dias em que Viking entrava em seu apartamento para assustá-lo, e, sorrindo, decidiu pregar a mesma peça no amigo. Sacou seu canivete, deu uma olhada em volta e cutucou a fechadura até abri-la. Não foi difícil. Entrou e reconheceu o apartamento no qual estivera uma dúzia de vezes. Na penumbra, Charlie pensou na melhor forma de assustar o amigo sem levar um tiro. Foi até o quarto principal e deitou-se na cama. Adoraria ver Viking levar um susto, e riu só de imaginar o quanto o outro ficaria furioso, a princípio, e depois relaxado.

Em algum momento, pegou no sono.

Sabia, quando abriu os olhos, que estivera ouvindo vozes há um bom tempo, no estado etéreo de sonolência. Sentou-se, despertando por completo, e prestou atenção.

Reconheceu a voz de Viking, descontraída e calma, conversando com uma mulher. Ela tinha uma voz rouca, aerada, e tagarelava com confiança e convicção.

Charlie não sabia que Viking tinha namorada, e ressentiu-se por o amigo não ter lhe contado. Poderia ser apenas uma garota para transar, mas não tinha jeito daquilo pela forma como conversavam. Levantou da cama e caminhou em passos leves até o limiar da porta, onde conseguiu ouvir as palavras:

– Eu quero ficar, é só isso que estou dizendo, Fran. É uma decisão minha, tomo responsabilidade por ela.

– Robert... não tem mais nada para provar. Se não conseguiu nada para condenar Tony, então... vamos ter que nos contentar com os outros. Você fez o seu trabalho.

– Fran, mais um ou dois anos. Eu dou conta.

– Eu te amo, sabe disso. Me preocupo. Vai além da minha posição, é pessoal, é muito pessoal. Estou pedindo que saia com o que já tem.

Charlie franziu a testa. O que era aquilo?

– Vou conversar com o chefe de seção, vou conseguir autorização e não vai ser para te ferrar, Franny. Preciso fazer isso porque você sabe que depois vou ter que sumir, pra sempre. Quero poder descansar em paz quando tudo isso acabar, quero poder saber que fiz um bom trabalho.

– Está adiando sua retirada por isso? Tem medo de me perder quando for embora?

– Pode ser. O que vamos fazer? Vai fugir comigo? Vai largar a carreira que te define, que você ama mais do que tudo?

– Não mais do que você.

Silêncio.

Charlie conhecia a cara do quebra-cabeças mesmo enquanto sua mente tentava juntar as peças. Chefe de seção. Sumir. Condenar Tony.

Deu alguns passos no corredor acarpetado, em direção à sala.

Ouviu a conversa um pouco mais baixa, cheia de suspiros.

– Sabe que você é a única coisa que me mantém são nessa loucura...

– Eu sei, eu sei... vamos parar de falar, não quero brigar, temos pouco tempo juntos...

– Cada vez que te vejo está mais linda.

– Robert...

Caralho, puta merda. Charlie suspirou, pensando no que faria. Ficou quase zonzo, colocou uma mão na parede e tentou organizar os pensamentos. Viking.

Era quase demais para suportar. Não conseguiria fugir, isso era fato. Não tinha como pular daquela altura por uma janela, não tinha como chegar até a porta sem ser visto. Enquanto tentava decidir como abordar os dois e implorar para não ser preso, a raiva subiu-lhe à cabeça. Sentiu-se traído, sentiu-se usado. A raiva o guiou até a sala, definindo sua estupidez naquele momento.

Parou no limiar e viu Viking iluminado pelo abajur, sentado no sofá com uma mulher de cabelos negros, sentada em cima dele. Beijavam-se, sem afobação, com carinho, devagar, como se tivessem feito aquilo tantas vezes no passado que não precisassem do desespero que tantas vezes dita o que é feito entre duas pessoas.

Não pensou:

– Quem é você, cara?

O movimento dos dois foi veloz, ela virando e pegando a arma de cima da mesa, ainda envolta no coldre preto, ele puxando a dele do calcanhar. Mas então Viking reconheceu Charlie e imediatamente largou a arma no sofá, pousando uma mão suave no braço de Fran, que já tinha a Glock apontada para Charlie.

Os dois se levantaram do sofá devagar, trocando olhares.

– O que está fazendo aqui, Charlie?

– Vim conversar. Decidi brincar com você do jeito que fazia comigo anos atrás... só isso.

Charlie notou que a mulher era de estatura média, magra, mas com ossos largos, peitos e quadris de mulherão, e pele que indicava que era latino-americana. Cabelos na altura dos ombros, negros, nem bonita nem feia. Camisa e calça social preta, sapato de couro, sem salto. Agente.

Charlie suave, um nó preso na garganta. Desânimo tomou conta dele. Não queria lidar com o que estava por vir. – Porra, Viking...

Viu dor nos olhos do outro ao admitir a verdade óbvia. – Charlie, eu sou um agente federal.

– Puta merda.

– Sente-se, Charlie – ela falou, baixo, calma.

Por falta de energia para brigar, ele obedeceu. Precisava sentar. Afundou-se no sofá e fitou as duas pessoas à sua frente. Sacou, devagar, um maço de cigarros do bolso do paletó e puxou um com os dentes. Acendeu com um isqueiro Zippo e coçou a testa.

– Charlie, temos um problema agora – ela começou. – Então vamos conversar com calma. O que me diz?

O que poderia fazer? Estava ferrado. Completamente fodido.

Viking lambeu o lábio. – Agora você sabe quem eu sou. Meu nome é Robert Wesley Whitford. Sou um agente federal, e o homem que até hoje passou mais tempo infiltrado na máfia italiana. E eu sinto muito que descobriu dessa forma.

Meu Deus, estavam contando tudo. Iam dar um sumiço nele.

Ela se sentou, mais à vontade, e falou num tom comedido:

– Sabemos quem você é também, Charlie.

Ele sentiu o sangue drenar da cabeça.

– Sabemos que seu nome verdadeiro é Charlie Walsh, filho de Loreen Walsh, que mora em Chicago. Sabemos que Loreen Walsh deu à luz um filho em 27 de Setembro de 1965, no Mercy Community Hospital. Sabemos que você conseguiu documentos falsos em 1983 e veio para Las Vegas, onde meses depois estava conectado à família Conicci. Só não descobrimos o motivo.

Ele fumou, pensando que fora um idiota de achar que conseguiria viver aquela farsa para sempre. Começou a se perguntar se prisões federais eram melhores do que as outras, se seria assassinado lá dentro pelas ordens de Tony, se conseguiria barganhar, talvez, com aqueles dois, para que não o dedurassem para o chefe.

Viking estendeu a mão para acalmá-lo. – Charlie... não tenha medo de mim. Conte-me o porquê e talvez eu possa ajuda-lo.

– Todo esse tempo... – murmurou, sentindo-se pequeno, quase humilhado. – Pensei que fosse meu amigo, cara. Sei lá, pensei que... caralho, e você estava digitando relatórios sobre mim...

– Não, Charlie... Fran sabe que tenho feito o meu melhor para não incriminar você.

Ele olhou para Fran. Ela confirmou com um gesto de cabeça.

– O que quer com Tony? – Viking perguntou, calmo.

Charlie suspirou. A essa altura do campeonato, era melhor ser sincero. – Tony é meu pai.

Levou um tempo para Fran e Robert digerirem a informação. Trocaram olhares intensos, cheios de palavras.

Charlie sabia, enquanto agrupava as palavras em sua mente, que teria que contar para eles o que recusara-se a contar a si mesmo há anos. Lutara tanto, por tanto tempo, para esconder a verdade de si, e agora precisaria declará-la, em alto e bom som, para um traidor e uma agente federal.

– Tony es... violentou minha mãe em Nova Iorque, quando ela ainda tinha dezoito anos. Descobri quando completei a mesma idade.

Fran lambeu os lábios. – Está dizendo que se infiltrou por motivos pessoais?

– Tem coisa mais pessoal do que isso, Fran?

– Francesca Strong, para você, amigo, ainda não te dei essa liberdade.

– Charlie, mas a troco de quê? – Viking suspirou. – Se encheu de coragem juvenil e fez uma coisa estupidamente perigosa para o quê? Vingá-lo?

– Saquei, do jeito que você fala eu pareço um moleque inconsequente, um boçal, sei disso, mas porra, o que ele fez...

– O que ele fez é imperdoável – Francesca assentiu. – O que ele faz todo santo dia é pior ainda, Charlie. Você não faz ideia da extensão da maldade dele. O negócio deles está corroendo esta cidade. Há rios de sangue correndo sob seus pés e isso, sinto muito, é maior do que sua vingança pessoal.

Sentindo que o corpo pesava uma tonelada, ele amassou o cigarro num cinzeiro na mesa de centro. Olhou para os dois. – Tá... e agora? Vão sumir comigo? Vão me usar?

Viking olhou para Francesca mais uma vez, então falou, baixo, desanimado:

– Agora você continua onde está. Mantemos o *status quo*. O acordo está selado, Charlie. Não podemos dedurar um ao outro. Nenhum de nós quer morrer. E nós dois temos objetivos alinhados.

Passou horas na cama, fitando o teto, com a sensação que a cabeça ia fritar. Sabia, pela expressão de Francesca, que ela não confiava nele. Sabia que tentaria convencer Vik.. Robert, de que teriam que prendê-lo, armar alguma coisa com a polícia local, talvez, para que Charlie sumisse do mapa até que pudessem completar o trabalho deles. Mas vira os olhos do amigo. Robert não queria aquilo. Queria confiar em Charlie.

Ele deveria contar. Sabia disso. Deveria ganhar ainda mais a lealdade de Tony e contar tudo para ele. Subiria na hierarquia, tomaria o lugar de Robert como *caporegime*. Mas mesmo enquanto pensava naquela possibilidade, sabia que era coração mole demais para algo tão absurdo. Não conseguiria foder com Viking, mesmo que agora seu nome fosse Robert, mesmo que agora fosse uma merda de um maldito federal, mesmo que tivesse um caso com a chefe que um dia fora gostosa, a desgraçada da Francesca Strong.

Charlie sabia que estava perdido. Sabia que a segurança que havia criado em torno de si nos últimos anos acabara de ceder sob seus pés. E tinha certeza de que naquele momento era o desgraçado mais perdido do mundo quando, mesmo com aquela puta dose de realidade desabando sobre ele, seu último pensamento antes de finalmente pegar no sono, às quatro da manhã, foi em Rocket.

No frio, era difícil não fumar um cigarro após o outro. Ele estava lá com os caras, esperando o caminhão passar por ali para que pudessem interceptá-lo. O plano era um carro sair da areia do deserto que flanqueava a estrada, forçando o caminhão a parar. Eles fariam aquilo rápido: subjugar o motorista, fazê-lo abrir a parte de trás do caminhão, amarrá-lo e carregar a carga em três carros. Charlie conduziria um dos carros de fuga. Fabricio ia dirigir o carro porra-louca pela estrada, para forçar o caminhão a parar.

Charlie observava a estrada principal a vinte metros de distância. Seu coração batia rápido. Sentia-se diferente após a confissão de Viking, e sentia-se

vulnerável sabendo que o outro conhecia seu segredo e suas intenções. Viking agira com ele como o de costume na frente dos outros, nem parecia que aquela conversa havia de fato acontecido na casa dele. De fato, Charlie até teria pensado que sonhara aquilo, se não fosse pela verdade nos olhos azuis de Viking.

O que você está fazendo, Charlie?

Nos últimos cinco anos, ele dissera constantemente a si mesmo que tudo estava sob controle. Agora já não tinha tanta certeza. Aquela era a sua vida, ele simplesmente não conseguiria imaginar outra. Aqueles caras... a maioria deles eram seus amigos. Gostava deles. Era bom sair com eles, conversar com eles, sua companhia. Ele percebeu até mesmo que Tony... ele amava Tony a maior parte do tempo.

Charlie, lembre-se do que ele fez com ela. Ele a tratou como menos do que um animal. Ele destruiu sua vida inteira. Ele destruiu tudo o que ela poderia ter sido.

Mas... Tony o tratava como um filho. Tony sempre fora bom, Tony distribuía dinheiro, sempre ensinava coisas a Charlie.

Ele fechou os olhos. *Encare a verdade, isso está fora de seu controle. Você queria entrar e agora que está dentro percebeu que não dá pé. Você só tem que saber que quando chegar a hora certa, você precisa fazer o que veio aqui para fazer. Você veio aqui para destruí-lo. Mas Viking tem razão, boyo, você é só um moleque, inventando as regras dessa ridícula vingança à medida que os desafios surgem. Só precisava de um motivo para fazer as merdas que sempre quis fazer, e por cagada do destino sua mãe te deu um excelente motivo. Admita. Não sabe o que está fazendo, mesmo agora, mesmo tendo chegado tão longe. Mesmo depois de cinco anos.*

Ele ouviu uma buzina rápida e baixa, e abriu os olhos. Lá estava ele, o caminhão, todo branco, com a placa que Sully tinha mostrado a eles. Charlie endireitou as costas e jogou o cigarro pela janela. A porra toda ia acontecer.

Ele dirigiu lentamente em direção à estrada, sentindo a areia mover-se com resistência sob os pneus.

Viu Fabricio fechar a passagem do caminhão, que parou com uma derrapada agonizante. Charlie e os outros aceleraram e pararam perto da estrada. Ele saiu do carro e começou a correr em direção ao caminhão branco.

Um tiro.

Charlie abaixou, mas continuou correndo. Fora Fabricio que disparara um tiro de advertência para o motorista. Todos correram. Charlie podia vê-los com a visão periférica: Frey, Vinnie e Miguel, correndo em direção ao caminhão. Miguel foi o primeiro a chegar. Ele puxou o motorista para o asfalto enquanto o homem gemia por misericórdia. Charlie foi o segundo. Ele correu para a parte de trás do caminhão.

Miguel tinha o motorista sob mira. – Abra-o agora.

O motorista estava suando, tremendo, mas tirou um conjunto de chaves do bolso. Charlie era todo “thu-dum-thu-dum” enquanto esperava que ele abrisse as portas.

Charlie viu Frey e Vinnie caminhando em sua direção. Foi quando as portas do caminhão se abriram e Charlie os viu.

Um grande estoque de medicamentos e dois agentes do DEA no interior do compartimento de carga. Antes que ele pudesse reagir, eles começaram a gritar, apontando armas para eles:

– DEA, coloquem as mãos para cima, agora!

Charlie viveu um milésimo de segundo sem saber se deveria colocar as mãos para cima ou atirar neles, mas a ele não foi dada uma escolha. Ele ouviu um tiro atingir metal e em um segundo havia balas explodindo por toda parte. Viu os amigos correrem e se esconderem atrás de seus carros e Miguel chutar o motorista ao chão e correr o mais rápido que podia para trás do veículo de Fabricio. Todos disparavam uns contra os outros. Os sons dos tiros eram rápidos e crus, “clacks” e “placks” contra metal. Ele ouviu um monte de gritos, mas agora estava correndo em direção ao seu carro. Ouviu a respiração ofegante, sentiu o vento e o sol no rosto, os pulmões trabalharem duro e as pontadas no coração. Os pés usavam a areia quente para impulsioná-lo para frente. Tudo o que conseguia pensar era: *Burros, burros, fomos burros!*

Então ele sentiu. Algo mordeu sua perna. Ele continuou correndo, mas começou a fisgá-lo com tanta força que caiu na areia. Ele olhou. Viu a perna da calça encharcada de sangue escuro. Cacete, haviam atirado nele.

Tony olhava pela janela de sua casa. Lá, em sua sala, podia ver a piscina exterior, apenas uma fina folha de luz e vidro azul, ao que parecia, sob a lua cheia. Pela primeira vez sentindo que a idade estava chegando de mansinho, e que em breve acordaria e o reflexo no espelho seria o de um homem velho. Sentia todas as pressões: de lucros maiores para os Gnocchi, de criar uma família para seguir as tradições da *Cosa Nostra*, de mais território, mais poder.

Precisava dormir um pouco. Nada dava certo para as pessoas que dormiam até as dez da manhã e ele sabia disso. Seu tio lhe ensinara isso. Para ter sucesso, você precisa acordar antes de todos e ir dormir apenas depois de todo mundo já ter ido para a cama.

Estava subindo as escadas quando o telefone tocou.

Ele ouviu uma empregada atender. Mas um telefonema naquele horário nunca era algo sem importância. Parou nos degraus e esperou. Ela estava correndo em sua direção. – Vinnie para você, disse que é uma emergência, senhor. – E assim que entregou o aparelho a ele, foi embora.

– Vinnie?

– Tony, estou te ligando de um telefone público. O golpe deu merda, fomos emboscados por agentes do DEA escondidos no interior do caminhão. Eles levaram Charlie.

Ele pensou por um momento. – Prenderam-no?

– Sim. Merda. Merda. Atiraram nele e tivemos que dar o fora de lá. Fugimos, mas Charlie foi baleado e ficou para trás. Eles pegaram o carro também.

– Onde está todo mundo?

– Vamos nos encontrar na minha casa em duas horas. Esse era o combinado.

– Siga o plano, mantenha todos lá, calmos. Estou enviando Frankie para ajudá-los.

Charlie estava surpreendentemente sereno. Estava no hospital, mas também sob custódia. Eles tinham operado sua perna e extraído uma bala. O agente que atirou nele, ele descobriu, chamava-se John L. Dennison. Era o cara que parecia puxar ferro das nove às cinco, e apontara a Glock para Charlie, gritando: – Você está preso, seu merda! Coloque as mãos atrás das costas.

Por alguma razão, Charlie podia ouvir Viking dizer: “Você é jovem”.

Ela estava sob o efeito de analgésicos e sua perna estava enfaixada. Deitado na cama de hospital, olhava para a policial que estava de pé. Ela era até que bonitinha.

Ele falou. – Você é bonita.

Ela deu um sorriso de escárnio.

– Nossa, isso foi um elogio.

– Mantenha a boca fechada, porra. – Foi a resposta dela.

Ele deu de ombros. Olhou para o prato em sua frente. Ignorou a fruta, torradas com manteiga e escolheu a gelatina. Que droga, tinha gosto de nada. Mas ele a comeu.

Iria para a prisão e sabia disso. Tony ia mandar Sr. Pete Masini, advogado, mas tudo o que Pete seria capaz de fazer era evitar uma sentença maior. Ele não se sentia nervoso agora. Sabia que ficaria apavorado quando o efeito dos medicamentos passasse. Merda, ele iria para a porra de uma prisão.

A porta se abriu e um homem na casa dos cinquenta entrou. Usava um terno, o que era uma má notícia, e parecia normal, mas Charlie já aprendera algumas coisas. O homem só deu um olhar para a policial e ela saiu. Quando a porta se fechou, ele olhou para Charlie por um tempo. Então falou num tom calmo:

– Charles Retorini. Nascimento: 27 de Setembro de 1965. É você?

Ele não acreditava que Viking havia conseguido rastreá-lo e aqueles caras do DEA não. Ocorreu-lhe que Viking podia não ter relatado qualquer coisa sobre

ele ao FBI. Ou isso, ou a cooperação entre agências não estava tão boa ultimamente. Ficou aliviado. Ir para a prisão era uma coisa... ser um traidor da máfia era algo completamente diferente.

– Sim, sou eu, policial.

O homem riu. – Douglas Traborre, DEA.

– Desculpa.

– Então, vamos resumir: posse de arma de fogo, até quatro anos; o roubo do veículo, que vai te render mais três anos; e tráfico de drogas de prescrição, poderá ir até vinte anos.

– Eu não trafiquei – disse calmamente.

– Ah, você as queria para uso pessoal? Deve estar com uma dor de cabeça do caralho.

– Eu não vou dizer nada para você até o meu advogado chegar aqui.

Isso emputeceu Douglas, mas ele encolheu os ombros. – Que tal pegar apenas um ano em uma penitenciária federal de segurança mínima?

– Não farei acordos com você ou qualquer outra pessoa.

– Você nunca cumpriu pena, não é, Charlie? – sorriu.

Charlie sentiu arrepios pela espinha.

– Mas tenho certeza que seus amigos te contaram sobre a vida na prisão – disse Traborre, sentando-se confortavelmente em uma poltrona. – As gangues, os estupros, os espancamentos, a rotina cansativa, os guardas...

Charlie tentou parecer indiferente. – Não farei acordos – disse. Sabia que era a única resposta que um gângster podia dar, não havia alternativa.

– Sim, bem, eu vou lhe dar um tempinho para pensar no assunto mesmo assim. Minha oferta expira às cinco da tarde. – Ele levantou-se e saiu.

Sr. Pete apareceu três horas depois. Charlie ficou ligeiramente decepcionado por Tony não ter vindo com ele, mas entendeu que o chefe não podia ser ligado a esse crime. O advogado olhou para Charlie com um sorriso. – Ei, você aí, garoto. Como está?

– Estou bem, Pete. – mentiu.

– Tudo bem, eu falei com o juiz e é assim: você deixa o hospital amanhã. Ele sabe quem somos, então estabeleceu fiança de cinquenta mil, o que a família vai pagar. Então você não vai pra cadeia, você vai direto pra casa. Na próxima semana, você tem que aparecer no tribunal. Vai se declarar culpado de posse de arma de fogo com intenção de causar medo e violência.

– O quê?

– Sim, você deve dizer que estava pensando em roubar o motorista do caminhão e não fazia ideia do que estava na parte de trás.

– Mas eu estava lá com outros quatro caras...

– Sim, e eles iam roubar o motorista com você.

– Por quê?

– Porque se for condenado por isso, pega algo como dois anos. Se alegar qualquer outra coisa, é muito mais tempo. De uma maneira ou de outra, você vai cumprir pena, Charlie. Todos nós cumprimos, mais cedo ou mais tarde.

Naquele momento Charlie pensou na mãe.

– Mas o DEA vai ter provas de que tínhamos armado aquilo, quer dizer, se estavam lá, sabiam. Têm provas.

– Não, só têm uma testemunha, que está morta. O filho da puta do Sully. Não parece que têm nenhum tipo de gravação nem nada. E o juiz vai dar uma ajuda, está na nossa lista de pagamentos. Determinou uma fiança alta para não chamar atenção. Tá tudo bem, Charlie, mas você foi pego... não podem te soltar, vai ter que cumprir pena.

Sully, aquele desgraçado era o motivo pelo qual Charlie estava nessa roubada. Quase ouviu a voz de Loreen: “Não, você é o motivo pelo qual está nessa confusão, *boy*”.

– Olha, Charlie. A prisão é algo por qual todos passamos uma vez ou outra. Não é fácil, é verdade, mas você vai sobreviver. Vai te deixar mais forte. Você está conectado a pessoas poderosas, vão te deixar em paz lá dentro se aprender a ficar esperto.

As palavras não eram fortes o suficiente para animá-lo.

– O que Tony pensa de tudo isso?

Pete deu de ombros. – Isso não é novidade para Tony. Ele gosta de você, Charlie, é claro que ele está chateado, mas sabe que você não vai dedurar ninguém. Ele sabe que você é um cara de confiança.

Charlie nunca se sentiu tão sozinho em toda a sua vida.

Quando Charlie entrou na casa de Vinnie, todos os caras estavam lá, esperando por ele. Cumprimentaram-no com tristeza genuína, com abraços e tapinhas nas costas. Todos expressaram o quanto lamentavam que tivesse sido ele. Eles o encorajaram e até mesmo deram-lhe dicas sobre como agir nos primeiros dias na prisão. Seus olhos encontraram os de Viking e ele percebeu que o gigante estava triste. Ele não podia fazer nada para ajudar, e Charlie sabia disso. Mais uma vez Charlie sentiu-se decepcionado que Tony não se dera ao trabalho de aparecer. Sabia que era infantil querer que o chefe demonstrasse preocupação com a ida dele à prisão. Mas saber que um sentimento é idiota não é o suficiente para parar de senti-lo.

Ele foi condenado por posse ilegal de arma e tentativa de sequestro. Foi sentenciado a três anos no Instituto Correcional de Nevada.

Ele passou o tempo antes do julgamento em seu apartamento, apesar dos amigos terem dito que deveria sair e desfrutar a liberdade. Mas não tinha vontade

de sair. Ele aproveitou as refeições, no entanto. Era praticamente impossível para Charlie ganhar peso, então ele comeu muito, sabendo que a comida lá dentro seria o inferno. Ele assistiu muita TV, melancólico, imaginando como tinha se permitido ser tão burro. Os caras tentaram animá-lo, aparecendo no apartamento com mulheres e cerveja. Ele aceitou aquele conselho também, as mulheres. Sabia que passaria quase três anos sem sexo com uma mulher, então trepou com o maior número de mulheres que os amigos levavam para o apartamento. Pensava em Rocket às vezes, mas sabendo que estava tão próximo de ser enjaulado, matou sua vontade de vê-la.

Em seu último dia de liberdade, Viking apareceu.

Bebiam cervejas e comiam hambúrgueres em silêncio, num restaurante não muito longe do apartamento. Então Viking falou:

– Olha, se houvesse algo que eu pudesse fazer por você, eu faria. Mas não há, Charlie. Isso é uma coisa com o DEA, não posso interferir.

– Eu sei disso, Viking. Quer dizer... Robert – murmurou.

– Não faça isso... sei que está puto comigo, que se sente traído. Mas você mentiu para mim tanto quanto menti para você... estamos quites e sabe disso. Você quis isso, quis esse mundo... e a prisão faz parte dele.

O pior era não poder argumentar e ter que engolir a raiva. Viking percebeu e continuou, num tom que ajudou a tranquilizar Charlie:

– Quando chegar lá, tem que parecer tranquilo. A melhor maneira de mostrar-lhes que não devem mexer com você é parecer calmo. Se você mostrar a alguém que está com medo, então já era. Não espalhe pra todo mundo que você está na máfia, deixe que eles façam isso. Ser poderoso é como ser engraçado, se você tem que dizer às pessoas que você é... então você não é.

Isso fez Charlie esboçar um sorriso frágil.

– Quando o primeiro grupo for atrás de você, e confie em mim, eles irão, é quando você tem que permanecer calmo. É a eles que você deve mencionar quem é. Deixe-os espalhar o boato. Se você realmente convencer as pessoas de que está ligado a Tony Conicci, então vão deixá-lo em paz. Se ficar no caminho de alguém, se bancar o herói ou qualquer coisa do tipo, vai ser seu fim. Não interfira nos problemas de ninguém. Permaneça o mais quieto que puder, fale com o menor número de pessoas possível. Esse é o melhor conselho que posso te dar. Se alguém estiver fodendo com alguém, não é o seu lugar tomar um partido. Sempre se faça de cego. Não banque o herói.

– Tudo bem.

– Os dois primeiros meses são, com certeza, os piores. Depois vai passar mais rápido. A coisa boa sobre o Instituto Correccional de Nevada é que é organizada e todos os prisioneiros têm empregos, seja no interior ou no exterior. Eu duvido seriamente que você vai poder trabalhar fora da prisão. No começo, terá os piores trabalhos, limpando banheiros e coisas assim. Se você fizer tudo

direitinho sem reclamar, e os guardas gostarem de você, então vai conseguir empregos melhores. Tem alguma habilidade especial?

– Não.

– Bom, então... na verdade... Tony disse que você sabe cozinhar.

– Um pouco, quero dizer, eu sei o básico... minha mãe trabalhava o dia todo, então eu basicamente tive que cozinhar desde que tinha doze anos.

Ele deixara escapar. Nunca fora sua intenção falar de sua mãe para qualquer pessoa, nem mesmo Viking.

Viking mordeu o hambúrguer. – Ela deve ser forte – murmurou.

– Ela é.

Ficaram em silêncio por um tempo.

– Você quer que eu diga a ela? – Viking finalmente perguntou.

Charlie balançou a cabeça. – Não. Está tudo bem. Ela não quer falar comigo. Ela não fala... desde que sai de casa. Devolve o dinheiro que eu mando... por isso é melhor que ela não saiba.

– Ela deve odiar o que está fazendo, Charlie. Quer dizer... você está se tornando ele.

– Eu estupro alguém? – Charlie olhou em seus olhos.

– Não.

– Então não sou ele. Eu não virei as costas para uma mulher que estava esperando o meu filho.

Viking ficou quieto.

Charlie foi lembrado, como se atingido por um raio, do quanto odiava Tony. Tudo aquilo voltou para ele em um instante. Ele bebeu sua cerveja. Decidiu não falar mais sobre seus pais.

Viking voltou para o ponto anterior:

– Bem, no instituto você pode trabalhar na cozinha, é um dos melhores empregos. Tudo o que tem a fazer é provar para os guardas que é digno de confiança e que sabe cozinhar.

– Fácil assim? – Charlie sorriu tristemente.

– Alguém te falou que ia ser fácil?

A primeira coisa que aconteceu foi o “policial macho alfa” lendo algumas coisas de um arquivo e Charlie tendo que assiná-lo. Eles coletaram impressões, tiraram fotos e deram-lhe roupas novas. Calça e camisa azuis, uma camiseta branca para ser usada por baixo. Ele teve que se despir completamente e ficar em uma fila de homens nus: a natureza em todas as suas cores, formas, tatuagens e pentelhos. Após a inspeção, entrou em outra fila com outros novos detentos. Havia seis deles.

Enquanto caminhavam pelo corredor, prisioneiros mais antigos pressionaram o rosto contra as barras para dar uma olhada. Ele tentou parecer relaxado, mas as palavras deles o apavoravam. “Carne fresca” e coisas do tipo. Ele olhou para frente e seguiu os guardas pelo corredor. Não tinha uma aparência tão ruim. Ele tinha ouvido falar que o Instituto Correcional de Nevada era razoavelmente limpo.

Houve um apito e ele parou de andar. Um guarda aproximou-se e abriu uma cela. – Retorini, bem-vindo ao lar – falou em voz alta.

Charlie deu um breve olhar ao redor. Havia um jovem garoto na fila de novos presos que estava chorando. Os demais pareciam assustados, apenas. Três eram negros, os outros eram brancos como ele. O guarda deu-lhe um empurrão, e ele levou um segundo para engoli-lo. Não estava acostumado a ser agredido. Entrou na cela e deu uma boa olhada na sua casa pelos próximos três anos. Dois metros e meio por três. Um beliche, uma pequena pia de lata e um vaso sanitário. Apenas isso. Seu companheiro de cela estava deitado no colchão de cima. Ele era um latino baixinho. Bíceps grossos cobertos de tatuagens. Jesus Cristo era uma delas, e a outra era uma mulher nua voando numa vassoura.

– Gonzalez, apresento teu novo melhor amigo – falou o guarda. Em seguida, ele trancou a cela e foi embora com o resto da carne fresca.

Charlie jogou o cobertor e as roupas no leito inferior. Então olhou ao redor. Sinceramente não achava que conseguiria passar três anos ali.

– Foi preso por quê? – foi a única coisa que Gonzalez perguntou.

Ele não perguntara aos caras se deveria mentir ou dizer a verdade sobre o motivo que o levaria à prisão. Ele sentiu o desejo de incrementar a sua razão de estar ali, de modo que eles o temessem. Mas então, se mentisse, poderia, mais cedo ou mais tarde, acabar dizendo alguma coisa que o desmentiria, e assim estaria em apuros. Ele decidiu contar a verdade.

– Sequestro e posse ilegal de uma pistola.

– E quanto tempo isso te rendeu?

– Um pouco menos de três anos. – Ele finalmente virou-se para olhar para a sua nova esposa. – E você, Gonzalez?

– Tráfico. Estou aqui há cinco anos. Tenho mais três.

– Alguma coisa sobre compartilhar uma cela com você que eu deveria saber? – Ele se deitou.

– Se você me tocar, eu corto suas bolas e enfio elas no seu cu.

Charlie suspirou. – Só isso?

O momento que ele temera finalmente chegou. O pátio. Era lá que a socialização acontecia. É onde ele iria encontrar perguntas e problemas. Quando o sinal soou, ouviu as portas das celas se abrirem. Seu coração começou o “thudum-thu-dum” de novo, mas ele vestiu sua expressão de calma. Todos derramaram-se para fora das celas e caminharam até o pátio sob os olhos dos guardas.

Isso seria o mais próximo que ele chegaria da liberdade durante anos. A tarde estava cinzenta e sem graça, mas ele gostou da brisa leve.

Encontrou umas arquibancadas baixas e vazias e se sentou em um degrau alto, acendendo um cigarro. Observou o quintal com atenção. Viu os grupos: homens negros andando juntos, com sua própria maneira de andar e fazer piadas; os neonazistas bem separados do resto, músculos enormes, cabeças raspadas e tatuagens; havia homens de idade também, e o grupo deles era mais heterogêneo; os latinos também estavam lá e seu companheiro de cela entre eles. Um homem magro com um rosto áspero havia olhado em sua direção algumas vezes. Ele também tinha seus seguidores.

Charlie viu um grupo de homens brancos caminharem em sua direção. Ele tentou parecer calmo, então se inclinou para trás em seus cotovelos e fumou.

Quando chegaram perto dele, ele identificou o líder imediatamente: andando na frente de todos, um rosto quadrado e olhos azuis. Nada fora do

comum sobre a sua composição física ou altura. Devia ter quarenta e poucos anos. Seis amigos com ele.

– Carne fresca, você tá sentado no meu lugar – disse calmamente. O que surpreendeu Charlie foi a maneira como ele falava. Sua voz era suave e ele falava como um cantor de bar, como se estivesse dizendo a uma mulher que a amava. Soou como: “Carne frexca, tâssentadom nomêeeu lugaar”, como uma canção.

– Desculpe, eu não sabia que esse lugar era seu – falou Charlie. – Importa-se se eu me sentar aqui?

Eles vão extrair seu coração com uma colher, Charlie.

O homem riu. Uma profunda voz de fumante. Seus amigos não riram.

– Eu entendo – disse ele, lentamente. – Você tem que mostrar que é durão. Eu entendo. Mas o que você não entende é que eu também tenho que provar que sou durão. Se eu te encher de porrada aqui e agora vai ser bom pra mim. Estou tentado.

– Ei, você está certo – disse. – Mas, por outro lado... eu sei de algo que ficaria ainda melhor no seu currículo. Posso ter a chance de explicar?

O homem olhou para trás, para seus amigos. Em seguida, de volta para Charlie.

– Tudo bem – disse Charlie. – Você não acha que seria bom estar *conectado*, por assim dizer, a um membro de uma temida família da máfia? – Ele fumava.

– E esse seria você?

– Ah, sim.

Ele considerou isso. – Qual família?

– Conicci. Eu sou soldado do Tony. Acima de mim na cadeia alimentar estão apenas cinco outros caras: Sr. Pete, Frankie Gnocchi e seu filho Fabricio, Vinnie Ruggiero e o próprio Tony Conicci.

O Fala-mansa observou Charlie. – E como vai provar isso?

Merda, merda, merda.

– Me dê até quarta-feira, quando são permitidos visitantes. Se eu não receber uma visita do próprio Tony Conicci, você pode me matar ou fazer o que tinha em mente. O que tem a perder? Você cria laços com a máfia, eu fico em paz aqui neste lugar encantador. É uma situação em que todos saem ganhando. Se eu não for quem eu digo ser, você me bate na frente de todo mundo, você ganha.

– Hoje é segunda. Consiga que Tony Conicci o visite neste pedaço de merda até quarta-feira ou você é carne *morta* – disse.

– Ótimo. Como se chama?

– Jorell.

– Igual o pai do Superman?

O cara atrás de Jorell foi para cima de Charlie, mas o seu líder o deteve com um gesto.

– Eu não quis desrespeitá-lo – falou Charlie, alarmado. – Sinceramente.

Mas Jorell riu. – Garoto, é melhor você ser quem diz. Agora levanta daí para que eu possa sentar.

– Claro. Mas vamos apertar as mãos antes de eu ir.

Jorell hesitou, então ele ofereceu a Charlie a mão. Charlie sabia que tinha ganho esta batalha. Todo o pátio assistia essa troca. Ele apertou a mão de Jorell e afastou-se da arquibancada, sentindo todos os olhos nele.

Mas, quando ele ligou para Vinnie do telefone público no pátio, teve más notícias:

– Tony está em Philly, Charlie.

– Cara, me escute, Vinnie, eles vão me matar. Preciso provar para esses caras que sou um homem feito. Eu preciso da presença de Tony no dia de visitas.

– Desculpe, Charlie, isso não dá. Eu estava pensando em visitá-lo eu mesmo, levar alguns maços de Marlboro, e Suzie ia fazer um bolo de cenoura, ela sabe que você ama.

Ele fechou os olhos. – Jesus, eu preciso de sua ajuda, Vin. Estou...

– Por que você acha que Tony iria visitá-lo na prisão? Charlie, pense sobre a burrice disso.

– E que tal Pete? Será que ele pode vir?

– Eu posso falar com ele.

– Vin, estou feliz por saber que você viria. Estou mesmo. Mas eu não acho que esses filhos da puta vão ficar muito impressionados.

– Eu vou pensar em alguma coisa.

– Obrigado... sinto falta de vocês.

– Ainda é o seu primeiro dia, garoto.

Ele não queria tomar banho. Mas que escolha tinha? Entrou e havia cerca de quarenta homens tomando ducha ao mesmo tempo.

Orou em silêncio ao deus dos idiotas e removeu a toalha, pendurou-a e ligou a água. Tinha uma temperatura boa, ele não sabia por que havia imaginado que a água fosse de um frio congelante na prisão. Percebeu alguns olhares curiosos em sua direção. Desejava pesar cento e cinquenta quilos e ser feio como um morcego agora. Decidiu tomar a ducha mais rápida da história, então esfregou o corpo com o sabão o mais rápido que pôde e desligou a água.

O problema veio quando ele estava se vestindo. Havia uma área adjacente aos chuveiros, onde todos tinham que se trocar e despejar as toalhas em um enorme cesto. Ele estava começando a se vestir quando sentiu alguém atrás dele. Viu, quando seus olhos se moveram para os lados, que os outros prisioneiros estavam saindo. Ele virou-se, cagando de medo, mas sem demonstrar. O que ele

viu foram três homens. O mais alto era enorme, quase como Viking, e tinha os cabelos vermelhos.

Os outros tinham a pele de um branco leitoso e o cabelo preto. Irlandeses.

– Há boatos sobre você, bonitão – disse o mais alto, Ruivo. – Que você está conectado aos *italianos*. – Ele tinha um trevo de quatro folhas tatuado no braço.

– Quem te disse isso?

Foi um golpe rápido no nariz. Ele quase perdeu o equilíbrio, a dor se espalhava como um vírus, o sangue escorria pelos dedos. – Porra! – ele estalou.

– Segurem-no – disse o Ruivo.

Antes que pudesse reagir, estavam em cima dele como tanques. Viraram-no de costas e seguraram-no pelos braços contra os armários. Ele tentou lutar, mas não era nada comparado a eles, e eram três. Ele ouviu o Ruivo falar perto de seu ouvido: – Se você relaxar, vai doer menos.

E ele ouviu os outros rirem.

– Porra, eu sou irlandês, cara! – ele berrou. – Assim como você!

– Irlandês? – sussurrou o capanga número um. – Você é tão italiano quanto pizza.

– Não... cara, me escuta. Minha mãe é irlandesa. Seu sobrenome é Walsh. Eu cresci ouvindo contos irlandeses: Guleesh, Hudden e Dudden e Donald O'Neary. – Ele fechou os olhos. *Merda, merda*. “Thu-dum” de novo. – Rei O'Toole e o seu ganso!

– Soltem ele – disse Ruivo. Os capangas hesitaram, mas obedeceram. Charlie virou-se para encará-lo.

– Eu juro, cara – falou baixo.

Ruivo se aproximou. Charlie achou que ia beijá-lo. – Para quem você está mentindo, vadia? Você é carcamano ou irlandês?

– Sou irlandês. Eu menti sobre estar envolvido com a máfia para me deixarem em paz. Essa é a verdade. Posso recitar todas as histórias irlandesas já contadas, consigo cantar todas as porras das músicas, estou falando sério.

– Você não devia ter feito isso. Devia ter se juntado a nós e iríamos te oferecer proteção.

Como sairia dessa?

– Eu não posso. Há pessoas do lado de fora que pensam que eu sou italiano – ele suspirou.

Ele estava perdido de qualquer maneira. Logo tudo isso iria se espalhar. Ele não tinha nada que eles queriam, nenhuma carta, nada para negociar. Ele estava praticamente morto, ali dentro ou lá fora.

– O que você acha, Flynn? – Ruivo perguntou para o bandido número dois.

– Eu acho que ele está dizendo a verdade. Mas ainda acho que ficaria parecido com uma garota se ficasse de quatro.

Charlie quase se borrou.

O capanga número um riu.

Era hora de Charlie virar macho. Ele olhou Ruivo nos olhos. – Eu quero falar com você em particular. Sem eles. Tenho uma boa história para contar.

Ruivo parecia suspeitar daquilo.

– O que eu vou fazer? – Charlie perguntou. – Você tem o dobro do meu tamanho, cara.

– Tudo bem. Falaremos amanhã no pátio – ele murmurou. – Vamos sair daqui.

Charlie não podia acreditar quando os viu sair. Pensou que fosse chorar, de tão assustado que estava. Mas tinha sobrevivido. E agora outro problema: como ia falar com ele no pátio, na frente de todo mundo que achava que ele era italiano?

A noite finalmente chegou. O jantar tinha sido horrível. Charlie se acostumara com boa comida. Crescera pobre, mas com uma mãe que era uma cozinheira maravilhosa, e, com o seu metabolismo acelerado, ele pôde comer qualquer coisa durante toda a vida. Passar todo seu tempo com italianos nos últimos cinco anos não tinha ajudado. Eles comiam bem, aqueles caras. Assim, quando Charlie teve que engolir carne misteriosa, legumes ao vapor e molho industrial, ele realmente pensou em desistir e se enforçar.

Mas a noite chegara. Ele estava deitado em sua cama às oito e logo ouviu os guardas gritarem: “Apagar as luzes!”, e tudo ficou escuro. Ele respirava devagar, grato por ter um companheiro de cela heterossexual. Mas não conseguia dormir. Ele não fazia ideia de como sobreviveria ao dia seguinte, e sabia que tinha que pensar em algo. A única chance que tinha era contar a Ruivo toda a história. Ele talvez se simpatizasse com Charlie e o deixasse continuar desfilando sua italianice... mas, mesmo se isso funcionasse, ainda havia a questão da visita improvável de Tony.

Cerca de uma hora se passou e tudo ficou em silêncio, quando o ouviu. No início, foi o som de alguém chorando, então ele ouviu gritos dentro de uma cela. Gritos de “Cala a boca!” e algumas obscenidades. Charlie ficou apavorado por ouvir aquilo. Ele se perguntou qual dos caras novos seria. Ouviu todo o estupro, durante algo entre oito a dez minutos. No meio de tudo, puxou o travesseiro sobre a cabeça, mas não adiantou nada. Então houve silêncio absoluto por todo o bloco. Ele ouviu Gonzalez sussurrar da cama superior:

– *Bienvenido al infierno*, Carlitos.

No pátio, Jorell e sua gangue estavam sentados nas arquibancadas. Charlie achava que deveria acabar com isso o mais rápido possível. Assim, caminhou direto ao bando. – Jorell, tenho que falar com você – murmurou.

Todo mundo olhou para ele.

Jorell inclinou-se para frente, os cotovelos sobre os joelhos. – Fala, mafioso.

– Eu liguei para Tony ontem. Ele não pode vir porque está na Filadélfia. Mas vai mandar alguém me visitar. Provavelmente o Sr. Pete ou Vinnie.

Os amigos de Jorell observavam-no atentamente.

– Então você tem um problema, mafioso, porque eu não faço a mais puta ideia de quem Sr. Pete e Vinnie são. Nunca vi fotos deles por aí. O *capo*... seria uma coisa do caralho se ele desse as caras por aqui, mas um cara gordo que eu nunca ouvi falar? Como isso iria ajudar?

– Bem, essa é a verdade, cara. Sr. Pete é o *contabile*, ele é o único que pode aparecer aqui. Você pode perguntar por aí o quanto quiser. Tem alguns jornais na biblioteca. Eu posso mostrar pra você algumas reportagens velhas e provar o que estou dizendo.

– Biblioteca? Está falando sério?

– Eu acho que se você comprar uma briga comigo, vai se arrepender.

Foi quando Jorell levantou-se. – Está me ameaçando?

– Absolutamente não. Eu morro de medo de você. Mas eu também sei que estou dizendo a verdade e tudo o que estou te pedindo é para me dar uma oportunidade alternativa de provar.

– Não posso fazer isso, Charlie. Conicci aqui no Instituto Correccional de Nevada na quarta-feira ou sua cabeça no meu prato.

Suando, ele caminhou até Ruivo, como se estivesse com pressa ou pronto para insultá-lo.

– Manda seus amigos embora – disse, baixo.

Ruivo olhou para os bandidos um e dois e eles se afastaram.

– Escute aqui – disse Charlie. – Eu vou te contar a coisa toda, mas não pode ser aqui ou agora. Os italianos estão me observando. Então, me diga quando podemos nos encontrar e aí nós dois vamos brigar.

Ruivo parecia surpreso. – Eu não acho que estou tão interessado assim na tua história, cara.

– Confie em mim, está. Mas tenho uma identidade falsa e você está fodendo com tudo. *Quando?*

– Nos chuveiros, onde mais? – ele sorriu. – Se eu não gostar do que você tem para me dizer, então você tá bem fodido, não é?

– Suponho que sim. Agora me encha de porrada.

Ruivo o socou, infelizmente no mesmo lugar que no dia anterior. O nariz começou a sangrar de novo, mas, desta vez, Charlie revidou. Ruivo caiu com um gancho de direita no queixo. Em um segundo os outros prisioneiros estavam ao redor deles. A maioria apenas assistindo, rindo, enquanto os capangas entravam na briga. Charlie chutou um deles na rótula e o outro no peito. Deu tempo o

suficiente para se virar, desviar do soco de Ruivo e o jogar no chão. Ele foi contido por dois guardas que entraram na briga com cassetetes. Quando olhou em volta, viu duas coisas. Uma: ele tinha conseguido a atenção de todos agora. E duas: os guardas nas torres tinham suas espingardas apontadas diretamente para seu peito. Era uma porra de uma sensação.

Bells, um guarda gordinho, que era o pior entre eles, caminhou até Charlie e olhou-o nos olhos. – Você acabou de chegar aqui, Retorini. Ainda não entendeu o significado da palavra *solitária*, não é?

Sim, pelo menos na solitária ninguém poderia matá-lo ou enfiar o pinto no seu rabo.

Charlie não falou, mas ele tinha que cuspir o sangue de sua boca, e assim o fez.

– Homens, levem-no para a solitária por três dias para deixá-lo calminho – ele disse em voz alta. Então olhou para o irlandês. – Vocês três voltem para suas celas.

A solitária não era como mostravam nos filmes. A solitária era a pior coisa que poderia acontecer a uma pessoa, Charlie pensou.

No início, ele ficou aliviado. Dentro da pequena cela, negra como breu, ele se sentia seguro. Ninguém poderia tocá-lo lá dentro. Ele tinha três dias para pensar, dormir em paz... mas não foi nada daquilo.

Na quarta hora, ele começou a se sentir frustrado por não enxergar nada. É uma coisa horrível ficar no escuro daquele jeito. Ele achou que iria enlouquecer. Arregalava os olhos e, ainda assim, eles não se fixavam em imagem alguma. Outra coisa era encontrar uma posição confortável. Não havia uma. Se ele ficasse sentado por um longo tempo, a bunda começava a doer. Então ele se levantava, e logo se sentia cansado. Deitava-se e logo suas costas e principalmente sua cabeça doíam. Mudar de posição durante o dia todo irritava-o profundamente.

Depois veio a solidão. Estar preso com o nada, além dos pensamentos, era absolutamente enlouquecedor.

No segundo dia, Charlie cedeu.

Ele chorou por horas. Chorou porque lamentou o dia em que decidira infiltrar-se na vida de Tony, chorou porque sua mãe estava com raiva e decepcionada, chorou porque queria estar livre. Chorou porque não era uma pessoa que poderia se acalmar e ser feliz com um trabalho normal, uma esposa amorosa e filhos. Ele sabia isso sobre si mesmo. O que mais amava sobre a máfia era o perigo dela. Em momentos como o que colocara-o neste lugar, ele se sentia feliz e vivo. Charlie entendia que nunca saber o que ia acontecer era o que o atraía. A adrenalina, a violência contra as pessoas violentas... tudo aquilo o atraía.

Depois do choro, veio o silêncio. Ele ficou lá, dizendo a si mesmo que iria acabar em breve. Decidiu que se mexer era a melhor coisa para o seu corpo e mente, então ele começou a fazer flexões. Fez uma centena. Então fez abdominais e alongamento. Sentiu-se melhor depois.

Ele estava começando a odiar o seu próprio cheiro. Odiava o cheiro de urina que emanava do canto da cela. Logo perdeu a noção das horas e não fazia ideia de quanto tempo estivera lá.

Cada hora se estendia e parecia durar um dia inteiro.

Em algum momento, ele começou a planejar. Colocou a mente para funcionar e planejou o que iria fazer quando saísse de lá. Uma arma que ele poderia usar: Viking. Ele poderia ligar para Viking e ver o que dava para ser feito em relação à obtenção de um emprego de prestígio lá dentro. Então deveria telefonar para Vinnie mais uma vez e ver se Tony poderia aparecer no próximo dia de visita, sábado. Mas como seguraria Jorell e Ruivo até então? Com Ruivo, a única escolha era dizer a verdade. Com Jorell, ele teria que pedir-lhe para esperar até sábado.

Quando as horas pareciam se estender por mais tempo, Charlie começou a sussurrar a si mesmo para relaxar a mente. Ele ficou com medo real de pirar. Teria que ir ao banheiro, mais cedo ou mais tarde, e não tinha certeza se poderia lidar com cagar dentro da própria cela. Ele cantou algumas músicas. Sentiu algum inseto rastejar pela sua perna e gritou como uma menina, depois se sentiu como um completo idiota por isso. Ele ansiava por um cigarro insanamente. E, fisicamente, doía pensar em boa comida, bebidas geladas, mulheres e cigarros. Especialmente as mulheres. Pensar no corpo delas enlouquecia-o. Mas estava deprimido demais para fazer algo a respeito.

Então a porta se abriu e a luz o cegou. Ele cobriu os olhos e ouviu:

– Acorde, princesa. Seus três dias chegaram ao fim.

Ele se levantou, sentindo as pernas dormentes, e tentou enxergar em sua frente. O ar era uma bênção, sentir a brisa no rosto... que absurdo que as pessoas não dão valor ao ar. Lentamente, começou a enxergar melhor, mas se sentia tonto. Um guarda tinha uma mão firmemente em torno do seu braço. – Vamos para o chuveiro, você fede, seu filho da puta.

Então ele conseguiu tomar um banho sozinho. Ele agradeceu a Deus por aquilo. Conseguiu vestir roupas limpas e saiu para o pátio. Um monte de caras olhavam-no com curiosidade, alguns conversando com outros sobre ele. Charlie continuou andando, encontrou um lugar macio na grama, sentou-se e acendeu o primeiro Marlboro em três dias. Parecia o paraíso.

Quem veio caminhando em sua direção era o seu companheiro de cela, Gonzalez.

– Ei, cara, você está bem? – ele perguntou com aquele sotaque pesado.

Sentou-se ao lado de Charlie na grama.

– Poderia ser pior, eu acho. Sentiu minha falta?

– Sim, saudades do seu ronco – brincou.

Charlie sorriu. – Meu Deus, como você sobreviveu a isso, Henrique?

– Bem, para mim não foi tão difícil. Entrei para o grupo de latinos católicos logo que eu cheguei aqui. Deixaram-me em paz.

– Então esse é o segredo? Encontrar o seu grupo, descobrir onde você pertence?

Gonzalez deu de ombros. – Eu acho. Mas não é assim tão fácil para ninguém.

– Você foi... você sabe?

Gonzalez ficou quieto. Ele não respondeu. Charlie achou melhor não perguntar mais. Mas depois Gonzalez falou, baixo:

– No meu primeiro dia, alguns caras me bateram pra caralho. Eu desmaiei e acabei na ala dos doentes. Quando acordei, o médico disse que tinham abusado de mim. Fiquei aliviado por estar inconsciente quando aconteceu, mas mesmo assim senti dor por três dias. Então, assim que saí, virei católico, não tive escolha. Falei para eles o quanto eu queria encontrar Deus e Jesus, e por isso eles me acolheram. Vá por mim, eu não acredito em nada daquela merda, mas eu li toda a porra da Bíblia vinte malditas vezes.

– Sim, mas eu não pareço latino.

– Você tem que encontrar uma maneira, Charlie. Aquele ruivo vai te colocar contra a parede, mais cedo ou mais tarde.

– Não, eu tenho que dar um telefonema.

Foi na manhã seguinte, às sete, que Bells foi buscar Charlie durante o café da manhã. Ele não sabia se isso era bom ou ruim. Ele não fez perguntas. Seguiu os guardas até a torre norte, onde entrou num escritório chique. A secretária nem olhou para ele. Ela tinha uns quarenta e tantos anos e era bem gordinha, e ela era uma mulher, Charlie não via uma há um tempo. Tinha peitos e tudo mais, e ele queria transar com ela em cima da mesa. Esses pensamentos foram interrompidos por Bells dizendo:

– O diretor está esperando por você, Retorini, vamos lá.

O diretor?

Charlie levantou-se, sentindo-se como se estivesse caminhando para a forca, e entrou num grande escritório com uma bandeira americana e uma bandeira do estado de Nevada atrás da mesa. O diretor era um homem careca e alto, que um dia havia sido forte e bonito. Charlie ficou parado lá enquanto o homem o inspecionava. – Charles Retorini? – disse ele, lendo um arquivo. – Sente-se.

Charlie assim fez. Ele leu: “Edward Cuthbert, diretor”.

– Disseram-me que teve uma primeira semana muito difícil. Brigas, solitária... você tem algo a dizer sobre isso?

– Eu acho que faz parte – ele murmurou.

– Hoje um dos nossos conselheiros deveria atribuir-lhe um emprego. Mas aí eu recebi um telefonema de Francesca Strong, do FBI. Ela me disse que a única razão pela qual você está na prisão é porque ajudou um agente secreto. Honestamente, filho, eu admiro isso.

Deus abençoe Viking.

– Bem... o agente de quem você está falando é um amigo.

– Sim, ele é. Pediram-me favores. A partir de agora você trabalha na lavanderia e, em dois meses, será promovido a assistente de cozinheiro.

Charlie sorriu.

– Você vai ser pago vinte e um centavos por hora e seus dias de folga serão às terças-feiras.

Sim! Sim!

Mas o diretor se inclinou para frente. – Seria uma coisa muito idiota abusar da minha bondade, Retorini. Na verdade, esta é uma das melhores prisões do estado. Somos organizados, éticos e sérios. Eu estou te dando uma mão. Se você fizer uma única coisa que me faça lamentar este momento, confie em mim, você vai pagar. A solitária vai parecer o céu quando eu acabar com você. Está entendido?

– Sim, senhor.

– Tudo bem. Você está dispensado. Começa a trabalhar amanhã.

Ele foi para o pátio com um sorriso enorme no rosto. Passou por todo mundo e encontrou Jorell, que estava sentado na arquibancada com seus amigos.

– Como foi a solitária, Charlie? – perguntou, com a voz suave de sempre.

Charlie sentou-se ao lado dele. Isso pareceu surpreendê-lo e seus amigos ficaram embasbacados.

– É horrível. Mas eu tenho notícias pra você.

Jorell olhou para ele como se estivesse dividido entre o desejo de matar Charlie ou rir.

– Vou começar a trabalhar na lavanderia muito em breve e então serei promovido a cozinheiro. O que isso quer dizer?

– Que você tem amigos importantes.

– Ah, sim. Podemos parar a merda entre nós agora? Tudo que eu quero é sentar na arquibancada de vez em quando.

Jorell observou Charlie por um minuto inteiro. Charlie teve medo de levar outro soco no nariz. Mas então Jorell começou a rir.

Gonzalez estava lendo novamente.

Charlie começara a ler também. No começo, Gonzalez lhe entregava um livro depois de lê-lo. E as poucas horas antes de apagarem as luzes eram tão entediadas que Charlie começou a lembrar o gosto que tivera pela leitura. Logo percebeu que as histórias nos livros tinham o poder de tirá-lo de lá e levá-lo a outros lugares. A leitura tornou-se algo que ele antecipava durante as longas horas na cozinha quente. E então se deu conta de que poderia usar o seu tempo na prisão para aprender. Assim, começou a pedir livros sobre coisas que lhe interessavam: economia, direito, história do crime, história da máfia, história irlandesa, história celta, história italiana e coisas do tipo. Gonzalez se mantinha fixado em seus romances. Quando ele pirava com algum deles, Charlie decidia ler também. Fora assim com *Lolita*, de Nabokov. Gonzalez tinha enlouquecido com o livro e ele insistiu tanto que Charlie acabou lendo. E Charlie pensou que era uma coisa muito estranha como um cara poderia escrever sobre comer a enteada menor de idade e fazer aquilo parecer poesia.

Trabalhar era melhor do que não fazer nada. Mas o trabalho era trabalho duro. Na cozinha, ele tinha começado com a limpeza do resto de comida que outros cozinheiros preparavam. Tudo o que cortavam, descascavam e picavam ia para o chão, e Charlie tinha que limpar tudo, repetidamente, durante horas. Mas então ele começou a realmente cozinhar. E cozinhar não era sexo, mas era divertido à sua maneira.

Ele melhorou a comida nas pequenas maneiras que podia, com os temperos e alguns detalhes aqui e ali, como a substituição de alguns ingredientes

por outros. E a população infeliz do Instituto Correccional de Nevada ficou mais contente por aquilo. Sua popularidade aumentou rapidamente.

Ruivo deixou Charlie em paz. Talvez ficara entediado ou encontrara outra pessoa cujo rabo comera enquanto Charlie estava na solitária. Ele mencionou algumas vezes que estava curioso sobre a história que Charlie havia prometido contar, mas só isso. Talvez ele simplesmente acabara aceitando que Charlie havia dito todas aquelas coisas para ganhar tempo. Fosse como fosse, não importa. Ruivo e os dois capangas haviam superado os conflitos.

Era uma quarta-feira e Charlie despejava molho de tomate industrializado em uma das caçarolas gigantescas. Era dia de espaguete e ele decidiu fazer o melhor de todos até então, uma promessa diária que servia mais como um desafio interno, uma forma de manter-se interessado no que estava fazendo. Quando os caras gostavam da comida, ofereciam-lhe cigarros e outras coisas. Manning, um guarda, bateu na porta aberta para chamar sua atenção. – Você tem um visitante, Retorini.

Ele franziu o cenho. Não tinha um visitante há oito meses. Limpou as mãos, tirou o avental e foi até a torre leste.

Muitos presos conversavam alegremente com a esposa, mãe, irmãos e filhos. Ele caminhou até ver um rosto familiar sentado em uma mesa. Parou de andar.

Sentiu seu peito se expandir com raiva quando viu Tony ali, vestindo um terno, olhando diretamente para ele. Mas não era só raiva. Ele sentiu vontade de chorar.

Engoliu as emoções e se sentou de frente para ele.

Tony o observava. – Você não parece tão ruim. Perdeu um pouco de peso, mas parece bem.

Eu precisei de você, há dois anos!, ele queria gritar. *Onde você estava quando eu precisei de você?*

– Sim, eu estou bem.

Tony deu umas batidinhas em um pequeno recipiente de plástico sobre a mesa. – O bolo de cenoura de Suzie.

Charlie o pegou lentamente.

– Ei, eu sei que você está chateado, garoto – Tony suspirou. – Vinnie me disse que passou por maus momentos no começo e que pensou que se eu viesse aqui, talvez ajudasse sua reputação.

Charlie não conseguia falar.

– Eu nunca visitei um soldado na prisão antes. Você entende como isso complica as coisas para mim? O fato de que estou aqui hoje deve significar algo para você. Cumpri pena também, Charlie. Eu sei como é aí dentro.

Ele observou Tony. Olhou para baixo.

– Você se sente abandonado, eu sei – Tony continuou. – É fácil sentir-se dessa maneira aí dentro, quando todo mundo lá fora está seguindo com a vida. Mas, é verdade, os caras sentem saudade de você. Aquela coisa com o DEA... aquilo foi podre. Henry ainda tem que pagar pelo erro. Talvez Sully teve algo a ver com isso, mas nunca descobri porque ele morreu naquele acidente estúpido.

O quê?

Oh sim, talvez estivessem ouvindo a conversa. A mensagem era clara: fale em códigos. Charlie não estava com vontade de falar, no entanto.

– Então... está tudo bem com os caras? Viking e Vinnie e todos os outros?

– Miguel e aquela mulher, Carmen, vão se casar. Nada de novo com os outros – ele sorriu. – Mas conte-me sobre você, garoto. Você está bem aí?

– Agora estou.

– Posso enviar-lhe alguma coisa?

– Não. Bem... uma *Playboy* daria uma mãozinha.

Tony riu. – É isso aí. Estes são para você também. – Ele empurrou oito maços de Marlboro para Charlie. – Você sai em três meses. Vai voltar para casa em breve. – Ele se levantou. – Segura as pontas aí, garoto.

As noites ficaram mais fáceis, mas ainda eram piores quando novos prisioneiros chegavam. O terror, a violência e o medo eram reais demais. Charlie guardava alguns filtros de cigarro para enfiar nos ouvidos e não ouvir.

De vez em quando, a rotina era interrompida. Às vezes, dois detentos brigavam e as coisas ficavam tensas. Gangues assassinavam membros de outras gangues. Um cara magro e negro esfaqueou outro até a morte na frente de Charlie. Foi estranho ver acontecer. O sangue é repulsivo, parece sujo.

Ele tinha problemas para dormir às vezes.

Dava-se bem com Gonzalez. Nas piores noites, Gonzalez rezava até dormir.

Charlie odiava ver os novos detentos conversando com todos, tentando encontrar um amigo forte para cuidar deles. Em seu 25^o aniversário, Charlie percebeu o quanto era jovem para estar naquele lugar. Ele jurou para si mesmo que nunca mais voltaria.

Na sua última noite no instituto, Charlie teve uma sensação peculiar. Parte dele estava com medo de sair. Ele se acostumara com tudo aquilo. Conhecía a rotina, as pessoas, sabia como agir diante de cada uma delas para manter-se bem, e vivo. Lá fora, por mais que tivesse conseguido o carinho e o respeito dos membros da família, sabia que não tinha tudo sob controle.

Ele disse adeus a todos. Percebeu que iria sentir saudade de alguns daqueles caras. Até mesmo Ruivo deu-lhe um tapinha nas costas. Era triste deixar todos eles.

Quando ele saiu, usando os mesmos jeans e camiseta que usava quando entrou, o carro estava lá, esperando-o. Ele entrou e viu Tony. O homem ao volante era Fabricio.

- Bom vê-lo, Charlie – o chefe sorriu.
- Sim, bom vê-lo também. – E era.
- Bem-vindo de volta, Charlie – disse Fabricio.

A primeira coisa que fez foi ir a uma lanchonete. Ele comeu dois hambúrgueres duplos, uma grande porção de batatas fritas, bebeu um refrigerante e tomou um *sundae*. Depois disso, ele queria andar. Caminhou lentamente pelas ruas, percebendo o quanto havia sentido falta. Pessoas andavam em todas as direções. Eles não faziam ideia da sorte que tinham por serem livres. Não faziam ideia.

Então ele foi, a pé, para o apartamento dele.

Haviam cuidado de tudo. Eles haviam pago o aluguel para ele. Ficou realmente tocado com aquilo, com a forma como haviam cuidado das coisas para ele. Sentou-se no sofá por um tempo, sentindo-se apenas feliz por estar vivo, fora daquele lugar. Mas também havia uma pequena dose de saudades da prisão. Ele percebeu que agora poderia ter o que desejara todo santo dia durante dois anos, oito meses e sete dias. Ele telefonou para o Jackpot e pediu uma entrega.

O nome da prostituta era Brandy. E durou vinte segundos.

Depois disso, esperaram, assistiram TV e, após vinte minutos, ele transou com ela novamente, desta vez por quase uma hora. Depois que ela saiu, desligou o telefone e dormiu por dezessete horas direto.

Quando acordou, tomou um táxi para a casa de Vinnie.

Todos riram e o abraçaram. Ele contou boas lembranças da prisão enquanto o observavam, amando-o. Suzie fez lasanha. Charlie jogou cartas com os rapazes até três horas da manhã. Beberam, e riram e conversaram. Ele havia sentido saudades deles de maneira imensurável.

E quando Viking chegou, Charlie o abraçou com força. Ele queria poder dizer-lhe o quanto havia ajudado, como ele, possivelmente, salvara sua vida. Mas Viking sabia. Ele sorriu para Charlie, chamou-o de Beija-puta, e tudo estava bem no mundo mais uma vez.

– Então – Vinnie falava. – Aí aquele bosta vem até mim e grita: “O que vocês fizeram com meu cachorro?”. E eu estou de pé lá e não sei o que diabos fazer. Então eu digo a ele: “Alguém atirou no seu cão!”.

Estavam todos rindo de Vinnie. Ele continuou:

– E aquele idiota diz: “Tiro? Que porra é essa que você está falando, meu cachorro está bem, eu estou falando sobre seus pelos estarem rosa!”.

Mickey, Fabricio, Viking e Charlie explodiram em gargalhadas.

Eles estavam no Jim Fly’s, comemorando o aniversário de Vinnie como ele preferia: uma grande quantidade de alimentos, bebidas e velhas histórias.

– Ok – Mickey colocou as mãos para cima. Amassou o cigarro em um cinzeiro. – Vamos mostrar pro Vinnie o que temos pra ele.

– Eu primeiro – disse Viking. Ele entregou a Vinnie um pacote envolto em uma embalagem rosa brilhante.

Vinnie pegou, ainda rindo um pouco. – Odiei o embrulho bicha, pra ser sincero.

E riram. Vinnie abriu. Era uma camisa original da seleção da Itália, feita especialmente para a Copa do Mundo que estavam hospedando naquele ano. Vinnie olhou para Viking com um sorriso sincero e abraçou-o com amor. Ele era um grande fã de futebol.

– Deixe-me ver isso – Mickey estava dizendo.

Charlie ficou distraído com uma mulher entrando no restaurante. Ele a reconheceu, é claro, mas levou alguns instantes, porque ela estava um pouco diferente. Ele observou Cindy entrar com um casal de amigos. Esperou que ela o notasse, enquanto Fabricio dava a Vinnie seu presente de aniversário.

Ela olhou para ele e, depois de um momento, sorriu. Acenou para ele. Ele acenou de volta. Parecia um pouco mais madura, mas quase nada havia mudado. Sim, sentiu-se bem por ela não estar mais com ele, porque se estivesse, também estaria envolvida com a pior parte do mundo dele. Ele voltou para a animada conversa em sua mesa, carregando consigo uma nostalgia nova, uma tristeza pequena, que ele conseguiria conter, mas só se ela não inventasse de crescer dentro dele.

– É a sua vez, Charlie – disse Mickey, bebendo a cerveja.

– Tá bom. – Ele pegou o envelope do bolso e entregou-o a Vinnie. Então observou a reação do amigo enquanto mastigava um palito.

Vinnie abriu e viu as duas passagens. – O que diabos é isso, Charlie? – ele sorriu.

– Para você e Suzie. Dez dias no Havaí, foi o melhor que eu pude fazer.

Vinnie estava realmente surpreso. – Vem aqui. – Ele pressionou a testa de Charlie contra a dele e deu-lhe um tapa na nuca. Era assim que Vinnie mostrava amor verdadeiro.

– Ei, hã, não quero estragar a diversão aqui, mas eu tenho um anúncio a fazer – sorriu Mickey.

– Finalmente conseguiu fazer a operação de mudança de sexo? – disse Charlie.

Fabricio riu e os outros fizeram piadas com Mickey.

– Sim, se você continuar pedindo com jeitinho – Mickey brincou.

Charlie sorriu.

– É sério – disse Mickey. – Carmen e eu estamos grávidos. Teremos um bebê daqui a uns oito meses.

– Epa! Isso é uma coisa do caralho! – berrou Vinnie. Os caras se levantaram para abraçá-lo e parabenizá-lo.

– Eu já sabia – Vinnie falou, enquanto sentava. – Mickey é capricorniano e no horóscopo de hoje dizia que teria uma boa surpresa.

Charlie riu, como sempre fazia quando Vinnie se empolgava falando de astrologia.

– Ah, esquece isso. – Mickey fez um gesto de desdém. – Que porra isso quer dizer, não quer dizer nada essa merda de horóscopo... Jesus também era capricorniano, então?

Viking gargalhou, sinalizando à garçonete para que trouxesse outra cerveja. Vinnie já estava com o rosto vermelho:

– Jesus não era capricorniano porque não é possível que tenha nascido no inverno, numa manjedoura. O saquinho dele teria congelado!

Fabricio balançou a cabeça: – Jesus não nasceu na Noruega, Vinnie, nasceu no Oriente Médio, foda-se o inverno!

Charlie balançou a cabeça, enquanto os outros entravam num debate acalorado sobre Jesus, clima e horóscopos.

Viking ficou de dar carona para Charlie naquela noite. Conversaram sobre o anúncio de Mickey, e Charlie expressou que talvez agora, que teria um filho, Mickey poderia parar de trair Carmen com qualquer mulher que desse bola. Viking balançou a cabeça:

– Não, Charlie, trair as esposas é algo natural para esses caras, é como uma afirmação de masculinidade. Nunca conheci um que fosse fiel. Eles nem acham fidelidade natural... acham que faz mal para a saúde, e até para o casamento. Todos têm uma *comare*. Quando uma mulher casa com um cara desses, ela meio que já tem que saber onde está se metendo.

– E Fran? Gosta mesmo dela?

Nunca haviam tocado no assunto. Evitavam tocar em assuntos pessoais demais porque nunca se sabia quem poderia estar escutando. Viking e Charlie haviam aprendido a conversar puramente através de olhares. Mas naquele momento Viking deu um suspiro:

– Fran é uma mulher incrível, Charlie. Sabe... do tipo que você tá lá na cama, olhando ela dormir e pensa: como uma mulher dessas conseguiu se interessar por um babaca como eu?

Charlie pensou em Rocket. Quando saiu da prisão, Fabricio passara a coletar no Sunset Peach, então ele nunca mais a vira. – Não, não sei. Mas imagino.

– Bem... ela é melhor do que eu. Em tudo.

Charlie olhou para fora da janela. Cada vez que olhava para o arrastar das luzes dos cassinos e hotéis da Strip elas pareciam brilhar menos.

– Escuta, vamos tirar Fabricio do Peach, ele arrumou briga com um cara lá. Você volta a coletar toda sexta a partir da semana que vem, ok? Mesmo esquema de sempre.

Ele sentiu um calor no peito, como se o coração derretesse e espalhasse sangue pelo tórax. – Sem problemas. O que Fabricio aprontou?

Viking lambeu o lábio e pensou um pouco antes de falar. – Ele é louco, aquele bosta. Uma porra de uma bomba-relógio... e o pior é que não podemos fazer nada a respeito. Tony sabe quem Fabricio é, mas o pai dele é poderoso demais, e sabe demais... não podemos simplesmente dar um sumiço no desgraçado, mas Charlie... fique longe dele se puder, tudo bem?

– Sabe que depois de todo esse suspense vai ter que me dizer mais do que isso, não sabe?

– É um sádico. Gostam de mandá-lo para as execuções. Machuca as pessoas porque tem gosto por isso. Tivemos que mandar executar duas prostitutas quando você estava na prisão. Nunca vou esquecer daquilo. Apagar um

traficante com uma bala é uma coisa, é quase justiça poética, mas... mas ver um cara espancar uma mulher durante dias... no final ela olhava para mim e implorava para que eu acabasse logo com aquilo, porque ela não aguentava mais apanhar. Caralho, por que estou falando sobre isso? Não quero falar sobre isso, Charlie.

– Desculpa.

Pela primeira vez sentiu-se feliz por ter estado preso. Não conseguiria aguentar aquilo sem interferir, sabia disso. Temeu, então, o momento que certamente chegaria. O momento no qual não teria a convicção de que uma execução fosse necessária.

Sentira falta do Sunset Peach. Uma daquelas coisas que nenhum velho sábio de filme explica, a saudade de algo simplesmente porque se foi, algo que nunca nem chegou a ser bom. A ausência do Peach em sua vida por tanto tempo o fez esquecer-se do quanto detestara aquele lugar enquanto fez parte da sua rotina no passado.

Viu a mesma merda de sempre: homens frustrados fazendo de tudo para manter a ereção pelo máximo de tempo que conseguiam, para que o alívio no banheiro ou na esposa fosse melhor do que o habitual. Homens perdidos na ilusão de que ter uma bunda feminina curvada em direção à cara deles era uma validação do poder que achavam ter.

Ele recebeu os olhares, acenou para alguns, e caminhou com o rosto sério para Phil. O homem o cumprimentou quase com alívio, e Charlie soube que Fabricio havia de fato feito merda naquele lugar.

– Me disseram que foi preso, Charlie.

– É, fui sim. Vamos lá.

Depois da coleta, ele parou, um pouco longe do palco, atrás das mesas que o cercavam. Percebeu sua ansiedade para vê-la. Não sentia nada ao olhar para as três que dançavam naquele momento: a loira vestida de marinheira, a negra de policial e a de cabelos pretos de colegial, as três dedicadas, sorridentes, ao som de “Papa’s Got A Brand New Bag”.

Ele cruzou os braços e esperou, mordendo o lábio inferior.

Os homens jogavam notas de um dólar no palco. As dançarinas agradeciam, assoprando beijos, rebolando mais e rodopiando em volta do poste, todas tentando ser Rocket, sem sucesso.

Charlie olhou o relógio de pulso e viu que eram nove horas. Pegou também um olhar discreto e preocupado de Phil sobre ele. Ignorou o bosta e voltou os olhos para o palco. Quase suspirou de alívio quando as meninas rebolaram para trás da cortina vermelha e as luzes se apagaram. A reação. Puta merda, a reação dos homens. Aplausos, berros, palavras gritadas ao ar. Charlie engoliu em seco.

A música começou, um rock leve, cheio de vibrações de um baixo, sensual e escuro. Ela apareceu, as luzes iluminando cada pedaço do corpo esguio, duro e cheio de carne nas partes certas.

Do lado de fora, a calçada era moradia para panfletos de mulheres nuas e bitucas de cigarro. Charlie fumava, as mãos nos bolsos, esperando que ela saísse do clube. Já fora à casa de Viking e deixara a grana com ele. Então jantou numa lanchonete, e ficou enrolando até o horário de Rocket sair do Peach. Sabia que tudo aquilo era uma péssima ideia, mas acionou a voz que lhe assegurava que não era grande coisa: só um homem conversando com uma mulher.

Ela apareceu, saindo do clube com duas amigas, todas vestidas com pouquíssima roupa, muita maquiagem e cabelos encaracolados com ferros estilo *babyliss*. Ele atirou o cigarro na rua e se aproximou dela, coração acelerado. – Rocket?

As três pararam de conversar. Ela deu um sorriso tímido, de obrigação, de negócios. Tão próxima, era ainda mais linda. A luz verde do coqueiro de neon da fachada do Sunset mudava-a de alguma forma, como se fosse de outro planeta, como se fosse inatingível.

– Sou Charlie Retorini, trabalho para Tony Conicci.

As amigas lhe deram um olhar, depois beijos nas faces e saíram.

– Prazer – foi o que ela disse, apreensiva.

A voz era rouca, mas feminina. Sobrancelhas retas, olhos grandes, castanhos, alertas.

– Vi você dançar. É muito boa.

Não sabia o que dizer a ela, mas sabia que não era aquilo. Ela forçou um sorriso de lábios fechados. – Obrigada.

– Posso te levar para jantar?

Ela olhou em volta, parecia cansada. – Tudo bem.

E, pela expressão, Charlie percebeu que ela estava entendendo aquilo errado. – Não estou tentando te intimidar. Realmente queria jantar com você, mas só se quiser.

Ela olhava para ele com dúvida. Charlie entendeu que um homem na posição dele praticamente fazia o que quisesse com ela. Seus empregadores eram conectados aos Conicci, e ela não parecia ingênua, de forma que sabia que estava nas mãos deles.

Está péssimo, você é um idiota. Ele suspirou. – Não estou pedindo um programa, entende? Quero te conhecer. Parece cansada, só queria te pagar um jantar. Mas não vou ficar bravo se recusar, prometo.

Ela olhou para baixo.

Um homem passou, com jeito de babaca, e deu uma volta para olhar para ela, andando de costas, olhos no corpo semi exposto. Charlie só teve que olhar

para ele. – Cai fora, seu merda.

O homem virou rapidinho e apertou o passo.

– Nesse caso... – ela falou baixo. – Peço desculpas, mas prefiro ir para casa, dancei bastante hoje. Tudo bem?

A decepção teve um gosto amargo em sua boca. – Claro. Precisa de algo? Uma carona, qualquer coisa...

– Não. Mas obrigada.

Ela virou as costas para ele e saiu andando, e ele ficou lá, na calçada, sentindo-se um idiota. Como faria para que ela baixasse a guarda?

Tony convocou uma reunião na terça-feira seguinte. Estivera em Nova Iorque por uma semana, para uma conversa com o chefe da família Gnocchi, uma das cinco poderosas, da qual a Conicci era uma espécie de subsidiária.

O clima no escritório era tenso, e era a primeira vez de Charlie numa reunião importante lá dentro. Tony investira num cara, amigo de Vinnie, que fazia uma checagem semanal para descobrir se havia grampos no escritório. Nos últimos anos, o FBI investira tanto em eliminar a máfia em Las Vegas que todo cuidado era pouco. Charlie se preocupava com aquilo. Tudo ficara mais tenso depois de Donnie Brasco, o agente infiltrado numa das cinco famílias, que testemunhou contra muitos poderosos da máfia. O agente em questão teria uma sentença de morte pairando sobre sua cabeça como uma nuvem de sangue, pelo resto de sua vida. Charlie sentia, como todos os outros, a pressão pela forma como haviam começado a conduzir negócios entre quatro paredes, na forma como os livros estavam fechados e nenhum novo membro estava sendo feito, nos olhares mais desconfiados e na forma como algumas palavras deixavam de ser pronunciadas. E é claro que Viking suava por baixo do terno agora, embora o rosto permanecesse impassível, como de costume.

Regras tradicionais, que haviam relaxado nas últimas décadas, voltaram com tudo. Não se entrava mais para a família tendo apenas a participação num assassinato, como Charlie, que fora testemunha e cavara uma cova. Naqueles novos tempos, só um assassinato ordenado pelo chefe provava lealdade. Antes os caras diziam “federalis”. Hoje, a palavra não era dita se não fosse flanqueada por palavras. Os preferidos deles pareciam ser “federalis chupadores de pau”, “malditos federalis viados” e “federalis que comem a própria mãe”.

Tony esperou Mickey fechar a porta.

Charlie observou a turma completa: o chefe atrás da mesa de mogno, o subchefe sentando-se na poltrona de couro com um puxar elegante nas calças, o *consigliere*, Frank, o *contabile*, Sr. Pete e os *capiregime*, Viking, Frey e Vinnie. Charlie ainda era um soldado, mas um tão fiel que, como Fabricio, agora fazia parte das reuniões.

– Vamos começar – Tony falou num tom comedido, de alguém que não precisa mostrar autoridade. – Em primeiro lugar, até hoje temos conduzido nossos negócios nas ruas e em investimentos paralelos. Isso nos trouxe lucros, mas enfraqueceu o coração do nosso negócio, o cassino Bayside, que, como todos aqui sabem, herdei da família Gnocchi para conduzir os negócios aqui em Vegas de forma legítima e inquestionável. Vocês também sabem que a *Cosa Nostra* está sendo expulsa daqui, com o auxílio de filhos da puta desgraçados como o federal que recentemente foi a público contando nossos segredos. A pressão é real, não se enganem, e não é passageira.

Ele examinou as próprias mãos por um tempo. – Estão investigando a gente. Isso vai exigir algumas mudanças de comportamento. Os livros estão fechados por tempo indeterminado. Quem foi feito nos últimos anos, como Charlie aqui, terá que cumprir os mandamentos antigos. O voto completo do *Omertà*, a cerimônia inteira, os juramentos. E um trabalho de execução, definido por mim.

Olhos foram para Charlie, e ele fez o que pôde para não mostrar que sentira o gosto de bile na garganta. Viking permaneceu uma estátua.

– Claro. – Charlie deu de ombros.

– De agora em diante eu quero vocês no cassino. Quero Frey e Fabricio nas ruas, monitorando todos os golpes, todos os clubes, todas as transações. Isso significa que você também tem alguns juramentos para me fazer em particular, Fabricio, porque de agora em diante você é *caporegime*.

Fabricio meneou a cabeça em respeito.

Tony fixou os olhos nele. – Tudo o que você faz é com autorização minha, entende isso, filho? Os estupros, as torturas, essa merda tem que acabar. Está atraindo atenção demais e você não é a porra de um assassino em série mimado, você é uma porra de um Conicci, *capice*?

Fabricio tinha a mandíbula apertada, mas assentiu. Engoliu. – Sim, Tony.

– Viking, você toca as operações de longe, como um gerente, sacou? Vai ficar no cassino, vai sair quando precisar. Vai monitorar toda essa merda. Charlie e Vinnie, quero vocês no cassino. No salão, de olho em tudo. Vão trabalhar com o gerente do Bayside, Johnny Esposito, mas eu sou seu chefe, entende?

– Claro, Tony.

– Sejam espertos. Em qualquer lugar pode ter um federal cuzão com um gravador debaixo da roupa. Qualquer pessoa que encontrem, com quem interajam, pode ser o inimigo. Sejam espertos.

Foi Frankie quem falou agora: – Há outra questão. A lei RICO é um problema para nós. Nos últimos anos houve um aumento significativo no número de associados nossos que foram presos. O que temos visto é uma tentativa de condená-los por crimes de chantagem e extorsão, para que possam condenar Tony pela mesma coisa e assim desmembrar a família para começar a faxina

deles. Ainda não conseguiram porque, como sabem, só têm informações sobre criminosos pequenos, mas estão chegando bem perto. Todo cuidado é pouco, toda a informação que passam para os soldados precisa ser pensada, medida. Quando esses caras forem em cana eu quero mais do que lealdade para me certificar que não vão fazer acordos. Quero garantias. A partir de hoje vocês pressionam. Façam questão de conhecer famílias, filhos, namoradas, ou qualquer coisa que possamos usar como ameaça, ouviram?

Charlie assentiu, dimensionando aquilo.

Trocou um olhar discreto com Viking. O medo tinha outra qualidade naquele momento, como se fosse mais afiado, mais brilhante, mais gelado.

– Charlie, você fica aqui, os outros podem ir. Chamo vocês quando precisar.

Eles se levantaram e saíram em silêncio. Quando a porta foi fechada, Charlie olhou para Tony.

Atrás da mesa havia uma janela que bloqueava o mundo exterior por uma cortina branca, que filtrava a luz do sol e conferia um aspecto leitoso à aura do chefe. Ele se levantou, e Charlie fez o mesmo.

– Sabe, quando você foi em cana, senti como se parte de mim tivesse ido junto – ele começou. – Não pudemos ter certeza, na época, do envolvimento do Machado na delação, embora Sully fosse o contato dele e isso por si já seria motivo para executá-lo. Confesso que o erro foi meu. Relaxe, confiei demais. Você sofreu por mais de dois anos naquele inferno e agora vai poder sentir um pouco o gosto da vingança, garoto. Seu contrato é Henry Petucci. Quero-o executado em Reno, não Vegas, e Vinny vai com você.

A mente de Charlie procurou perguntas, argumentos, qualquer coisa para proteger-se da verdade que se forçava contra seu mundo. Não teria escolha, não teria para onde fugir. O trabalho tornara-se fácil: espancar e ameaçar gente escrota, traficantes, homens inescrupulosos. Mas Charlie sabia que assassinato premeditado era um mundo à parte, era um caminho sem volta, era uma mancha em sua alma da qual nunca se livraria.

Tony o examinava.

– Alguma dúvida, Charlie?

– Não.

– Ótimo. Pode ir.

Robert virou o rosto para olhar Francesca ao seu lado.

Ela sorria para ele, sem maquiagem, a testa brilhando de suor e os cabelos bagunçados ao redor da face. O amor que ele sentia por ela parecia esmagá-lo às vezes. Absorveu os detalhes que a compunham, desde os dentes bem brancos às sobrancelhas escuras e espessas.

Falaram de trabalho antes, como sempre um tópico inevitável para os dois. Ela expressara suas dúvidas, seu nervosismo, e então se entregaram aos beijos

que delatavam a preocupação com o outro, o medo do amanhã. Nunca antes ele se sentira com tanto receio quanto ela, mas a reunião do dia anterior parecia ter apertado a corda em volta do pescoço dele.

– Chegou a hora – ela falou baixo, uma mão levantando para acariciar o rosto dele. – Vai sentir falta disso, e deles, eu entendo perfeitamente. Foram seu mundo por tanto tempo... mas chegou a hora. Ficou perigoso demais.

Ele não falou. Sabia que ela tinha razão. Sempre brincaram, com certo pesar, de que ela era a razão e ele o impulso. Ele tivera treinamento por muitos anos para trabalhar infiltrado, mas nenhum treinamento ensina uma pessoa a não sentir. Nunca se imaginara vivendo sob os duros requisitos da vida de um foragido, não se permitira ir tão longe. Aprendera a viver um dia de cada vez para sobreviver naquele mundo podre acobertado por ternos caros e mitos. Acostumara-se a se olhar no espelho e ver Viking, *A.K.A.* Adam Rossi, e não Robert Whitford. Lidava bem com os pesadelos recorrentes de torturas e olhares de pânico. Já se acostumara ao cheiro e visão de sangue. Mas não tinha certeza se conseguiria se acostumar com a reclusão, com a paz e com o silêncio que o aguardava.

Resignou-se porque o olhar dela o implorava, o perfume dela ainda no ar, misturado com o cheiro do sexo e do hálito orgânico delicioso de sua boca.

– Como faremos isso?

– Tenho uma reunião amanhã com o Vellowann. Conseguiremos todas as permissões, vamos fazer tudo direitinho. Você deu sua vida para isso, as paredes estão se fechando, e nada é mais sensato do que tirar você de lá enquanto ainda pode testemunhar contra Tony, mesmo com as poucas provas materiais que temos.

– Vai ser foda, Fran. Isso vai me destruir. Não sei mais ser eu mesmo. Não sei mais como é o mundo lá fora, entende?

Fran tinha lágrimas nos olhos quando lhe deu um beijo nos lábios. – É para isso que estou aqui, para te ajudar nessa volta, nessa transição, para te ajudar a encontrar o homem maravilhoso que você precisou esconder aí dentro.

– Vou deixar Charlie sozinho lá.

– Robert, você adora o cara, sei disso. Mas Charlie é um deles. Não se engane quanto a isso. Era um moleque com visões de reparação quando entrou nessa, mas não é mais. Não é mais. A transformação dele está completa, ele é cem por cento filho do pai dele.

– Fran, isso não é verdade.

– Não sei se é prudente levar isso para o chefe. Digo, por um lado gostaria de poder usar Charlie a nosso favor, como nosso informante. Por outro, teríamos que explicar por que não contamos que ele sabe sua identidade há anos. Posso perder meu emprego por isso, seria uma merda sem precedentes. Sem contar que não confio nele, não como você.

– Eu me sinto... – Ele virou o corpo, fitou o teto do quarto dela. – Deveria ser um alívio, não deveria?

Ela deitou a cabeça no seu peito. Ele sentiu o perfume do xampu, cheiro sintético de fruta. – Não existe *deveria*. As coisas são como são, Robert.

Charlie flexionou os dedos, olhando para eles à luz que invadia o carro, vinda de um poste na rua. Vinnie estava tão relaxado contra o assento que parecia um saco de batatas. Estava quente lá dentro. A noite, em volta deles, traiçoeira e deserta, testemunha eterna da capacidade humana de fazer o mal.

Vinnie mexeu apenas os olhos para o retrovisor. – Entre, dê o tiro e saia. Nada de conversa, nada de gracinhas, nada de hesitação. Não vai deixar mensagem nenhuma. Vai entrar lá e matar o filho da puta que te mandou para a prisão.

– Fácil assim, hã? – ele suspirou.

Vinnie virou o rosto para encará-lo. – Por que tem que ser fácil? Nada na vida é fácil, garoto, e se for, pode crer que vai mandar a conta um dia. A vida é uma puta, o que ela te dá tem um preço. Essa não é a hora de compartilhar histórias sobre meu primeiro contrato, e muito menos dicas de como preservar seus lindos tímpanos do som do tiro. Entra lá, aponta e executa o desgraçado.

Charlie levantou as mãos. – Tá bom, porra. – E saiu do carro.

Ouviu Vinnie falar: “Eu te amo!” do lado de dentro. Charlie não conseguiu evitar um sorriso fraco enquanto enfiou as mãos no bolso e olhou para os dois lados antes de atravessar a rua deserta.

O diálogo interno fluía com um tom de desespero na voz da consciência. *Vai matar alguém, boyo. Foda-se, o cara é um bosta. Vinnie tem razão, ele me mandou para a prisão.* E sabia que precisava extrair daquela afirmação tudo o que podia para alimentar sua convicção. Deliberadamente, agrupou os piores momentos da prisão em imagens que pipocavam na sua cabeça como flashes. Os sons abafados dos estupros brutais dos homens nas outras celas, o medo que tinha seus altos e baixos, mas nunca se dissipava por completo e a adrenalina do instinto de sobrevivência correndo pelas veias todas as vezes que uma briga era iniciada, que o alarme tocava, ou que se entrava no chuveiro.

Chegou à porta da casa de Henry.

Tirou a arma de trás da calça jeans, checkou a segurança, o silenciador e puxou ar para os pulmões. Olhou mais uma vez para os dois lados, mas não viu nenhum otário passeando com o cachorro na hora errada.

Ouviu a porta ranger um pouco. Podia imaginar um monitor cardíaco como o ponteiro de um velocímetro, no vermelho, vibrando nos 260.

Não ouviu mais nada.

Merda.

Ja fugir. O filho da puta ia fugir. Charlie assobiou para o carro, e viu Vinnie assentir. Segurou a pistola com as duas mãos, apontando para baixo, e circulou a casa em passos rápidos, lembrando-se da voz do pai: “Gosta de filmes de espíões?”. Merda.

Viu um vulto no escuro, correndo e pulando uma cerca de metal.

Sem pensar, disparou atrás, enfiando a arma de volta na calça e rezando para não dar um tiro na própria bunda. Ganhou velocidade, sentindo o bombear furioso do coração, e seguiu a sombra entre as casas simples e decrépitas daquele bairro ordinário.

Enquanto corria, ouvia os cachorros instigarem a perseguição, sacudindo as grades de metal e latindo com entusiasmo. Sentiu também o corpo dizer: “Fuma, desgraçado, fuma mais!”, com um sorriso sarcástico.

Agora estava mais próximo. Era ele, sim, de jeans, camiseta, descalço, os cabelos louros denunciando sua identidade enquanto tentava escapar por entre cercas. Charlie tinha a vantagem simples de estar usando sapatos, e, quando viu a oportunidade, deu um impulso contra a grama e pulou nas pernas de Henry.

Então tudo foi movimento. Sacudidas e chutes, e Charlie se arrastando em cima do corpo do outro, defendendo-se de golpes duros, mas sem estratégia, até que, com dentes cerrados, conseguiu desferir dois socos estúpidos no queixo de Machado. A luta abrandou e Charlie conseguiu sacar a arma. Henry ofegava, desistindo, levantando as mãos como que por instinto. Charlie soube naquele momento que se olhasse demais para os olhos do desgraçado nunca conseguiria puxar o gatilho. A decisão foi rápida, e foi dele, pertencendo a ele de uma forma íntima. Pressionou a pistola contra a testa do outro. Apertou todos os músculos da mão e sentiu o disparo enviar uma onda afiada dentro dele. O som foi fraco, quase elegante. Quase nada de sangue imediato, apenas o cessar de movimento, de respiração e de sons. Sentiu o cheiro do tiro, o cheiro da grama e o cheiro de merda recém-liberada que subiu do cadáver mole debaixo de si. Levantou-se tão rápido que quase caiu, e deu um olhar em volta. Ninguém.

Correu, e na corrida sentiu o corpo mais pesado. Perguntou-se se era culpa, cansaço ou medo. Correu, atravessando finalmente a rua e entrando no carro. Vinnie virou a chave e o carro tremeu. O pneu chiou por um segundo enquanto o carro ganhava velocidade.

Charlie ouviu sua própria respiração sair em jatos curtos de ar. Fechou os olhos e descansou a cabeça contra o protetor do assento de passageiros. Queria que o coração acalmasse. A adrenalina tinha gosto de metal.

– Garante que está feito?

Assentiu, olhos ainda fechados. – Sim. Um tiro na testa, à queima-roupa. Está feito.

Quando o carro entrou na via expressa, Vinnie diminuiu. Olhou para Charlie. – Vai vomitar?

– Não... estou bem.

E nem ele soube o que aquilo significava.

Foi direto para o Sunset Peach. Tinha clientela, mas, sendo uma madrugada de quarta, as coisas estavam bem tranquilas por lá.

Phil fez uma expressão babaca ao vê-lo, tentando entender se era sexta-feira, já que Charlie estava ali. Quando se deu conta de que Charlie não fora para coletar, o rosto dele mostrou medo.

– Rocket. Ela tá aqui?

Phil ficou perdido por uns segundos, então falou, baixo:

– Está, está sim, Charlie. Mas ela ainda tem um cliente.

– Me dá essa merda aqui. – Charlie pegou a prancheta que fora deixada em cima do balcão e viu uma agenda toda rabiscada, desleixada, onde havia alguns nomes ao lado da palavra Rocket:

Brandon G. / 9am

Vincent T. / 3pm

Joshua D. / 6pm

Melinda F. / 10pm

Chad L. / 3am

Pensar que aquilo era tão organizado, que horários eram marcados e anotados numa folha e que ela já trepara com quatro pessoas desnortou Charlie por um segundo. Com raiva, pegou uma caneta Bic meio grudenta e riscou o nome Chad L. com tanta força que quase rasgou o papel. Devolveu a prancheta para Phil. – Onde?

Ele estava tão apavorado que nem gaguejou: – O quarto roxo.

Charlie caminhou pelo corredor que levava ao escritório e virou à esquerda, tomando uma escada estreita até o andar de cima. Uma vez lá, viu um corredor mais amplo, que dava para diversos quartos com portas coloridas.

Deu um suspiro, sozinho naquele lugar, sabendo que tudo o que estava fazendo era errado. Bateu na porta. Ouviu um:

– Entre.

A voz dela.

Ela.

Lambeu os lábios e girou a maçaneta. Entrou e viu um quarto iluminado apenas por um abajur de cúpula vermelha, dando ao ambiente inteiro o ar clássico de sacanagem.

Ela estava deitada numa cama redonda, enorme, de barriga para baixo e pernas pro ar, lendo uma revista. Quando o viu, sentou-se de forma bem rápida, o robe de seda ameaçando revelar o corpo macio debaixo dele.

– Oi – ele falou, tentando parecer amigável.

Ela se levantou, equilibrando, como uma profissional, a apreensão e o jeito acessível necessário para o currículo. – Oi. Charlie, né?

– É. Estou te incomodando, Rocket?

– De forma alguma. Só estou surpresa.

– Tomei o horário do Chad, isso é um problema?

Ela balançou a cabeça. Ele viu nos olhos dela que ele passara de 50% ameaça e 50% cliente para 90% cliente. – Não. Sente-se.

Ele andou até a cama e sentou-se, estranhando-a. Ela estava de pé, sorrindo para ele, soltando um elástico do cabelo. Começou a abrir a faixa do robe, mas ele a impediu com um gesto. – Não, espera, senta, quero conversar com você.

Se ela achou aquilo estranho, não demonstrou. Com o mesmo sorriso fechado, sentou-se e olhou para ele com um leve inclinar da cabeça para o lado.

Charlie lambeu os lábios. – Isso é difícil. Se você fosse qualquer outra garota eu convidaria você para um drinque, conversaríamos e a coisa toda ia se encaminhar. Mas com você eu não sei como agir.

Ela franziu a testa. – Levaria uma garota para um drinque e conversaria com ela para qual finalidade?

– Para ficar com ela.

– Já pagou o horário. Pode ficar comigo agora.

– Mas... eu teria certeza de que ela teria vontade de estar comigo.

– Que diferença faz? É melhor para o seu ego?

– Não, não meu ego. Mas... minha consciência, talvez.

– Um gângster com uma consciência – ela sorriu.

Por algum motivo, ele não gostou de ser chamado daquilo.

– Seu trabalho define você? – perguntou.

Ela umedeceu os lábios e desviou os olhos para o lado. O cheiro dela, a presença tão próxima, tudo aquilo mexia com a cabeça dele. Sentia-se tão nervoso por dentro quanto se sentira aos treze anos quando dera um beijo nos lábios de Bleekie, sua amiga de escola. Por fora, permaneceu frio.

– Não, meu trabalho não me define. Entendi sua mensagem. Mas ainda não entendi o que quer de mim.

– Só quero conhecer você.

– Estaria tão ansioso para se aproximar de mim se tivesse me visto numa lanchonete, pesando duzentas libras e comendo um hambúrguer?

Ele sabia que não. Sabia que seu pau estava tomando as decisões, mesmo naquele momento. – Nunca disse que não fui influenciado pelo jeito que dançou, pelo seu corpo. Só quero dizer que é mais do que isso.

– Mas não me conhece o suficiente para ter certeza.

– É só o que estou pedindo.

– Então eu me abro para você e um dia trepamos sem que você pague para isso e você fica de consciência tranquila? Seria mais honesto se isso fosse uma transação comercial, Charlie. Você me paga, eu te dou uma noite inesquecível e não falamos mais um com o outro. Você tem cara de um homem que sempre quer mais. Não posso dar mais do que isso.

– Quero saber quem você é. Não pode me dar isso?

– Quem eu sou é a única coisa em mim que não está à venda. É sagrado. É o que me mantém viva. Não vou entregar isso a homem algum.

Ele pensou naquilo, olhando para ela, para tudo o que aquele maldito robe escondia e revelava. Caía para exhibir um ombro, deslizava para mostrar uma coxa. Ele se segurou.

– Tem algum cliente seu que você não gosta?

– Como assim?

– Não que te machuque, eu sei que você está bem protegida aqui, mas que, se tivesse escolha, manteria longe?

Ela estudou os olhos dele, procurando propósito na pergunta.

– Não vou machucar ninguém. Só quero saber.

– Tem, tem sim.

– Me fale o nome deles.

– Não faça isso. Não tente se aproximar de mim direcionando violência para outras pessoas.

– Prometo que não é isso. Só quero o primeiro nome.

– Dois regulares... Mark... Mark Forrister.

– E?

– E Travis Milton.

– De agora em diante eu fico com o horário deles.

– Para quê?

– Para conversarmos.

– Você tá forçando a barra.

– Você pode me mandar embora, se quiser. Vou subir, para que não chame a atenção, fico cinco minutos e, se você quiser ficar em paz, eu vou embora. Você não vai me dever nada, eu prometo.

– Tudo isso para poder trepar comigo de consciência tranquila?

– Tudo isso para poder ficar perto de você.

Ela suspirou. – Charlie, você parece ser um cara legal. Mesmo. Mas nós dois sabemos o que isso é. Você não vai se contentar com sexo, vai querer minha alma. À força. Seria o pior dos estupros.

– Então é só para isso que você serve?

Ela mostrou emoção pela primeira vez. Olhou para baixo, os lábios apertados. – Não posso ser sua namorada só porque você quer.

E ela tinha razão. Ele sabia disso. Sabia que, ao contrário dos outros elementos que compunham sua existência, ela não seria algo que cederia por medo ou dinheiro. Ele poderia tê-la quando quisesse. Mas nunca realmente a teria, não de verdade.

Levantou-se e ela o observou.

Tirou de dentro do paletó um rolo fino de notas. Ela desviou o olhar quando ele fez isso. Então ele colocou o rolo em cima da cama e saiu.

Encontrou Viking na fonte do Bellagio, um lugar que virara ponto de encontro regular para eles. Naquela noite estava tão bela quanto nas outras, uma daquelas coisas lindas com as quais você acaba se acostumando. Cheia, como de costume, de turistas, de gente tirando foto e de adolescentes entediados com seus pais. O céu negro de Vegas pairava sobre o espetáculo do hotel e cassino Bellagio, uma torre que parecia abrir asas para os incautos, banhada por luzes em tons de amarelo, rosa e lilás.

– Ei. – Viking tinha tanto peso no olhar que Charlie soube que a situação era mais grave do que queria acreditar que fosse.

– Aonde vamos?

– Meu carro.

Ele seguiu Viking até o Bayside. Era uma boa caminhada, durante a qual não conversaram, não apenas por medo de que fossem ouvidos, mas pela necessidade de adiar o que estava por vir. Ao ver Viking e Charlie se aproximando, um dos *valets* do Bayside correu para buscar o Mustang. Charlie se deu conta de quantos elementos de Viking faziam parte da identidade falsa dele: o carro, o apelido, a forma de falar... Viking não era uma pessoa real, e sim uma personagem forjada para o único propósito de fazer justiça. Charlie se perguntou o quanto da amizade deles poderia ser real, já que não fazia a mínima ideia de quem Robert era. E não quis acreditar que nada daquilo fora real.

Entraram no carro.

– Nunca mais vamos falar sobre o que sabemos um do outro. A coisa tá pesada demais, Tony anda com um fantasma de desconfiança atrás dele e não quero correr mais nenhum risco.

Charlie olhou para as calçadas agitadas da Strip. Os olhos se distraíram, perderam-se no reflexo do rosto dele no vidro, e as pessoas continuavam passando através da imagem, como se quisessem entrar nele.

– Mas e agora, o que acontece? Quando sair, suponho que vá me dedurar também.

– Vou dar um jeito, Charlie. Vou fazer o que puder, dentro do meu alcance, para te proteger.

– Matou pela família, Viking. Como isso funciona?

– Você acha que o FBI vai lamentar o assassinato de criminosos se isso significa prender e condenar a administração de uma grande família da máfia em Las Vegas? Acha mesmo que eles não encontram formas de sumir com qualquer evidência de que agentes tenham participado de crimes sérios? Não seja ingênuo, Charlie.

E então Viking olhou para ele. – Não, você não é ingênuo. Dá para ver nos seus olhos que já fez sua primeira execução.

Charlie não soube o que aquelas palavras o fizeram sentir.

– Como foi?

– Rápido. Estranhamente familiar, mesmo que eu nunca tivesse feito aquilo antes. É como se...

– Como se estivesse no seu sangue? – A voz vibrava com uma raiva que Charlie não estava acostumado a ver em Viking. – Para com isso, porra. Você uma vez me disse que não era como o seu pai. Então não fale uma merda dessas, porque acreditei em você, Charlie.

– Eu só... eu não sinto nada.

– Não vamos trabalhar juntos por um tempo. Você vai ficar no cassino e eu cuidando das coisas, e isso só até me tirarem dessa lama. Prometa para mim que não vai fazer merda.

– Não vou. Fica tranquilo.

Rocket vestia um curtíssimo vestido vermelho quando ele entrou no quarto roxo. Sobre saltos, ela estava algumas polegadas mais alta do que ele. Maquiagem pesada, cabelos soltos. Cruzou os braços e sorriu:

– Sabia que não desistiria tão fácil.

– Não posso mais ver você dançar porque não coletei mais aqui. Mas tive uma conversa com o Phil e, como prometido, estou substituindo seus clientes lixos.

Ela rebolou até uma penteadeira e enfiou um cigarro na boca. Acendeu.

– Então vamos conversar? – Soprou fumaça.

Ele se sentou na cama. Tirou os sapatos e os largou no chão. – Sim.

Ela abriu uma pequena janela que dava para o beco abaixo deles, pegou um cinzeiro de vidro e o carregou até a cama. Puxou o vestido para cima um pouco, para que pudesse sentar de pernas de índio, e ele teve um vislumbre de uma calcinha vermelha, de renda. Tudo para tornar a noite ainda mais difícil.

– Sou o primeiro cara que quer conversar?

– Não. Acho que a cada dez que entram aqui, um quer conversar. Alguns querem beijar na boca. Alguns querem abraços.

– Te pagam quinhentos dólares por abraços?

– Hum-hum. Isso te diz muito sobre a vida lá fora.

– Porra.

– É. Sinto pena deles. Mas preciso cobrar, a casa só funciona dessa maneira. Entrego metade do que ganho. E parte disso, suponho, vai parar no seu bolso.

Aquilo o incomodou. Pareceu uma coceira no pé, e ele de mãos amarradas. – Tá, então... você manda.

Ela sorriu. – Tudo bem. – Virou o corpo e pegou uma caixa pequena de cima da mesa de cabeceira, onde o abajur vermelho ficava. Abriu a caixa e tirou um baralho de dentro.

– Uno?

– Dizem que só os bons relacionamentos sobrevivem a Uno. Então vamos jogar. Vamos ver se consegue perder para uma mulher.

A destreza com a qual ela embaralhou fez Charlie pensar num pistoleiro jogando pôquer no velho oeste, charuto na boca e barba áspera o suficiente para acender um fósforo.

Ela distribuiu as cartas entre os dois.

– Se eu vencer... – Ele olhou para ela. – Vai me contar seu nome?

Ela riu um pouco. – Talvez. Não sei ainda. O que eu ganho se *eu* vencer?

– Pode pedir qualquer coisa.

Começaram a jogar.

Charlie olhou para ela durante a partida. Rocket sorria, olhava para ele. Charlie se lembrou da primeira vez em que a vira, o jeito como dançara.

Ele colocou a penúltima carta na pilha, mas então ela desceu a maldita carta “+4”, com uma risada típica de desenhos infantis de terror.

– Merda. – Ele pegou quatro cartas do monte, mas o dano estava feito. Em duas rodadas, ela descartou a última carta e colocou as mãos para cima. Fez um som de chiado, imitando os berros de uma torcida gigantesca. Ele não conseguiu esconder um sorriso, o rosto quente de raiva por ter perdido.

– Ai, ai... o que eu quero? – Ela fingiu estar pensando, os olhos para cima, o indicador batendo suavemente contra o queixo. – Acho que mereço um poema de amor.

Ele fez uma cara para ela, e Rocket riu. – Você é o romântico aqui, não eu. – Deu de ombros. Parecia uma adolescente com as colegas de escola, e não a mulher que precisava ser naquele quarto, noite após noite.

Ele pegou um cigarro e o acendeu. – Não memorizei nenhum poema.

– Mas eu tenho um!

– Planejou isso.

– Claro. – Ela riu. – Sabia que você viria, e meu trabalho me ensinou que posso me divertir com o que é inevitável. Aqui, toma.

Ele pegou o pedaço de papel que ela ofereceu. Copiara o poema de algum lugar, numa letra redonda, grande, ousada.

– “Quando fores velha”, de Yeats.

Não escapou a Charlie a ironia de Yeats ser irlandês. Continuou:

– “Quando já fores velha, e grisalha, e com sono, pega este livro: junto ao fogo, a cabecear, lê com calma; e com os olhos de profundas sombras sonha, sonha com o teu antigo e suave olhar.”

Olhou para cima e encontrou os olhos dela. Ela sorria, mas havia tristeza em seu rosto, uma tristeza abissal. Não havia sido um coração partido. O acontecimento que a levara à Vegas, às boates, às noites de coxas abertas para a intrusão de estranhos não era simples, não era corriqueiro. Ele viu, claramente naquele momento, uma fenda na alma dela.

– Gosta de poesia? – perguntou para que não tivesse que ler o resto.

Ela deu de ombros. – Não sei nada sobre poesia, não tive tanto estudo assim. Mas... mas meu pai era um irlandês daqueles com a alma pura, sabe? E ele... ele gostava de Yeats. É o único poeta que conheço.

Ela se levantou e andou até a penteadeira, esquecendo de rebolar. Charlie prestou atenção e viu que ela mexeu em algumas coisas ali. Quando ela abaixou a cabeça e ele ouviu o som alto de um fungar, entendeu que estava cheirando cocaína. Ficou um pouco chocado com aquilo, e depois se sentiu idiota. Era claro que ela usava, os próprios distribuidores trabalhavam para a família.

Ela era outra pessoa quando olhou para ele. Sorriu. – Esquece a merda do Uno e da poesia. Quer ir a uma festa?

A festa era no apartamento de uma amiga. Rocket simplesmente abriu a porta e entrou, puxando Charlie pela mão. Havia pessoas demais para o lugar pequeno, então ele teve que espremer-se entre elas para andar. A música estava alta, todos pareciam estar rindo, dançando, beijando-se, comendo, bebendo e empurrando-se uns aos outros enquanto batiam papo e contavam piadas. Ele teve um vislumbre de drogas. Viu duas mulheres se beijando no sofá, viu um homem tatuando o pé de uma mulher. Estava tão barulhento lá que ele nem sequer ouviu o que Rocket tinha acabado de dizer. Ela estava apontando para as pessoas com o maior sorriso no rosto, e ele achou que ela estava explicando quem eram. Quando ela entrou na cozinha, um grande número de mulheres começou a dar gritinhos de felicidade, abraçando-a. Ela apontou para ele com o polegar. Ele não conseguiu ouvir nada além de: “É Charlie!” quando ela gritou para suas amigas.

– Tome uma bebida, Charlie! – uma delas disse. – Sinta-se em casa!

Rocket já estava empurrando uma cerveja em suas mãos. Então ela se inclinou sobre a mesa e cheirou outra carreira de coca. Ela surgiu com um enorme sorriso e olhou para ele.

A noite foi insana. Ele sempre havia sido considerado por todos como um cara reservado, mas naquela noite pulou com os amigos dela, gritando “*the roof, the roof, the roof is on fire!*”. Ele torceu por caras que faziam lutas de boxe improvisadas, ele apertou a mão de todos. Logo virou o centro das atenções e

derramava histórias da prisão e absolutamente todos estavam interessados. Rocket o surpreendeu com um beijo quando ele estava rindo com suas amigas. Quando ele a viu cheirando outra carreira, sem pensar, inclinou-se sobre o espelho e cheirou uma também. Ele nunca se esqueceria do jeito que aquilo o fez sentir-se. De repente ele era Deus. O filho da puta mais foda do lugar. Foi uma sensação fantástica. Rocket lá, aquela coisa linda, com aquele corpo incrível, deixava tudo melhor enquanto derramava sua bebida, ria como boba e sorria para ele.

Charlie acordou com um estrondo. Estava cansado daqueles bostas arrombarem seu apartamento por diversão. Apenas suspirou e esperou, deitado na cama, e logo viu Fabricio olhando para ele. Mas algo estava errado. Ele não tinha o velho sarcasmo nos lábios tortos. Seus olhos estavam vivos, com uma chama fria de ódio.

– Que porra é essa? – Charlie forçou-se a falar.

– É uma coisa do caralho. Vista-se. Tony está esperando.

Charlie levantou-se. E, em vez de fazer o seu caminho para a cozinha e beber alguma coisa, Fabricio ficou ali, olhando para ele. Talvez tivessem descoberto. Charlie decidiu que a única maneira de agir era ficar frio, até o fim. Pensou na noite anterior, sua terceira com Rocket. Jogaram Uno durante uma hora inteira e conversaram sobre tudo o que não era importante: filmes, música e datas de aniversário.

Cheirara mais cocaína com ela. Fumaram maconha, daquele jeito, tudo meio misturado, o Uno, as drogas e a conversa, de forma que nem se lembrava muito bem daquilo.

Vestiu-se e seguiu Fabricio até o carro dele. O desgraçado dirigiu em silêncio por um tempo. Charlie decidiu falar:

– Você vai me dizer o que está acontecendo?

Fabricio não respondeu. Isso não era bom.

Charlie deslizou a janela do Camaro para baixo e acendeu um cigarro. Seu coração estava firme, mas ele estava suando um pouco na testa. *Mantenha a calma, até o fim.*

Fabricio dirigiu por um longo tempo. Charlie contava os minutos em seu relógio. Começou a ficar preocupado. *Eles vão me matar agora. Ele vai me levar a algum lugar e vai atirar na minha cabeça, é simples assim.* É um momento estranho, quando você descobre isso. É “o fim”. A adrenalina correu. Sentiu uma tristeza intensa arrastar-se sobre ele. Fodeu, ele estava morto. Simples assim.

Fabricio parou o carro e Charlie não viu nada ao seu redor, além de deserto. Havia outro carro estacionado. Era um Lexus escuro com um arranhão na lateral. Parecia roubado.

Ele viu outras duas cabeças no interior do carro. Fabricio saiu, mas Charlie estava com medo de se mover. Fabricio abriu a porta para ele. Com os joelhos fracos, ele saiu do carro. Ficaram ali, em silêncio, parecendo tostar com o sol de Vegas, e viram a porta do Lexus abrir. Charlie viu Tony sair e Vinnie com ele. Outro cara permaneceu lá dentro. E agora, pela altura dele, Charlie sabia que era Viking.

Tony e Vinnie estavam estranhos. Quando se aproximaram, Charlie falou baixinho:

– O que está acontecendo?

A mandíbula de Vinnie estava dura quando ele falou:

– Um dedo-duro, garoto. Um traidor em nosso meio. Um maldito federal. *Ah, Deus amado, ah não...*

Tony falou:

– Uma década, Charlie. Ele foi meu braço direito, meu amigo, um irmão, durante uma porra de uma década. – Tinha lágrimas de ódio nos olhos. Ficou ali, parado, mas Charlie sentia que ele estava prestes a explodir de raiva. – Na noite passada tivemos confirmação de que ele trabalha para a merda do FBI, para aqueles filhos da puta do caralho dos federais, todo esse tempo...

Charlie se sentiu tão tonto que pensou que fosse desmaiar. Por um segundo, ele quase perdeu o equilíbrio e sua vista escureceu, mas ele se firmou. Abriu os lábios para dizer algo, mas eles estavam tremendo.

– Eu sei – disse Tony, de maneira compreensiva.

– Isso não pode ser verdade – foi tudo o que conseguiu dizer. Então fechou a mandíbula com força. Ele tinha que fazer alguma coisa. – É a porra do Viking, gente! Isso não é verdade, caralho! – gritou.

Arrependeu-se imediatamente. Mas foda-se, fodam-se todos.

– É verdade, Charlie – disse Vinnie, mãos apaziguadoras no ar. – Sinto muito, rapaz, eu realmente sinto. Eu entendo que vocês eram próximos. Mas não há nenhuma dúvida.

O rosto de Fabricio era o de alguém que havia acabado de assistir sua família queimar diante de seus olhos. Charlie podia ver sangue neles.

Jesus Cristo, ajude-me agora e eu sou seu.

– Como podem ter certeza? – ele retrucou. – Como ele pôde fazer isso comigo? – E as últimas palavras soaram verdadeiras. *Viking, como você pôde deixar que descobrissem?!*

Foi Tony quem respondeu:

– Um amigo nosso de Newark. Você o conheceu na festa do Bayside ano passado, Salvatore Rizzo, o velho Sal, ele ficou na prisão por doze anos. No ano passado ele saiu e nos visitou, apesar de não estar mais no negócio, cuida de alguns problemas. Ele viu Viking e reconheceu-o de algum lugar. Foi para casa e pensou no assunto, mas não conseguiu descobrir de onde. Agora, com essa merda toda dos federais, ele fez a conexão. Ele lembrou. Viking fez uma visita à prisão onde Sal ficou por um tempo, mais de uma década atrás, para interrogar um cara. Sal é bom com rostos. Nós checamos. É verdade, garoto. Olhe para isso. – Ele entregou uma fotocópia para Charlie, de péssima qualidade, mas legível, de um passaporte.

Ele reconheceu a foto de Viking e em baixo: Robert Wesley Whitford.

Eles ficaram ali por um tempo, observando Charlie, com expectativa.

O silêncio permitiu que o sentimento lhe penetrasse.

Tentou mais uma vez:

– Viking. O nosso Viking... vocês vão matar o Viking?!

Vinnie balançou a cabeça. – Não, garoto. Você vai.

Ele puxou a arma de trás das costas e a ofereceu a Charlie.

Charlie só olhava para ele. Sua mente correu. *Eu não vou fazer isso. Esta minha vingança não vale a pena matar o meu melhor amigo e a pessoa que me salvou quando eu estava no fundo do poço.*

Um novo plano se formou.

Vou atirar nesses filhos da puta e acabar com isso. Atirar no Fabricio, primeiro, porque é provável que vá puxar uma arma e atirar em mim se eu não fizer isso. Depois, Tony, que vai ser pego de surpresa, então Vinnie, que não tem arma agora e é menos provável que vá lutar. Você consegue atirar em Vinnie? Vai precisar.

Ele moveu a mão para pegar a arma, mas Tony tocou suavemente em seu braço. Quando ele olhou para Tony, o homem mais velho balançou a cabeça. – Ninguém vai atirar nele – ele falou baixo.

Vinnie o contemplou com olhos curiosos.

– Fabricio, abra o porta-malas e me traga seu conteúdo – Tony ordenou.

Vinnie colocou a arma de volta atrás das costas.

O coração de Charlie bateu como louco.

Fabricio fez o que lhe foi dito, com os olhos nele. Viking não se mexeu dentro do carro.

Charlie queria falar com ele, vê-lo.

Fabricio estava voltando. Quando Charlie conseguiu distinguir o que estava carregando, teve que respirar fundo para não vomitar. Dois galões de gasolina. Eles iam queimá-lo vivo.

Charlie deu um passo para trás porque era fisicamente incapaz de lidar com aquilo. Apoiou as mãos sobre o capô quente do Camaro e fechou os olhos. Ele sentiu um toque reconfortante nas costas e de alguma maneira sabia que era Vinnie.

– Eu não posso fazer isso – ele sussurrou.

– Charlie, nós entendemos – disse Vinnie. – Mas temos certeza, cara, temos certeza.

Ele apenas fechou os olhos com força e se recusou a fazer parte disso. Mas a voz de Tony era firme:

– Charlie, venha aqui.

Ah, meu Deus, nos ataque com trovões agora, para simplesmente morrermos, e acabarmos com essa merda toda agora.

Ele obedeceu. Eles caminharam em direção ao Lexus. Charlie viu Viking algemado ao volante. Ele parecia resignado. Seus olhos eram tristes quando encontraram os de Charlie.

Jesus, Vik, diga-me o que fazer. Ele perguntou silenciosamente.

Mate-o quando tiver a chance. Ele sorriu. *E cuide para que eles nunca encontrem minha família.*

Fabricio abriu a garrafa de plástico e começou a derramar a gasolina dentro do carro, nos bancos e em Viking. Viking não se moveu, ele apenas abaixou a cabeça para evitar que o fluido caísse em seus olhos. Tony observou. Vinnie parecia destruído, mas assistiu. Afastar-se seria uma coisa ruim de fazer.

Todos deram alguns passos para trás quando Fabricio tirou seu Zippo do bolso.

– Últimas palavras? – perguntou Tony, sombriamente.

Viking olhou para ele. Então sacudiu a cabeça.

Fabricio jogou o isqueiro dentro do carro e as chamas subiram no mesmo instante.

Charlie mordeu o lábio e fechou os olhos. Ele estava chorando, e não se importava. Eles ouviram Viking gritando de dentro do carro.

Então ele pirou.

Estendeu a mão antes de suas intenções serem totalmente conhecidas para si mesmo.

Pegou a arma atrás de Vinnie, puxando o paletó junto.

Deu dois passos para frente e apontou a arma para o peito de Viking.

Ele apertou o gatilho uma vez, ouviu o tiro, sentiu o coice da arma.

Viu Viking parar de se mexer, sua cabeça balançando ligeiramente.

Ele puxou o gatilho de novo. A cápsula voou para trás e quase atingiu seu rosto.

De novo, de novo.

Mais uma vez.

Mais uma vez.

Ele percebeu, em algum momento, que estava gritando algo como “Aaaaaahhh!” enquanto descarregava a pistola em seu amigo.

O barulho dos tiros o havia deixado com a sensação de que um saco plástico estava sobre sua cabeça. Ele continuou apertando o gatilho, mas o som era seco. Não havia mais balas.

Ele continuou tentando disparar, apesar de Viking ter se tornado algo imóvel, algo preto como carvão e algo envolto em chamas.

Mãos puxaram-no para trás.

Quando ele acordou, a primeira coisa que sentiu foi dor. Dor nos braços, dor na garganta e nos olhos. Ele respirou fundo e respirar doía também. Estava em um quarto. Viu Vinnie lá, olhando para ele. Suzie estava junto.

– Charlie, não se mexa – ela implorou. – Você não está muito bem.

– On...

– Você tá na minha casa – explicou Vinnie. – Você inalou um pouco de fumaça. Vai ficar bem, mas precisa ficar quieto, Charlie.

Falar o machucava, mas ele falou:

– Por que meus braços doem?

– Porque você pirou completamente lá. Nós três tivemos que puxá-lo. – Vinnie se inclinou para frente. – Entendo, Charlie. Ele era como um irmão mais velho para você. Ele traiu a todos nós, mas nós entendemos por que ficou tão putu. O que ele fez com você foi imperdoável.

Lembre-se. Foque. Sua família.

– Onde está Tony?

– Em casa, suponho. – Vinnie deu de ombros. – Ele não está bem com tudo isso. Ele nunca se deixou enganar assim antes. Está trancado em algum lugar com Frank, eles devem estar conversando. As coisas vão ficar tensas por um tempo. Apenas relaxe agora, garoto. Ninguém está com raiva de você. Durma um pouco.

Ele levantou-se de qualquer maneira, Vinnie e Suzie apenas olharam-no com apreensão.

– Eu não preciso de babá – resmungou Charlie. – Vou pra casa.

Uma vez fora da casa de Vinnie, ele acelerou o passo. Tinha que chegar a um telefone público. Um bem longe de lá. Pegou um táxi e mandou o motorista dirigir até uma rua periférica da cidade, onde desceu, encontrou um telefone público e ligou para a telefonista. Ela o transferiu para uma atendente do FBI. Ele

sabia que a mulher não iria conectá-lo a qualquer oficial de alta patente, é claro, por isso ele foi direto e simples, embora sua voz tremesse:

– Sou um terrorista. Eu coloquei uma bomba num cassino e só vou falar com uma mulher chamada Francesca Strong. Coloque-a na linha agora.

A mulher pediu-lhe para aguardar. Em segundos ele ouviu a voz de um cara:

– Olá, com quem estou falando?

– Vá se foder e foda-se isso, eu preciso falar com Francesca Strong na divisão de crime organizado, e acredite que isso é uma questão de vida ou morte!

– Ele estava suando. Algumas pessoas olhavam em sua direção quando passavam por ele na rua. Ele tossiu.

– Você está falando com o agente especial Marino. Sou da divisão antiterrorismo.

– Eu vou desligar, porra, e pessoas vão morrer! Coloque-a na linha! – Então ele começou a tossir. Queimava sua garganta.

Uma mulher atendeu. – Aqui é Francesca Strong, com quem estou falando?

– Charlie. Fran... Viking... – Segundos de silêncio. Estavam rastreando sua chamada. Ele não dava a mínima.

– Charlie, quais informações tem?

– Olha, eles descobriram sobre ele e ma... cacete, mataram. Ele. Eles tacaram fogo e atiraram nele. Preciso que vocês façam as coisas que sabem fazer e tirem sua ex-mulher e seu filho do país!

– Charlie, está me dizendo que alguém descobriu a identidade dele?

Havia tanto pânico na voz dela que Charlie entendeu que ainda não havia compreendido o que acontecera.

Sentiu as lágrimas novamente. – Escute, eles o mataram. Salve a família dele, por favor, por favor, por favor! – E desligou.

Eles conseguiriam. Ele sabia que fariam isso. Sabia também que não poderia ficar lá por muito tempo, então entrou em um táxi e pediu ao motorista para levá-lo para casa. Tinha consciência de que fizera uma coisa perigosa. Mas o risco valia a pena por Viking.

Francesca estava olhando para as seis pessoas que havia chamado para aquela reunião de emergência. Vellowann estudava o rosto dela, quase implorando por um surto para que tivesse desculpas para tirá-la do cargo.

A unidade de Vegas não era grande. Trabalhavam num prédio comercial, em pequeno grupo, como se fossem contadores. Ninguém imaginava que eram federais.

Todos naquele escritório haviam sido informados. Sabiam sobre Robert e, embora a maioria nunca o tenha conhecido pessoalmente, ele fora um agente

especial em uma das mais arriscadas missões da história do FBI.

– Nossa prioridade número um é mover Helen Coleman e Aaron Whitford para o local seguro um. De lá, vou precisar que um de vocês auxilie o agente Wayne Gomez, do programa de proteção à testemunha, com informações das quais ele possa precisar. Vou pedir o máximo de tato e sensibilidade aqui. O ex-marido dessa mulher deu mais de dez anos de sua vida ao trabalho secreto. Temos que tratá-la como uma rainha. – Ela suspirou e lambeu os lábios. Lágrimas ameaçavam vir. – Eu acredito que não deveria ter chegado a este ponto. Estávamos prestes a tirá-lo de lá. Só precisávamos de mais alguns dias. Isso é errado. – Ela parou.

Não se atreveu a olhá-los nos olhos.

O escritório estava em silêncio absoluto. Ela tinha que continuar.

– A melhor maneira de honrar o agente Whitford é trabalhar com perfeição. Nossa segunda prioridade é limpar seu apartamento. Isso será perigoso. Eles sabem onde ele morava, o apartamento era parte de seu disfarce. Podem estar lá, vasculhando. Podem chegar quando vocês estiverem lá. Então vou precisar que montem uma equipe de limpeza e estabeleçam um perímetro. Estou colocando você no comando disso, Barnes.

Barnes assentiu.

– A missão três, liderada por Jim, será de reunir todo o material que temos para tentar descobrir onde eles poderiam ter feito isso com Robert. Se possível, devemos... – Ela suspirou novamente. – Recuperar o seu corpo.

Barnes falou:

– Isso pode ser fácil. Traga Retorini aqui. Era o mais próximo de Robert, deve estar abalado o suficiente para nos dar alguma pista durante um interrogatório.

Francesca sentou-se. – Não podemos. Se descobrirem que Charlie esteve aqui, então vão saber que já estamos cientes da morte de Robert, e saberão que ele foi o dedo-duro. Vão matá-lo também.

– O que você está dizendo? Esquecemos Charlie porque ele nos contou sobre a morte de Robert? Temos que recuperar o corpo. Nós temos que enterrá-lo e dar à sua família algum encerramento. E desculpe, mas precisamos tornar nossa prioridade condenar todos por esse crime. Pelo amor de Deus, Fran, Robert era um agente federal especial.

– Precisamos fazer isso sem foder com Charlie – ela pressionou.

– Ele é um Conicci, Fran – falou Barnes, suavemente. – Talvez Robert gostasse dele. Mas ele é um criminoso, dos piores.

Vellowann a estudava do canto da sala. Ela sabia que precisava de mais do que compaixão e empatia para não agir em relação a Charlie. Fortificou seus argumentos:

– Trazer Charlie aqui vai causar mais danos do que trazer benefícios. Sabemos que ele não vai falar, ele fez um juramento. Fez um favor pessoal de entrar em contato, sim, mas não com o FBI, *comigo*, porque estabelecemos uma conexão. Entrou em contato não para nos dar dicas sobre o corpo, e sim para pedir a proteção da família de Robert. Então ele nos mostrou que amava Robert e que é um ser humano. Mas achar que ele vai dedurar a família? Não se enganem. Ele pegaria mais vinte anos de prisão sem falar uma única palavra e vocês sabem disso. Se correremos esse risco idiota, perderemos Charlie dentro da família, a única pessoa hoje que pode, talvez, conseguir alguma coisa para a gente. Eu prefiro explorar as possibilidades do que Charlie pode fazer por nós do que foder com ele agora.

Eles ficaram em silêncio. Vellowann parecia medir as palavras dela.

– Vou dar um jeito – ela falou. – Vou me empenhar em descobrir onde ele está. Encontramo-nos em quatro horas, aqui. Barnes, mantenha-me informada. Vão.

Eles se levantaram e foram embora. Ela encarou o chefe. Havia acusação nos olhos dela e desconfiança nos dele. Se ele tivesse sido mais rápido na extração de Robert, ele ainda estaria vivo. Mas ela estava numa situação delicada. Tudo o que Vellowann queria era que ela escorregasse, para poder tirá-la de lá. O atrito entre os dois era pessoal, e era antigo. Existia desde que Vellowann insistira para que Francesca saísse com ele e ela negara, porque já estava apaixonada por Robert. Se ela confirmasse por um segundo sequer, por algum gesto ou palavra errada, que ela e Robert estiveram envolvidos romanticamente, seria o fim da carreira dela.

Ela pegou a pasta e passou por ele na saída da sala de reuniões, lutando para não desabar.

Charlie entrou no escritório onde Tony estava à espera dele. Viu Frank, Pete, Fabricio e Vinnie. Alta gerência. Sentou-se e Tony falou como um homem que tinha pensado durante muito tempo sobre o que ia dizer:

– Viking, ou, devo dizer, o agente especial Robert Whitford, era a pessoa que dirigia a verificação de antecedentes para nós, e agora sabemos por que ele era tão bom no que fazia. A partir de agora, Fabricio vai fazer esse trabalho. Charlie, aquele filho da puta jurou por você, o que realmente representa uma situação difícil.

Charlie não se mexeu, e certamente não estava mais com medo. Ele simplesmente não se importava como tudo acabasse. Sentia-se anestesiado, pesado, porém vazio. Olhou fundo nos olhos de Tony.

– Quando expus a situação, mesmo que tenhamos acabado de ser fodidos no cu pelo FBI, Vinnie aqui, e em seguida Fabricio, disseram que jurariam por você de novo se necessário. Então, suponho que estamos bem sobre o assunto.

Agora... eu preciso de alguém para limpar o apartamento do filho da puta desgraçado e ver o que ele tem sobre nós. E incendiar o lugar. Os federais podem estar lá. Se estiverem, então será tarde demais e vocês vão precisar dar o fora.

– Podemos atirar na cabeça de todos aqueles bostas – murmurou Fabricio.

Foi Frank que balançou a cabeça. – Pense antes de falar, rapaz.

– Por que estariam lá? Quer dizer, como eles poderiam saber? – disse Vinnie.

Charlie falou:

– Ele provavelmente tinha algum tipo de hora para telefonar, ou alguma senha ou merda desse tipo para sinalizar que estava bem. Mas talvez não, quem sabe?

– Eles podem saber... – disse Tony. – Se estiverem lá, deem o fora. Fabricio, seu trabalho agora é encontrar a família dele. Pai, mãe, irmãos, namorada, o que for. Ninguém é velho ou jovem demais. Os Conicci revidam dez vezes mais forte. Sangue tem que ser derramado por isso.

– E nas ruas? – perguntou Pete.

– Nós não falaremos sobre isso. Nenhuma palavra. Ninguém deve saber. – Foi a resposta de Tony.

Charlie pensava que não conseguiria dormir. Com tudo o que tinha acontecido, inclusive terem que dar o fora do apartamento de Viking porque havia federais por toda a parte, ele pensou que nunca iria dormir novamente. Mas, agora que deitara em sua cama, cada músculo em seu corpo doía, e ele sabia que estaria num sono profundo em minutos. E aquilo parecia ser errado.

Ele chorara naquele dia, por bastante tempo, a morte do amigo. A imagem de Viking queimando ficaria impressa em sua mente para sempre. Ele matara Viking. E, ainda, essa era a única coisa da qual sentia orgulho. Ele nunca se perdoaria se tivesse apenas ficado lá, assistindo-o queimar.

Em algum momento, o sono veio. Foi um limbo sem sonhos. Era escuridão. Mas ele acordou. E, assim que despertou, sabia que não estava sozinho.

A adrenalina correu. Ele se sentou na cama e acendeu o abajur.

Foi uma surpresa ver uma mulher sentada em uma de suas cadeiras da cozinha, ao pé da cama, observando-o com uma arma na mão.

– Olá, Charlie – disse.

– Olá, Francesca – ele murmurou, ciente de que dormira nu. Ele puxou as cobertas sobre si e esfregou o rosto. – Você não precisa apontar essa coisa para mim.

– Sinto-me mais segura com ela – respondeu. – Não estou aqui para expô-lo. Estou te fazendo um favor. Se você tornar as coisas difíceis para mim, eu não só vou atirar em você, como vou me certificar de que vai voltar para o Instituto Correcional de Nevada, e desta vez não vai trabalhar na cozinha.

– Sim, eu tenho que agradecer a você por aquilo. – Pegou um cigarro e acendeu.

– Agradeça me contando onde o corpo está.

Ele olhou para ela por um tempo. Não era incrível. Era real. Conseguiu imaginar o amor de Viking por ela. – Se eu te contar, morro.

– Não. Se você me contar, não vou deixar a mídia saber o que realmente aconteceu. Vou manter a história oculta e tudo o que será publicado sobre ele é um pequeno obituário que ninguém vai ver. Nada dessa história virá a público, jamais. Eu só quero dar à família dele um pouco de paz de espírito.

– Está mentindo para mim.

– Não.

Ele considerou isso arriscado.

Mas era Viking.

Foda-se.

– No deserto, vinte milhas a noroeste. Você vai ver o carro.

Ela observou-o. – Conte-me o que aconteceu.

– Eu nunca vou falar sobre o que aconteceu.

– Ele sofreu? – Ela sabia que sua pergunta era idiota antes mesmo de pronunciá-la.

– Apenas alguns segundos, até que atirei no peito dele.

Seus olhos ficaram molhados quando disse isso. Mas ele não se importava com mais nada.

Ela olhou para longe dele. Mesmo com a fraca luz da lâmpada, ele viu que ela estava chorando. – Obrigada – sussurrou. Ela finalmente olhou para Charlie. – Eu os quero na prisão. Eu sei que você não vai me ajudar, mas, por favor, saiba que se um dia você decidir me ajudar, eu farei tudo ao meu alcance para...

– Como é possível que vocês ainda não conseguiram? Depois de uma porra de uma década de relatórios do Viking, você deve... você *deve* ter material!

Ela se inclinou para frente. – Material? Sim. Mas Robert não pode mais testemunhar em um tribunal. O que reunimos nos ajudou a infiltrar, prever ações e condenar mais de cinquenta e três criminosos com ligações às famílias Conicci e Gnocchi. Mas você não conhece esses caras porque eles são peixes pequenos. Os cabeças. – Ela balançou a dela. – Não temos o suficiente para uma convicção certa. As ordens de Tony são subjetivas, são feitas onde ele está protegido, na merda do escritório dele. O que Robert conseguiu gravar é bom, mas não o suficiente. O FBI não quer prender Tony por pequenos delitos, entende? Estávamos esperando um caso sólido, perfeito, sem margem para contestações, não só para ele, mas para Fabricio, para Frank, para Pete, Vinnie...

– Merda – ele murmurou.

Ele franziu o cenho. – Quem é você? De verdade, lá no fundo, é um deles ou não?

– Quem sou eu? Boa merda de pergunta, eu adoraria saber.

Francesca levantou-se, colocou a arma no coldre e olhou para Charlie por um tempo. – Sempre que quiser, estamos aqui – disse. Depois foi embora.

Como Charlie, Francesca não dormiu durante o resto da noite. Ela chorou por horas sobre o travesseiro. Sua filha de treze anos, Taylor, bateu na porta e perguntou se a mãe estava bem. Ela disse que estava. A menina era durona, sendo filha de um casal divorciado, uma agente do FBI e um cirurgião cardíaco, estava acostumada a ver as reações de ambos. Então Taylor apenas fechou a porta e voltou a dormir.

Mas Francesca não parava de chorar ao pensar em Robert. Pensou sobre a maneira como ele falara sobre aqueles caras. Sobre como ele às vezes confessava gostar deles. Sobre as dúvidas de Robert, sobre a maneira como ele era honesto sobre seus sentimentos.

“A única coisa que me mantém são é você, Franny...”, ele costumava dizer.

Quando a dor acabaria? Quando ela pararia de sentir falta dele? Falta do seu rosto, seus lábios pressionados contra os dela, seu corpo pesado em cima dela? Seu grande coração e personalidade? Suas longas e longas conversas noite adentro? Seu apoio, sua admiração por seu trabalho? Engoliu em seco e tentou parar de chorar. Levantou-se e disse: “foda-se” a tudo. Caminhou para a sala de estar, remexeu na mochila de Taylor e encontrou os cigarros da filha. Será que a garota realmente achava que sua mãe não sabia?

Roubou um e acendeu-o no fogão. Serviu-se de um copo da bebida mais forte que tinha na casa, Ballantine’s, e bebeu metade de uma só vez. Sua mente corria, e ela pensou em Tony Conicci.

Charlie entrou no Sunset na manhã do dia seguinte. Sabia que fedia a suor, que as roupas estavam amarrotadas e o cabelo bagunçado. Só duas meninas dançavam, com rebolados preguiçosos e poucos homens assistiam-nas, ainda assim pareciam não estar realmente olhando para elas, e sim para a vida que achavam que deveriam estar vivendo.

Por sorte, Phil não estava por perto. Ele viu uma *stripper* num canto, sentada, lixando as unhas. Andou até ela. – Preciso saber onde a Rocket mora.

Ela olhou para ele, e ele viu que o reconhecia. Pensou que fosse dar trabalho. Mas então ela falou baixo: – Avenida Beacon, 145... apartamento quatro.

Quis perguntar por que ela estava sendo tão fácil, mas supôs que Rocket deveria ter dito algo bom sobre ele para as amigas. Ele não tinha forças o suficiente para perguntar. Só queria chegar até ela.

O prédio era típico de inquilinos solteiros. Uma construção de dois andares, em “U”, com uma piscina no centro. Um lugar bem cuidado, com bastante

plantas e de paredes pintadas com um tom tranquilizador e refrescante de azul-esverdeado. Ele encontrou o apartamento quatro. Bateu na porta, sentindo a pele quente com o calor e o peito pesado.

Quando ela abriu, foi como se a existência dele se resumisse àquele momento. Estava linda: sem maquiagem, cabelo molhado do banho e roupa de ginástica. Descalça.

Ele não aguentou. Deu um passo para dentro e jogou seu peso em cima dela, para que ela realmente o segurasse, para que ele não se jogasse no chão. E os soluços vieram, mesmo com todo o esforço que ele fez para impedi-los. E quando sentiu seu corpo sair do seu controle, pedindo ar em espasmos, chorando com sons longos e estranhos para ele, sentiu também as mãos dela o abraçarem.

Ela fechou a porta com o pé, segurando-o contra ela, ouvindo o choro.

Quis perguntar, mas teve medo do que poderia ouvir. Então disse, baixo: – Calma... shh... calma, Charlie...

Não houve resposta fora os soluços e chiados dele.

Ela então afastou o corpo e olhou para seu rosto. – O que foi?

Ele sacudiu a cabeça, os olhos molhados, vermelhos. – Pelo amor de Deus... – A voz era grossa, embargada. – Faz isso ir embora.

Ela entendeu. Hesitou. Ficou parada em frente à porta enquanto Charlie se arrastava para dentro da sala e se sentava no sofá, o rosto nas mãos, as costas tremendo com os soluços.

Ela andou até o banheiro da suíte e abriu o armário. Tirou a latinha onde guardava as drogas. A voz mais sábia dentro dela insistiu para que parasse, mas ela era mole. Sabia que não ia aguentar vê-lo daquela maneira.

Quando entrou na sala, ajoelhou-se de frente para ele. Charlie olhava para ela com o pesar do mundo em seus olhos castanhos. Ela gentilmente amarrou o tubo de borracha no braço dele e deu uns tapinhas experientes para encontrar a veia. Não foi difícil. Devagar, ela acendeu um isqueiro debaixo da colher e esperou o pó virar líquido, e então borbulhar. Ele ficou apático enquanto ela fazia aquilo. A garota então levou a seringa até o braço dele e a inseriu, olhando-o no rosto para ver sua reação. Não houve reação, como se ele não sentisse dor. Rocket injetou o líquido, sentindo a boca seca, sentindo raiva de si mesma por não ser forte o suficiente para convencê-lo de que aquilo acabaria mal.

Soltou a borracha e guardou tudo. Deixou Charlie ali, os olhos na parede, a respiração ofegante por mais uns minutos. Ela andou de volta até o banheiro, sentindo o corpo tenso, e escondeu a latinha no armário.

Ele dormiu. Ela saiu para fazer compras, passou na farmácia para comprar aspirina para ele e voltou quando estava na hora do almoço. Guardou as compras e pôs-se a fazer risoto de alho para os dois, contente que ele estava lá, mas preocupada com o estado dele.

Quando terminou o almoço e a mesa já estava posta, ela andou até a sala e o encontrou lá, acordado, mais calmo, fumando.

– Quer comer? Acho que deveria comer.

Ele olhou para ela.

O coração de Rocket fez uma dança instável, como uma vela de aniversário sendo soprada por uma criança sem muito fôlego.

– Desculpa. – Ele engoliu, a voz grávida de tristeza. – Eu sei que isso não fazia parte do acordo, sei que não tenho o direito de estar aqui. Mas não sei o que teria feito se não tivesse te encontrado em casa. Nem quero pensar no que teria feito.

– Charlie... eu não quero saber, porque eu não posso, entende? Morro de medo de saber algo que não deveria.

Ele se levantou. – Não, é melhor não saber, eu sei disso.

– Coma, minha comida até que dá pro gasto.

Ele pegou a mão dela.

Ela soltou um suspiro. – Não...

Ele soltou. Foi até a cozinha e se sentou à mesa. Ela fez o mesmo, e falou, tentando achar as palavras certas: – Fiquei feliz quando abri a porta e te vi. Táí, falei, em plena luz do dia. Fiquei feliz em te ver, mesmo do jeito horrível que você está agora... mas eu morro de medo. Não de você... das coisas que vêm com você.

– Eu nunca... nunca faria qualquer coisa que achasse que pudesse te machucar ou te colocar em perigo.

Ela suspirou. – Eu não gosto de violência, Charlie.

– Olha para mim.

Ela olhou. *Convença-me*, pensou, *porque quero você agora e nem sei por que preciso que me dispa dessas dívidas para que eu possa fazer o que quero fazer.*

– Você é preciosa para mim.

Ela lambeu os lábios, sentindo o gosto doce daquela palavra.

– Você é intocável, Rocket. Nada vai acontecer com você.

Eu perdi Viking, não vou perder você, ele pensou. *Não vou.*

Depois do almoço, ela andou até o quarto e ele a seguiu. Charlie não tinha certeza se ela queria aquilo ou não. Ela deu um olhar para ele e foi para o banheiro, deixando a porta aberta. Ele ouviu a água correr no chuveiro, e tentou decifrar aquela mensagem. Correu o risco. Despiu-se. Entrou no banheiro e encheu os pulmões com o perfume purificador da água quente misturada com algo que ele interpretou como xampu de coco. Abriu a cortina de plástico duro e transparente de forma deliberadamente lenta. O olhar dela, toda molhada, era convidativo.

O abraço foi leve, um aproximar quase tímido de corpos, as pontas dos dedos dele correndo das coxas até o pescoço dela. Foi ela quem tomou a iniciativa do beijo, um beijo molhado e com gosto de risoto. Ele se ajoelhou logo em seguida, rápido demais, como se não pudesse se controlar. A água batia em suas costas quando ele apertou o rosto entre as coxas dela e começou a sugar, a lambar, as mãos apertando a bunda dela em sincronia com as investidas. Ela precisou fechar os olhos e abrir a boca para não soltar um gemido. Apoiou uma mão na parede de azulejos cor de areia, a outra se fechou no cabelo dele. Apertou os próprios músculos, balançou os quadris. Lutou contra o orgasmo pelo máximo de tempo que conseguiu, para sentir aquilo enquanto durasse. Depois de uma eternidade de ondas de prazer, abraçou a sensação, cerrou os dentes e deixou o calor traiçoeiro do orgasmo dominá-la. Os momentos seguintes foram uma confusão para ela, no estado de estupor no qual o climax a deixara. Na escuridão dos olhos fechados se perdeu nos beijos dele, os beijos que agora tinham gosto dela. Esfregavam-se, barriga contra barriga, coxas contra coxas, e tinha um sorriso cansado no rosto quando ouviu os gemidos dele. Sentiu o calor das gotas na barriga e a água que as lavou rápido demais. Não sabia mais nada, além de que não queria que ele fosse embora.

No escuro da noite do quarto dela, banhado apenas pelas luzes do filme preto e branco da TV, dividiam um cigarro. Correndo o risco de estragar o dia perfeito que tivera com ele, soltou um pedaço da sua alma no ar, como se fosse um lenço de seda ao vento. – É Graeme.

Charlie virou o rosto no travesseiro e olhou para ela. – Meu Deus.

– Eu sei... horrível. Nome de homem, na verdade, mas aquela estúpida da minha mãe nem ligou. Gostou e pronto, nem sabia pronunciar-lo, porque o viu numa revista. Decidiu, fincou o pé inchado na decisão e... e bem, aqui estou eu, Graeme Gianopoulos Crowe.

Ele riu. – Caralho, que nome bizarro.

– O Gianopoulos é grego, da louca. O Crowe é do meu pai.

Ele pegou a mão dela. Ela a apertou.

Ficaram em silêncio.

Então Charlie falou. – Você é linda, Graeme.

E ela sorriu.

No cassino, a canção era a combinação de centenas de vozes humanas com o som metálico dos caça-níqueis.

O Bayside era um hotel e cassino na Strip que não se igualava aos grandes no porte e no luxo, mas não chegava nem perto das espeluncas das ruas perpendiculares ao Las Vegas Boulevard. Era um hotel-cassino três estrelas, mas grande e bem localizado o suficiente para atrair centenas de hóspedes do tipo mais comum em Vegas: sonhadores. Gente que não conhecia luxo verdadeiro. Gente que realmente achava que ganharia alguma coisa naquela cidade, mesmo que não fosse grana. Queriam histórias para contar, amores rápidos, fodas épicas, fotos para exibir aos amigos do escritório como afirmações de que estavam aproveitando a vida. Vegas era tóxica, e o Bayside abria os braços para os trouxas.

Charlie estava no salão, de olho em tudo. Como nas últimas cinco semanas, usava o agito do cassino a seu favor: concentrava-se nos rostos, nos gestos, nos jogos, em tudo o que acontecia no lugar, para que não tivesse que pensar em Viking.

Os dias, que costumavam ser bons e cheios de imprevisibilidade, agora eram de tensão constante no cassino, tensão sem libertação. Charlie achava que não havia enlouquecido ainda porque podia ir para os braços de Graeme quando saía de lá, todas as manhãs, para o café preto e cheio de açúcar que bebiam juntos, para as massagens nos pés dela, para a adrenalina do corpo dela e a paz que a heroína trazia depois. Paz e esquecimento.

Agora já não era o suficiente entregar-se aos braços da heroína uma vez ao dia. Cheirava cocaína duas vezes, quase como que de rotina, no começo e no

meio do seu turno no Bayside. Ela o ajudava a ficar alerta e com colhões o suficiente para aguentar o tranco do trabalho.

Viu Tony se aproximar. Caminhava do jeito dele, um andar contido, de passo pesado, com certo movimento de ombros, tudo discreto, porém impossível de não ser notado. Vinnie andava atrás dele, assim como um segurança que sempre ficava distante e não falava com nenhum deles.

– Chefe.

– Charlie. Tá tudo bem por aqui?

– Tudo em ordem.

– Ótimo, o Vinnie vai tomar seu lugar. Acompanhe-me.

Charlie olhou nos olhos de Vinnie, sentindo-se distante dele desde o incidente com Viking. O outro parecia calmo, como sempre. Deu uns tapinhas nas costas de Charlie, empenhava-se para demonstrar que não havia sentimentos ruins entre eles, mas Charlie ainda não conseguia romper a barreira de ódio e apatia alternantes que criara ao redor de si.

Seguiu Tony pelo salão, passando por mulheres empolgadas nos caça-níqueis, tensos homens carecas nas mesas de *blackjack*, e todos os tipos de pessoas que existem entre esses.

Entraram num salão menor, um dos restaurantes com bar e piano que só funcionava à noite. Agora, às três, as cadeiras estavam penduradas nas mesas, de cabeça para baixo, e um homem anotava coisas num caderno atrás do balcão do bar. Sorriu quando viu Tony. – Boa tarde, senhor Conicci. Martini?

Ele assentiu e sentou-se. Charlie notou que o segurança ficara na porta, longe, as mãos fechadas na frente da virilha. Tomou seu lugar ao lado de Tony e esperou. Não sabia mais como se comportar perto dele, nem o que sentir.

Tony aceitou a bebida e deu um gole. O barman olhou para Charlie. Ele murmurou: – Uísque, duplo, *on the rocks*.

O homem estava acostumado a não julgar. Trabalhava num cassino, em Vegas, certamente já servira coisas mais fortes em horários ainda mais precoces.

Tony mostrou surpresa ao falar – Um pouco cedo para isso, não acha?

– Não estou no clima para qualquer outra coisa – murmurou.

– É, é sobre isso que vim conversar com você, garoto. Pode parecer que não, mas eu presto atenção. E eu sei que a coisa com Viking te fodeu, sei muito bem disso.

Charlie manteve os olhos direcionados para frente, mandíbula apertada, fazendo um esforço hercúleo para controlar as emoções. Tony continuou:

– A culpa é minha. E já aprendi minha lição. Assim como você, eu também gostava dele, Charlie, num nível pessoal. Vai levar um tempo até você entender o que realmente aconteceu, até dimensionar a sedução, a manipulação e as mentiras daquele filho da puta. Quando entender, vai me perdoar. Vai

compreender por que tive que fazer o que fiz... da maneira que fiz. De qualquer forma... por mais que seja valioso para mim, estou te forçando a tirar umas férias.

Assim que ele falou aquilo, o uísque de Charlie foi servido.

Ele olhou para Tony com questionamento nos olhos, sem entender exatamente o que estava acontecendo.

– Quero que descanse um pouco. Já faz muito tempo que está nessa vida, Charlie, e os últimos anos foram pesados. É assim que é. Temos anos difíceis, e então temos alguns anos de paz. Eu acho que ainda piora um pouco antes de melhorar, mas vejo, claramente, os anos de paz se aproximando. E depois de tudo o que você passou... – Tony secou o copo, engolindo o resto do martini. – Prisão... Viking... puta merda, tá na hora de você descansar. Tudo bem? Um mês. Suma daqui. Fique em casa de pijama, vendo televisão, descanse. E quando voltar... eu quero você bem. Quero você afiado, rapaz, tá me ouvindo?

– Entendi, chefe.

– Eu vejo você no meu lugar um dia.

Charlie engoliu o uísque, um frio se espalhou no peito, logo depois do calor da bebida. Pensou que fosse vomitar, mas conseguiu segurar.

– Chefe?

Os olhos castanhos de Tony, ligeiramente apertados, olhavam para ele com carinho. Charlie viu a sombra de um sorriso no rosto do chefe. Sentiu a afeição por ele inchar durante um momento rápido, como o movimento débil de uma água viva. – Ainda é cedo, sei disso. Sei que a administração é forte, Mickey é um político, um homem dessa geração... mas vejo sua ascendência ao topo, garoto. Vejo-a claramente. Não tenho dúvidas de que será *don* um dia.

Charlie ficou mudo.

Tony se levantou. Fechou um botão do terno. Colocou uma mão no ombro de Charlie. – Vá para casa. Volte em um mês. E, quando voltar, esteja pronto. Seja o cara que conheci naquela rua, enfrentando dois valentões apenas com um par de bolas e um taco.

Ele foi embora, deixando o trocadilho no ar.

Charlie pensou no que faria com um mês. Pensou nele e Graeme juntos. Então terminou o uísque e foi para a casa dela.

Ela não trabalhava nas segundas, terças e quartas. Eram os melhores dias para ele. Sabia que ela seria só dele, que podiam dormir na mesma cama, que quando chegasse à casa, ela estaria lá.

E estava.

Havia acabado de dar um jeito na cozinha, envolta em um cheiro químico de laranja, cantarolando enquanto terminava de guardar a louça que já secara. O cabelo num rabo de cavalo balançava, roçando as costas dela. Usava calças de

ioga, daquele tecido que parece flanela e não deixa muito espaço para imaginação. Sorriu para ele. – Chegou. Estava pensando em você.

Ele colocou os braços em volta da cintura de Graeme, beijou seu pescoço, sentiu o cheiro dela por um tempo. – Estou de férias.

Ela mordeu o lábio inferior e fez uma cara safada. – Isso é boa notícia. Vai ficar por aqui, fazendo massagem nos meus pés?

– Pensei nisso. Pra cacete, pensei o tempo todo no caminho até aqui. Quer que eu fique?

– Quero sim. Mas vai ter que ser meu escravo, Charlie.

Ele riu. – Já não souro demais gemendo o nome de um homem na cama com você?

Ela deu um tapa nele, no ombro, de leve, brincalhão, e ele riu mais.

– Seu puto. – Ela riu daquele jeito profundo, meio rouco dela. – Você tira sarro do meu Uno, da minha voz quando eu canto, do meu nome, da minha coleção de adesivos... acho que vou começar a revidar.

– Vai tirar sarro de mim? Do quê, senhora Gianopoulos?

Ela fez uma careta exagerada de raiva. – Vou tirar sarro da sua bunda branquela, parece de bebê, toda lisinha. Nem parece de homem.

Ele riu mais. – Deixa disso, olha para mim.

Ela olhou. Beijou o queixo dele, como se não conseguisse evitar.

– Vou fazer um jantar bacana para nós dois – ele falou, dessa vez livrando-se do tom de brincadeira. – Depois vou te chupar até você gritar. Depois vamos ficar enrolados num cobertor e assistir a um filme, você aceita?

Os olhos dela brilhavam. Sorria de um jeito puro, um jeito que o enlouquecia. – Eu aceito.

Ele olhou para o telefone. Encarava-o há vinte minutos. Finalmente reuniu coragem para fazê-lo. Discou o número e esperou chamar.

Ela atendeu no terceiro toque.

– Olá?

– Mãe, não desligue – disse em voz baixa.

Houve um silêncio do outro lado. Ele podia ouvi-la respirar. Então ela lhe respondeu: – O que foi, Charlie?

– Sinto sua falta. Como você está?

– Estou bem.

– Estou pensando em ir praí. Eu quero te ver.

– Não acho que seja uma boa. – Estava chorando e tentando não demonstrar.

– Por favor. Eu realmente sinto saudades. Eu te amo, eu quero te ver. Nós podemos sentar e conversar. Podemos sair juntos, vamos lá.

– Charlie, eu não posso... eu não sei mais quem você é.

Ele fechou os olhos. Balançou a cabeça. – Então deixa eu te mostrar. Eu ainda sou eu.

– Por favor, não venha aqui, a menos que esteja fora dessa bagunça... Está?

– Não, não há como sair dela, *ma*. Você sabe disso.

– Então não volte pra casa.

Ela desligou.

Merda. Ele atirou o telefone contra a parede, foi desmembrado instantaneamente. Então suspirou e olhou para a parede, machucada agora. Pegou o casaco e saiu.

Graeme não estava em casa. Ele olhou em volta, e, como não viu ninguém, forçou a entrada no apartamento com a habilidade antiga de manipular fechaduras. Lá dentro, foi direto para o banheiro, para a latinha de drogas. Encontrou a heroína e levou tudo para o quarto dela.

Na cama, entregou-se à euforia do químico em seu sistema, depois à viagem que embaçava os cantos dos objetos, que suavizava as mágoas antigas e que o fazia esquecer. A heroína abriu uma manta quente, gigante, como a mãe costumava abrir a toalha para que ele, pequeno, saísse do banho. Charlie deu os passos para dentro dela e ela o envolveu, e tudo ficou bem.

Duas semanas se passaram. Charlie e Graeme estavam deitados juntos no escuro. Não conseguiam dormir. Havia tido um daqueles dias na cama de novo, o dia inteiro, drogando-se e trepando, a rotina de férias de Charlie. Por alguma razão, não conseguiam dormir. Charlie sempre quisera perguntar, mas nunca se sentira pronto antes, então o fez agora.

– O que aconteceu com você? Como é que você acabou... você sabe.

Ela ficou em silêncio por um tempo. – Há quanto tempo está querendo me perguntar?

– Meses.

– Por que agora?

– Porque eu me importo. Eu quero saber.

Ela pareceu considerar aquilo. Então, falou:

– Quando as meninas do Peach falam sobre a vida, tem sempre uma figura masculina que estragou tudo. Um pai ou padrasto que abusou delas... mas nada disso aconteceu comigo. A pessoa que me fodeu foi a minha mãe.

Ele ficou surpreso. E sentiu a raiva em sua voz. Era sutil, mas estava lá, debaixo de sua pele. Ela continuou:

– Meu pai foi ótimo. Ele era um cara legal, ele apenas... ele não era o tipo de pessoa que enfrentava as outras. Trabalhava muito. Minha mãe era... ela o tratava como merda. Ela dava pra todo mundo. Saía e ficava fora o dia todo. Então eu fui praticamente criada por ele. E, claro, ele me criou da única maneira

que sabia, como um menino. E eu era, quer dizer, eu brincava na rua o dia inteiro com os garotos. Eu quase não via minha mãe, mas quando via, ela me falava o quanto não gostava de mim. Desde que me lembro, ela costumava dizer que me ter tinha sido um grande erro, que era trabalho demais e que desejava ter feito as coisas diferentes. Eu cresci ouvindo isso.

Ela enxugou uma lágrima, mas sua voz era firme. – Então, um dia eu menstruei. Não tinha a mínima ideia do que estava acontecendo comigo e me apavorei na rua, e, já que ninguém conseguiu encontrar meus pais, fui levada a um hospital. Uma enfermeira ficou com pena de mim e explicou tudo. Nossa, meu pai ficou tão confuso. Eu pude ver que ele se culpava por não ter feito seu trabalho direito comigo, sabe? Então, bem... eu estava crescendo. Comecei a ter consciência do meu corpo e como ele funcionava e, claro, passando o dia inteiro com moleques, não levou muito tempo para descobrir tudo. Eu estava curiosa, e eles loucos para me ensinar. Aí, quando eu tinha treze anos, eu engravidei.

Ela jogou as cobertas para longe de seu corpo nu e se sentou na cama. Acendeu um cigarro. Charlie sentou-se também, olhando para ela.

– Então todo mundo ficou chateado, é claro. Éramos pobres, não havia nenhuma maneira, a minha mãe me disse, de alimentar mais uma boca. Agora eu sei que era mentira. Tipo... éramos pobres, mas meu pai ganhava um salário razoável e estávamos bem. Eu sei, hoje, que poderia ter criado meu bebê se soubesse dessas coisas. Só que... meu pai estava tão triste. Uma noite, eu estava lá e ele entrou, eu fechei os olhos e fingi estar dormindo. E eu o senti sentar na cama e acariciar meus cabelos. Ele disse que sentia muito, que a culpa era dele e que ele adoraria ter um bebê em casa. – Ela mordeu o lábio e ele viu seus olhos se encherem de lágrimas. – Mas um dia minha mãe chegou em casa e ela estava feliz. Sentou com a gente e disse que tinha encontrado um casal que queria adotar meu bebê. Eles iam pagar minhas despesas médicas e pagar um extra de três mil dólares. E ela estava tão feliz, Charlie.

Ela começou a soluçar.

Ele não sabia o que dizer a ela que não fosse soar condescendente e falso.

– Então... – Graeme continuou. – Eu dei à luz meu filho e eles o levaram. Eu o vi quando tiraram de mim e vi que ele era um menininho, eu queria abraçá-lo, mas eles não deixaram. Só me disseram que ele era muito saudável. O casal que o adotou o levou, minha mãe ganhou seu dinheiro e eu fui para casa. Durante dias eu fiquei perdida. Vazava leite dos meus peitos e não tinha nenhum bebê para segurar, nenhum bebê para alimentar e eu pensei que fosse enlouquecer. Estava tão triste que saí de casa. E aí, nas ruas, não havia nada a fazer, além disso.

Ela a abraçou e a deixou chorar. Queria que ela esquecesse tudo aquilo, e se sentiu culpado por ter tocado no assunto. Ele se lembrou do poema de Yeats, e

entendeu que se tratava do filho perdido dela. Ele beijou sua cabeça. – Ei, você está bem agora. Você é uma pessoa corajosa.

Ela balançou a cabeça. – Sou apenas uma sobrevivente, Charlie.

– Não – ele suspirou. – Você é uma lutadora.

Ela adormeceu logo depois do choro. Charlie ficou ali, olhando-a dormir. Sabia que os últimos meses haviam criado algo entre eles que não podia mais ser quebrado sem causar mágoas ou danos. Sabia que tudo o que ela era penetrara na alma dele, infectara-o, e que aquele sentimento era perigosíssimo, tanto para ele quanto para ela. Acariciou a cabeça dela. Mexeu nos cabelos, estudou o rosto relaxado dela sem encontrar defeito. Sentiu, então, como sentia com frequência exponencial, ciúmes em imaginá-la fazendo sexo com outros. Era um acordo tácito entre ela e Charlie não falar sobre seus trabalhos, como se para não sujar os momentos deles com o mundo lá fora, o mundo que pareciam haver nascido para fazer parte. Ele não sabia se estavam fingindo ser um casal de verdade, ou se estavam se agarrando desesperadamente a um romance que sabiam ter um prazo de validade só para poder falar, na decadência dos últimos anos de vida, que um dia foram amados, apesar de tudo.

Fabricio entrou no Sunset gostando de ver o olhar de pânico no rosto de Phil. Aproximou-se do balcão vendo que o gerente suava na testa. – Relaxa, não estou aqui para coletar. Só vim comprar mais papelote, mesma quantidade. Tem aí?

– Meu carregamento só chega amanhã, Fabricio. E vendi o que eu tinha hoje para seu amigo, Retorini.

Fabricio não conseguiu esconder a surpresa. – Charlie, o caretão?

Phil assentiu. – Pensei que fosse regra de vocês não usar.

E é, ele pensou, só que eu consigo me safar com o que quero. Quem Charlie está pensando que é?

Teria que conseguir a droga em algum outro lugar. Pensando na dor de cabeça que aquilo daria, saiu do Sunset e acendeu um cigarro quando estava na calçada. Pensou em Charlie, o queridinho do chefe, e não gostou daquela história. A máfia levava muito tempo e derramara muito sangue para entrar no mercado de narcóticos, e levavam aquela merda a sério. Homens feitos não usavam, e o próprio Fabricio aprendera a esconder seu vício, amedrontando tanto seus fornecedores, como Phil, que nunca teriam coragem de denunciá-lo. Mas Charlie não era filho de Frank Gnocchi.

Ele viu uma prostituta ruiva se aproximar. Não era dos clubes, essa trabalhava nas ruas. Mais de trinta anos, provavelmente era mãe de algum fedelho que nem sabia o nome do pai. Deveria ser toda estragada. Era uma boa pedida para uma noite como aquelas. Sendo das ruas, era altamente improvável que Tony descobrisse.

– Quer companhia, gato? – ela sorriu, deixando o casaco de vinil abrir um pouco para mostrar uma blusa transparente, meio surrada. Os peitos eram ótimos, peitos de ruiva natural, duros e grandes, com mamilos bem rosados e pontudos.

Ele chegou bem perto e sentiu cheiro de spray de cabelo e um perfume enjoativo, de um floral exagerado. – Tem cheiro? Açúcar?

Ela mascou o chiclete e o estudou, perguntando-se, provavelmente, se ele era um policial.

– Acha que sou um porco? – ele sorriu, pensando no que faria com ela. – Sou a porra de um Conicci, mulher, cumpri nove anos numa federal. Quero o programa, mas quero a coisa boa também. Tem ou não tem?

Ela assentiu. – Cheiro. Erva.

– Vamos lá.

Graeme estava debaixo das cobertas, assistindo a um seriado de comédia de uma forma que ele achou deliciosamente preguiçosa. Ele colocou na mesa algumas sacolas com coisas que comprara para jantar com ela, já que era sua última semana de férias e ela não trabalhava naquele dia. Tirou a jaqueta e acendeu um cigarro.

Ela entrou na cozinha e deu um beijo nele. Tinha cheiro de xampu de coco. Usava uma camiseta gigante e meias. – Hmm, vai fazer macarrão pra mim.

Ele sorriu. – Vou fazer do jeito que aprendi na prisão.

Graeme soltou um riso e cruzou os braços. – Ei, olha pra mim.

Ele parou de desembalar as compras e olhou.

Ela levantou a perna um pouco e encostou o pé na canela dele. – Gosto de você quando aparece por aqui com o jantar e coisas assim.

Ele deu um beijo nela. Ignorou a voz de Viking dentro de si, chamando-o de “beija-puta”. Concentrou-se na mulher linda que via diante dele agora, a mulher que dominara todos os seus pensamentos nas últimas semanas. – Você sabe que sinto o mesmo, né?

Ela assentiu. – Sei sim.

Quis falar as palavras para ela, mas temia que ela o achasse um imbecil. Optou por não dizer. Lembrou-se da primeira vez em que conversara com ela. – Posso te perguntar uma coisa?

Ela abriu uma lata de refrigerante, com um estalo e um chiado, e bebeu um gole longo, sedento. – Claro.

– Quando te abordei no Peach, naquela primeira vez.. você ficou com muito medo. Muito. Por quê?

O rosto dela mudou de expressão. Como se a resposta pesasse dentro dela, Graeme puxou uma cadeira e se sentou. Coçou a cabeça, de uma forma distraída, e falou, com a voz mais baixa: – Desculpa por aquilo, Charlie. É que

uma coisa ruim tinha acontecido uma semana antes e todas nós, as meninas, estávamos meio apreensivas com vocês, os caras da família.

Ele parou de desembalar. – O que tinha acontecido? Pode me contar, prometo.

Ela brincou com a água que ficava em pequenas gotas do lado de fora da lata. – Uma menina bem legal que trabalhava lá, a Ginger, desapareceu.

– Caralho, como assim?

– Ela não fugiu, Charlie. Minha amiga morava com ela, elas dividiam um apartamento, e, vá por mim, ela não fugiu. Começou a fazer programas com um dos soldados e havia comentado para minha amiga que tinha medo dele. Na última noite dela no clube, ele passou lá pra buscá-la. E tipo... bem, quem se importa com uma prostituta? Os policiais fizeram duas ou três perguntas a Phil, e nunca mais se tocou no assunto.

– Quem era o cara?

Ela umedeceu os lábios. – Adoro você. – Olhou para ele. – Mas...

– Graeme. Está segura comigo. Pode falar.

– Fabricio.

Ele se sentou. Afastou as sacolas de papel para que não houvesse nada entre eles. – Ele já te machucou?

– Não. Ele... me importunou uma vez, disse algumas coisas. Algumas meninas, inclusive eu, passamos a dar uma grana para o Phil... por fora, sabe? Quinze por cento do nosso lucro, para que ele não conseguisse colocar Fabricio na nossa agenda. Quando o Viking controlava tudo lá, era muito mais fácil... Phil contava tudo para ele e ele mantinha todo mundo na linha. Mas, mesmo assim, algumas meninas preferiram correr o risco, não queriam pagar, e faziam programas com ele. Ouvimos histórias da estupidez dele, de humilhações... eu não queria passar por aquilo, entende?

– Deveriam ter ido ao Viking com a suspeita de vocês.

– Como vamos saber em quem confiar?

Ela tinha razão. Ele inclinou-se para frente. – Sou um deles. Mas não sou um deles, entende o que quero dizer? Se ele olhar para você de uma forma que te deixa desconfortável, você vai me contar. Promete?

Ela assentiu. – Não quero falar sobre isso. Vamos jantar.

Duas semanas depois, ele teve um pesadelo. Não eram incomuns para ele. Mas aquele foi sobre Viking em chamas.

Charlie levantou-se e lavou o rosto com água fria. Abriu a caixa de lata debaixo da pia. Nada de heroína. Sentindo a adrenalina subir, ele começou a procurar por toda a parte. Abriu todas as gavetas do banheiro, depois do quarto. Acendeu a luz e vasculhou cada caixa no quarto em busca da droga que traria o alívio.

– O que está fazendo? – ela gemeu, acordando.

– Cadê a heroína?

Ela sentou-se. – Eu não sei. Acho que acabou, compro mais um pouco amanhã.

– Não, não, eu preciso dela agora, deve ter um pouco por aqui em algum lugar. – Começou a investigar os bolsos das roupas no armário.

– Charlie... acabou – ela falou, com firmeza.

Ela sentou-se na cama, respirando fundo. Deus, ele precisava de uma dose. Esfregou o rosto. – Preciso de um pouco, Graeme... com quem você consegue?

– Com o Phil, mas ele deve estar em casa agora.

Ela se levantou e começou a caminhar em círculos. – O que eu vou fazer? O que eu vou fazer?

Ela levantou-se da cama e tocou-lhe, suavemente. – Charlie, cheira um pouco.

– Não, eu preciso da heroína.

– Não. Você precisa de um tiro, de qualquer dose. Não temos como conseguir a heroína agora e você tem que encarar isso. Vamos relaxar e fumar um pouco de erva, e vamos cheirar, tá?

Tentando se acalmar, ele sentou-se na cama. Ela foi ao banheiro e voltou com a lata. Sentou-se na cama e entregou-lhe um baseado. Ele acendeu e fumou, enquanto ela tirou seu saquinho de cocaína. Ela cortou as carreiras no quadradinho de espelho que mantinha na lata e deu a primeira cheirada. Ele deu a próxima. Sentiu-a, a sensação de ser o Superman.

– Acho que devemos usar menos – ela murmurou.

– O quê? – Ele limpou o nariz.

– Charlie, eu usava antes de você aparecer, mas era só uma vez por noite, quando eu precisava me sentir... confiante. Eu usava para encarar a noite... Mas, desde que começamos a ficar juntos, tem saído do controle. E você, quer dizer... você está usando mais do que eu.

– Ah, para...

– Sério.

– Sério? Não estou pronto para parar. Ok?

Ela ficou em silêncio. Mas sabia que a culpa era sua. Ela só não soubera, quando lhe oferecera drogas pela primeira vez, o quanto a vida e a personalidade dele combinavam com o perfil do usuário, daquela pessoa que usa até morrer por overdose. Charlie não era, por natureza, um cara sociável, então, quando ele cheirava cocaína e tornava-se o “Sr. Amigável e o Sr. Fodão” e todos o amavam, era uma sensação boa demais para que não viciasse. Charlie tinha segredos e dores ocultas, ela vira aquilo desde o primeiro dia.

A Graeme sábia, a das ruas, aquela que entendera o negócio e os truques ainda criança e conseguira sobreviver, falou que aquele era o momento de cair

fora. Todo o resto dela, a parte que se permitira a alegria de perder-se nos seus beijos, o prazer de tê-lo em sua cama e as risadas que ele arrancava dela... essa outra parte de Graeme ainda não estava pronta para dizer adeus.

O despertador marcava seis da noite. Graeme sabia que precisava ir, era noite de show e tinha que tomar um banho, maquiarse, e ir para o Peach. Com Charlie adormecido nos braços dela, naquela escuridão acolhedora, segura e deliciosa, no entanto, ela não queria sair do quarto.

Sabia que deixara aquilo ir longe demais. Sabia que já era para terem brigado, enjoado um do outro. Nas primeiras semanas quase antecipara um tapa dele, uma atitude violenta o suficiente para que tivesse desculpas, para que tivesse um motivo para mandá-lo embora. Sabia que podia ameaçá-lo, que ela ainda tinha certo valor no Peach, que a família iria intervir se ela pressionasse. Mas nada daquilo aconteceu.

Os meses se passaram e ele continuava doce, continuava sendo aquele cara que a deixava ser ela mesma. Charlie não via mais Rocket quando olhava para ela. No começo sim, no começo ela enxergava claramente nos olhos dele aquele tipo de idolatria, aquela ausência de inteligência que via nos olhos dos homens quando estavam de pau duro. Mas em algum momento os olhos de Charlie haviam mudado. Ela não sabia dizer quando, mas um dia pegara-se muito à vontade com ele, abraçada nele, dando risadas, esquecendo que precisava ser sexual o tempo todo, e permitiu-se aproveitar aquilo. Beijava Charlie porque sentia vontade de colocar os lábios nos dele, sentir o gosto da boca dele, porque se sentia amada com o gesto. Transava com ele porque sentia aquele frio na barriga quando ele estava por perto. Porque ele a fazia relaxar, porque ele beijava a pele dela, porque ele olhava para cima, nos olhos dela, quando corria a língua entre as pernas dela, para ver se ela estava gostando. Transava com ele porque podia falar o que queria, mexia-se como gostava,

podia rir, podia pedir, podia beijar. Porque ela gozava. Porque ele a abraçava depois. Porque não importava o quanto fora intenso, não importava o que haviam dito e feito, ele sempre a abraçava depois. Beijava sua nuca. E ela dormia com um sorriso no rosto.

Sim, Graeme deixara a coisa com Charlie ir longe demais. Mas não queria parar. Não queria não tê-lo mais por perto, não poder conversar com ele, não poder se sentir como uma garota normal, de jeans e rabo de cavalo, indo ao cinema e comendo pipoca com um dos braços dele em volta. Ela não queria parar porque cada vez que olhava para ele pensava naquela maldita palavra, e no quanto queria expressar para ele o que sentia.

Detestando suas inseguranças e sua fraqueza, ela saiu do abraço quente dele e foi para o banheiro. Enfrentaria a noite como enfrentara desde adolescente: segurando com toda a sua força a ideia de que ela era detentora do poder lá dentro daquela boate. Quando pisava no palco eles todos eram dela, e lá eles não podiam machucá-la. Ela enfrentaria a noite mais uma vez, como enfrentara noites piores em esquinas escuras, como enfrentara a violência dos clientes e cafetões que vieram antes. Encararia aquilo porque em cinco anos teria o dinheiro que precisava para sair daquilo para sempre. Faria uma boa aplicação, a renda ajudaria a pagar aluguel e contas, e poderia trabalhar num shopping, numa loja dentro de um cassino ou num restaurante. Mas antes, Graeme iria enfrentar a noite.

– O que estamos fazendo aqui?

Quem resmungara seu tédio fora Charlie.

Vinnie jogou um cigarro no chão. – De vez em quando existe a necessidade de fincar a bandeira da família, Charlie.

Caminhavam pelas ruas paralelas à Strip.

Mickey falou com um suspiro e uma olhada ao redor. – Precisamos lembrar a certas pessoas que estamos por perto, Charlie, e de olho nas coisas.

– Que pessoas?

– Todo mundo. Os donos das lojas de penhores, os agiotas, os pequenos comerciantes, os policiais, os filhos da puta do caralho dos federais... Todo mundo, Charlie – Vinnie falou com mais afetação, como um irmão mais velho, impaciente, falando “porque a mamãe mandou!”.

– Eu não vejo propósito em ficar andando pelas ruas.

Mickey sorriu. – Poder percebido é poder real, Charlie. Você cumpriu pena e sabe disso.

Ele sabia, mas queria reclamar.

A verdade é que estava com saudades de Graeme. E queria usar algo, a vontade estava apertando.

Mickey parou de andar e acendeu um cigarro. Charlie entendeu a escolha do local: estavam em frente ao restaurante que pertencia ao *consigliere* da família Bonini, Andrea Grimaldi. Não era tanto “fincar a bandeira”, era mais como um cachorro mijando no território de outro.

– Como anda a Suzie, Vinnie?

Vinnie deu de ombros, mas o rosto mostrava certo medo, um abalo nas suas fundações. – Ah, deixa disso, ela vai ficar bem. É um nódulo, sabe? O médico falou que dá para tirar, que vai ficar bem.

– Vai sim – Charlie disse com convicção, porque gostava de Suzie e realmente queria que ela ficasse bem.

– Deixa disso... – Mickey murmurou, também. – Carmen tá um saco, tá grávida de novo e reclama de tudo o dia inteiro.

Vinnie levantou um dedo para ele: – É para isso que serve a *comare*, Mickey, hê? Um homem de verdade não briga com uma mulher grávida, o bebê vai nascer triste, irritado... deixa disso e tenha paciência com sua esposa, gaste sua energia na *comare*.

Mickey deu um sorriso cheio de camaradagem: – Estava numa festa no Bayside, umas duas semanas atrás, sabe? Jogos particulares de pôquer. Público seletos. As garotas entraram e eu vi uma morena que puta que pariu, gente. Dança no Sunset Peach. Melhor boquete do planeta.

Charlie apertou os olhos para ele. Sentiu suor na nuca, acendeu outro cigarro. – Como ela era? – Tentou fazer a pergunta soar casual, mas não conseguiu.

– Magra, mas gostosa, sabe? Peitos assim... – Ele fez duas garras no ar, e Vinnie riu. – Toda certinha, um cabelão e tal, fazia aquela cara de vagabunda, sabe, aquela cara na hora de chupar... aquela eu não vou esquecer.

Charlie rangeu os dentes, a mão esquerda procurando os bolsos atrás de um palito para mastigar. Não podia perder o controle com Mickey, ele era o subchefe. Quando as imagens de Graeme chupando Mickey lhe vieram à mente, ele fechou uma cortina preta para não encará-las. *Controle-se, porra, controle-se.*

Graeme precisou fechar a porta do apartamento com o pé. Equilibrava a chave na boca, os braços segurando quatro sacolas de papel marrom, que continham os ingredientes frescos do café da manhã que ela queria preparar para Charlie. Conseguiu colocar tudo na mesa. Amarrou o cabelo atrás da cabeça com um nó e correu para a sala para ver se ele estava lá.

Encontrando a sala vazia, ela foi até o quarto.

Charlie estava sentado na cama, os pés descalços contra o chão, a perna tremendo como se ele estivesse tocando o pedal de uma bateria. Mordia as

unhas. Ele olhou para ela quando ela entrou, e Graeme pôde ver a animosidade no rosto dele. – Foi numa festa? Duas semanas atrás, no Bayside?

Graeme franziu a testa. – Do que está falando? Cadê meu oi?

Ele se levantou. Pareceu maior do que ela, mesmo tendo a mesma altura. Ela percebeu as drogas na cama, a camisa suada e aberta dele, e ficou alarmada. – Foi ou não foi nessa merda dessa festa?

– Já fui a festas no Bayside e em todos os hotéis de Vegas, mas não vou há meses.

Ele passeou de uma parede à outra do quarto dela.

Ela sentiu que viria, a enxurrada de vergonha, ciúmes e raiva que feriam o orgulho dele. A certeza dela de que não o deixaria intimidá-la avançou, mas deu uma recuada imediata. Não queria perdê-lo.

A discussão já estava ali, no ar, e todas as palavras estavam sendo berradas, em silêncio, dentro deles. Ela apenas suspirou: – Por favor, não faça isso com a gente.

– Eu não consigo mais. Não dá mais. Mickey falou de uma mulher hoje e eu só via você. Toda puta que eu vejo na rua é você, todas as vezes que eu paro para pensar no que está fazendo... é enlouquecedor.

– É só meu corpo. Quem eu sou com você é real, Charlie, quem eu sou nessa casa, quando estamos juntos.

Ele tinha lágrimas nos olhos. Não olhava para ela. Caminhava sem rumo, passava as mãos pelos cabelos, flexionava as mãos.

Ela não estava pronta para aquilo acabar. Conseguia vê-lo escorregando por entre seus dedos, sendo arrancado dela pelos motivos mundanos do ego. Era orgulho, apenas orgulho que não o permitia aceitá-la como ela precisava ser.

– Vou sair dessa vida – ela disse, com a voz firme, num tom conciliador. – Mas não posso agora. Agora finalmente estou num lugar seguro, agora finalmente posso exigir que os caras usem camisinha sem levar um soco no rosto por isso. Agora eu ganho o suficiente para juntar a grana que preciso para sair dessa merda. Não vou jogar tudo isso para o alto só porque você quer. Só porque acha que tem direito de me julgar, sendo que o que você faz é mil vezes pior.

– Mil vezes pior?! – ele berrou, dando um passo para frente. – Pior do que chupar o pau de velhos e...

Ele deu um passo para trás, levando a mão ao rosto.

Viu no rosto dela que estava apavorada por ter dado um tapa na cara dele, mas que os olhos também faiscavam de ódio por suas acusações.

Ele lambeu o lábio, acalmando-se, triste por ela achar que ele fosse revidar. – Nunca bateria em você – ele falou, baixo.

Ela chorava. – Nem precisa. Sabe usar as palavras direitinho.

Charlie deu alguns passos para trás. – Eu tenho grana. Posso cuidar de nós dois com o que eu ganho, você não precisa se prestar a isso.

– Não. – Os ombros dela pareciam cair. – Se for a sua grana eu nunca vou ser livre. Se for a sua grana eu vou ficar sempre dependendo de você para tudo e um dia... se um dia não quisermos mais ficar juntos, vou ter que começar tudo de novo. Eu já passei por isso, já deixei um homem cuidar de mim e terminou mal. Não.

– Você fode as pessoas por dinheiro, Graeme!

– Você também! Eu pelo menos sei exatamente o que eu sou, e você? O que diz para você todas as noites antes de dormir?

Ele suspirou. Incrível como o ódio dissipava-se rápido quando estava perto dela. – Não sei, Graeme. Sei que não quero que você sofra.

– Não, isso não é sobre mim, é sobre seu orgulho. Vai ter que escolher se quer ficar comigo ou não. Se ficar, vai ter que me aceitar de verdade, como eu te aceito.

Ele deu alguns passos, como se fosse em direção à porta. Mas parou de um jeito cansado, desistindo. Olhou para o nada por um tempo.

Ela enxugou as lágrimas do rosto, apavorada que ele de fato fosse embora. Porque, se ele fosse, ela sabia que não aguentaria, que teria que ir atrás dele e faria concessões que destruiriam tudo o que ela construía para si. Ela implorou silenciosamente para que ele ficasse.

Ele falou baixo, olhando para ela, as palavras saindo como um suspiro. – Eu te amo, porra.

Ela mordeu o lábio.

Charlie caminhou até ela, estudando seu rosto. – Prometo que vou tentar. Aceita isso?

Graeme assentiu. Quando colou os lábios nos dele, sentiu o gosto salgado da última lágrima inserindo-se no beijo para se diluir dele. Graeme rezou para que tudo desse certo, porque naquele momento sabia que estava fora de seu controle.

Ele acordou com o som de vozes dentro de seu apartamento. Tentou se concentrar em onde estava e que horas poderiam ser. Tudo veio a ele de uma vez quando viu Miguel e Tony estudando-o.

Eles pareciam um pouco divertidos, um pouco enojados. Ele ficou de pé e sentou-se em sua cama. Percebeu pela dor nas costas que dormira no chão. Tocou o queixo e percebeu que não fazia a barba há quatro dias. Estava nu, o apartamento parecia a Terceira Guerra Mundial. Ele sentiu náuseas e precisava de uma dose.

– Vá se limpar, Charlie – disse Tony. – Tenho um trabalho para você.

– Um trabalho? – ele murmurou, confuso.

Miguel estava balançando a cabeça. – Que visão deprimente. Foque, Charlie, vá tomar um banho frio.

Ele coçou a cabeça. Foi ficando um pouco melhor. – Eu preciso...

– De café – completou Tony, sério. – Fique sóbrio, filho, vamos lá.

Miguel desapareceu de vista e Charlie o ouviu na cozinha. Entrou no chuveiro. A água era gelada em sua pele, mas isso era bom. Depois de um tempo conseguia pensar direito. O que tinha acontecido na noite anterior? Era tudo um borrão. Quando Graeme tinha ido embora? Teria ela deixado um bilhete? Ele se lavou e fez a barba. Ansiava por coca, mas não podia fazer nada na frente de Tony.

Quando entrou na cozinha, Tony e Miguel estavam tomando café fresco. Ele sentiu-se envergonhado quando viu a bagunça lá dentro. Mas agora, pelo menos, ele parecia apresentável, e teria que ser o bastante.

– Festinha dos diabos você deve ter tido aqui – sorriu Miguel.

– Estou bem – ele murmurou. Bebeu um pouco de café quente e sentiu sua mente começar a ficar sóbria. – Qual é o trabalho?

– Te explico na casa de Vinnie, os outros caras já estão lá – disse Tony. – Depois vamos conversar, você e eu. Sobre essa merda toda e sobre o que está acontecendo com você.

Merda. Charlie assentiu.

Mas Miguel estava observando-o de perto. – Quem é ela, Charlie?

Houve um silêncio. Tony estava esperando a resposta. Charlie tentou encontrar a antiga força para parecer tranquilo e não lhes dizer nada por sua expressão. Ele deu de ombros. – Apenas uma garota... ou duas, às vezes. – E sorriu.

Tony levantou uma sobrancelha. – Não, uma garota mexeu com você, rapaz. Você parece um homem que destruiria sua vida por ela. Conte tudo, não temos segredos.

– É... – Ele lambeu os lábios. Se mentisse, seria seu fim. Mas não podia colocá-la em perigo. – É uma prostituta, só isso – disse. Essas palavras eram verdadeiras e eram como uma faca em seu peito.

Tony e Miguel soltaram risos curtos.

– O *Beija-puta* ataca de novo – riu Miguel.

Ele aguentou, precisava. Odiava aquele apelido mais do que qualquer coisa no mundo.

Tony levantou-se. – Uma das minhas?

Charlie sentiu-se suar. – Sim.

Tony observou o rosto dele por um tempo. Então, sorriu. – Falaremos sobre isso mais tarde. Vamos lá, eles estão esperando.

Mas, em vez de ficar aliviado, Charlie sentiu-se apavorado.

– Feche a porta. – Foi o comando de Tony.

Charlie entrou, o chefe sentado à sua mesa, Frank e Vinnie lá. Todos pareciam sérios.

– Charlie, nós sabemos que está usando – disse Tony.

Ele sentiu algo como vergonha temperada com medo.

– Queremos que você se concentre no que estamos fazendo aqui – disse Frankie. – A coisa com o sindicato, essa é uma coisa do caralho. Isso é importante e não pode dar merda.

Vinnie era a única pessoa lá dentro que parecia mais triste do que apreensivo. – Charlie, você sempre foi o inteligente entre nós. Limpe-se, garoto, pelo amor de Deus. Você não tem sido você e temos medo que se machuque.

Ele respirou fundo. – Não é do jeito que vocês estão pensando. Eu tenho usado algumas coisas, mas, confie em mim, não sou um viciado. Eu posso fazer qualquer coisa que vocês mandarem. Eu sempre estive aqui para vocês e não vou estragar tudo agora.

Eles observaram um ao outro por um tempo, e depois ele.

Tony parecia preocupado. – Fique afiado, garoto, isso é tudo o que estamos pedindo.

– Sim, Tony. Não se preocupe comigo.

Com a promessa, Charlie ganhou tempo. E o tempo ele dividiu entre estados de alerta durante o trabalho, lutando para não dormir enquanto acompanhava os velhos nas reuniões deles e agonizando por drogas quando estava na presença de Tony ou num almoço ou jantar com os outros. Onde quer que estivesse, só ansiava por heroína e Graeme.

Com ela, a vida era consumi-la enquanto ela se autorregenerava. Nos dias bons eles riam, ele cheirava seu cangote e se perdia nos cabelos dela. Nos dias bons ela dançava para ele, de maneira contida e descontrada, mexendo ombros e cantando baixinho, enquanto ele consertava a torradeira, enquanto ele fazia um almoço. Naqueles dias ela era cheiro de xampu de coco e *gloss* de mel. Conversavam sobre tudo, trocavam abraços preguiçosos. Nos dias bons, o sexo era lento, o prazer dosado para durar o máximo possível. Ela levava consigo a lembrança e ia para a boate. Ele cheirava os lençóis à procura dela quando acordava e ela não estava lá.

Havia dias ruins. Dias que se tornavam mais frequentes de uma forma vertiginosa. Dias nos quais as drogas deixavam os dois largados no sofá, chão e cama, inertes, inexpressivos, a alma dispersa, surfando na onda da viagem, rápida demais, que os distraía das dores dos caminhos que haviam escolhido. Nos dias ruins havia lágrimas escondidas, havia o carinho doentio de um aplicar heroína no outro, havia vômito e sexo desconexo, mecânico. Nos dias ruins ela soluçava, escondida dele, desejando que os dois pudessem existir num contexto burro e vazio, como o de um perfeito subúrbio norte-americano.

Os dias bons eram ainda melhores quando se seguiam a um dia ruim. Prometiam que iam parar com as drogas, falavam que se amavam e dormiam juntos. Entre uma promessa vazia e outra, os dias viraram semanas e as semanas

meses, até que Graeme reconheceu no calendário do Sunset Peach a data que marcava um ano daquele relacionamento digno de pena que os dois haviam forjado apenas com amor. Um amor bruto, corrosivo e infantil.

Os ponteiros do relógio de pulso enterrado entre os pelos do braço de Charlie pareciam zombar dele. Gritavam o horário: três da madrugada.

Ela não estava em casa.

Ele cheirara tantas carreiras de cocaína que nem sequer se lembrava de quantas. E ela ainda não estava em casa. O pequeno monstro lá dentro, aquele que morava dentro de seu peito como uma coisa de filme. O pequeno monstro estava lá naquela noite, como um novo melhor amigo. Ele dizia: *ela chupou o Mickey*, e dizia isso o tempo todo. Charlie mordeu a unha. O monstro estava falando: *Ela está lá no quarto roxo, onde você a conheceu pela primeira vez. O que acha que ela está fazendo lá agora? O mesmo show, a mesma dança, as mesmas frases que ela atirou em você. Tudo igual. Talvez até o Uno e o poema.*

Charlie não teve vontade de lutar contra a voz naquela noite. A coca começara a funcionar no sentido oposto em seu corpo agora. Ao invés de ficar para cima, a cocaína o arrastava para baixo. Um efeito colateral de usar por muito tempo.

Foda-se. Jogou o cigarro fora pela janela de seu apartamento e foi para o quarto. Abriu a gaveta da mesa de cabeceira e pegou a arma, uma Beretta. Verificou e viu que só restavam três balas no carregador. Era o suficiente.

Pegou um táxi na esquina do prédio e disse ao motorista para ir ao Peach.

Na calçada do clube alguns homens fumavam e conversavam. Charlie pagou o motorista e saiu. Entrou direto, sem precisar de nada além de sua reputação e um contato visual mais intenso para que não lhe fizessem perguntas.

Apenas uma *stripper* estava no palco, sem um grande público. Sendo um dia de semana, os maridos já estavam em casa, os bêbados já estavam

desmaiados em algum lugar e o Peach era tão deserto quanto o deserto que cercava Vegas. Ele viu Phil no canto e virou-se antes que ele pudesse vê-lo. Subiu e caminhou pelo corredor até o quarto roxo.

Ele abriu a porta.

Graeme e o cara estavam na cama.

Ela estava de quatro, olhando para a parede. O homem atrás dela, deslizando para dentro e fora devagar.

Charlie foi até eles antes que pudesse pensar sobre o que estava fazendo. Ele puxou o homem pra trás e jogou-o no chão.

Ele não estava ciente de tudo o que estava acontecendo ao seu redor, percebia as coisas à medida que iam acontecendo. O cara tinha uns quarenta anos, uma barriga de chope e uma aliança de casamento. Graeme estava tentando puxar Charlie pelo braço, gritando com ele: “Pare, por favor, pare com isso!”, e ele chutava e socava o rosto do infeliz com toda a força. O homem estava desnorreado, balbuciando, com medo de revidar, então recebeu os golpes com os braços estendidos, tentando se defender. Graeme estava falando, e Charlie não quis ouvi-la. Em algum momento ele entendeu o que ela dizia: “Você vai matá-lo!”, e foi naquele segundo que ele parou.

Ele virou o rosto para ela e viu o olhar apavorado, os olhos molhados.

– Matá-lo? – ele finalmente disse.

Puxou a arma das costas e quando Graeme viu começou a gritar de medo: – Ah, meu Deus, Charlie, não, *não!*

E por um momento ele ia fazê-lo. Então sentiu dois fortes pares de braços o golpear, e a arma havia desaparecido de sua mão. Ele ouviu alguns outros caras gritando: – Tirem-no daqui, não o machuquem!

Uma dor na cabeça. Os joelhos cederam, viraram gelatina. O impacto do rosto dele contra o piso gelado só foi sentido pela metade.

Escuridão.

Graeme tremia. A maquiagem estava manchada de lágrimas. As instruções foram para calar a boca e ficar ali, então a deixaram. Ela não sabia aonde haviam levado Charlie, mas estava convicta de que não iriam machucá-lo mais do que o necessário para neutralizá-lo. Tinham medo demais de Tony para tratá-lo como um dos clientes mais exaltados. O outro homem, Paul, o cliente, fora levado em uma ambulância. Ela não tinha ideia de como ele iria explicar a noite para sua esposa, mas não se importava. Ela estava na sala da gerência, onde Phil mantinha seus livros e pastas, e sabia que eles a tinham trancado ali dentro.

Ela fumou e esperou.

Quando a porta se abriu, ela segurou a respiração ao reconhecer um homem do qual só ouvira falar, um homem cuja foto preta e branca estampava

capas de jornais de vez em quando. Tony Conicci. Um homem que ela já vira antes no Peach. Vinnie estava com ele.

Eles entraram no escritório. Vinnie fechou a porta e ficou parado ali, de pé. Tony sentou-se em frente a ela numa cadeira que rangeu um pouco com o peso dele.

– Comece, conte tudo e não ouse mentir para mim – falou numa voz limpa, clara, máscula.

Ela assentiu, querendo que ele compreendesse logo no início que ela não queria problemas. – Sim. Eu... e-eu e Charlie estamos ficando juntos... não como clientes, mas fora do clube.

Tony tinha olhos pequenos, que naquele momento pareciam perfurá-la. Ela percebeu-se com tanto medo que os músculos da boca pareciam se repuxar quando ela falava.

– Então você é a *Rocket* – ele suspirou. – Eu sabia que aquele moleque estava envolvido com uma puta, mas parece que a coisa é bem maior do que eu pensava.

Ele olhava para Vinnie ao dizer aquilo.

Ela não iria demonstrar reação àquelas palavras. Sabia o que era, sabia que perto dele era insignificante.

– *Rocket*, preciso entender por que um dos meus homens, uma das pessoas que eu mais gosto no mundo inteiro fez o que fez. Porque isso não é do feitio de Charlie.

Ela evitou seus olhos. Não queria chorar na frente deles. Umedeceu os lábios e falou em voz baixa:

– Estamos apaixonados e ele ficou com ciúmes. Mas não é culpa dele, Sr. Conicci, ele só anda... anda usando algumas drogas.

Tony moveu um pouco a cabeça, incrédulo. – O que você fez, há? Fingiu estar apaixonada por um homem, tornou-o dependente de você através das drogas, do sexo, de um conforto falso que vendeu para ele todas as noites... para quê? Quanto dinheiro tirou dele?

Ela não conseguiu conter o choro. Balançou a cabeça. – Eu juro que não foi nada disso... amo Charlie... – Apertou os olhos, envergonhada daquela demonstração, mas incapaz de expressar-se de outra maneira. – Eu nunca peguei dinheiro dele. Eu juro, eu juro. Ficamos juntos porque gostamos um do outro.

Tony parecia achar aquilo um absurdo. – Uma puta apaixonada, é isso que está tentando me convencer de que você é?

Ela assentiu com a cabeça.

– Há quanto tempo isso está acontecendo pelas minhas costas?

– Pouco mais de um ano, senhor.

– Um ano? – Tony repetiu.

Ela assentiu com a cabeça novamente. – Senhor Conicci, nosso relacionamento não tem nada a ver com negócios. Charlie nem vai mais ao Peach. Eu não sei o que aconteceu com ele hoje... ele nunca fez isso antes.

Ele olhou-a com desgosto. Balançou a cabeça e olhou para longe por um tempo. – E as drogas? Quanto ele está usando?

– Eu... não sei...

– Responda a minha maldita pergunta – ele falou, lentamente.

– Ele está usando heroína. E às vezes coca. Umas... cinco vezes por dia.

Tony se inclinou para frente. – E há quanto tempo?

Ela sentiu a pele formigar de pavor dele. – Um ano.

– Então ele começou a usar quando conheceu você.

Aquilo a assustou, ele estava jogando a culpa do vício de Charlie em cima dela. Mas ela concordou porque sabia que era verdade.

– E você usa?

Graeme olhou para Vinnie, então Tony. – Estou tentando parar. Com ele eu uso, mas tenho diminuído o quanto uso, quero parar com isso, estou insistindo há meses com ele para que pare também. – Ela inclinou-se para ele. – Se você ama Charlie, ajude-o. Tudo o que eu quero é que ele fique limpo e fique bem novamente. Lamento muito o que aconteceu aqui essa noite, e eu prometo que vou encontrar uma maneira de compensar por isso. Eu faço o que quiser. Eu só quero que Charlie fique bem.

Tony inclinou-se para trás na cadeira e olhou para o rosto dela. A mandíbula cerrada, ele parecia feito de uma matéria diferente da dela, como se nem fossem da mesma espécie.

– Charlie sempre teve uma queda por putas – ele suspirou, olhando para ela de um jeito que dava a entender que queria magoá-la com aquelas palavras.

Ela calou a boca. Não ia responder. O medo remexeu dentro dela, gelado e ácido.

– E agora essa daqui se oferece para me chupar como se fosse desfazer a merda na qual o envolveu. Vinnie, você sabe algo sobre isso? Ele te contou sobre ela?

Vinnie balançou a cabeça. – Não acho que os danos foram tão grandes assim, Tony. Ninguém lá sabe muito bem o que aconteceu, brigas são frequentes. Não vai diminuir o movimento do lugar.

– Quero que leve Frey para intimidar esse cliente dela no hospital. Desde que ele não cause alarde sobre o que aconteceu, a polícia fica fora disso, e o Peach fica fora disso, e não vamos chamar atenção do DEA ou dos putos dos federais.

Vinnie assentiu. – Está feito, fique tranquilo.

Tony falou, fitando-a.

– Você vale menos do que nada para mim. Você destruiu Charlie e não há maneira de compensar por isso abrindo as pernas para mim.

Ele se levantou. Abriu a porta e olhou para Vinnie.

– Leve-a para a casa de Fabricio. Ela é dele agora.

Charlie estava em seu apartamento quando acordou. Lembrou-se do que tinha acontecido, a memória como um mosaico de sons e imagens. Sentiu uma onda de vergonha pelo que fizera, e preocupação com Graeme. Esfregou os olhos e sentiu dor na mandíbula. Parecia que tinha levado um soco de um caminhão.

A maçaneta clicou. Ele suspirou de alívio. Mas foi Tony quem entrou. – Tony... – ele suspirou. – Eu... não sei o que dizer.

– Cala a boca, Charlie, temos que conversar. – Ele puxou uma cadeira e sentou-se.

A expressão de Tony era adequada, misturando tristeza com raiva. Um pai decepcionado, quase.

– Eu não sei por que você fez o que fez. Achei que poderia confiar em você como um membro da minha própria família. Você se envolveu com a porra de uma puta de um dos meus clubes e optou por não me contar.

– Eu sinto muito. Estou apaixonado por...

– Charlie. Não nos apaixonamos por putas. Trepamos com putas. Não sei quando você confundiu isso.

Ele se calou. Odiou que aquela palavra estivesse sendo usada para descrevê-la. Mas não era a hora de enfrentar Tony, então suspirou. – Eu sei que te decepcionei. Sei que você sempre confiou em mim e talvez eu devesse ter te contado. Mas eu queria manter isso entre eu e ela... gosto dela, por mais ridículo que pareça.

– Eu não dou a mínima em quem você enfia o pau, contanto que não interfira nos negócios. O que você fez na noite passada atraiu a atenção para o Peach. Isso significa que em breve eles podem ter policiais disfarçados lá e a distribuição de narcóticos vai ter que parar ou alguém vai acabar na prisão. Você já esteve lá e acho que não quer ser responsável por enviar alguém para aquela porra de buraco. Estou errado até agora?

Ele balançou a cabeça. – Não. Você está certo.

– Então nós temos uma coisa do caralho aqui. Você está fodido. Você é um viciado.

Charlie não conseguia olhar nos olhos dele.

– Eu consigo ficar limpo. Dê-me uma chance – disse, por fim.

– Você vai ficar limpo. Olhe para mim, garoto.

Charlie o encarou.

– Eu amo você como um filho. Já te disse isso antes. Vou te dar uma segunda chance. Mas você recebe ordens de agora em diante e não esconde coisas de mim. Você vai para uma clínica de reabilitação. Não pense que isso é negociável. É uma ordem. E não pense que haverá outra chance depois desta.

Charlie não queria ir. Imaginou um lugar horrível, como um manicômio em um filme de terror.

– Sim, senhor.

– Você volta quando estiver limpo e só assim.

– E se eu não me limpar? – ele perguntou, sem olhar nos olhos de Tony. – Se eu não conseguir fazer isso?

– Então você não serve para mim, não é?

O mais desconcertante de estar ali era que ele a observava chorar, calmo, estudando-a. Haviam deixado Graeme na casa e a sentado no sofá como uma boneca. Então tinham saído e trocado algumas palavras, Vinnie, outro soldado e Fabricio. Quando Fabricio voltou, estava sozinho e trancou a porta.

O medo que ela sempre tivera dele era tão real naquele momento que podia senti-lo como uma aura, radiante e gélida, pairando sobre sua pele.

Então ele falou, divertido: – Você realmente deve ter feito algo para empatecer o chefe.

Ela não respondeu. Decidiu que não falaria com ele, não importava o que acontecesse.

– Ele nunca incentivou isso... você sabe, meu hobby. Mas hoje você foi entregue à minha porta e tenho permissão para brincar com você. A única regra é que você deve ficar viva.

Ela tentou não demonstrar medo, mas diante daquelas palavras, da voz e do olhar dele, ela sentia os dentes baterem uns contra os outros.

– Então você é a garota que ferrou o meu amigo Charlie. Nossa, Charlie sempre foi o tenso. Não bebia demais, não usava, todo metido a herói... e então você aparece e o deixa de cabeça para baixo. Você deve ter a boceta mais doce da história, Rocket. E eu sempre quis te provar.

Ele colocou o cigarro na boca e tirou o paletó. Soltou alguns botões da camisa. – Tony mandou seu namorado para uma clínica de reabilitação.

Ela reagiu. Suspirou, esperançosa de que, se tinham cuidado de Charlie, não puniriam ela com tanto rigor.

– Você deve gostar de uns filhinhos de sacanagem, né? – Ele se levantou, ela se encolheu, mas ele se afastou. – Eu tenho alguns para você. – Ele procurou por alguma coisa lá dentro.

Fabricio voltou com uma fita. Arrastou o aparelho de TV até eles para que ela pudesse ver.

Enfiou a fita nele. – Isso aqui é para você assistir por um tempo – ele murmurou, ocupado, rebobinando e ajustando a TV para o canal certo.

Em seguida, ele tirou um par de algemas do bolso. Ela fechou os olhos. Ele as fechou ao redor dos pulsos dela e suas mãos ficaram algemadas atrás das costas. Então, pressionou *play*.

Era um vídeo caseiro. Era ele e uma mulher de pele escura.

Graeme fechou os olhos novamente, gritando para si mesma: *isso não é real, eles só querem te assustar, eles não fariam isso com você*.

– Certo... – ele sorriu. – Você não quer assistir. Bem, você tem esse direito, então só vai ouvir. Esta é uma prévia do nosso tempo juntos, querida. Na verdade eu não sei quanto tempo eu tenho até que Tony mude de ideia. Pode ser horas, ou dias, ou semanas. Você deve saber que não tem como escapar e que esta casa é inteira à prova de som também, então pode gritar à vontade. Volto em uma hora porque preciso comprar algumas coisas para nós. Aproveite o filme. – Ele foi embora.

Ela assistiu.

Ela chorou até seus olhos arderem.

E, lentamente, Graeme perdeu a esperança.

Ele telefonou. Ela não atendeu. Sabia que deveria estar chateada e ela tinha razões para estar. Tony combinara que um carro da clínica de reabilitação ia buscá-lo em três horas, então tomou um banho. Tentou ligar para ela novamente. Empacotou algumas coisas. Tentou mais uma vez. Cheirou cocaína e achou difícil acreditar que iria viver sem aquilo. Mas Tony estava certo. Ele estava fodido e tentar matar aquele cara havia sido seu fundo do poço. Ele entrou na van com um mau pressentimento de que não deveria ir embora sem falar com ela, mas não tinha escolha.

Depois de três dias, Mickey foi visitá-lo. Como Charlie não estava autorizado a ver ninguém, aceitou uma reunião com a psiquiatra encarregada. Enquanto caminhavam pelo corredor juntos, ela tentou pintar a imagem para ele:

– Os sintomas da retirada de opiáceos incluem, mas não estão limitados a: dor extrema, tremores, câibras, calafrios, transpiração, priapismo, taquicardia, síndrome das pernas inquietas, sintomas de gripe, fraqueza, vômitos, diarreia e espirros. E essa nem é a pior parte. Os efeitos psicológicos são disforia, mal-estar, ânsias, pânico ou ataques de ansiedade, paranoia, insônia, náuseas e depressão. Uma pessoa que usava tanto quanto Charlie, é claro, pode ter todos esses sintomas. E, Sr. Pagniacci, ele está tendo todos esses sintomas.

Ela parou na frente de seu quarto. – Eu normalmente não permito visitantes num estágio tão cedo por razões que você pode imaginar. Mas ele está

perguntando sobre uma mulher, e, se você pudesse assegurar-lhe de que ela está bem, eu acho que poderia ajudar com o tratamento.

Mickey sorriu um pouco. A mulher em questão era a única pessoa no mundo que estava sofrendo mais do que Charlie agora. Mas ele concordou.

– Claro.

– Eu posso te dar cinco minutos. Tente não ficar chocado. E... se ele se tornar violento, entenda que este é um processo natural e, por favor, pressione o botão de emergência na porta.

Abriu-a com uma chave grande. Mickey entrou e viu Charlie encolhido na cama. Dra. Gibutas fechou a porta e os deixou sozinhos.

Mickey sentou-se em frente a Charlie, em uma cadeira que estava pregada ao chão.

– Ei, amigo, é Mickey – disse em voz baixa.

Charlie estava com cobertas sobre todo o corpo, deixando de fora apenas o rosto. Ele parecia magro, com os olhos cercados de um tom roxo e os lábios brancos. Estava suando e olhou para Mickey como se ele fosse algum tipo de aparição.

– Mickey...

– Sim, Charlie. Estou aqui para ver se está legal. Conversei com a sua médica.

– Dra. Gibutas é uma boa pessoa.

Mickey sorriu. – Sim, ela é. Como está se sentindo?

Seus lábios tremiam. – Onde está Graeme?

Mickey franziu a testa – Quem?

– Rã-Rocket. Onde ela está?

Miguel suspirou enquanto olhava para Charlie. – Ela está bem – disse, por fim. – Está esperando você se limpar e ir para casa. Todos estão.

Charlie pareceu aliviado.

– O que está sentindo, Charlie?

– Só... um pouco de dor no momento. E frio. Muito frio. Você... você me trouxe algo para me fazer sentir melhor, certo? É por isso que está aqui? Trouxe... heroína, certo?

Mickey sacudiu a cabeça. – Não, eles não permitem isso, cara. Aguenta firme aí, Charlie, você vai ficar melhor. Apenas aguenta.

– Você... você *deve* ter me trazido algo. Qualquer coisa.

– Não, não trouxe.

Charlie estava olhando ao redor da sala com a expressão mais assustadora que Mickey tinha visto.

Então puxou as cobertas sobre a cabeça e Miguel o ouviu gritar em agonia:

– Vá embora! Saia daqui! Deixem-me sozinho, todos vocês!

Ele suspirou, triste, e saiu. A médica estava lá esperando por ele. Ela trancou a porta.

– Confie em mim, não foi nada pessoal – ela sorriu com paciência.

– Eu entendo – ele sorriu de volta. – Você acha que ele vai ficar bem?

– Bem, na minha experiência, eu vi todos os tipos de reações. A maioria das pessoas fica limpa, mas quando têm um problema lá fora voltam a usar, é o que chamamos de recaída. Para ser sincera, há chances de cinquenta a noventa por cento de ele ter uma recaída. Mas também tenho visto pessoas que são, de alguma maneira, mais fortes do que outras. As pessoas com força de vontade, com um objetivo ou alguém para cuidar são indivíduos que nunca usam de novo.

– Você acha que ele poderia ser uma dessas pessoas?

Ela pensou por um tempo enquanto tomavam seu café. – Se ele tiver um objetivo na sua vida... eu acho que poderia ser.

Graeme abriu os olhos. Sua visão estava embaçada. A primeira coisa da qual se tornou consciente foi da dor. Dor em todos os lugares.

Os olhos, os lábios, o queixo, os ossos e a pele, tudo doía. Ela podia ver a sala de estar e um pouco da cozinha. Precisava se levantar e fugir dali.

Ela tentou. Levantar-se não foi fácil. Quando se mexia, sentia tanta dor que tinha que parar. Seu couro cabeludo ardia. Quando levantou o braço lentamente para tocar na sua cabeça, não sentiu nada fora do comum, mas doía como se todo o seu cabelo tivesse sido arrancado de uma só vez. Ela se lembrou dele agarrando-a pelos cabelos e puxando-a para o quarto. Lembrou-se daquela dor, suas costas e pernas arrastando duramente contra o carpete. Ela ainda sentia a pele queimar naquelas áreas.

Ainda estava lá, tentando se levantar. Levou seis minutos. Tentou andar. Quando seus pés tocaram o chão, a dor disparou pelo seu corpo. Mas ela deu um passo de cada vez e tentou fazer o seu caminho até o banheiro. Sua pele estava suja. Estava suja e sangrenta e ela estava fedendo.

Finalmente entrou no banheiro, um passo excruciante de cada vez, e deu uma olhada no espelho.

Sua mão subiu à boca para impedir-se de gritar e ela fechou os olhos. Não era ela, não era ela, não poderia ser ela. *Essa não sou eu.* Ela tivera um vislumbre de uma mulher nua coberta por sangue seco. Forçou-se a abrir os olhos de novo e examinou o reflexo do que ele tinha feito com ela.

Um dente tinha desaparecido. O lábio estava cortado em três lugares. Ambos os olhos inchados e negros. Ela olhou para o corpo. Não tinha ideia de onde suas roupas estavam. Seus olhos seguiram a dor que estava sentindo. As queimaduras na pele, que nunca paravam de gritar. As contusões pretas. As marcas vermelhas que o cinto tinha deixado. Ela virou o corpo lentamente e viu a

pele em carne viva, as erupções sangrentas nas costas, bunda e coxas. As unhas estavam quebradas. Seus dedos crus.

Mas o que a alarmou foram os cortes em sua barriga e coxa. Eles sangravam ainda, amplos cortes profundos na pele. A dor estava ameaçando deixá-la inconsciente novamente.

– Ah, você acordou.

Ela começou a gritar, mesmo antes de vê-lo ali ao lado dela. Mas ele cobriu sua boca e agarrou-a com força por trás, levantando seus pés, que chutavam o ar do piso de azulejo.

– Não se preocupe – ele riu. – Sua estadia aqui, no meu paraíso do prazer, chegou ao fim. Tony disse que já teve o suficiente. – Ele arrastou-a até a sala de estar. Soltou-a no chão, sobre um pedaço de plástico que tinha cortado. Ficou de joelhos e olhou para ela.

– Vou levá-la para um hospital agora. Não posso deixá-la aqui. Normalmente eu a enterraria, mas Tony te quer viva. Existem algumas regras, no entanto, Rocket.

Seus lábios tremiam. Ela não o queria perto dela. Mas não se atreveu a se mover ou gritar. A queda de seus braços ao chão a havia deixado com a impressão de que todos os seus ossos estavam quebrados.

– Eles vão fazer perguntas – ele falou, perto dela, sorrindo. – Você não vai responder. Eu nem tenho que te dizer o que vai acontecer se você falar. Agora... eu tenho que limpar meu tapete onde você sangrou ontem à noite, de modo que você vai ficar quietinha aí. Quando eu terminar, vamos dar uma volta, ok, querida?

Ela abriu os lábios e até mesmo isso doía. – Au...

– O quê?

– Ah-ah.

– Água? Por que não? – Ele levantou-se e desapareceu de sua vista.

Ela fechou os olhos. Ela ia levá-la a um hospital. Ela agradeceu a Deus em silêncio.

Ele estava voltando. Jogou água sobre seu rosto. Ela abriu a boca e bebeu. Então, ele se afastou novamente.

Por muito tempo ela ficou ali, ouvindo-o esfregar o tapete. Havia um forte cheiro de produtos de limpeza de limão. Ela tentou não se mexer para não sentir dor, mas até respirar a machucava. Receava que ele tivesse perfurado um pulmão seu, ou algo vital que poderia estar matando-a naquele exato momento se não fosse costurado.

Ele voltou. – Tudo bem, Rocket, tá na hora do banho, querida. – E colocou-a em pé. Ela gemeu de dor, mas ele a empurrou para frente, em direção ao banheiro. Ela queria gritar a cada passo. Ficou ali, esperando que ele liderasse. Não tinha força alguma para lutar ou oferecer qualquer tipo de resistência.

Ele ligou o chuveiro e começou a tirar a roupa. Ela fechou os olhos. *Outra vez não, de novo não...* mas, então, ele a empurrou para dentro e entrou com ela.

– Veja – ele dizia. – Temos que lavar você direitinho, no caso daqueles filhos da puta decidirem pegar evidências. – E ele derramou xampu em seu cabelo e começou a ensaboar. Ela não se moveu. Se havia alguma esperança, ela se fora agora. Ele estava removendo todos os traços dele do corpo dela. Mas tudo o que ela pensava agora era em sobreviver, ela nem se preocupava em puni-lo. Ele pressionou sua cabeça e ela sentiu a água quente lavar o xampu. Queimava. Então ela conseguiu respirar novamente quando ele a puxou para trás. Ele pegou uma barra de sabonete e começou a limpá-la. Era insuportável. Ela mordeu o lábio e começou a tremer em meio às lágrimas. E ele não fez aquilo gentilmente. O toque da mão dele em sua pele a fez lembrar-se das últimas três noites.

– Para de choramingar, estou quase acabando – cantarolou, como faria para uma criança.

Então, ela sentiu seus braços envolverem-na e estremeceu em agonia.

– Não, não... – ele sussurrou. Ela sentiu a mão entre suas pernas. – *Todas* as evidências, querida...

E ela chorou mais, tão silenciosamente quanto pôde, enquanto ele a esfregava na carne rasgada. Os dedos dele fizeram o seu caminho para dentro e só então ela percebeu o quanto seu corpo devia estar ferido pelos estupros. Ela não sabia quantas vezes acontecera.

Mas eles não eram tão ruins quanto a tortura.

Tudo ardia. Depois do que pareceu uma eternidade, ele desligou a água e saiu. Enrolou uma toalha em volta dela. Secar-se era quase impossível. Mas ele esfregou sua pele mesmo assim, depois jogou suas roupas velhas para ela.

Ela reconheceu a roupa que usara há três dias. Levou cinco minutos para vesti-la. Mas, os sapatos... impossível. Ela gritou de dor quando pisou dentro dos saltos. – Eu... não consigo – ela chorou. Ele batera nos seus pés com tanta força que ela tinha medo de estarem quebrados.

– Então você anda descalça, a escolha é sua.

Ela assentiu com a cabeça. Descalça era melhor.

As roupas começavam a ficar sangrentas por causa das feridas abertas. Cada passo que dava, puxava uma nova onda de sangue em suas costas e pernas. Ela pingava enquanto caminhavam para fora.

Eles deram alguns passos até o carro.

Enquanto Fabricio dirigia, ele ligou o rádio e cantou um pouco. Falou:

– Você foi a melhor transa que eu já tive.

Ela não olhou para ele. Só prometeu a si mesma que a dor ia passar em breve.

– Sério mesmo, Rocket. – Ele olhou para ela. – Vou assistir ao nosso vídeo por anos e ficar com tesão. Outras mulheres como você vão assisti-lo também.

Ela apertou a mandíbula. O gesto enviou ondas de dor pelo corpo.

– Você sabe qual é a coisa mais engraçada? – ele riu. – Quando você entrar na emergência, só pela sua roupa, todo mundo vai saber o que você é. – Ele balançou a cabeça. – E eles vão pensar: “outra puta teve o que merecia”. E podem até mesmo se recusar a te dar analgésicos.

Não era verdade. Não podia ser verdade. Ele estava brincando com ela.

Ela reuniu toda a coragem que pôde dominar e falou baixinho:

– Ân... ânde tá... Charlie?

Fabricio parou de sorrir. – Isso não importa.

Ela não respondeu.

Ele parou. – É um quarteirão de distância naquela direção. Anda, porra, sai. Preciso lavar meu carro.

Ela abriu a porta devagar e saiu. A manobra foi um tormento, mas ela conseguiu.

Ele foi embora. Ela respirou fundo. Ele se fora. Agora ela tinha apenas um bloco para andar. Não sabia se conseguiria.

Mas conseguiu.

Um passo de cada vez, todo o seu corpo gritando, e as poucas pessoas que passavam por ela observavam em estado de choque. Graeme sabia como deveria parecer. Aqueles olhares foram o pior.

Levou meia hora, mas ela conseguiu. Quando entrou, desabou nos braços de uma enfermeira.

Eles fizeram perguntas. Um milhão delas. Ela não respondeu. Três policiais diferentes falaram com ela. Eles acharam que ela se abriria com uma policial mulher. Não funcionou. Então eles pensaram que elaalaria se lessem uma lista de seus ferimentos:

“Duas costelas quebradas, dois dedos quebrados. O canino inferior esquerdo ausente. Oito queimaduras de cigarro em várias partes da pele, múltiplos hematomas no tronco, pernas e braços... rompimento do tecido vaginal e anal, queimaduras de segundo grau no quadril direito. Múltiplas lacerações da pele. Três cortes profundos provocados por uma faca afiada. O corte no torso não atingiu órgãos principais e não atingiu o útero por um centímetro. Desidratação severa, anemia...”

Ela não se importava. Ela não falou.

Eles desistiram.

Ela pensou que estava a salvo. Então recebeu uma visita.

Mesmo em sono profundo, ela soube que alguém a tocava.

Alguém acariciava o cabelo dela. Pensou em dizer “papai”. Mas ela entendeu antes que pudesse abrir a boca.

Quando seus olhos desanuviaram-se, ela viu Tony.

– Aí está você – ele sorriu.

Ela não se moveu.

– Eu vejo que ele te tratou com mais amor do que às outras.

Ela respirou lentamente. *Você é o Diabo. Você está me olhando e gostando disso. Você é puro mal, mal trazido a este mundo para governar lugares como estes... como o Peach, como as ruas. Almas perdidas precisam de um pai e é você.*

– Então você entendeu a mensagem, Rocket. Receberá alta em uma semana mais ou menos. Você vai deixar o estado. Nunca vai entrar no estado de novo. Acene com a cabeça se entendeu.

Ela assentiu. *Será possível que você não sinta nada?*

– Você nunca mais entrará em contato com Charlie. Entendeu isso?

Ela lambeu os lábios. – Sim.

– Se quebrar minhas regras, eu juro por Deus que vai ficar com Fabricio por um mês inteiro, e então será enterrada viva. Isso eu juro.

Ela acreditou nele.

– Desapareça.

– Sim, Tony.

E então ele a deixou.

Ela olhou fixamente para a parede. Uma enfermeira entrou e a viu chorar. Então, ela foi sedada mais uma vez.

Quando acordou de novo, viu uma mulher sorrindo para ela. Rosto cheio de rugas, jaleco branco e olhar bondoso. Prancheta na mão. – Oi, Graeme, tudo bem? Está com dor?

Ela balançou a cabeça.

– Foi medicada – a mulher suspirou. – Mas vamos ter que mudar os seus remédios, agora, tudo bem? Então vai sentir alguns desconfortos.

Será que até isso Tony tinha feito? Comprara uma médica para de alguma forma não medicá-la? Poderia ser tão sádico? – Por que mudaram meus remédios? Já sofri demais. – Sentiu os olhos queimarem em lágrimas.

A expressão da médica mudou. – Calma, calma, não vai sofrer mais. É que não posso ficar te dando morfina ou coisas assim com um bebê aí dentro. É um guerreiro, assim como a mãe. Mas não pode ficar recebendo drogas nesse nível. Você vai ter que ficar limpa, querida.

O que ela estava dizendo?

Que você se abriu tanto para Charlie que se deixou engravidar por ele. Que como a adolescente estúpida que você foi um dia baixou a guarda e achou que senti-lo por completo era mais importante do que se proteger. Que você vai ser mãe. E, dessa vez, ninguém vai tirar seu bebê de você.

Ela assentiu, limpando uma lágrima quente do rosto. – Sim, eu vou ficar limpa.

A médica deu um sorriso. – Vai ficar tudo bem com você e seu bebê, Graeme. Você é uma sobrevivente.

Os anos de paz vieram, como Tony havia previsto.

Embora as relações entre membros tivessem ficado mais estreitas e os livros continuassem fechados, os negócios prosperavam. O Bayside estava registrando um crescimento inédito de 6% por trimestre, e a grana que enchia os cofres da família Gnocchi, em Nova Iorque, era a mesma que ia para Tony Conicci e escorria, como numa pirâmide de copos de champanhe, para a alta gerência, depois a baixa e depois os soldados. Todos ganhavam na medida que negócios legítimos lavavam os lucros de todos os tipos de crimes sendo cometidos em Vegas: tráfico, prostituição, extorsão, chantagem, roubo, assaltos e assim por diante. O efeito colateral eram alguns assassinatos por ano, alguns cadáveres no deserto.

Com a grana, Tony conseguiu estrutura melhor e acordos temporários com a família Bonini, intermediados na comissão de Nova Iorque. Os Bonini receberam uma fatia pequena de Vegas para controlar. Dessa forma, a inevitável guerra entre os Bonini e os Conicci foi adiada alguns anos. Os chefes investiram numa reforma no hotel, e, ao contabilizar os lucros, Frank constatou que em dois anos após a reforma o Bayside havia aumentado 33% em circulação, 30% em hospedagem e 19% em lucros com jogatina.

Enquanto isso, o FBI lambia suas feridas. Reestruturaram toda a divisão de crimes de colarinho branco e fizeram algumas mudanças na força-tarefa baseada em Vegas, cujo único propósito era o desmantelamento do crime organizado na cidade. Vellowann foi transferido, e o grupo passou a ser administrado por Francesca Strong, que pediu novos agentes. Ela recebeu três: Rick Gowan, Raphaela Smitts, e Raymond Cage.

Charlie estava no carro com Vinnie.

Estavam esperando Carl Maroni, soldado da família, que sairia da prisão naquela bela manhã em Nevada. Aproveitaram para comer os sanduíches que Suzie mandara. De sobremesa tinha bolo de cenoura. Vinnie levava as cervejas. Queriam comer tudo antes de Maroni entrar no carro, para que não precisassem dividir.

– Não gostei do horóscopo deste ano – Vinnie murmurou, um pouco de maionese brilhando perto da boca.

– Como assim horóscopo do ano, existe isso?

– É claro. No começo do ano os astrólogos traçam todo o movimento dos planetas no céu e a influência que eles têm em todo mundo, e também em cada signo. Esse ano que tá começando vai ser foda, Charlie. Muita influência de Marte, muita influência de Vênus.

Charlie sorriu e engoliu um pedaço de sanduíche. Tomou um gole da cerveja quente. – O que vai acontecer, Vinnie?

– Não conta pra ninguém que eu disse isso, mas todo ano eu estudo o mapa do chefe, meio que para me preparar, entende? Ajudá-lo, aconselhá-lo, essas coisas. Eu passo tudo para Frankie também, porque Tony escuta Frankie, mesmo quando está putado demais para escutar o resto de nós. Esse ano, Charlie... tem mudança.

– Todo ano tem mudança, Vin.

– Não. Cacete, moleque, leve as coisas a sério. Olha só, quando o deduro filho de uma puta leprosa do Viking, aquele bosta, apareceu, eu disse para Tony não confiar nele, porque ele era de gêmeos.

Charlie já aprendera a se dominar. Engoliu outro gole de cerveja, imaginando todo o ódio que sentiu naquele momento descendo pela goela junto com a bebida. Funcionou. Sorriu para Vinnie. – Tá, mas e essa porra que você tava falando sobre o chefe?

– Mulher, Charlie. E não estou falando de uma *comare*, como as que ele têm tido todos esses anos, não, não... estou falando de esposa.

– Vamos rezar para que não seja de gêmeos.

– Você não leva a sério... – Vinnie engoliu uns remédios para pressão, junto com a cerveja. – Olha só, é ele.

– Merda, me dá meu bolo logo.

Vinnie abriu um *tupperware* com tampa laranja e deu para Charlie um pedaço do bolo, que ele enfiou inteiro na boca. Vinnie fez o mesmo e eles riram um pouco, tentando mastigar a massa gigante enquanto Maroni, um italiano baixo e feio, dirigia-se em direção ao carro.

Enquanto Charlie levava Maroni para conversar com Tony, pensou em como ajudava ficar com Vinnie e com os outros quando podia. Ao sair da clínica,

três anos antes, a psicóloga havia recomendado que ele não se entregasse à solidão que parecia fazer parte da sua personalidade. E ela estava certa. Ficar sozinho significava sentir saudades de Graeme. E aí a vontade de usar apertava.

Não tivera nenhuma recaída desde que saíra, e estava confiante de que não voltaria a usar. Mas o ditado “Viver um dia de cada vez” era verdadeiro para ele. A meta ao acordar era sempre “Não se entregar à vontade hoje. Ser mais forte do que ela não importa o que aconteça”, e daquela forma ele seguia. Quando a depressão batia à porta, seu nome era Viking, ou Graeme, e ele lutava para não abrir. Às vezes era fácil e ele saía para dar uma volta, para conversar com um dos caras, ou para comer um sanduíche e ler um livro num lugar público, sem acesso a drogas. Ocasionalmente a depressão tentava arrombar a porta, em vez de bater. Aqueles eram os piores dias. Aqueles eram dias de reuniões de viciados, de comer e mastigar palitos de dente e de fumar cigarros para não enlouquecer. Eram dias de choro. Eram dias de se lembrar como se sentira ao voltar da reabilitação e ouvir Tony falando para ele que conversara com ela e explicara onde ele estava, e que iria voltar limpo dentro de algumas semanas. Segundo ele, Graeme dissera que Charlie fora longe demais, que tinha medo dele e desaparecera, provavelmente mudara até de estado.

Mas ele não conseguira simplesmente aceitar aquilo. Dias, semanas e depois meses pensando nela apenas alimentavam sua revolta com o abandono de uma mulher pela qual teria morrido. Charlie foi atrás. Nem fizera questão de esconder. Perguntou para os caras da boate, pressionou as outras *strippers*, chegou a ameaçar algumas, mas não conseguiu nenhuma informação. Era como se Graeme tivesse desaparecido e deixado tudo para trás, junto com o coração arrebatado de Charlie. Ele chorou. Quebrou a parede da sala de estar com um soco. Precisou berrar quando a vontade de usar drogas para esquecê-la pareceu dominá-lo por completo. Procurou por ela em cada rua de Vegas por meses. Pensou nela durante feriados, mudanças de estação e fins de semana solitários. Um dia disse em voz alta: “Foda-se aquela desgraçada”, e prometeu a si mesmo, em vão, nunca mais pensar nela.

Mas ele alternava diariamente entre ódio, amor e saudades de Graeme.

Foi um evento imobiliário que mudou tudo. Uma festa extravagante, para pessoas ricas e dispostas a investir em empreendimentos que ficariam prontos nos próximos cinco anos em Las Vegas. Já que o setor imobiliário era uma área importante de investimentos para a máfia, Tony estava lá com seu smoking e seu melhor sorriso.

Charlie fumava na calçada, de onde podia ouvir a música clássica lá dentro. Odiava quando tinha que bancar o guarda-costas, mas ele sabia que era necessário. E, ultimamente, Tony começara a solicitar a presença de Charlie com mais frequência.

Uma mulher estava saindo do jardim exterior, indo em sua direção. Elegante, com um vestido rosa-escuro apertado, cheio de camadas, e um xale para mantê-la aquecida. *Putá que pariu*, ele pensou, realmente impressionado. A mulher era de uma beleza exagerada, daquelas que você só pode supor que seja uma atriz ou modelo, porque é bonita demais para que não ganhe dinheiro com aquilo. Parou bem ao lado dele.

Ela colocou um cigarro entre os lábios e fez um gesto com os dedos. Charlie acendeu e enfiou o Zippo de volta no bolso. Ela soprou a fumaça e sorriu para ele.

Loira, com belos olhos verdes e nariz fino, parecia ter sido desenhada. Belos braços, dedos compridos e cheios de anéis. Peitos maravilhosos, bem no limite entre perfeitos e grandões. Por mais curvilínea que fosse, por mais clichê que fosse sua beleza, não conseguiria ser vulgar nem se quisesse. Havia uma aura de aristocracia nela. Ele pensou sobre qual cantada poderia usar para convencê-la a ir para seu apartamento e o deixar chupá-la, quebrar aquela elegância até que ela estivesse gemendo palavrões no ouvido dele.

– Você é Charlie?

Ele foi pego de surpresa. – Te conheço?

Ela riu, levemente, exibindo dentes alinhados e bem brancos para alguém que fumava. – Não, desculpe, é que eu conheci o seu chefe lá dentro, Tony.

– Ah...

– Foi ele quem me disse que você tinha um isqueiro. – Ela fumava. Estendeu a mão: – Sou Marion Holloway.

– Prazer.

A presença dela era desconcertante. Charlie sentiu a necessidade de preencher o ar da noite com algo inteligente, algo que a faria ficar de quatro para ele, mas nada saiu. O único caminho seguro era através de papo-furado. – Está vendendo ou comprando?

Ela soprou fumaça num jato fino e reto. – Nenhum dos dois, estou só representando a empresa para qual trabalho, sou arquiteta. Tony me disse que é dono de um cassino. Que você é uma espécie de... braço direito dele.

Interessante. Pela hierarquia, Tony tinha três braços direitos, e Charlie não era nenhum deles. Ele se perguntou se Tony começara a confiar mais nele do que nos outros. Será que desconfiava de Mickey? Não era possível, Mickey estava na família desde antes de Tony assumir o cargo.

– É, eu meio que faço tudo – ele falou, e não tinha certeza se soara orgulhoso ou não daquilo.

Marion olhava para ele com curiosidade. – São meio parecidos, sabia? Ele é seu tio ou algo do tipo?

Cacete. Dez anos e ninguém nunca tinha mencionado algo assim. De fato não eram parecidos, mas Charlie tinha as cores de Tony: de pele, cabelo e olhos.

A configuração dos ossos do rosto, o porte do corpo e a quantidade de pelos, tudo era diferente. Mas aquela mulher estava vendo algo neles, uma semelhança que nunca fora notada. Será que, ao estar ficando mais velho, Charlie começara a se parecer com o pai?

– Uau... – ela sorriu. Tinha covinhas que deixavam a bochecha bem redonda, incrível. – Ficou meio... desculpa, eu não quis dizer nada com isso. Foi só uma pergunta.

– Não, tudo bem, é que não somos família... quer dizer, parentes de sangue. Achei estranho, só isso.

Ela olhou em volta, os braços cruzados, fumando. Se perigo tivesse um cheiro, Charlie tinha certeza de que o sentia naquele momento. Pensou nas palavras de Vinnie sobre uma mulher. *Estou ficando paranoico*. Arriscou: – Qual é o seu signo?

Marion sorriu e o estudou.

Ele até poderia dizer que não acreditava naquela merda, mas só o faria parecer ainda mais um otário.

– Sou de Sagitário. Com ascendente em Libra e lua em Escorpião.

Ele não fazia a mínima ideia do que aquilo significava. Apenas assentiu. Marion poderia ter falado algo, mas, por algum motivo, a conversa não parecia ser tão interessante para ela. Jogou o cigarro na calçada, amassou a bituca com um salto afiadíssimo e voltou para a festa.

Quarenta minutos depois, viu o chefe saindo do jardim que cercava a propriedade de muitos milhões de dólares onde estivera bebendo e conversando. Assim que o avistou, Charlie assobiou para o *valete*, que priorizou o Jaguar de Tony. Charlie entrou, cumprindo a contragosto o papel de chofer, e esperou o *valete* abrir a porta traseira. Para sua surpresa, foi Marion que entrou, e depois Tony.

Ficou surpreso com a raiva que sentiu. O que uma mulher tão bela, com jeito de inteligente, poderia ver em Tony? Como era possível que já estivesse disposta a ir para a cama com ele? E por que ele se importava tanto?

– Para casa, Charlie.

Ele assentiu e com um olhar rápido ao retrovisor pegou a rua.

Ouviu a conversa da parte de trás do carro, naquele tom de “vou fingir que quero conhecer você para te levar para a cama sem que pareça rápido demais”.

– Alguma coisa fez você mudar de ideia. – A voz de Tony calma e confiante como sempre.

– Pensei melhor. Você nunca muda de ideia? – A voz profunda, rouca e carregada de insinuações de Marion.

– Não, nunca. Mas eu geralmente penso muito antes de tomar decisões.

– Hum... seria muito bom se eu conseguisse ser assim...

– É, já percebi que é impulsiva, Marion.

– Sempre fui... desde pequena – suspirou. – Torna a vida interessante, mas traz muito arrependimento também.

– Arrependimento é intrínseco à aprendizagem.

– Mas por que aprender alguma coisa tem que doer tanto?

– Tenho uma teoria de que as pessoas gostam de dor. O ser humano praticamente inventou todo o drama do qual reclama diariamente, só para poder sentir alguma coisa. Somos tão dependentes da dor quanto do prazer.

Charlie franziu a testa. Achava absurdo que aprenderia mais sobre seu pai como uma espécie de *voyeur* das cantadas dele do que em mais de uma década como seu capanga.

– E você? Me disse que foi casado e é viúvo... só se apaixonou uma vez?

– Não... duas.

Charlie sentiu o calor subir-lhe a espinha. Sem perceber, aumentou a potência do ar-condicionado e afrouxou a gravata. Não saberia lidar com aquilo, não saberia lidar com Tony falando de Loreen.

Mas ele não continuou. Charlie olhou no retrovisor e viu que os dois haviam parado de falar, mas se olhavam com certa intensidade. A voz de Tony baixou e ele soou sincero quando perguntou:

– E você, Marion? Não consigo imaginar um único homem nesse mundo merecedor do seu afeto.

Uma risada baixa.

– Houve alguns. Não duraram muito.

– Não desvie o olhar. Não precisa disso comigo. Eu aceito as pessoas com o bom e o ruim delas, é assim que tem que ser.

Charlie arriscou um olhar rápido e viu que ela olhava para Tony, sem sorrir, e Tony segurava o queixo dela na mão.

– É jovem demais para ter olhos tão sábios. Foi magoada. É tão fácil de ver.

Quando Charlie olhou mais uma vez, viu que ela também olhava para ele. Sentia-se estranha, provavelmente, de compartilhar aquela conversa com o motorista. Ele quase suspirou ao ver a mansão a distância. Para quebrar o clima desconfortável do carro, falou:

– Chegamos, Tony.

E então ela soltou um sorriso de alívio. – É linda, linda demais. Um projeto arquitetônico digno de prêmio. Quem a projetou?

– Não sei. Herdei essa casa do meu tio. Descubra para mim, pode fazer isso?

– Será meu mais novo projeto. Sabe que terá que me mostrar cada canto, cada escada, cada cômodo, não sabe?

Ele riu. – Achei que o convite havia sido para conhecer o dormitório principal.

– Mas agora tudo mudou. Começemos com o jardim, e, se tudo me impressionar o bastante, terminemos no dormitório principal, Tony.

A confiança na voz dela, a falta de pudor, aquilo mexeu com Charlie. Ele contornou a fonte e seguiu para a lateral, parando o carro para que pudessem sair, o que fizeram sem pressa. Viu Tony, através do vidro esfumado, gesticulando para que ele abrisse. Charlie baixou a janela e o chefe aproximou o rosto, falando baixo: – Não vá para casa, passe a noite aqui. Preciso que a leve no horário que ela preferir, o que pode ser em cinco minutos ou doze horas.

– Claro, Tony.

Ele deu um sorriso para Charlie, circulou o carro, e, com uma mão nas costas dela, guiou-a até o jardim atrás da casa principal.

Charlie acordou com um sacudir no ombro dele. Abriu os olhos e viu uma das empregadas de Tony, a gorducha que sempre servia as refeições. Charlie estivera poucas vezes na casa, geralmente para algumas reuniões no escritório, mas reconhecia o rosto bondoso dela, que ele costumava ver ao entrar e sair.

Percebeu que dormira no sofá da edícula onde os funcionários moravam. Era uma casa adjacente que continha uma ampla sala de estar e quatro dormitórios. Charlie lembrou-se que comeria um sanduíche com um dos seguranças da casa e cochilara durante um jogo de futebol americano. Agora percebeu que já era dia.

– Tony quer que tome café da manhã com ele. Escove os dentes, por favor.

Ele sorriu e assentiu para ela. Quando ela se foi, ele se levantou e mexeu os ombros, sentindo todas as notas das pequenas dores musculares que compõem a sinfonia da noite maldormida. Não tinha como escovar os dentes, mas encontrou um enxaguante bucal quando foi urinar no pequeno banheiro da casa. Jogou o líquido ácido na boca e bochechou, cuspiu e se olhou no espelho. Estava um lixo. Jogando um pouco de água nas mãos, penteou o cabelo para trás, e, mesmo não gostando do resultado, parecia pelo menos digno de se sentar à mesa de café da manhã com o chefe.

Tony fazia todas as refeições numa sala pintada inteira de branco que dava para um enorme jardim, separada deste apenas por quatro colunas em estilo grego. Fora projetada para que o sol da manhã jogasse luz no cômodo, luz que era refletida em bilhões de superfícies exibidas em cristaleiras, prateleiras e carrinhos de bar. Eram taças, vasos e recipientes que juntos, provavelmente, valiam mais do que a própria mansão.

A mesa de doze lugares fora posta com pratarias e guardanapos de linho. Tony já estava sentado quando Charlie se aproximou, de fora, e Marion estava ao seu lado. Charlie não ficou surpreso ao vê-la ali, mas ficou surpreso com o quanto parecia à vontade naquele lugar, à esquerda de Tony, que sentava na ponta. Marion tinha os cabelos presos num rabo de cavalo e usava um robe de

seda finíssima, de cor magenta. Contrastava com os olhos verdes que pareciam ainda mais claros na luz da manhã. Ela era de tirar o fôlego, de fato, e sem maquiagem Charlie percebeu que era jovem. Sim, bem jovem.

– Sente-se, Charlie.

Ele forçou um sorriso para o chefe. – Será uma honra, Tony.

Tomou o lugar à direita, de frente para ela.

A empregada entrou, com outra atrás dela, e começaram a servir a mesa: travessas de frutas picadas, suculentas, dispostas em pequenas tulipas de prata e decoradas com folhinhas endurecidas com açúcar, sucos coloridos, jarras de cristal com chá e leite e cestinhas de uma variedade de pães que Charlie nunca vira. Serviram pratos com a refeição: uma omelete de claras de ovos com tomates e manjeriço, queijos e presuntos picados e semiderretidos em cima de um *bagel*. O estômago de Charlie pareceu mexer-se e sua boca salivou.

Tony bebeu um pouco de café, puro, e Marion mordeu o *bagel* dela com uma delicadeza de princesa da Disney. Charlie abriu seu guardanapo no colo, como vira em filmes, e mordeu seu *bagel*. Estava divino, derretendo dentro da boca. Teria gemido se estivesse sozinho ou com os outros caras.

Tony olhou para ele. – Já faz um tempo que quero conversar com você, e temos uma boa oportunidade hoje. Tenho um anseio pessoal que levei até Frankie e chegamos a um acordo. Depois do que aconteceu com Viking, eu entendo que cheguei muito perto do perigo. Por mais que tenhamos paz, no momento, com os Bonini, eu quero ficar mais tranquilo, eu quero poder desfrutar um pouco mais do que construí para mim e para a família. Quero poder passar mais tempo em casa. Quero num futuro breve poder construir uma família para mim, criar filhos nesses jardins.

Charlie não sabia se Tony estava sendo sincero ou apenas falando aquilo para que Marion ouvisse. Teve vontade de dizer: “Que tal começar com seu primogênito, seu desgraçado?”. Mas nem ele viu convicção na sua rebeldia silenciosa. Não conseguia odiar Tony por mais de dois segundos.

– Mickey é meu braço direito. Mickey conduz os negócios e cuida das coisas para que eu não tenha que sujar as mãos com mesquinhas. Mas quero você aqui, ao meu lado, a partir de hoje, Charlie. Como meu guarda-costas, como um amigo que fica de olho nas coisas que eu não posso ver, *capice*?

Sim, ele entendera. Mas ainda não conseguia dimensionar aquilo, as responsabilidades que teria e os riscos que correria. Ao tomar um longo gole de suco para pensar na resposta, percebeu que sentia-se contente, e que aquela sensação vinha de poder passar tempo com o pai, próximo, íntimo, naquela casa. Colocou o copo na mesa e pegou o olhar de Marion, estudioso e observador.

– Espero estar à altura, chefe.

– Não tem mais ninguém além de você para esse trabalho, Charlie.

– Obrigado.

Tony desviou a atenção para ela. Pegou a mão dela, beijou-a e eles se fitaram por um tempo. Ele falou como se Charlie não estivesse lá:

– Quer ir para casa? Ou mando buscar suas coisas e você fica aqui?

Ela deu um sorriso meio tímido, meio lisonjeado, formando aquelas lindas covinhas. – Pare com isso, preciso ir para casa.

– Janta comigo amanhã?

– Hum... não, amanhã não. Talvez semana que vem.

Ela bebeu suco, estudando Tony com divertimento.

Ele coçou o queixo. – Sabe que não vou desistir fácil, Marion.

Ela riu. – Eu ficaria terrivelmente desapontada se desistisse, Antonio.

E assim, a vida de Charlie mudou.

Abandonou o cassino, com prazer, trocando as noites de agito, multidões e sacanas tentando trapacear em *Blackjack* e Pôquer por tardes e noites tranquilas na mansão de Tony.

Estava presente em absolutamente todas as reuniões com Frank, com Pete e com Mickey. Começou a perceber o quanto da gerência dos negócios era discutida e decidida entre as quatro paredes do escritório de Tony. Sentiu uma onda de orgulho ao constatar que sabia de coisas que nem Vinnie, Frey e Fabricio sabiam.

Os velhos se trancavam lá com seus charutos e discutiam números com uma paciência impossível. Frank falava por horas, alisando a gravata, de tudo o que estava acontecendo na *Cosa Nostra* em Nova Jersey, Filadélfia e Nova Iorque. Falavam de inimizades, alianças, setores de investimentos e aliados em sindicatos. Costurava o passado e o presente ao falar das grandes famílias, dos velhos mafiosos e de estabelecimentos de lavagem de dinheiro. Deixava claro o que era fofoca e o que era fato. Tony ouvia, e Charlie percebeu que ele escutava tudo, com interesse genuíno, guardava aquelas informações como se fossem dinheiro e ele o cofre.

Até das esposas dos gângsteres e das *comares* eles falavam. Deixavam subentendido que um homem que não tinha a esposa e as *comares* sob controle eram perigosos, apresentavam riscos e tinham que ser intimidados ou eliminados. Por tradição, a máfia não executava mulheres, salvo se fossem testemunhas. Mas nem precisava. Os métodos de intimidação eram bastante eficazes.

Charlie pôde observar, naquelas primeiras semanas, o comportamento de Tony. Acordava bem cedo, tomava apenas um café preto, no próprio quarto, tomava um demorado banho e então se vestia com impecáveis ternos italianos feitos sob medida. Não gostava de ajuda para nada, só era servido na hora de comer. Passava boa parte da manhã no escritório, e então tomava um café da manhã farto, às nove e meia. Muitas vezes pedia para que Charlie comesse junto, mas às vezes não conversava com ele e preferia ler os jornais.

Depois do café da manhã Tony ia para o cassino e Charlie estava livre dos seus deveres até o fim da tarde. Ia para seu apartamento e dormia. Às seis ele acordava, tomava um banho e estava na mansão às sete. Circulava o local e conversava com os seguranças, fazia rondas pelo interior da casa e participava de reuniões quando era solicitado. Levava Tony para eventos em outros cassinos, para festas e para hotéis, onde duplas de prostitutas eram levadas à suíte do pai. Levava Tony de volta para a mansão e ficava de olho na varanda da suíte dele, até ver as luzes se apagarem. Era naquele momento que relaxava, sabendo que sua presença garantia um sono bom ao chefe. Então ficava passeando, fumava alguns cigarros, comia lanches e batia papo com os empregados.

Um dia, Tony o abordou logo pela manhã, antes de ir ao cassino. Segurava uma caixa enorme, branca, envolta numa fita marrom.

– Preciso que entregue isso num endereço para mim antes de ir para casa. É o apartamento de Marion. Force, se precisar. Quero que ela receba e abra a caixa. Não saia de lá antes que ela faça isso.

Charlie jogou o cigarro no chão. – Claro, Tony.

O prédio de apartamentos de Marion era para gente rica, isso ele sacou de cara. Arranjou uma vaga para visitantes e caminhou com a caixa, sentindo-se um entregador, até um balcão de mármore. Um homem sorridente o encarou. – Posso ajudá-lo?

– Apartamento 289. Marion Holloway.

– É só deixar aqui no balcão que será entregue a ela, senhor. Obrigado.

Charlie lambeu os beiços. – Então... não. Você precisa interfonar e avisar que Charlie está aqui com uma entrega de Tony Conicci e que ela precisa vir buscá-la, pessoalmente, ou me deixar subir. Só vou embora quando vê-la abrir a caixa.

O sorriso do homem sumiu. – Obedeço a regras, amigo, e o protocolo diz que recebemos as entregas, encaminhamos todas para a expedição do prédio, notificamos os moradores e eles buscam as encomendas na expedição.

Charlie não gostou da forma como ele falava cada palavra isoladamente, como se colocasse um ponto final entre cada uma. Ele se inclinou no balcão. Pegou o homem pela gravata barata e puxou. – Eu também obedeço a regras, não sou seu amigo e só vou sair daqui depois que interfonar para Marion e pedir para que receba o pacote.

Marion não estava feliz quando saiu do elevador. Usava uma camisa de seda, calças largas de linho e um cinto grosso. Os saltos clicavam no mármore enquanto ela andava em direção a Charlie, com um olhar nada amigável. Ele gostou do sutil balanço dos peitos dela ao andar rápido daquele jeito. – Ele vai me enlouquecer – ela murmurou quando se aproximou.

– Então simplesmente aceite os presentes – ele respondeu.

Ela suspirou e olhou para a caixa com desconfiança. – Vai me enlouquecer – cochichou, dessa vez mais para si. – Seu chefe não está lidando com uma líder de torcida, diga isso a ele. Eu não janto com ele quando ele quer, e sim quando *eu* quero. Eu não aceito presentes quando estou atrasada para uma reunião, e sim quando *eu* quero. Diga isso a ele.

Eu não teria colhões, ele pensou. Deu uma balançada na caixa, louco para se livrar dela. Marion puxou a fita marrom com estupidez e o laço se desfez. Abriu a tampa, afastou umas folhas de papel de seda e então deu um passo para trás. O rosto mostrava choque.

Quase esperando ver uma cabeça de algum ex-namorado dela, Charlie virou a caixa para si. *Caralho. Santa Mãe.*

O rosto de Marion pareceu derreter e se transformar num sorriso. Ela levou as mãos ao rosto, e Charlie notou longas unhas ovais, pintadas de um branco leitoso nas pontas. – Ah...

Ela puxou o casaco de peles, completamente branco, de dentro da caixa. Até o recepcionista abriu a boca num “O” exagerado. Marion o abraçou, acariciando-o, os olhos fechados. Charlie pensou em dizer a ela que os bichinhos são esfalados vivos para que aquela maciez fosse preservada, mas controlou-se. Ela pareceu ter-se esquecido da reunião.

– É lindo, lindo... – ela gemeu. Segurou o casaco diante de si para admirá-lo. – Ah, Charlie, eu amei...

Ele mordeu o lábio. *A raiva dela passou bem rápido*, pensou com desdém. *São todas iguais*. Forçou um sorriso.

Percebeu que seu trabalho havia acabado. – Bom, você recebeu seu presente, minha missão está cumprida. Até mais, Marion.

Ele saiu de lá e entrou no carro.

Foi assolado por um vazio imenso antes de ligar o motor. Era o vazio que o agarrava de vez em quando, que o fazia preenchê-lo com lembranças de Graeme, Viking e a mãe. Pensou em Graeme cantando na cozinha, fazendo-se de sexy daquele jeito cômico, cheio de divertimento. Pensou no que sentia quando esfregava a boca contra o sexo dela, aquela carne macia e rosada, cheia de dobras, com um gosto ligeiramente amargo que ele amava. Pensou nela dançando. Então acendeu um cigarro e mandou as lembranças à merda.

Quando chegou em casa, ligou para Tony. Explicou que precisava de uns quatro dias de folga. Tony concordou sem fazer perguntas, fora o questionamento sobre a reação de Marion. “Ela gostou muito, chefe. Ficou bem feliz.” Assegurou-lhe. Tony pareceu tão satisfeito que terminou a conversa com “Vá, tire uns dias de folga e divirta-se, filho”.

Dormiu pouco no voo. Não sabia como ia ser, mas precisava fazer aquilo e deveria tê-lo feito antes. Ele chegou à casa em cerca de trinta minutos, pagou o

motorista do táxi e parou à porta.

Reconheceu as ruas onde brincara quando criança e onde crescera aprendendo a ser malandro.

Ele tinha mudado. Tudo havia mudado. Ele construiu sua coragem e bateu na porta. Era tarde e não estava certo de que ela estaria em casa.

Mas ela abriu.

Olhou-o bem nos olhos por um breve segundo.

– Oi, mãe – ele disse em voz baixa, esperando, rezando para que ela não o mandasse se foder.

Mas, em vez disso, seus olhos se encheram de lágrimas grossas e ela abraçou-o da maneira que só uma mãe consegue. Charlie segurou as lágrimas. Ele sorriu e beijou sua bochecha.

Ela o deixou entrar.

Ele se sentiu absurdamente triste quando viu sua antiga casa. Deus, tudo parecia menor, mais velho e mais cafona. Era uma casa pobre. Não era miserável, mas era pobre. No entanto, tudo era limpo e tinha o seu lugar específico. Ele percebeu que não odiava aquilo, nada daquilo, mesmo aqueles malditos azulejos na cozinha. Costumava achar que não pertencia àquilo e ele ainda sentia isso. Mas não odiava mais.

Sua mãe estava olhando para ele. Ele sabia que mudara, e achava que Loreen envelhecera demais. Via a pele do pescoço mais mole, via rugas ao redor dos olhos e o cabelo perdera um pouco do brilho.

– Eu tinha que te ver, ok? – ele falou. – Como tem estado? Você está bem?

Loreen sentou-se. – Eu sou uma pessoa feliz, Charlie. Eu sou sozinha e tenho saudade do meu filho todos os dias. Mas não tenho nada do que reclamar. Minha saúde está ótima. Espero que isso responda à sua pergunta.

– Não me trate mal. Eu te amo – ele sorriu. – E eu deveria ter vin...

– Então, por que agora?

– Porque sou sozinho, também, *ma* – ele suspirou. Só soube que era verdade quando a frase saiu. – E tive muitas saudades de você.

Ela mordeu o lábio por um tempo. – Eu suponho que ainda esteja trabalhando para ele.

– Estou – ele concordou.

– Então, como foi conhecê-lo?

Charlie pensou sobre os velhos tempos. Fora há tantos anos. – Eu estava queimando em ódio quando o conheci. Mas não mostrei. Fiquei calmo e fiz o que tinha que fazer. Ele é...

– Ele é o quê? – ela pressionou.

– Ele é... um enigma para mim. Mesmo depois de doze anos. Às vezes posso jurar que ele sente alguma coisa. Às vezes posso ver que ele é capaz de ter

sentimentos. Então, no próximo segundo, ele é a pessoa mais fria que eu já vi. Mas, *ma...* o que é difícil é que às vezes eu sinto como se gostasse dele.

Loreen observou seu filho. – Sim. Às vezes até eu sentia que gostava dele.

Charlie fez uma careta. – Como isso é possível?

– Porque às vezes ele olhava para mim e eu via preocupação e algo semelhante a amor em seus olhos. Ele perguntava sobre meus irmãos com preocupação real. Ele segurava minha mão algumas vezes. Ele me tratava muito bem na frente dos outros clientes quando eu servia o almoço. Mas então... era como se as coisas que ele quisesse precisasse ter a qualquer custo. Então, me machucava de novo e eu me sentia tão confusa. Eu sempre pensava: “Como pude ter começado a ter compaixão por ele?”. E a resposta nunca veio.

É exatamente assim, ele pensou.

Ele segurou a mão dela. – Por favor, não vá trabalhar. Fique em casa para que possamos conversar.

Loreen telefonou para o restaurante e disse que estava doente. Eles almoçaram juntos e Charlie pensou, não pela primeira vez em sua vida, que ninguém cozinhava como sua mãe. Então eles se sentaram para conversar. Ele contou sobre as coisas que ela estava curiosa para saber, sobre o que ele fazia para Tony. Tentou explicar, deixando algumas coisas de fora, como funcionava. Ela ouviu atentamente. Charlie ficou surpreso ao perceber que a mãe não estava brigando. Ele havia testado-a e contado-lhe sobre alguns roubos e eliminações, mas ela não pareceu surpresa ao ouvir aquilo. Quando Charlie contou sobre seu primeiro serviço de eliminação, ela não pareceu se importar.

Depois de um tempo, Loreen fez a porra da maldita pergunta:

– E você conseguiu passar dez anos sem uma namorada?

Ele evitou seus olhos e acendeu outro cigarro. Havia coisas das quais não queria falar. A prisão era uma delas. A dependência de drogas era outra. Mas isso era ainda pior.

– Eu tive uma namorada. Por um tempo. Mas hã... eu estraguei tudo. – *E ela me deixou, porra!*, pensou.

– Charlie. Agradeço por ser sincero sobre tudo até agora. Mesmo sabendo como eu poderia me sentir sobre tudo isso. Mas não esconda coisas de mim. Você está escondendo muita coisa.

– Ela era uma prostituta de luxo, *ma*. Isso é o que eu realmente não queria te contar.

Loreen levantou a sobrancelha. Então ela suspirou. – E o que aconteceu?

– Ela era uma garota legal. Eu sei que é difícil de acreditar nisso depois de contar o que ela fazia, mas confie em mim, ela era... – *Ah, Charlie, você nunca falou sobre ela e agora pode se abrir para alguém. É bom.* – Eu a amava mais do que tudo no mundo. E ela era louca por mim. Você entende isso?

– Claro que entendo. O trabalho que ela precisou fazer para sobreviver não significa que ela não era uma boa garota e, definitivamente, não significa que ela não era capaz de se apaixonar por você. Apenas me conte o que aconteceu.

Coisas demais tinham acontecido. Mas ele poderia resumir honestamente para ela.

– Eu bati num cara. Bati muito nele. Quase o matei. Eu ia, eu acho. Ele era... um cliente dela.

– Sim, posso vê-lo fazendo isso, Charlie.

– O que isso significa?

– Isso significa que não é certo, mas é compreensível. E que você sempre foi assim, esquentado, ousado, de bater primeiro e perguntar depois. Quantas vezes, Charlie, não precisei sair do trabalho para resolver as brigas nas quais você se metia na escola?

– Na escola era assim, mãe, se alguém te xingava você tinha que fazer algo a respeito, se não fosse assim... nunca teria paz, as outras crianças montavam em cima.

– Eu quero saber o que aconteceu com a garota.

– Ela fez as malas e me deixou.

– O que ela disse?

– Ela não disse. É isso que dói. Ela não disse adeus nem nada, ela apenas... se mandou.

– Ela deve ter ficado com medo, Charlie.

Ele ia dizer: “com medo de mim?”, mas não o fez. Qual era a lógica em discutir tudo aquilo? Ele apagou o cigarro. – Há mais para te dizer. Eu não contei antes porque sabia que você ficaria preocupada. Mas estou bem agora.

Ela esperou.

– Eu cumpri pena na prisão por um tempo – disse em voz baixa.

O rosto de Loreen mudou. – Prisão? Por quanto tempo? Por que não... – Ela parou. – Entendo por que você não me disse nada, mas sabe muito bem que deveria ter dito. Pelo menos me enviado uma carta ou algo assim.

– Mãe, eu não podia. Ninguém pode saber sobre você. Eu queria protegê-la.

Ela balançou a cabeça. – Charlie, você não pode.

– Deles, eu posso. Dele.

– Eu não preciso de proteção contra Tony. Não mais. Diga-me o que aconteceu.

Ele explicou sobre o assalto. Ele falou sobre a prisão. Ela ficou horrorizada. Ele suavizou, omitindo o que acontecia nos chuveiros. Ele mencionou a solitária como se fosse uma coisa até que tranquila. Ele não falou sobre Viking. Não mencionou o vício. E ele não ia. Tinha vergonha demais.

Depois do jantar, deitou-se confortavelmente no sofá e ela deu-lhe um beijo de boa noite. Charlie dormiu bem pela primeira vez em muito tempo. Sentiu algo dentro dele segundos antes de pegar no sono. Era uma sensação de cura.

Durante o café, na manhã seguinte, Charlie a observava. Ela estava muito boazinha. Sabia que não fazia sentido, mas ele não queria estragar tudo, então permaneceu quieto.

Loreen lhe fizera um café da manhã gigantesco. Estava curiosa. Perguntou a ele sobre a comida da prisão, sobre a primeira esposa de Tony, sobre quem Charlie sabia muito pouco, fora que morrera num acidente de carro. Ele disse a ela que ouvira boatos dos outros caras de que Tony quisera muito um filho e que planejara ter um com a primeira esposa bem antes dela morrer.

Loreen pensou por um longo tempo.

– Talvez Deus tenha decidido não dar a ele uma segunda chance – foi o que ela disse.

Charlie finalmente desabafou:

– Por que você está bem com isso agora? Quando eu fui embora, você praticamente me deserudou. Agora você está bem.

– Eu não estou bem com nada disso, *boy* – ela sorriu com tristeza. – Mas eu tive anos para pensar, Charlie. Por muito tempo eu me culpei. Eu pensei que se não tivesse te contado, nada disso teria acontecido. Mas quer saber? Você já estava dentro. Você estava nisso com os caras com quem saía, da máfia irlandesa. Eu acho que não importa, você teria se tornado o que se tornou. E talvez seja por uma razão. Talvez as pequenas coisas... Talvez a maneira como você falou com a mulher, em seu segundo trabalho, talvez aquilo a tenha salvo de seu amigo Frey. Talvez o fato de eles gostarem de você tenha mudado um pouco quem eles são. Talvez você ainda tenha algo importante a fazer, alguém especial para salvar ou alguém ruim para matar. Eu não sei. Eu gosto de acreditar que você pode mudar alguma coisa por ser quem é. Eu me apego a essa crença, tão ingênua quanto possa ser. E talvez seja melhor que você esteja lá com ele do que aqui, com aqueles caras. Talvez o poder dele possa ser usado para algo bom, como te proteger, mantê-lo vivo.

Ele estava sem palavras. Ela sorriu tristemente. – Talvez seja o seu destino, a final de contas.

Vinnie chamou Charlie para tomar uma cerveja assim que ele voltou de viagem. Isso significava que era Charlie quem precisaria comprar as cervejas e levá-las para a casa do amigo.

Jantou com eles uma lasanha verdadeiramente suculenta que Suzie preparara. Como fizera nos últimos três anos, Charlie levava flores para Suzie. Ele apenas se sentia meio mal por ela, a forma como vivia naquela casa, sem ir

a lugar algum, ficava cozinhando para todo mundo, e quando não estava cozinhando estava assistindo à televisão. Ela recebeu as flores com orgulho, deu um beijo maternal em Charlie e serviu-lhe uma taça de vinho. Depois do jantar, ele e Vinnie foram para o pequeno alpendre com as cervejas. Charlie acendeu um cigarro e fitou a rua por um tempo. Vinnie falou:

– Charlie, faz muito tempo que quero ter essa conversa. Quero que me escute, garoto, tudo bem?

– Claro, Vinnie, pode falar.

Vinnie parecia mais velho, mais gordo. Charlie percebeu que quando o conheceu tinha uma cabeleira grossa e negra, que costumava pentear para trás, e que hoje em dia estava calvo na parte de cima da cabeça.

– Sei que nunca mais foi o mesmo depois da história do Viking. E nunca mais olhou para mim da mesma forma. Eu estava lá e eu participei da execução dele. Sei que não vai me perdoar nunca. Mas saiba, garoto... que você é como um filho para mim. Que adoro você.

Charlie fitou o chão. Sabia que sempre quisera perdoar Vinnie, mas não conseguia. Ele precisava direcionar a raiva dele para alguém, mesmo que fosse uma parte dela apenas e mesmo que fosse para alguém que amava tanto. Os olhos dele encheram-se de lágrimas, porque às vezes parecia que o vazio que Viking deixara, o vazio que fora momentaneamente preenchido por aquela desgraçada, era demais para aguentar.

– O chefe te quer por perto – Vinnie suspirou, as mãos unidas, girando os polegares. – Por algum motivo, ele escolheu você para servir como um apoio. Ninguém sabe por que, e todos estão falando, especulando e criando teorias. Cuidado, Charlie. Todos te adoram, esse sempre foi seu ponto forte. Mas pela primeira vez você é mais do que um soldado leal. Eu não me importo, saiba disso. Você tomou o meu lugar, de certa forma, mas eu não ligo. Só quero que fique bem. E quero que me perdoe.

– Tá tudo bem entre a gente, Vin – ele murmurou, e, em seu coração, a declaração soou verdadeira.

– Amava mesmo aquela *stripper*, não amava?

Aquilo pegou Charlie de surpresa. Amassou o cigarro num cinzeiro e abriu uma lata de cerveja com um chiado e um borbulho de espuma. – Não quero falar sobre ela.

– Então não precisa – Vinnie resmungou. – O que está acontecendo com Tony e aquela mulher? O que sabe sobre ela?

Charlie deu de ombros. Tomou cerveja. – Ela é de sagitário, Vinnie.

– Isso não é bom.

Charlie sorriu para ele. – Algum signo é bom para você?

– Você não entende... é jovem... Tony precisa de uma mulher de câncer, que queira se casar, ter filhos... Sagitário é livre demais, e numa mulher isso não

é bom. Numa mulher de um *don*, isso é péssimo.

Charlie nem queria imaginar a reação de Vinnie se contasse a parte que envolvia a lua em escorpião. Mesmo não sabendo bulhufas sobre astrologia, aquilo soava péssimo. – Ela parece ser legal. Só a vi algumas vezes.

– Reze para que não seja descendente de italianos.

– Por quê?

– Ser uma esposa da máfia é como ser um cara feito. Sem ser descendente de italianos a pessoa não é boa o bastante.

– Tony saiu duas vezes com ela, Vin, não vai dar casamento. Ela tem metade da idade dele.

– Eu li no horóscopo, Charlie.

O verão estava batendo recordes de temperatura, e a sala de jantar da mansão brilhava com a luz solar. A mesa estava como de costume, posta. Charlie entrou e olhou para o café da manhã. Ele escolheu o café, encheu uma xícara e, em seguida, pegou um *donut*. Estava ali, em pé, lendo o *Times* com indiferença e mordendo o doce quando Marion entrou.

Ela usava um robe de seda branco, todo aquele cabelo loiro solto e o maior sorriso que ele já tinha visto no rosto de uma mulher. A maneira fácil e confortável com a qual ela se movia pela casa o assustava, como se fosse dona do lugar. Ela sorriu para ele com dentes muito bonitos. – Olá, Charlie. – E se sentou.

– Bom dia – ele murmurou, olhando para ela. Quando ela se serviu de suco de laranja, ele entendeu com desânimo.

O anel de noivado não passava de um diamante grande pra caralho. Uma faixa de prata e uma porra de uma pedra enorme. Parecia gigantesco e insólito em seus dedos delicados, com unhas feitas. Ele quase engasgou com o *donut*. Uma segunda esposa. *O desgraçado do Vinnie tinha razão.*

Ela estava quase sem fôlego com a empolgação. Estava sorrindo como uma vadia idiota enquanto bebericava o suco gelado.

Ele bebeu o café para ajudar o doce a descer e se atreveu a falar:

– Isso é um anel de noivado?

Ela olhou para ele, toda dentes e olhos brilhantes. – Sim. Ele me deu ontem à noite. Não é a coisa mais linda do mundo? – Não tirava os olhos dele.

Oh, Deus.

Tony estava entrando, terno caro, gravata azul escura e sorriso feliz para combinar com o dela.

– Bom dia, Charlie, tome café da manhã com a gente.

– Na verdade, já me servi de um *donut*, Tony, obrigado.

– Bobagem, sente-se.

Charlie obedeceu. Ela não estava realmente prestando atenção nele, apenas olhava para o anel. Tony o encarou. – Vou me casar de novo.

Charlie forçou um sorriso. – Uau... isso é ótimo, Tony. Parabéns.

Ela reconheceu seus parabéns com um breve sorriso, então beijou Tony com mais língua do que Charlie queria ver.

– Hã... quando será a cerimônia?

– Em três meses – disse Tony, servindo-se de café. – Quero você aqui hoje à noite para uma reunião, e quero que avise os outros. Preciso comunicar isso para eles antes de falar com a imprensa.

– Claro.

Queria perguntar se ela tinha antepassados italianos. Queria perguntar para Tony o que iria mudar. Mas não ousava. Disse a si mesmo que não era grande coisa, era só o chefe se casando. Seu coração parecia ter afundado, no entanto. Não sabia o motivo, mas sabia que era rápido demais, que parecia errado, estranho. Queria perguntar a Tony se ele estava apaixonado ou apenas se sentindo pressionado para formar uma família, já que o espaço dos Conicci estivera ameaçado há anos pelos Bonini, e a *Cosa Nostra* não tem muito respeito por *dons* sem filhos.

Olhou para Marion. E ela? Estava apaixonada tão rápido assim por um homem vinte anos mais velho, ou era só amor a luxo e a grana? Não parecia. Charlie não era ingênuo, mas ao olhar para ela não viu uma interesseira. Na verdade, viu uma versão feminina de si mesmo, entrando numa piscina sem conhecer sua profundidade.

Na reunião, Charlie sacou pelos olhares que todos os homens já sabiam o que Tony iria anunciar. Ele sentiu que estavam aliviados, que uma família daria uma estabilizada no chefe e garantiria mais segurança para a bandeira Conicci, que por mais que estivesse fincada profundamente no deserto de Vegas, ainda balançava demais com o vento.

– Encontrei em Marion uma parceira – Tony dizia com o olhar apaixonado. – E ela é jovem, inteligente, vai fazer muitos filhos e criá-los da forma correta. Creio também que vá agradar os velhos.

Com “os velhos”, ele estava falando da família do tio, Vittorio Conicci.

– Abençoamos o seu casamento e a sua decisão, Tony – Frank falou. – Mas antes, precisamos acertar algumas coisas: a origem dela.

– Marion Fiorentino Holloway. O pai era filho de italianos. Fiz eu mesmo a verificação. Vou encaminhar as cópias dos passaportes deles para você, Frank.

– Seria melhor se pudéssemos conhecer os pais numa reunião mais formal, também. Ir mais a fundo nessa história de origens.

– Estão enterrados, Frank, os dois morreram quando ela ainda era bem pequena. Foi adotada por um casal residente em Boston, com quem não tem

mais contato. Marion é sensível com toda essa merda dos pais, chora quando fala no assunto, então eu quero evitar esse tipo de questionamento perto dela. Expliquei que as origens são importantes, e ela me conseguiu sua certidão de nascimento, onde o nome original consta. Quando foi adotada, colocaram o nome deles no dela, passando de Marion Westbrook Fiorentino para Marion Fiorentino Holloway. Todos os documentos estão no cofre, podem ficar tranquilos.

– Por mim está tudo certo, então – suspirou Pete. – Vai ser bom isso, Tony. Os chefes terão que vir ao casamento prestar suas homenagens. A presença deles, os presentes, quantos membros e quais virão... tudo isso será um bom indicativo de onde estamos com as cinco famílias.

– A segurança é um assunto que precisamos abordar também – falou Mickey. – Contratar seguranças de fora, convocar nossos soldados locais... tudo. Acho que nenhum Bonini teria colhões para atacar num casamento, mas mesmo assim é bom ter segurança.

– Não quero ninguém assustando Marion com essa merda de segurança – falou Tony. – Sejam discretos, pelo amor de Deus.

Charlie se perguntou se eles percebiam como falavam do casamento como se fosse uma decisão de negócios.

No final do encontro, abraçaram Tony e o parabenizaram como se nada daquilo tivesse sido discutido. Charlie observou as expressões e viu que, como Vinnie dissera, os olhares para ele haviam mudado. Frank e Pete ainda o tratavam da mesma forma, mas Fabricio tinha ainda mais hostilidade no olhar e Mickey parecia ligeiramente desconfortável. Estavam ameaçados? *Foda-se*, pensou, *fiz por merecer o meu lugar nesse escritório*.

Quando saíram, Tony o chamou com os dedos.

Charlie se aproximou. Tony parecia feliz. – Sei que não vai gostar, sei que vai parecer um trabalho de maricas, mas confio em você e em mais ninguém para fazê-lo, e será bem breve, prometo.

– O que quiser, chefe.

– As coisas estão boas, Charlie. Mas é justamente quando estão boas que baixamos a guarda e as ruínas acontecem. Nesses próximos três meses haverá gente entrando e saindo daqui porque Marion quer redecorar uma parte da casa, vamos ter uma festa de noivado e coisas do tipo. – Ele gesticulava de forma contida, com as mãos próximas do peito. – Quero você por perto, atento, esperto, garoto. Fique de olho nos nossos e nos deles, entende?

– Claro, Tony.

– Tem algumas coisas que quero que faça. Ir com Marion comprar o vestido é uma delas. Nada daquela viagem de ficar falando o que tá bonito nela ou não, ela vai com a amiga pra isso. Mas quero que vá de guarda-costas. Faz isso por mim?

Putá merda, vou virar segurança dessa cadela mimada. Ele forçou um sorriso. – Sim, senhor.

Ela entrou no conversível com um pulo, sem abrir a porta, como se fosse um moleque. Charlie pensara que ela sentaria atrás, e ela respondeu antes que ele perguntasse: – Bagunça meu cabelo. Por que trouxe o Porsche?

– Tony está com o Jag.

– Tinha outras opções.

– Gosto deste.

Ela sorriu. Deu dois tapas na porta do carro. – Então vamos.

Sem dúvidas estava animada.

– Para onde vamos?

– Vá para a Strip, eu vou te guiando. Minha madrinha vai me encontrar na loja. – Ela acendeu um cigarro. – Ei, por que Tony te mandou ser meu guarda-costas?

Ele suspirou. Mordeu o palito de dentes que tinha na boca, técnica que sempre funcionara para que ele não perdesse a cabeça. – Não sou seu guarda-costas, só estou cumprindo o papel de segurança, hoje, porque o chefe mandou.

Marion olhava para Charlie enquanto ele dirigia. – Você faz tudo o que ele manda, sem questionamento?

– Sim.

Ela desviou o olhar dele, relaxando contra o assento, fumando. A presença dela deixava Charlie agitado. Era difícil relaxar perto de uma mulher que ele não conseguia decifrar. Parou num semáforo, o sol batendo no para-brisas, o calor penetrando o terno.

– Se eu te perguntar uma coisa... vai responder de forma sincera?

Charlie olhou para ela. Não fazia ideia do que poderia perguntar. Mentiu: – Sim.

Ela umedeceu o lábio e ele viu pela primeira vez em seus olhos uma rachadura no exterior seguro e confiante dela. – Sei que os outros... os velhos, os amigos de Tony, acham que só aceitei o pedido dele pela grana. Acham que eu não o amo. E você?

Putá merda. Ele não conseguia acreditar que uma mulher da idade dela, da beleza dela, poderia ter se apaixonado por Tony em questão de meses. – Não sei de nada disso, Marion. A vida é sua, por que se importa com o que um bando de velhos pensa de você?

Ela estava quieta, fitando o para-brisas. Charlie olhou para ela, rápido, para não desviar os olhos da rua. Viu lágrimas neles. Então viu que ela virou o rosto para fora, para que ele não pudesse ver.

Ela é uma mentirosa, todas são. Ele se apegou àquele pensamento.

– Gosto dele.

A frase saíra da boca de Marion como uma confissão.

O pior é que gosto dele também, ele mordeu o lábio. *Somos dois loucos, eu e ela. Somos dois idiotas perdidos, em busca do papai que nunca vai nos amar somente pelo que somos.* O pensamento teve um gosto amargo de verdade e ele fez o possível para esquecer-se dele.

Ela olhou para baixo. – Ele faz com que eu me sinta segura, protegida... como se, não importa o que aconteça, ele vai estar lá por mim, entende?

Ele engoliu em seco e assentiu.

Sentiu a mão dela no braço dele. – Desculpa. É errado desabafar assim, com você, desse jeito, te colocar nessa posição. Desculpa, não falo mais.

Ele quis dizer “fale, adoro sua voz”, mas conteve-se. Só podia ser o calor. O calor e aquela tarefa ridícula de ser babá de uma mulher comprando um vestido de noiva. Estava enlouquecendo.

Olhou para Marion de novo e ela já não estava mais chorando, nem fumando. Brincava com as mãos, mexendo no diamante gigantesco do anel. A pedra capturou a luz solar e brilhou, como se num comercial de televisão, para mostrar o quanto era preciosa. *Combina com ela*, ele pensou mais uma vez, antes de se repreender.

O casamento aconteceu exatamente sete meses depois da noite na qual Tony e Marion se conheceram. A cerimônia religiosa precisava acontecer numa igreja, seguindo as tradições, e Tony escolhera a St. Elizabeth Ann Seton Church, espaçosa e com um altar tão majestoso que inspirava admiração de pessoas de todas as fés e convicções.

Frank estava ao lado de Tony, fazendo o papel sagrado de padrinho. Charlie o ouviu comentar para Tony que seria uma honra ser padrinho do seu primogênito também, que sem dúvidas seria um varão. Tony sorriu com aquilo, e Charlie sentiu um vazio gigantesco em sua alma.

A presença em massa dos grandes chefes de Nova Iorque colocara um sorriso permanente no rosto de Tony. Pete e Frank pareciam até mais magros de tão aliviados. A quantidade absurda de italo-americanos em ternos caros e pesados anéis nos dedos era uma garantia de que Tony ainda tinha o respeito deles, de que ainda era relevante o suficiente em Vegas para inspirar medo. Haveria muitos abraços na festa de recepção, que aconteceria no The Mirage Hotel & Casino.

Charlie olhou em volta da igreja e calculou cerca de trezentas cabeças. Metade eram mafiosos e suas famílias. Os cinco chefes da comissão estavam presentes: Ambrogio Bonini, Domenico Battistini, Enzo Casale, Cesare Gnocchi e Mauro Fornoni. Com eles estavam seus respectivos *consiglieri*, *capiregime*, esposa e filhos. Os vestidos eram exagerados e as joias obscenas. Seguranças os cercavam.

Marion havia convidado poucas pessoas. Charlie achou óbvio que uma mulher que, aparentemente, sentia-se triste por não ter uma família estava se

casando com a maior de todas.

A dama de honra dela, Christie, a mesma que fora sua colega de quarto e lhe acompanhara na compra do vestido, não parecia tão feliz. De fato, Charlie podia jurar que no seu rosto não havia sentimento algum fora preocupação.

A cerimônia foi longa. Ela entrou sozinha, sem ter nenhum homem da família ou amigo que achara digno de acompanhá-la ao altar. Charlie prendeu a respiração quando a viu, porque a beleza de Marion fazia aquilo mesmo, chocava as pessoas, e despertava nelas os piores sentimentos que uma pessoa pode ter em relação à beleza, os sentimentos de inveja e desejo.

Ela não olhava para os lados, e sim para frente, para Tony apenas. Charlie observou a forma como os outros a acompanhavam com olhares de interesse, de raiva e de despeito. O vestido custara quarenta mil dólares, e Tony perguntara, amanteigando um pão no dia seguinte, se realmente valia a pena pagar o preço de um pequeno apartamento num vestido que ela só usaria um dia. A resposta dela, tomando um gole de suco: “Como você pagou, de uma certa forma ele pertence a você, querido. Se quiser rasgá-lo do meu corpo após a cerimônia, fique à vontade”. E ela conhecia Tony bem o suficiente para saber que isso encerraria o assunto. A resposta dele foi um sorriso que deixou Charlie desconcertado.

Bem, no momento em que entrou na igreja, Charlie viu que o vestido de fato valera a pena. Elegante, ele abraçava o corpo dela na parte de cima, emoldurando com delicadeza os peitos maravilhosos que tinha, e caindo em muitas camadas finas para formar uma saia fluida e leve, etérea. Uma faixa cor de uva apertava a cintura de 25 anos dela.

No altar, o padre falou. Falou tanto que depois de alguns minutos Charlie começou a devanear. Pensou em Loreen e seu catolicismo submisso e adamantino. Pensou em Viking, que se sacrificara por um bem maior, na fé inconstante de Gonzalez na prisão, e, por fim, como sempre, em Graeme. Perguntou-se onde ela estaria, se estava pensando nele, se sentia saudades dos poucos maravilhosos meses que passaram juntos antes das drogas foderem com tudo.

A recepção aconteceu num gigantesco salão do hotel. A decoração fora coordenada por Marion, que insistiu em descrição e escolheu que tudo fosse em verde-musgo, uva e branco.

Charlie pegou uma taça de champanhe e olhou tudo. Percebeu o que poucos percebiam: todos que se aproximavam de Tony lhe entregavam envelopes grossos, cheios de dinheiro, como era a tradição. Os chefes o abraçavam, ele era humilde e educado com eles. Apresentava Marion com grande orgulho, e ela sorria, mas notava-se que estava entediada. Por duas horas

foi só aquilo: enquanto uns comiam, outros conversavam com Tony. A fila para os cumprimentos cortava o salão em dois e chegava até a porta.

O lugar estava cheio de gente falando alto, gesticulando e comendo. Todos podres de ricos. Os que conheciam Charlie o agarravam e beijavam-no quando ele passava, apresentavam-lhe às poucas pessoas que ele não conhecia. Filhas de velhos lançavam olhares tentadores para ele. Os caras contavam histórias exageradas disso ou daquilo. Gírias, palavões... Beijos nas bochechas. Brindes a cada cinco minutos.

Depois das apresentações, a festa ficou animada e as pessoas se dividiram nos grupos: os que queriam comer, os que queriam dançar e os que vieram por negócios.

Os chefes sentavam com suas famílias em cantos diferentes do salão. Não queriam deixar alianças à mostra, não queriam abrir margem para especulação.

Charlie finalmente conseguiu ficar sozinho. Uma garçonete levou o martini que ele pedira, Charlie se inclinou contra a parede e observou Marion.

Ela estava sentada ao lado de Tony de uma maneira que fez Charlie sorrir. Tão alheia à formalidade do evento, tinha as pernas cruzadas estilo Buda, amassando o vestido, os sapatos negligenciados sob a poltrona e um cigarro na mão. Ela ria de um obeso italiano chamado Nicola Manolo enquanto ele contava piadas. Uma deliciosa gargalhada. Quando a garçonete ofereceu-lhe caviar, ela fechou os olhos, franziu o rosto e balançou a cabeça como se tivesse chupado um limão. Tony estava ocupado demais para perceber o gesto e Charlie se sentiu sortudo por tê-lo visto.

Fabricio apareceu ao seu lado. – Hey, Charlie.

– Hey – murmurou. Nunca precisara esconder de Fabricio seu desdém por ele. O outro sentia. E o sentimento era recíproco.

– O que você acha dessa bagunça? – Fabricio perguntou de bom humor.

Charlie deu de ombros. – Não acho nada. Talvez seja bom ele casar novamente. Já estavam falando sobre sua falta de família como uma fraqueza. Isso é bom para nós todos.

– Bem, sim, por esse lado. Acha que essa vadia vai engravidar logo?

– Eu baixaria a voz se fosse você – Charlie murmurou, cerrando os dentes.

Fabricio riu um pouco. – É... o velho tá certo. Quer dizer, se eu fosse forçado a me casar, eu escolheria alguém assim. Olha só pra ela.

Charlie olhou.

Sim, ela era realmente algo.

– A piranha colocou uma coleira no chefe, parece. Espero que seja fachada. Espero que ele saiba colocá-la no lugar dela.

Charlie olhou para Fabricio e quase sentiu arrepios pela maneira como ele olhava para Marion. O sangue dele parecia ferver quando olhava para aquele merda, quando pensava nas coisas que ouvira sobre ele. Sem pensar, ele virou o

corpo inteiro para encarar o *caporegime*: – Cala a boca – sussurrou. – Tá falando merda no casamento do chefe.

Fabricio sorriu, exibindo dentes um pouco desalinhados. Aproximou-se um passo. – E você e o chefe tão bem próximos agora, não é, Charlie? Eu ainda vou descobrir o que me incomoda em você e esse seu jeitinho de bonzinho. Vou descobrir e vou te foder por isso.

Charlie sorriu, também. – Não... nós dois sabemos que vai correr para sua papai e chorar no colinho dele.

Fabricio apertou a mandíbula. Olhou em volta. Depois voltou a olhar nos olhos de Charlie. Baixou a voz para um sussurro. – Tem muita coisa que você não sabe. E mal posso esperar para que fique sabendo.

Charlie se segurou. Via claramente no olhar do outro que esperava uma reação. Ele apenas sorriu e observou o outro se afastar.

Ouviu aplausos e virou-se para Tony e Marion andando de mãos dadas até o centro do salão. As luzes foram diminuídas e a banda pôs-se a tocar “A segunda valsa”, de Shostakovich. Marion tinha a cabeça erguida ao dançar e movia-se de forma majestosa. Tony a acompanhava, deixando um rastro de elegância e charme desconcertantes para um homem que dizia ter vindo das ruas. Charlie enxergou naquele momento que Tony vestiria qualquer roupa, fingiria ser qualquer coisa, para conseguir das pessoas o que queria.

Eles rodopiavam pelo salão, sorrindo um para o outro, verdadeiros donos daquele momento e lugar. Os convidados assistiam de pé, sorrindo, boquiabertos, ou cheios de sarcasmo no rosto.

Charlie pegou outra taça de champanhe de um garçom que por lá passava e virou a bebida, como se ela pudesse tirar a sensação entalada em sua garganta. A sensação de que um dia se lembraria daquela festa e veria claramente o dia no qual tudo começara a desmoronar.

Ela parou em frente à entrada principal da escola. Lá, viu seu filho vir correndo em direção ao carro.

– Ei, como foi o caratê hoje? – perguntou, dirigindo.

Connor puxou o cinto de segurança sobre o peito e sorriu para ela.

– Ótimo. O *sensei* disse que estou pronto para a próxima faixa.

– E me fala se isso não é a coisa mais legal do mundo – ela riu. – Então, o que mais aconteceu hoje?

– Eu hã... eu fiz um projeto sobre o sistema solar.

– Pois é, o seu dia parece ter sido ótimo, meu anjo. O que você quer para o jantar?

Ele pensou. – Hã...

– *Hã*... – ela zombou dele.

– Cachorro-quente!

– Opa, desculpe, moleque, resposta errada.

– Mãe... por favor!

– De jeito nenhum. Você vai comer frango, couve-de-bruxelas, cenouras, ervilhas e eu vou deixar você escolher entre purê de batata ou arroz integral.

– Eca – ele gemeu, chateado. – Eu acho que purê de batatas.

– Mas ganha sobremesa, se comer tudo – ela sorriu.

Ele não sorriu de volta.

Ela parou o carro, digitou o código e os pesados portões de ferro se abriram. Dirigiu o 4Runner e estacionou ao lado do Rolls. Saiu e segurou a pesada porta para Connor. O garoto pulou para o chão e correu para dentro da casa com a mochila retardando-o.

Quando entrou na mansão, ela viu uma das governantas apressar-se para tomar seu *trench coat*.

– Sra. Volkov, o jantar estará pronto em dez minutos. Seu marido está esperando por você no terceiro andar.

– Obrigada, Lory – ela murmurou enquanto tirava as luvas de couro. O inverno não estava sendo leve em Nova Iorque.

Encontrou Bogdan lendo um jornal na ampla sala de jantar, seu lugar favorito da casa. Todas as pernas das cadeiras de carvalho e da mesa eram de ouro, a decoração era inglesa antiga e a lareira estava acesa para completar o clima europeu que o marido tanto admirava. Ela colocou os braços em volta dele. – Oi, delícia – sorriu. – Em casa antes de mim, finalmente?

Ele riu. Levantou-se e tomou as mãos dela. – Você vai me matar.

– Mais uma viagem. – Ela mordeu o lábio inferior.

– Sim... Praga.

Ela soltou-lhe a mão. – Porra, Dan, esses caras não conseguem fazer nada sem você?

– Eu sei, me pergunto o mesmo todo dia. Mas, por favor, não fique brava, Graeme.

Ela cruzou os braços e suspirou. – Eu sei. É o seu trabalho. Ele está te matando, mas você o ama, então vá... não estou brava. Vou sentir saudades.

– Eu sei. Como está o Connor?

Ela suspirou. – Bem.

– Ótimo. Vamos jantar e então vou dar um mergulho. Eu ainda tenho que arrumar as malas, mas só vou sair de manhã... então temos a noite juntos – ele sorriu.

Ela sorriu, também. – Tudo bem, arrumo as malas para você enquanto estiver nadando.

Tiveram um agradável jantar juntos. Connor falou sobre a escola, mas ela sabia que Bogdan não estava prestando atenção. Não porque ele não se importasse com Connor, mas ele simplesmente não sabia lidar com crianças muito bem. Tinha dois adolescentes com sua ex-esposa e nunca tinha sido realmente próximo deles, então ela sabia que não devia esperar isso dele quando o assunto era Connor, que sequer era seu filho e tinha apenas quatro anos. Mas ele tratava o menino com amor e dava-lhe qualquer coisa que ela pedia quando se tratava do filho dela. Não que ela precisasse pedir. Ela tinha acesso a todas as contas bancárias dele.

Ele foi dar um mergulho na piscina interior, aquecida, no piso térreo, onde sempre nadava algumas voltas. Ela pacientemente fez duas malas grandes com seus ternos bem organizados, de modo que não ficariam amarrotados.

Às oito, ela verificou a lição de casa de Connor e disse-lhe para estar na cama às nove horas, que a babá iria vê-lo. Deu-lhe um beijo de boa noite e subiu

as escadas.

Bogdan falou sobre o seu dia enquanto ela lavou o rosto e aplicou creme. Depois disso, fizeram amor. Confortável, divertido e demorado. Ele dormiu tranquilamente e ela observou-o por um tempo antes de pegar no sono.

Na parte da manhã, Bogdan já havia saído quando ela desceu as escadas. Bebeu o café lentamente, lendo o jornal, enquanto Connor comia seu cereal, sonolento.

Havia algum evento na página seis. O casamento de Tony Conicci com uma jovem chamada Marion.

Graeme olhou para a foto. Viu uma jovem de beleza notável, com corpo de “coelhinha da Playboy” e porte de Grace Kelly. Não sentia ódio dela. Muito provavelmente nem desconfiava da índole do marido. Graeme pegou-se estudando a foto à procura de Charlie e sentiu-se uma idiota por aquilo. Além do mais, para lembrar do rosto dele só precisaria olhar para o filho.

Depois que Connor entrou na escola com um “tchau” enluvado para ela, Graeme dirigiu-se ao lugar onde Vladimir, ex-KGB, estava esperando.

O homem havia escolhido um pequeno parque em um bairro de classe média. Nevava muito em Nova Iorque e o lugar estava vazio. Ela estacionou e caminhou pela neve em suas botas de salto alto.

Sentou-se em um banco ao lado do velho.

– Vladimir – disse para cumprimentá-lo.

– Graeme – ele murmurou.

– Se você me chamou, suponho que tenha encontrado alguma coisa.

– Sim. – O velho entregou-lhe um envelope pardo. Ela o pegou com as mãos enluvadas e abriu. Fotos em preto e branco de alta qualidade. Um homem com uniforme de policial numa foto oficial, uma tirada de dentro de um carro, onde aparecia atravessando a rua.

– Raymond Cage – ele disse, do jeito estranho que tinha, como se estivesse mastigando o próprio lábio, enquanto apontava para o primeiro. – Entrou alguns anos atrás para a força-tarefa de Francesca Strong, do FBI, para juntar toda a documentação e provas necessárias para dismantelar os Conicci, apostando na lei RICO e nas evidências e relatos coletados pelo agente Robert Whitford, que estava infiltrado, mais conhecido como Viking, que desapareceu sem deixar rastros.

– Sim, conheci Viking. Continue.

– Poucos sabem que quando Cage era tira, antes de passar no teste do FBI e ser despachado para Strong, era corrupto. Não é um cara completamente sujo, digamos assim, mas mostrou que tem um fraco para grana.

– Coisa que eu tenho de sobra – ela sorriu, olhando para a foto.

– Esse é o seu cara, senhora Volkov. Basta me dizer se vai até o fundo com isso que dou um jeito de informá-lo do local de encontro, e então você e ele podem conversar.

Graeme levantou-se, colocando as fotos de volta no envelope e o estendendo para Vladimir. – Deposito seu dinheiro na sua conta ainda hoje, e pode marcar o encontro. Te mando o local, dia e horário por intermédio de Zaitzev.

As noites de Charlie eram agradavelmente solitárias. Caminhava por toda a extensão da casa de Tony, sentindo tranquilidade ao ouvir os sons da fonte, da piscina e das cigarras. Chegou a perguntar-se se sentia falta da parte real, da parte violenta, das intimidações e das cobranças, e percebeu que não. Tampouco sentia falta de ficar no cassino.

A vontade de sedação sempre batia no mesmo horário, no começo da noite. Pensava em heroína e cocaína. Para ajudar a controlar-se, fumava um cigarro a cada meia hora. Nos piores dias tomava uma cerveja ou duas. Comia. Às vezes jantava com Tony e Marion quando era convidado, noutras comia com o resto dos empregados, e de qualquer forma a comida ajudava, e muito. A madrugada o acalmava. Quando se pegava pensando demais em Viking ou em Graeme, tentava distrair-se. Quando não conseguia, telefonava para a mãe assim que chegava em casa. Ouvia a voz dela falando sobre a igreja, e, mesmo sem prestar atenção, deixava-se acalmar com ela.

Os dias mais fáceis eram aqueles nos quais Tony saía à noite, com ou sem Marion. Cassinos, restaurantes, festas... aquilo dava a Charlie algo para fazer, o agito que nunca permitia que as lembranças circulassem por tempo o suficiente para que ele pensasse nas drogas.

Naquela noite fora chamado para jantar.

Como de praxe, a mesa de jantar estava iluminada com velas apenas. A sala de jantar estava escura, e as luzes que vinham do jardim completavam a aura romântica que Charlie sentia como se estivesse interrompendo. Marion já estava sentada, o cabelo num rabo de cavalo, usando um vestido sem mangas, com saia até os joelhos, de um tecido mole e fluido de cor azul-petróleo.

– Oi – ela sorriu.

Charlie perguntou-se onde Tony estava, mas sorriu em resposta. – Oi, Sra. Conicci.

– Você costumava me chamar de Marion.

– Antes do casamento. Sim, perdoe-me.

Ela franziu a testa. Bebeu um gole de água de um copo longo. – Sou mais nova do que você, pare com isso, me incomoda o “Sra. Conicci”.

– Onde está Tony?

– Sei lá. Ia te perguntar o mesmo.

Ele sentiu um desconforto em estar ali com ela, a sós, à luz de velas, sem Tony por perto. Não sabia como aquilo poderia ser interpretado.

– Não o vi sair, sinto muito.

Ela o estudou. – Ele não vai a lugar algum sem você, fiel escudeiro.

– Por isso estou surpreso, Sra. Con... Marion.

Rosa, a empregada, entrou com os domos prateados e os serviu.

Marion levantou o dela e inspirou o vapor. – Meu preferido. Fettuccine alfredo com camarão.

Charlie abriu a cúpula e seu estômago pareceu dar um sorriso.

Começou a comer, mas quando olhou para Marion, viu que ela apenas olhava o prato com uma expressão de tristeza.

– Tudo bem? – ele perguntou, mais para não parecer um cretino por estar comendo sem ela.

Observou-a empurrar o prato para o lado e começar a servir um prato de salada. – Ele quer que eu emagreça um pouco – ela murmurou. – Abusei na lua de mel... isso é fato. Mas, droga, o desgraçado me levou para a Itália, o que ele queria?

Charlie olhou para o corpo dela. Não era possível que Tony quisesse que ela perdesse peso. Estava deliciosa depois da lua de mel, ainda perfeita, só que com aquele leve inchaço de peitos, bunda e coxas que seriam capazes de atormentar o mais controlado dos homens. – Você tá pensando o quê, sessenta quilos?

– Sessenta e dois, é.

– E tem o quê, um e setenta de altura?

– Isso.

Ele riu e balançou a cabeça. Enrolou fettuccine num garfo, de forma deliberadamente lenta, e o levou à boca. Gemeu alto, de olhos fechados: – Hum... uau, nossa, nunca comi um macarrão tão bom.

Marion cerrou os olhos para ele, os lábios entreabertos.

Ele sorriu e espetou um camarão enorme, sem casca, rosinha e fumegante. Levou ao ar, olhando para Marion, e o levou à boca.

O sorriso dela foi metade de divertimento, metade de raiva.

Charlie riu.

Ela mordeu o lábio, olhou para sua salada triste e murcha, e depois para o prato de fettuccine. Puxou o prato para si e meditou por um segundo. Charlie sussurrou: – Coma-me, Marion, não me rejeite pelas imposições da moda... coma-me.

Ela começou a rir. – Foda-se. – Rodou um garfo no prato e enfiou um pouco de macarrão na boca, deixando respingar molho branco na toalha. Fechou os olhos enquanto mastigava.

– Conseguí, garota – sorriu Charlie, voltando ao prato dele.

Ela mastigava e olhava para ele. – Nem sabia que você sorria – falou meio enrolado por causa da comida.

Ele não sabia como reagir. Defendeu-se com uma mentira: – Eu sorrio com frequência, Marion.

Ela deu de ombros. – Eu só nunca tinha visto.

Ele desviou o olhar. Merda, por que aquela mulher tinha sempre que enxergar o lado dele que ele não queria mostrar? Estava prestes a falar, quando Tony se aproximou. Parou na entrada e colocou as mãos nos bolsos. Charlie sentiu o sangue gelar.

– Não me esperaram?

Charlie ia se levantar, mas Tony fez um gesto para que ficasse sentado. Marion falou: – Não sabíamos se iria voltar de seja lá onde quer que estava, querido.

Tony deu um sorriso para o tom agressivo dela. – Estava numa reunião no Bayside. Já jantei, terminem, vou tomar um banho. – E ele saiu.

Ela deu um suspiro. Então jogou o guardanapo na mesa e foi atrás do marido. Charlie balançou a cabeça para si mesmo e terminou de comer o fettuccine.

Na suite, Marion encontrou Tony tirando o terno.

Ela fechou a porta e cruzou os braços. – Tony... aconteceu alguma coisa? Você saiu sem o Charlie, você não quer falar onde estava, mas já jantou...

– Estava comendo massa, Marion?

Ela franziu a testa. – Sim, estava. Só um pouco.

Ele pendurou o terno no lado dele do closet e virou o pulso em direção a si para abrir o relógio. – Acabamos de nos casar e você já está se largando?

Ela balançou a cabeça. – Não, não é isso... é só que eu sempre fui magra, Tony, eu não ganho peso tão facilmente assim. Sei que a lua de mel me deu dois quilos, mas ainda estou usando manequim dois. Assim... não acho que esteja gorda. E, além do mais, a cozinheira fez meu prato preferido.

Ele lhe lançou um olhar de repreensão. – Eu a mandei fazer seu prato preferido justamente para ver se você tinha força de vontade, mas estava errado.

Marion não soube como responder. As palavras “está se largando” pesavam nela. Viu Tony se aproximar com um sorriso.

– Querida, olhe para mim.

Ela olhou nos olhos pequenos e escuros dele, que pareciam estudar o rosto dela.

– Sei que não está sendo fácil para você. Não pense por um segundo que não estou ciente dos sacrifícios que você tem feito.

Marion assentiu, contente que ele voltara a ser o Tony de antes, contente por estar reconhecendo nele o carinho por ela, o carinho do qual ela tanto dependia. Ele continuou, no mesmo tom suave:

– Você fez uma grande concessão por mim e pelo nosso casamento, que foi parar de trabalhar. Você entendeu que eu faço parte de algo maior do que nós dois, que esse algo maior vem com confortos e também com regras e que somos tradicionais, com muita coragem você aceitou isso e cedeu. Eu também fiz uma concessão por você, me casei com você mesmo você não sendo virgem.

Marion olhou para baixo. Sabia que não tinha nada do que se envergonhar, mas a forma como ele falou fez suas faces ficarem vermelhas mesmo assim. Sentiu as mãos grandes e quentes dele nos lados do seu rosto, de forma carinhosa e ao mesmo tempo forte o suficiente para que ela não conseguisse se mexer.

– Nós dois fizemos concessões, porque casamento é isso, amor é isso, Marion. Não vou forçar você a emagrecer. Só estou cuidando de você. Se me disser que não se importa com sua aparência, então... tudo bem, acho que não posso fazer nada a respeito. Mas não parece ser você, entende? É tão sábia para sua idade, tão madura, tão forte... não faz sentido uma mulher assim não conseguir resistir a algumas massas e doces, não acha?

Bem, ele parecia ter razão. Marion percebeu que estivera sendo infantil. Colocou as mãos nas dele. – Você tem razão, desculpa.

Ele sorriu e soltou as mãos do rosto dela, Marion deu um passo para frente para dar-lhe um beijo, mas ele se afastou. – Vou tomar um banho.

Marion observou-o sair do closet, e então ouviu a porta do banheiro fechar. Sentiu os pelos macios de Pandora, sua gata, nos seus tornozelos e abaixou para acariciar o animal. Sentiu uma pontada de solidão e tentou convencer-se de que era apenas um efeito colateral da transição do casamento.

Ray sempre mascarara seus mais estúpidos atos de imprudência com a palavra “coragem”. Era fato que, como qualquer ser humano são, ele sentia medo, e era guiado por um afiadíssimo instinto de autopreservação. No entanto, também era fato que praticamente todas as decisões que já tomara na vida foram guiadas mais pela curiosidade e coragem do que pelo medo e a prudência.

A mulher era alta e magra. Tinha curvas incríveis naquele corpo, peitos notáveis e quadris que faziam Ray pensar em palavras como “fecundação” e “ancas”. Ele notou que suas pernas eram longas e sedosas, e ela não estava usando meia-calça, apenas saltos muito altos. Ele levou mais tempo do que queria olhando para o rosto dela. Encantadores olhos castanhos, grandes, um nariz fino e lábios carnudos. Ela era além de linda. Ela pertencia à capa de uma revista. E apertou a mão dele com firmeza.

– Raymond Cage, sou Graeme Volkov.

Ray se sentou no sofá aveludado vermelho-escuro.

Ela se sentou em frente a ele, no gêmeo do sofá, e cruzou as pernas bonitas.

Ray apontou para o europeu oriental no terno e músculos. – Quem é o careca?

Ela sorriu. – Meu guarda-costas. Mas você está certo, nós não precisamos dele. – Ela virou a cabeça para o careca. – Zaitzev, você pode esperar na porta, por favor.

Ele parecia contrariado, mas obedeceu. Quando ele saiu, ela olhou para Cage. – Ray, eu sou direta porque cada segundo que passo aqui com você eu passo longe do meu amado esposo e do meu filho. Você está aqui porque estou precisando de certos favores, que tenho a intenção de remunerar, e você tem o perfil perfeito.

Ray sorriu. – Sra. Volkov, em primeiro lugar, antes que continue, sabe que trabalho para o FBI, não sabe? E que qualquer tentativa de me subornar é considerada um crime.

– Não sou idiota, Ray. Estou ciente de tudo isso. Sabe, eu não estudei muito, na verdade saí de casa aos quatorze anos e cometo erros gramaticais horríveis ao tentar escrever qualquer coisa. Mas existe um certo tipo de perspicácia e inteligência que só se aprende nas ruas. A falta de instrução eu disfarço com algumas palavras incomuns e com a expressão bem simples de uma linha de pensamento organizada. Não é difícil. O que não consigo com a minha esperteza, meu dinheiro compra.

– E sua beleza é o suficiente para confundir até o mais malandro dos federais, pode ter certeza.

– Nem tente me seduzir. Sou apaixonada pelo meu marido.

– Não custava tentar.

Ela apertou os lábios. Ele ainda sorria.

Graeme suspirou. – Foi transferido para a força-tarefa de Francesca Strong, que tem como seu principal objetivo, hoje, dismantelar a quadrilha mais conhecida como família Conicci, estabelecida em Vegas quando Vittorio Conicci solidificou vínculos submissos à família Gnocchi de Nova Iorque e recebeu o cassino Bayside como desculpa para se mudar para cá e gerenciar os negócios, estou certa?

– Está certa.

– Corrija-me se estiver equivocada, mas hoje a família Bonini está expandindo seus negócios e quer parte do território de Vegas, sob o comando do filho do *don*, Bruno Bonini. Isso significa que uma guerra entre os Bonini e os Conicci é inevitável.

Ray sentiu um frio na espinha. Ela falava como alguém que tem olhos e ouvidos em toda parte. Levantou a mão: – Eu não diria que uma guerra é inevitável, Volkov. Eu diria que Tony vai ter que chegar a um acordo com Bonini em breve, e ele sabe que se pressionar Gnocchi não vai conseguir apoio, já que

Gnocchi é uma das Cinco Famílias, junto com Bonini. Ou Tony aprende a ceder, ou, sim, poderá haver uma guerra.

– Você acha que Tony Conicci é capaz de ceder?

Ray tivera a mesma conversa com Strong na semana anterior, e respondeu com sinceridade rara: – Não. Acho que haverá uma guerra, e também conheço Tony o suficiente para saber que ele não vai dar o primeiro passo. Quem vai atacar primeiro são os Bonini.

Ela sorriu. – Mas você não conhece Tony como eu. E ele vai revidar dez vezes mais forte, sentindo-se justificado, chamando um ataque furioso de “reação”.

– Está na hora de você me explicar quem é e exatamente o que quer comigo, Volkov. Pensei que queria ser direta.

Ela colocou as mãos para cima, devagar, como se ele tivesse apontado uma arma para ela. Ele achou o gesto tão sexy que precisou fazer um esforço para não partir para cima dela. – Calma, Ray... preciso que me ajude num projeto pessoal. Sei que é ambicioso e gosta de dinheiro. Sei que é um homem bom e quer ver esses desgraçados todos atrás das grades. Quero te ajudar a ser tudo o que você quer ser.

Ele não aguentou. Levantou-se e se aproximou dela. Volkov olhou para cima com um sorriso sutil no rosto, alinhado com a virilha dele. – Então isso é um suborno?

– Não, é uma oferta de recompensa por um favor.

– Que favor?

– Quando essa guerra começar, alguns assassinatos serão inevitáveis, de ambos os lados. Quero me aproveitar dessa situação para me vingar de um velho inimigo. Você vai entregá-lo a mim.

– Um dos seus capangas não poderia fazer isso?

– Preciso de alguém com *know-how* e credibilidade. Alguém intocável pelas outras famílias.

– Quem é a pessoa?

– Você precisa de tempo para pensar. Quando tiver uma resposta, eu te falo quem é. Mas vai sair daqui com um valor: quatro milhões. Depositados na conta que quiser. Uma bela aposentadoria, Ray.

Então ela levantou-se, próxima demais dele. Ele sentiu uma mão delicada esbarrar na virilha, e ela sorriu: – Isso tudo foi o valor ou eu?

– Faz ideia de onde está se metendo?

– Ray, dentro de uma semana você mesmo vai responder essa pergunta.

Charlie encontrou Marion na piscina quando dava a volta matinal na casa. De biquíni roxo e óculos de sol, ela lia um livro que segurava com um braço estendido para cima, que servia também para bloquear a luz. Sem pensar, ele

caminhou até ela, adorando o cheiro de cloro da piscina olímpica de Tony. – Bom dia.

Ela abaixou o livro e levou uma mão à testa para enxergá-lo melhor. – Bom dia, Charlie.

– Não quis tomar café da manhã?

– Não. – Ela deu de ombros.

– Estava ansioso para comer um *donut* de chocolate na sua frente.

Ela forçou um sorriso e ele percebeu que não achara graça. Até então Charlie estivera levando toda aquela história de dieta na brincadeira, como um drama ridículo da vida de um casal multimilionário. Percebeu pela primeira vez que podia ser um indicativo de algo pior acontecendo dentro dela. *E o que você tem a ver com isso? Nada, otário.* Ele se forçou a sair de perto dela.

Ray telefonou para a Sra. Volkov uma semana depois do primeiro encontro deles. Como Vladimir havia previsto, ele pediu-lhe para encontrá-la no escritório. Ela não tinha nada a esconder, então foi. Ele a conduziu a uma pequena sala.

– Então, por que me trazer aqui, Cage? – ela sorriu, confortável em sua poltrona, um crachá brilhante de “visitante” preso ao vestido justíssimo. – Seu território? Para me mostrar o quanto é poderoso?

Cage soltou uma risadinha. – Não, eu só não quero ficar sozinho num quarto de hotel com você de novo... é tentador demais.

Graeme sorriu. – Então você me investigou, descobriu algumas coisas e está intrigado.

– Bem... sim. – Ele se inclinou para frente. – Você era uma prostituta há uns anos, não era?

– Sim, era.

– Fazia shows num lugar chamado Sunset Peach e era conhecida como Rocket.

– Essa sou eu.

– Há cinco anos se casou com Bogdan Volkov, proprietário da GlobalTech e também da cadeia de hotéis Corona.

– Precisamente. Você sabe o que significa o nome Bogdan?

Ele balançou a cabeça com indiferença.

– Em romeno, Bogdan significa “presente de Deus”, e isso é o que o meu marido foi para mim.

Ray continuou:

– E... em algum momento... cerca de cinco anos atrás... – Ele tirou uma fotografia e deslizou-a até ela. – Alguém fez isso com você.

Ela olhou para a foto. Não reconheceu a si mesma. Eles a haviam tirado no hospital. Ela viu uma mulher magra com os dois olhos roxos. O da esquerda estava tão inchado que era difícil ver o globo ocular por baixo. O lábio estava

grosso e cortado em três lugares, um dente estava faltando. Ray deslizou outras fotos para ela. Graeme reconheceu os machucados em seus braços, tronco e pernas. Reconheceu as queimaduras de cigarro na sua pele. Ela não olhou para as outras. Havia cortes, mordidas e hematomas que ela não queria lembrar. Os olhos dela estavam gelados quando encontraram os de Ray. – Sim.

Ele balançou a cabeça. – Você está me dizendo que Tony fez *isso* com você? – ele sussurrou, o dedo indicador na foto.

– Eu nunca disse isso, agente Cage.

Ele fitou seu rosto. – Então quem?

– Me diga você. Quem, na família Conicci, teria prazer de fazer isso com uma mulher? – Ela se inclinou para trás, contra sua cadeira, e observou-o atentamente.

– Fabricio Gnocchi – disse em voz baixa. Ele parecia incrédulo.

Ray olhou para as fotos por um tempo e então as colocou dentro da pasta.

– Nosso trato está de pé, Cage? – ela pressionou.

Ele suspirou. – Pode apostar que está. Eu te entrego Fabricio quando o momento for oportuno e recebo quatro milhões. Vão achar que ele foi uma baixa da guerra e ninguém vai atrás de você ou de mim.

Graeme olhou em volta, à procura de câmeras, mas Ray sorriu: – Sala de interrogação particular. Vai por mim, super segura. Podemos fazer qualquer coisa aqui sem que alguém saiba.

Ela se levantou. Olhou para a parede. Graeme a notara quando entrou, mas só agora se permitiu realmente olhar para ela. O esquema era simples. No topo, uma foto de Tony. Ele estava ligado a todas as outras fotos, e não demorou muito para ver a *mugshot* de Charlie na parte superior direita, ao lado de Fabricio. Ela levantou-se e aproximou-se.

Ray percebeu que ela fitava a foto de Retorini. – Charlie te machucou também, Graeme?

Ela o encarou. Não respondeu. Moveu-se em direção à porta.

Ela parou antes de sair do escritório. – Cage, eu te disse o significado de Bogdan, mas não te disse o que significa Volkov. Significa “do lobo”. Um indicativo de que as pessoas com esse sobrenome são filhos de lobos. E confie em mim... somos mesmo.

Marion e Tony haviam ido ao Piazza Italia, o restaurante preferido dele.

Charlie ficou no carro, curtindo a solidão, escutando o rádio, baixo. Pensou em Marion tendo que comer uma salada enquanto Tony se enchia de massa e carne, e perguntou-se por que ela compactuava com aquilo, por que era tão submissa ao marido se não parecia ser seu posicionamento habitual.

Em noites como aquela, ele se pegava pensando nela, na única que amara, rodopiando em volta de um poste no palco do Sunset Peach. Na sua lembrança

predileta, um feixe de luz esbranquiçada batia no rosto dela e ela sorria, colocava as mãos nos cabelos, cantando com uma melodia inaudível na cabeça de Charlie. Um buraco no peito, bem no centro, foi o que a desgraçada deixara para trás.

Ele saiu do carro, que estava estacionado, e acendeu um cigarro, protegendo o Zippo do vento, por hábito. Fumou olhando em volta, para a rua iluminada da cidade do pecado, os transeuntes como fantasmas para ele. Distraiu-se com um carro que desacelerou ao passar. Como se em câmera lenta, deslizou no outro lado da rua, com o vidro da janela traseira aberto. Sentiu um frio descer-lhe a espinha quando viu um homem fazendo um movimento em direção a ele. Enquanto o coração bombeava sangue aos galões por segundo pelo seu corpo, ele percebeu que o homem não tinha uma arma em mãos, apenas gesticulava como se estivesse atirando em Charlie com os dedos.

Ele se recuperou do susto, mas, quando puxou sua própria arma do coldre, o carro acelerou e desapareceu.

Merda. Parecia Bruno Bonini. Parecia, mas ele não tinha certeza, tudo acontecera rápido demais. Tentou lembrar-se das feições, dos detalhes do motorista e do carro, mas as sombras em sua memória pareciam trocar de lugar e ele não tinha certeza do que vira.

Quando Tony saiu do restaurante com Marion, Charlie o chamou com um gesto de dedos. Tony pediu para que Marion esperasse, e o abordou com cautela. – O que foi?

– Pode não ser nada, mas um carro passou e um cara no banco de trás me ameaçou com um gesto. Acho que era um Bonini.

A expressão de Tony mudou. Era nova para Charlie, ele nunca vira o chefe com medo antes. Uma lufada de vento levantou uma mecha do cabelo de Tony quando ele olhou para os lados. – Vamos para casa. Fique atento.

Entraram no carro, e Charlie dirigiu pelas ruas mais movimentadas.

Marion percebeu a tensão no ar. Não perguntou. Deduziu, talvez, que fosse alguma coisa relacionada aos negócios, e o acordo tácito entre ela e Tony fora “Não pergunte sobre negócios”.

Charlie sentiu a mão suada no volante. Podia ser uma ameaça vazia, uma provocação nascida da inimizade já mítica entre as duas famílias. Mas também podia ser algo real, um aviso de algo concreto que estava por vir.

Estava a duas ruas da casa, justamente as mais perigosas, pois estavam entrando num bairro de mansões, um bairro onde praticamente não se via uma alma viva. Parou num semáforo.

Marion falou: – Tony, aconteceu alguma coisa?

– Fique quieta, Marion.

Charlie olhou pelo retrovisor. Na rua vazia, viu um movimento atrás do carro. O coração disparou e ele pisou fundo no acelerador. Naquele instante os faróis foram acesos. Num súbito estado de pânico, berrou: “Abaixa! Abaixa!” e

olhou para trás. As luzes pareciam olhos malignos quando desviaram para a direita. Antes que pudesse formular um pensamento, a chuva de chumbo caiu sobre o carro.

Marion teve um segundo para perceber que estavam atirando contra o carro, mas não conseguiu mover-se. Sentiu pressão contra a sua cabeça quando Charlie a empurrou contra o banco de couro.

O mundo foi os sons na escuridão, os sons excessivamente altos, em estouros, descarregados de armas automáticas contra os vidros blindados e a ferragem do Jaguar. Então um impacto parou todo o movimento do carro e arremessou Charlie contra o volante e o painel.

As rodas do Jaguar levantaram do chão e o carro rodopiou no ar. Caiu no asfalto de cabeça para baixo, e no segundo impacto os três corpos bateram contra o teto.

Os tiros cessaram. Charlie ouviu o outro carro acelerar com um chiado de pneus antes de desmaiar.

Em volta do Jaguar esburacado, partes do carro e uma constelação de cacos de vidro, assim como a marca de pneus no asfalto. E três pessoas bem vestidas e inconscientes no seu interior.

Marion abriu os olhos e compreendeu que estava num quarto de hospital. Pequeno, com as paredes em tons pastéis de verde e bege e uma porta fechada. Olhou em volta, sentindo uma dor aguda no pescoço, do tipo que dissipa quando você para de se mexer. Muscular. Ela viu que não tinha nenhuma aparelhagem de monitoração ligada a ela e puxou ar para os pulmões. Aquilo enviou uma nova onda de dor pelo seu corpo. Olhou as mãos. Intactas. Levou-as ao rosto. Não doía, não parecia inchado ou costurado. Ficou aliviada e surpresa que seu primeiro pensamento fora: “Não fiquei deformada. Tony ainda vai me amar”.

Procurou o lado de dentro do protetor da cama e encontrou um botão para chamar ajuda. Apertou e esperou, pensando no que se lembrava.

Foram tiros. Disso ela tinha certeza. Então o cheiro de couro, um medo que parecera um apertar de músculos dentro dela, vertigem, a sensação de estar suspensa e então nada. Não conseguia recuperar qualquer outra memória desde aquela.

Uma enfermeira entrou, trajando camiseta e calças verde-claras, como se fosse parte do quarto em si. Os cabelos louros presos, magra, um sorriso cansado no rosto. – Olá, Marion, como está se sentindo?

Quando tentou falar, percebeu a garganta seca, os lábios ásperos. Umedeceu-os com a pouca saliva que tinha e falou. – Estou bem?

A mulher levantou o braço da paciente e colocou um termômetro debaixo dele. – Sim, está bem, mas machucou um pouco o corpo e desmaiou. Como bateu a cabeça, teve uma contusão, mas acho que já recebe alta hoje.

– E Charlie?

Pareceu errado ter perguntado aquilo. Rapidamente complementou com: – E Tony, meu marido?

– Tony já teve alta, está intacto, é muito forte. Já foi para casa e vem te buscar quando telefonarmos. Seu colega está na recepção. Aquele se machucou bastante, mas nada interno.

Todos estão bem, Marion.

A enfermeira retirou o termômetro. Anotou o resultado no prontuário. – Você está bem, mas os exames indicam uma anemia. Precisa comer. Seu almoço está chegando e em breve o médico passa para te dar alta, ok?

Ela fez que sim. A enfermeira saiu com um som de borracha contra linóleo e passou por Charlie no seu caminho para fora do quarto. Ele entrou e fechou a porta, e Marion viu o rosto machucado sorrir para ela.

Lábio cortado, olho roxo... ele lhe pareceu charmoso naquele momento. – Como se sente? – ele perguntou.

– Sortuda por estar viva. O que aconteceu?

– Estamos tentando descobrir.

– Não me venha com essa, me conte, tenho direito de saber.

– Não sabemos com certeza quem nos atacou ou o motivo certo, Marion.

Essa é a verdade. Mas não queriam nos matar, entende? Perdi o controle do carro e batemos contra outro que estava estacionado, capotamos uma vez, não estávamos indo tão rápido, o carro é pesado... tivemos sorte, mas eles poderiam ter atirado depois disso, éramos presas fáceis. Acho que estão tentando intimidar Tony para ceder territórios, por medo de iniciar uma guerra.

– Guerra, vocês usam essa palavra?

– Porra, Marion, vamos lá. Você não pode ser tão ingênua assim, você sabia que estava casando com um mafioso, não é possível que nunca tenha visto Tony nos jornais, que nunca tenha se perguntado de onde vem tanto dinheiro, do motivo pelo qual eu praticamente moro naquela casa, do porquê de tantos homens entrando e saindo daquele escritório... você não é burra.

– Ele não me disse que era isso. Antes de me casar, eu perguntei. Eu só quis saber quanta violência estava envolvida e ele me disse que não era o que eu achava, que não era como nos filmes. Falou que estavam investindo em negócios legítimos, mas que, por um tempo, esse dinheiro de investimento viria do crime, e me disse que eram crimes burocráticos, que era evasão fiscal, sonegação, coisas assim.

– Não. Não é isso. E você precisa acordar porque está no meio disso tudo, quer você queira ou não. Você precisa entrar na dança, Marion. Não vai poder puxar um véu para te separar dessa sujeira toda, porque uma hora ela vai te alcançar. Na verdade, puta merda, já te alcançou, olha onde você está agora.

Marion desviou o olhar e engoliu em seco.

Ele sabia que havia cruzado algum tipo de fronteira, porque Tony não conversava com Marion sobre os negócios, e ele também não deveria. Mas não aguentava vê-la vestida de inocência quando a família estava prestes a entrar em guerra. Viu, nitidamente, diante de si uma mulher que se enganara para casar com um homem que ela idealizara: charmoso, rico e poderoso. Sentiu vontade de sacudi-la para que acordasse para a realidade.

– Não quero ouvir mais nada – ela sussurrou.

Ele suspirou. – Então não vou falar mais nada. E vou fazer o que posso para manter você segura dentro desse caos. Porque não se engane, Marion, dentro de muito em breve as coisas vão se complicar.

No escritório a reunião tinha o ar de clandestina, pela primeira vez conduzida no meio da noite e pela primeira vez com a presença do *don* Cesare Gnocchi, primo de Frank, chefe da segunda família mais poderosa da máfia italiana no mundo. Apenas os três homens estavam lá, sentados próximos e falando baixo.

– Em primeiro lugar, Antonio – falou Cesare, um homem alto e calvo, com um nariz romano e olhos claros. Todos os movimentos que fazia pareciam pesados, como se exigissem muito dele. – É preciso que fique claro aqui entre nós que a família Gnocchi não endossou esse ataque, não esteve envolvida de qualquer forma com ele e não sabia que aconteceria. Não recebemos ameaça ou aviso de que isso aconteceria. Em segundo, nada poderá ser feito sem provas de que foi de fato a família Bonini que o ordenou.

– Meu soldado viu um homem parecido com Bruno Bonini no banco de trás do carro. Eles são os únicos com motivação. Atiraram contra mim, contra a minha esposa, Cesare, você sabe a gravidade disso.

Cesare levantou uma mão no ar. – Tony, eu sei que está nervoso, mas lembre-se que isso não foi pessoal. Está nessa vida há tempo demais para se envolver emocionalmente dessa forma. Precisamos esperar que reconheçam esse ataque, que tomem responsabilidade por ele e que façam suas demandas formalmente perante o conselho. Então tomaremos uma decisão. Até lá o melhor que você pode fazer é se fortalecer. Agrade os cabeças, Tony, como sempre fez.

– Estamos registrando lucros que nunca tivemos antes. Isso não é o suficiente, Cesare?

Frank não falava, apenas prestava atenção na troca.

Gnocchi suspirou. – Fortaleça sua imagem, Tony. Crie uma família, depressa. Espalhe seus homens pela cidade para marcar seu território. Continue trazendo lucros. Está no caminho certo, não há motivo para picuinhas ou guerra. Atiraram no seu carro? Arranje um maior, melhor e proteja-se com mais homens. Mostre que está vivo e está bem, que é inatingível. Fortaleça-se e eu

faço minha parte no conselho. Estamos de acordo, sem ressentimentos? – Ele estendeu a mão.

Quando um dos criminosos mais poderosos do mundo estende a mão, uma pessoa tem que ser muito corajosa ao hesitar apertá-la. Tony sabia disso, e, por mais contrariado que estivesse, não via uma saída no momento. Seus pensamentos, no entanto, eram de retaliação. Ele apertou a mão de Cesare, a contragosto.

Marion estava no quarto quanto Tony subiu. Vestia sua camisola de seda, branca, até os pés, uma que ele particularmente adorava. Ele sentia-se como se demônios gritassem como *Banshees* dentro de sua mente, o corpo tomado por uma fúria que não se dissiparia tão cedo se ele não conseguisse arranjar uma forma de se vingar. Caminhou, na privacidade de sua suíte, de um lado para o outro como se para gastar aquele ódio, para pensar com objetividade e discernimento.

A esposa o estudava. E ele não estava no clima para a conversa que precisava ter com ela. Mas Marion foi, de início, delicada, colocando uma mão leve no braço dele. – Eu preciso saber o que fazer... – Ela umedeceu os lábios. – Como agir, porque nunca estive numa situação assim antes, Tony. Não sei o que é ser ameaçada, não sei como lidar.

– Marion, as coisas não são sobre você. Entende isso? Quem fez isso estava pouco se fodendo se você estava naquele carro ou não. O alvo fui eu! E eu não posso agir ainda e você fica aí, como uma idiota, fazendo esse tipo de pergunta absurda e patética, eu não sei o que quer que eu responda, *cazzo!*

Ela removeu a mão. – Não sei mais o que isso é. Não é um casamento, não é uma sociedade, eu não sei meu papel dentro desta casa, dentro da sua vida. Você me trata como um enfeite!

– O que você acha que você é?! – ele berrou, virando o corpo inteiro para ela, parecendo maior. Marion recuou um passo quando viu o rosto dele vermelho, uma veia saltando na testa. Um único corte na sobrancelha, pequeno, era a única evidência de que estivera naquele atentado, naquele acidente. Ele deu dois passos para a penteadeira dela e num gesto repentino atirou metade das coisas no chão.

Os perfumes, pincéis, maquiagem e caixas de joias foram atirados no carpete com sons de vidro e metal suspirando uma sinfonia desajeitada. Tony abriu os braços: – O que você é, senão um enfeite, Marion?

Ela falou baixo, mas ousou falar: – Sou sua esposa, seu desgraçado. Toda essa merda, essas bolsas, sapatos e perfumes, isso é a única coisa que me restou! É a única coisa que você permite que eu tenha! Sou um enfeite porque é o único tipo de esposa que você aceita! Perdi minha carreira, perdi meus amigos!

– Coitada de você, passando necessidade nessa terrível mansão. – Tony baixou a voz e mudou o tom. Fitava-a com os olhos semicerrados e um sorriso

cruel no rosto.

– Eu não disse isso. Não me acuse de futilidade, eu não estou me queixando da riqueza que temos. Não estou me fazendo de vítima. Só preciso que seja meu marido, que me explique o que está acontecendo, porque não quero mais, não posso mais me dar ao luxo de ficar num canto sem saber o que vai me atingir.

– Está me dizendo o quê, Marion, que vai começar a agir como uma esposa e não como a porra de um bibelô? Que vai assumir a merda do seu papel, finalmente, e cumprir suas funções nessa família e como minha mulher?

Ela cruzou os braços de forma protetora, abraçando-se. – O que quer dizer com isso?

Ele fechou a mão no braço dela com tanta força que ela soltou um gemido. – Que tudo isso está acontecendo porque você não consegue ser mulher o suficiente para me dar a merda de um filho! Os outros chefes riem de mim, riem pelas minhas costas, acham que sou um frouxo e não se preocupam com ataques à minha vida e meus negócios porque para eles eu não sou um homem completo! Não tenho filhos, sua piranha maldita, e para eles isso é a mesma coisa do que não ser nada!

Ela chorava, e a visão dela chorando quebrou a barreira de autocontrole contra a qual Tony estivera se apoiando a noite inteira. Cerrando os dentes, agarrou-a pelos cabelos e a arremessou contra a penteadeira. O corpo leve de Marion, ainda fragilizado pelos quilos perdidos nas últimas semanas e nos dois dias no hospital, bateu com força contra o móvel de madeira. Antes que ela pudesse se recuperar, Tony apertou o rosto dela contra o espelho. Não conseguia mais controlar-se. Sentiu vontade de arrancar a orelha dela com os dentes, então fechou os olhos e sibilou: – Você vai cumprir sua parte em tudo isso, está me ouvindo?

– Está me machucando – ela sussurrou, o rosto vermelho e brilhante de lágrimas. Levantou a mão, aberta. A outra apoiava-se na penteadeira. – Por favor, pare.

Então ela sentiu a mão do marido, aquela que não estava emaranhada nos seus cabelos, puxando sua camisola, forçando o tecido frágil para levantá-la. A onda de tristeza foi grande o suficiente para cobrir o medo, para lavá-lo, porque ela se apegara com tanta fúria à ideia de que ele era seu protetor, de que ele nunca deixaria que nada de ruim lhe acontecesse, que a pura noção de que ele forçaria sexo foi quase demais para lidar. Os soluços ainda eram esperançosos: – Tony, pare, amor, pare, por favor, você está me machucando, Tony... – E foram em vão. Sentiu o coro cabeludo arder com um puxão que ele deu.

– Abra os olhos, Marion.

Ela abriu. Viu o próprio rosto olhando para si, um rosto pálido e abatido, molhado, a boca aberta numa expressão de dor. Viu o rosto dele se aproximar, como se o espelho fosse o mar e Tony uma criatura que aparecera na água

turva. – Você é jovem, bonita e minha. Não tem quem te ame mais do que eu. Não tem uma única alma disposta a te acolher e te proteger, fora eu. Você é sozinha porque sempre foi, e agora você tem a sorte de poder fazer parte da minha família. Casei com você porque você é algo que posso controlar e fui leniente e bondoso até agora, mas não vou mais esperar. *Issso...* – ele disse a última palavra entre dentes, no momento em que ela sentiu a mão dele apertar a carne sensível entre suas pernas. – Eu consigo em qualquer lugar. *Issso* está à venda em cada esquina dessa cidade e é oferecido para mim aonde quer que eu vá. A sua só tem um valor, Marion.

Ela fechou os olhos porque o corpo não estava pronto para a intrusão. Soltou um gemido baixo de dor quando o sentiu rasgar sua pele ao enfiar-se dentro dela e uma parte dela teve consciência de que sua mão agarrava a borda entalhada da penteadeira.

– Não, Marion, você vai abrir os olhos – ele sussurrou, empurrando-se contra ela. – Você vai ver isso para entender, olhe!

Ela abriu os olhos. Detestou o próprio reflexo, a imagem perfeita de uma mulher que subestimara a crueldade do marido, que se deixava, naquele instante, ser domada e subjugada. Sabia que, sim, precisava ver aquilo, que tinha que ser uma testemunha do próprio abuso para que se lembrasse de cada detalhe dele.

Marion sentiu-o perdendo a ereção. Foi quando ele soltou o cabelo dela, fazendo com que tivesse que se apoiar na superfície do móvel com ambas as mãos. Rasgou, num puxão rude, a parte de renda da camisola dela. Despida por completo, e com a imagem refletida para os dois, ele conseguiu o pouco de inspiração que faltara anteriormente e em poucos minutos afundou o rosto na nuca dela, fechou a mão em seu ombro, para apoio, e deu três estocadas para esvaziar-se na sua carne quente e apertada.

Mas ele não se puxou para fora. Segurou os quadris dela contra os dele, ofegando, esperando. Ela não conseguia mais se olhar. Fixou os olhos nas mãos na penteadeira. No anel de noivado, aquele diamante gigante, que sempre usava. Nas unhas recém-feitas no salão. Só conseguia sentir o volume dele, mesmo que flácido, dentro dela, abrindo-a, separando-a dela mesma.

Tony finalmente deu um passo para trás, fechando as calças, controlando a respiração melhor. Com a mão no pescoço dela, empurrou-a para a cama. Ela caiu sobre o colchão, querendo ficar sozinha, querendo enterrar o rosto contra o travesseiro para chorar, mas Tony estava quase em cima dela, puxando-a, até que conseguiu posicioná-la com a bunda contra a parede, levantando as pernas para que ficassem perpendiculares ao corpo, para cima.

– Para, Tony – disse mais uma vez.

– Cala a boca.

Ele pegou o interfone. Apertou dois botões com o indicador.

– Donnie, eu quero Charlie aqui, agora.

Ela choramingou, um tom de súplica na voz. – Para, para com isso, eu juro que não vou fazer nada.

Ele desligou. Olhou para ela por um tempo. – Você vai me dar um filho, quer queira ou não. E quando ele nascer vai ter algo de útil para fazer e vai entender melhor suas prioridades.

Charlie entrou e então parou ao ver Marion deitada com as pernas para cima, nua. Ela puxou um travesseiro sobre os seios, sem conseguir encará-lo, sentindo a humilhação daquilo sobre ela como uma nuvem. Tony suave quando olhou para Charlie.

– Vai ficar aqui até amanhecer porque eu vou sair. Vai vigiá-la. Ela não sai dessa posição, entendeu?

Charlie começou a entender o sentido do que via. Algo bárbaro acabara de acontecer naquela suíte, isso ele não apenas percebeu, mas também sentiu. Marion cobria a face com ambas as mãos, e ele ouvia que chorava nelas.

Sentiu agonia de estar ali, invadindo alguma intimidade perversa entre o pai e a esposa dele. Sentiu-se sujo. – Sim, senhor. – Era a única resposta possível, mas deixou um gosto estranho na sua boca.

Tony deu um passo adiante e o agarrou pelo ombro do terno. – Não importa o quanto ela chore ou implore, ou o que te ofereça em troca. Ela não vai nem ao banheiro, tá me ouvindo?

Ele engoliu em seco, evitando olhar para ela. Assentiu.

Tony saiu do quarto e bateu a porta com uma força intimidadora.

Marion continuava cobrindo o rosto de vergonha.

Putá merda, ele pensou, sentindo-se quente a ponto de tirar o paletó. *Putá merda, o que ele fez com ela?*

Viu as coisas dela espalhadas pelo chão.

– Marion...

A voz dela saiu chiada, arranhada e cheia de raiva: – Cala a boca e me deixa em paz. Não fala comigo.

Charlie sentou-se numa poltrona de canto, bem confortável, gorducha, e ficou ali, olhando para ela, tentando entender aquilo. Então se lembrou de um filme que assistira ainda bem jovem, na sala da casa onde morara e fora tão feliz com Loreen. No filme, uma mulher estava tentando engravidar. Charlie lembrava-se porque era adolescente na época e, como o babaca que era, pensara “Eu a engravidaria”. Lembrava-se da mulher deitada de pernas para cima após uma péssima cena de sexo com um homem de bigode espesso que fora a moda da época.

A noção de Tony ter feito sexo com ela, e se ela chorava não havia sido algo consensual, e de agora tê-la forçado a ficar com as pernas para cima, parecia algo semelhante a amarrar uma fêmea para ser fecundada pelo macho e gerar filhotes para o lucro. Causou-lhe arrepios.

E, mais uma vez, um Charlie mais cauteloso dentro dele disse: *Mas você não tem nada a ver com isso, então faça seu trabalho e apenas seu trabalho.*

Marion choramingou por uns dez minutos e então ficou quieta. Em algum momento, naquele silêncio histérico da suíte, Charlie sentiu os músculos relaxarem contra o estofado. Percebeu depois de longos minutos de devaneio que ela havia pegado no sono. Com cautela, aproximou-se de Marion.

De perto, pôde vê-la melhor. As mãos haviam escorregado para os lados. Dormia de forma profunda, provavelmente pela exaustão que sempre acompanha um choque mental extremo. Devia ter ficado tensa durante tanto tempo que seu corpo se protegeu. Os últimos dois dias haviam sido o inferno para ela, ele sabia disso, mesmo que a própria Marion ainda não conseguisse dimensioná-los. Ele fez um esforço para não olhar sua nudez quando virou o corpo de Marion de lado, para que ela dormisse em posição fetal, tirando as pernas dela da parede. Puxou os lençóis para cobri-la, e só depois tirou o travesseiro debaixo deles. Foi difícil não olhar para ela. Marion fora definitivamente desenhada por algum homem, para outro homem apreciar.

Mas você quer olhar, Charlie, então não se finja de santo.

Foda-se, mas não olhei.

Ele suspirou e voltou para a poltrona. Mastigou um pouco as unhas. *Se esses são os anos de paz, eu sinto mesmo é saudade dos outros.* Encostou a cabeça na poltrona e fechou os olhos.

Havia se tornado, nos últimos quatro meses, a tarefa mais irritante para Charlie, e lá estava ele, mais uma vez.

A desgraçada gostava de andar com o Maserati. Enquanto para ela aquilo era a mais pura visão do glamour: ela e seus cabelos acobreados no banco traseiro de um carro esporte com um motorista levando-a às compras no Las Vegas Boulevard, para ele era como um carimbo de cafonice.

Parou o carro na frente do Luxor, onde ela queria almoçar e gastar o dinheiro do amante. Ela mascava chiclete de um jeito desagradável. – Vai estar aqui quando eu sair? Não importa quando?

Ele olhou o relógio no painel. – Tenho que estar com o chefe às seis. Até lá você faz o que quiser, Tina.

Ela fez uma cara e saiu do carro. Charlie olhou suas curvas exageradas mexendo o vestido de estampa de oncinha. Quando ela sumiu dentro do hotel, ele deu um suspiro para tentar manter a sanidade. Já não aguentava mais.

Havia combinado de almoçar com Vinnie a duas quadras de lá. Deixou o carro com o *valet* e caminhou, sob o sol de Vegas, até o ponto de encontro: um restaurante pequeno, numa rua perpendicular à Strip, chamado Sleepy Johnny's. Serviam comida do jeito que Charlie gostava: em cestinhas, sobre papel gorduroso e apimentada.

Olhando para dentro, através do vidro, percebeu que Vinnie ainda não chegara. Ficou na calçada e acendeu um cigarro. Viu a figura gorducha e baixa do amigo se aproximando e sorriu.

– Larga o cigarro, vamos entrar, porra, estou morrendo de fome.

– Boa tarde, Vin.

– Boa tarde, Charlie. Tá trazendo a Sra. Conicci para as compras de novo?
– Tinha um tom de deboche.

– Antes fosse, mas é a *comare*.

Vinnie balançou a cabeça. – Como se além de tudo ainda precisássemos de um problema desse tamanho. Uma *comare* serve para ajudar um homem a desestressar e ter foco, não para bagunçar ainda mais a cabeça dele. Onde está Tina?

– No Luxor.

Vinnie fez um gesto no ar, como se espantando uma mosca. – Deixa disso. E como estão as coisas na mansão?

Charlie pensou na mansão, pensou em Marion e como ela era agora, aquela coisa quase catatônica, sempre envolta em silêncio, que passava os dias na piscina, fumando e lendo. À noite, dava demonstrações tristes de carinho por Tony, que ele ignorava. Charlie sentira raiva dela por muito tempo, por tê-lo perdoado, por abanar o rabo como um cachorrinho quando ele chegava. Depois ele entendeu o que ela estava fazendo. Precisava se proteger para não pirar. Precisava acreditar que o marido a amava, embora houvesse “perdido a paciência” naquela noite. Precisava acreditar que aquilo era mesmo um casamento.

– Na mesma, Vin. Alguma notícia dos Bonini?

Vinnie olhou em volta antes de falar. – Por enquanto não.

– Esse silêncio não apavora você?

– Esse silêncio de fato me apavora, moleque.

Depois do almoço, Charlie voltou para o hotel para esperar Tina.

Fazia um mês que Tony havia conhecido Tina no Bayside. Dera a ela três diárias numa das maiores suítes, com todo o serviço de minibar, refeições, massagens e spa inclusos. Durante aqueles três dias, Tony passara horas na suíte com ela, e o caso causava certo nojo em Charlie, que chegou a imaginar um conjunto de toalhas: Tony e Tina.

Os três dias na suíte foram um *test-drive* e Tina passou. Logo Tony a instalou num apartamento não muito longe da Strip, onde lhe mandava presentes todas as sextas-feiras. Os dias de trepadas eram às terças e quintas, até onde Charlie percebera, mas, quando Tony estava furioso com alguma coisa, algo cada vez mais comum com a história dos Bonini, visitava Tina no apartamento.

Charlie se perguntou se Marion desconfiava. Não parecia saber. Não entenderia a tradição da *comare*, nunca. *E nem deveria*, ele pensou.

Ela saiu do Luxor às quatro da tarde, cheia de sacolas. No carro, gabou-se de ter ganhado sessenta dólares no cassino. Tagarelou sobre uma vendedora que não a tratara como ela achava que deveria ser tratada. Charlie respirou fundo para aguentar aquilo. Ficou aliviado quando chegou ao prédio dela. Como Tony sempre ordenara, ele a acompanhou, carregando as sacolas até a porta.

Ela deixou a porta aberta.

Charlie a seguiu e deixou as compras na entrada da sala.

Tina tirou o casaco felpudo que usava e serviu dois copos de uísque.

– Quer uma bebida, Charlie?

– Não, eu tenho que ir.

Ela deu uma corridinha e fechou a porta, bloqueando-a com o corpo.

– Não vá ainda, quero conversar com você.

Charlie não gostou do açúcar pingando da voz dela. Pegou o copo e bebeu metade do uísque. Ela sorriu com aqueles lábios pintados de rosa, e de perto ele pôde ver que os cílios eram postiços. As unhas longuíssimas batendo no copo também. Ela fez um gesto de cabeça para o sofá, e havia comando nele, sem dúvidas. Achava que era superior a ele em alguma escala de comando fabricada por suas fantasias infantis.

Ele sentou-se no sofá da sala do pequeno apartamento, achando a decoração a coisa mais *nonsense* que já vira. Tina tentara unir todos os estilos em um, de forma que juntava quadros de *saloon* faroeste, sinais de neon de marcas de cerveja e almofadas floridas e românticas, tudo no mesmo ambiente. O spray aromatizado de morango no ar não ajudava. Charlie sentiu uma pontada aguda de dor de cabeça.

Ela se sentou no sofá oposto. Cabelo grande, maquiagem em excesso, vestido de oncinha e saltos vermelhos. Tina era o pacote completo, o tipo de mulher que você encontraria na capa de uma revista pornográfica barata, cheia de pó, debaixo da cama do seu tio.

– Estou preocupada com o meu amor. Anda tenso, sabe?

– Você o conhece há um mês, Tina, ele é tenso.

– Mas mudou, Charlie. Nada mais o acalma. Não importa o *que* eu faça. E já fiz de tudo.

Ele suspirou. Ela queria colocar imagens na cabeça dele, mas ele não cairia na dela. – Bem, tenho certeza de que não é nada com o que se preocupar. Preciso ir.

Ele se levantou e ela também. Mais uma vez barrou a porta.

– A esposa, Charlie, como ela é?

Ele olhou nos olhos traiçoeiros dela. – Linda. Muito inteligente. Divertida. Elegante. Tudo o que você venderia a alma para ser.

Tina o fitou por um segundo, e ele quase viu o ódio queimar por trás daqueles olhos claros. Ele percebeu que ela era uma versão vulgar de Loreen, na cor da pele, do cabelo, das sardas, do olho e até na altura. Aquilo não ajudou, e a raiva dele deu sinais de que ainda estava lá, aguardando ser convocada.

Tina abriu a porta e ele saiu sem se despedir.

Na casa, Marion ainda estava na piscina.

Acabou uma volta e apoiou as mãos no *deck*, sem fôlego, o cabelo como uma folha brilhante grudada às costas e ombros. Ela olhou para cima e sorriu para ele. – Oi.

– Oi, Marion. Como está?

Ela estendeu o braço, ele ofereceu o dele e a ajudou a sair da água. Marion deu alguns passos até a cadeira para pegar a toalha e ele arriscou um olhar para o corpo que refletia a luz do sol da tarde em suas curvas femininas. Repreendeu-se em silêncio e esperou que ela virasse para ele. Ela gesticulou com os dedos. Ele entendeu e colocou um cigarro na boca de Marion, um na dele e acendeu os dois, fechando o Zippo com um clique metálico.

– Tudo bem – ela disse. – E com você?

– Joia. Tony já chegou?

Ela assentiu, o olhar cheio de conflito. – Parece nervoso. Pediu para que você fosse ao escritório quando chegasse.

Queria ficar ali com ela, dividir aquele cigarro e bater papo. Virou-se e foi até a casa.

No escritório, Tony conversava de forma amigável com Fabricio. Charlie achou estranho Frank não estar ali.

– Chamou?

– Chamei. Sente-se, isso é pessoal.

Charlie sentou-se, sentindo o olhar de Fabricio queimando nele. Na frente do papai eles fingiriam ser irmãos sem problemas.

Tony começou. – Vou dar um endereço para os dois. Simples: vocês vão entrar e machucar esse cara a ponto de colocá-lo na UTI. Isso exige cuidado. Não quero que o matem. Se fosse para matar, eu mandaria apenas Fabricio, mas isso precisa ser feito certo. Entende, Charlie?

Putá merda.

Ele assentiu. – Tá. Você disse que era pessoal?

– É um cara que importuna Tina já faz bastante tempo. Ele falou umas coisas para ela que quero ter certeza que nunca mais vai repetir. Trabalham juntos quando ela era recepcionista no Golden Nugget. Tá rondando o apartamento.

– Tem certeza, Tony?

Fabricio olhou para ele como se ele tivesse acabado de xingar a mãe do Tony. Charlie percebeu que estava questionando o inquestionável. Esperou não levar um tiro. Tony sorriu, no entanto. – Como assim, Charlie?

– É só que Tina é meio... carente por atenção. E se exagerou um pouco?

– Ele mandou, tá mandado, Charlie.

– Eu não falei com você, porra.

Tony olhou de um para o outro. – Que merda é essa entre vocês?

Charlie suspirou, esperando se acalmar. – Nada, chefe. Ele tem razão, as ordens estão dadas. Perdão.

Tony o estudou. Então entregou um pedaço de papel para ele.

Fabricio levantou-se e Charlie foi atrás.

Que missão de merda, com aquele cretino, bater em alguém por causa daquela desgraçada. Ele pegou a chave do carro antes que Fabricio pudesse, mais para irritá-lo do que qualquer outra coisa, e ligou o motor. Fabricio bateu a porta com força. Lá dentro, falou baixo:

– Quem você pensa que é para questionar uma ordem do Tony?

– Você não conhece a mulher. Ela é encrenqueira pra cacete. Estamos indo atrás de um cara que pode ser só um cara que rejeitou ela no passado, ou que partiu seu coração. Isso não te incomoda?

Fabricio sorriu. – Como você é bicha. Foda-se o que ele fez.

Charlie fechou os olhos. *Que merda de missão.*

Pararam o carro na rua que dava para os fundos da casa, depois de circular duas vezes. Charlie desligou o motor e eles ficaram em silêncio. Olhou para o relógio e viu que era uma da manhã. Precisava dormir.

Fabricio tirou um saquinho do bolso. Charlie virou o rosto para o outro lado e ouviu a fungada forte quando o outro cheirou um montinho de cocaína. A vontade era como uma entidade dentro dele, arranhando para sair.

– Nenhuma recaída até hoje?

Ele manteve os olhos na casa. Se olhasse, iria se entregar. – Não.

Fabricio riu.

– Vamos acabar logo com isso. – Charlie abriu a porta e saiu.

Parte dele esperava que, se andasse rápido o suficiente, a vontade ficaria para trás. Ouviu Fabricio caminhar atrás dele. Chegaram até a grade. O pequeno jardim era sujo e cheio de folhas velhas. Um sofá coberto com plástico transparente ficava largado de frente para uma churrasqueira. Latas de cerveja. Charlie assobiou, baixinho. Esperaram, mas nenhum cachorro apareceu. Fez um gesto elegante: – Primeiro as damas.

Fabricio deu um sorriso torto e enfiou os dedos nas grades como se tivesse garras. Embicou o sapato num vão e se empurrou para cima. Caiu do outro lado com um som leve. Charlie foi atrás.

Fabricio tentou a porta dos fundos e estava trancada. Sinalizou para Charlie ir à frente. Em silêncio, ouvindo o som áspero das folhas sendo esmagadas pelo peso deles, circularam a casa.

Mais uma olhada garantiu que ninguém estava vendo. A rua estava deserta. Fabricio tentou a porta da frente. Balançou a cabeça. Charlie tocou a campainha. Esperava que o cara estivesse sozinho. Chad Murray.

Chad abriu a porta.

– Sr. Murray? – Fabricio sorriu, adiantando-se, plantando um pé para que ele não conseguisse fechar a porta.

O homem deveria ter uns trinta e dois, trinta e três anos. Cabelos negros, escorridos até os ombros, daquele tipo que não é feio nem bonito. Usava jeans e camiseta, estava descalço. – Sim, quem são vocês?

Os dois entraram na casa, fazendo Chad recuar, visivelmente assustado e sem intenção nenhuma de escondê-lo. Charlie trancou a porta.

Fabricio olhava em volta. – Está sozinho?

– Tenho um amigo... – Ele lambeu os lábios, nervoso. – Que va-vai chegar a qualquer momento.

Charlie o observou. Sim, parecia o tipo que era macho com mulheres e bundão na hora de enfrentar homens. Mas não parecia um homem perigoso.

Fabricio foi até o rack de TV e pegou a caixa de um VHS. O plástico que a envolvia brilhou com a luz, mas então Charlie reconheceu mulheres nuas e um título pornográfico. – Está esperando um amigo para ver putaria, Chad? – sorriu Fabricio. – duvido muito.

O medo no rosto de Chad era real, mas ainda parecia esperançoso de que pudesse negociar com eles. – Olha, não sei quem são, mas podem levar o que quiserem...

Charlie deu um passo para ele. – Levar o que quiser? Meu relógio vale mais do que essa espelunca, amigo. Senta a bunda aí e fica quieto.

Chad obedeceu.

Fabricio ainda estava distraído, olhando os títulos de filmes de Chad.

Charlie falou, calmo: – Você anda importunando uma mulher chamada Tina Sanders.

Houve reconhecimento instantâneo no rosto de Chad. Naquele momento o medo escorreu pela sua testa e caiu no chão, na forma de uma gota gorda de suor. – Nunca mais vou falar com ela, eu juro, eu juro.

– É um pouco tarde para isso, Chad. Viemos ter certeza absoluta de que nunca mais vai olhar para ela, entende?

Fabricio se aproximou, aquela coisa nos olhos dele, aquele tesão por violência que colocava um sorriso sádico em sua boca. – Na verdade, amigo, depois de hoje você não vai conseguir pensar no nome dela sem sentir dor. *Capice?*

No carro, sozinho, Charlie fechou os olhos e ouviu a própria respiração, o ar entrando em puxões que chiavam e saindo trêmulo e pesado. Precisava se acalmar, mas usara seu estoque de autocontrole até aquele momento, até ver Fabricio sair do carro e sumir entre as pessoas da Strip, acendendo um cigarro, cabeça erguida. Finalmente só, ele pôde reagir.

Não consegui impedir os flashes de memória recente que pipocavam em sua cabeça, tudo tão vívido que parecia puxá-lo para o lugar onde estivera apenas quinze minutos antes. Chad berrando de dor, no chão, Fabricio pisando com força em suas costelas para quebrá-las. Chad balançando o corpo no carpete, de um lado para o outro, a fim de tentar evitar os golpes no rosto e na barriga. A música que Fabricio aumentara para que os vizinhos não ouvissem os berros, aquela música tão fora de lugar.

Charlie abriu os olhos e viu os nós dos dedos que ardiam. Não sabia se aquele sangue seco era de Chad ou dele. Esticou os dedos e sentiu uma dor latejante nos ossos. Já Fabricio usara o soco inglês. Charlie pensou no rosto de Chad: ossos fraturados, dentes cuspidos no chão, um golpe seco atrás do outro. Tempo de pausa. Tempo no qual Chad ficou no chão, gemendo, chorando, angustiado de dor. Charlie fora até o banheiro, lavara o rosto com água gelada e evitara olhar no espelho. Na cozinha, pegou um palito de dente e enfiou na boca. Mordia-o para permanecer em controle de si próprio, mordia-o para não ir embora antes que o trabalho fosse feito.

Na sala, Fabricio assistia pornô. Charlie não olhou. Chad implorava, resmungava entre soluços que nunca mais olharia para ela, que faria o que quisessem, que parassem “ah-meu-Deus-pelo-a-mo-mor-de-Deus” de bater nele.

Mas Tony dissera UTI.

Então Charlie desferiu mais alguns chutes nele: nas costas, nos rins e no estômago. Fabricio fumava, olhava. Do nada avançara contra Chad e abaixara suas calças jeans. O coração de Charlie disparou no bom e velho “thu-dum-thudum”. Fabricio apertou o cigarro contra uma nádega branca e Chad soltou um berro tão agudo que fez Fabricio gargalhar. – Pega uma garrafa de cerveja na cozinha – falara para Charlie. – Vou enfiar no cu dele.

Charlie sentira o sangue drenar da cabeça. – Deixa disso, vamos acabar logo o serviço.

Fabricio levantara. – Você é que nem o Viking. Não tem graça nenhuma. – E então olhara para Chad, apavorado além da compreensão, gemendo no chão. Charlie ouviu quando ele quebrou os dedos de Chad, bem na base da falange, um, dois, três. Então deu um último chute no rosto dele, que fez seu trabalho e o deixou inconsciente.

Abriu o zíper da calça e colocou para fora um pênis mole, de tamanho regular, circuncidado. Um jato de mijo bateu no rosto imóvel de Chad, respingando ao redor dele. Charlie afastou-se e foi até o aparelho de som. Desligou a música. O som de uma mulher gemendo tomou conta do ambiente e ele virou os olhos para a televisão. Sentiu o peito gelar.

No vídeo caseiro, Chad comia Tina na mesa da cozinha, por trás. Só que era a cozinha do apartamento dela, aquele no qual só morava há um mês, aquele

que Tony bancava. Os peitos balançando, o braço dela esticado para trás, agarrando o cabelo dele com força, o rosto dela denunciando um prazer intenso. A compreensão desceu sobre Charlie como um balde de água gelada.

Ela orquestrara aquilo para que Chad nunca contasse para Tony. Ela tomara medidas dissimuladas para garantir que seu segredo não fosse revelado. Porque Charlie não tinha dúvidas de que Tony a mataria se soubesse daquilo. E não seria uma morte rápida.

Ele apertou *stop* e ejetou a fita. Fabricio não vira, caso contrário teria dito algo. Precisava livrar-se dela sem que o outro visse. Não tinha tempo. Enfiou-a na calça, debaixo do paletó.

Fabricio virou-se, subindo o zíper. – Vamos nessa.

Agora, no carro, Charlie lutou, como lutava com frequência, contra a ânsia de usar. Qualquer coisa agora seria um bálsamo. Acendeu um cigarro. Os horrores da noite ainda estavam com ele.

Quando chegou ao seu apartamento, praticamente correu para o banho. Entrou debaixo do chuveiro de roupa e começou a despir-se depois de uns minutos, livrando-se do paletó, camisa, gravata e calça como se fossem peles, extensões dele mesmo, pesadas, sujas de sangue, contaminadas pelo medo, dor e gritos de Chad Murray, um homem cujo único pecado fora se envolver com uma vagabunda inescrupulosa.

Com a água batendo contra o rosto, Charlie pensou na fita. Deveria levá-la a Tony. Seria a coisa leal a fazer. Seria o que ele, na sua posição, deveria fazer.

Mas imaginou aquela mulher sendo entregue a Fabricio, e talvez algum outro sádico, como Frey. *Que merda, você é o quê, agora, protetor de todas as mulheres no planeta? Tá enganando quem? O que foi feito à sua mãe não pode ser desfeito por um ato seu. O que a mãe de Graeme fez com ela, o que cada cliente que teve depois daquilo fez, não pode ser desfeito. E Marion, Charlie? Está conseguindo protegê-la? Não está nem tentando. Então do que serve trair Tony agora não entregando essa merda de fita, essa sujeira toda?* Ele abriu os olhos e esfregou o rosto. Pegou o sabonete azul-claro que tinha cheiro de menta e o friccionou contra a pele, querendo tirar aquela noite do corpo.

Depois do banho, secou-se e foi nu até a sala. A fita estava em cima da mesa de centro. Sentou-se e a enfiou no videocassete. Rebobinou o VHS, porque precisava saber o que mais tinha nela. Se Fabricio tivesse visto Tina, e contasse para Tony, mais cedo ou mais tarde procurariam a prova na casa de Chad e aí Charlie estaria perdido. *Mas Fabricio teria pegado a fita, Charlie. Ou ele sabe que você a pegou. Não seja paranoico. Apertou play.*

Chad trepando com uma loira. Chad trepando com uma morena. Ele apertou o *fast forward* e ficou assistindo aquilo, uns cinco minutos de cada uma, até que viu Tina e apertou o *play*. Ela estava bebendo, os olhos já caídos. Falou

umas merdas para a câmera. A imagem estabilizou quando a câmera foi colocada num tripé. Chad já apareceu com a calça aberta. Charlie acendeu um cigarro e olhou aquilo. *Tony vai matá-la e você sabe disso.* Desligou porque não aguentava mais ver aquela merda.

Vai correr esse risco por uma mulher como ela?

Tomou a decisão rápido, com receio que mudasse de ideia. Arrancou a fita do aparelho de vídeo e a jogou no chão. Apertou o cigarro entre os lábios, pegou a cadeira e fincou o pé de madeira na fita, algumas vezes, até que estivesse completamente quebrada, o filme todo retorcido, aparecendo entre os cacos de plástico preto.

Pronto, foda-se. Agora você traiu o chefe. Agora você traiu a família. Por um lixo de mulher.

Não dormiu naquela noite.

Mickey estava relaxado. Ele não sabia quem viera encontrar e não tinha certeza por que topara aparecer. Recebera um convite para o jantar pelo correio. Convencera-se de que ninguém se atreveria a tocá-lo, mesmo no atual momento de tensão entre Conicci e Bonini. Tony estava perdendo terreno, mas, ainda assim, assassinar qualquer um de seus amigos estava fora de cogitação. Pelo menos era o que gostaria de acreditar.

Num dos restaurantes mais caros de Las Vegas, ele ficou sentado, bebendo um vinho, ansioso. E foi então que uma mulher sentou-se em frente a ele.

No início, Mickey teve uma sensação de que a conhecia. Ela era algo saído de uma fantasia, trajando um vestido vermelho que era de bom gosto, mas também que deixava as pessoas saberem que ela era escultural por baixo dele. Seus brincos eram esmeraldas. Usava ouro nos pulsos e colo. Seu cabelo castanho estava puxado para trás.

– Miguel Pagniacchi – ela sorriu. – Sou a pessoa que você está esperando, o meu nome é Graeme Volkov. – Ela estendeu a mão.

Ele tomou-a, beijou-a e franziu a testa. Onde tinha ouvido aquele primeiro nome? Onde tinha visto aquele rosto antes?

– Estou muito feliz e curioso – ele disse.

– Tenho certeza.

Ela virou-se para o garçom e disse simplesmente:

– Eu vou comer o que tiver de melhor na casa, com um vinho para acompanhar.

O homem não mostrou nenhuma reação, curvou-se e saiu.

Mickey riu um pouco. – Eu entendo. Você é poderosa e você é rica. Mas realmente preciso te perguntar de onde a conheço... porque tenho certeza que já te vi antes.

– Talvez você tenha ouvido falar de meu marido. Bogdan Volkov – ela suspirou, entediada, olhando através da janela para Vegas lá embaixo.

– Ele é... ele é o diretor da GlobalTech.

– Presidente. Principal acionista – ela sorriu. – Talvez seja por isso que me conhece.

Ele inclinou-se para ela. – Não. Eu te conheço pessoalmente.

– Talvez tenhamos nos conhecido em uma festa – ela disse suavemente, mas com firmeza. – Talvez me conheça de uma época em que as pessoas me chamavam de Rocket.

Ele inclinou-se para trás, seu rosto mostrando verdadeiro choque.

E medo. Viu que ela gostou daquilo, e tentou resguardar-se. Uma prostituta não teria se casado com um homem que fora capa da Forbes no ano anterior, conhecido como o empresário mais influente do Leste Europeu.

Ela a estudou. Então sacudiu a cabeça. – Isto não é possível.

– Por que não? – Ela tirou as luvas e as pôs sobre a mesa. – Feridas cicatrizam, Mickey. E alguns homens não ficam intimidados com o passado sombrio de algumas mulheres.

Ela estava espantado e não conseguia escondê-lo. Ela esperou.

– O quê... o que você quer comigo? Eu não tive nada a ver com o...

– Shh, shh, já deu. – Ela balançou a mão. – Não estou aqui para falar sobre isso. Estou aqui porque temos interesses em comum.

O garçom voltou com uma garrafa de vinho. Ele a mostrou educadamente para Mickey, que simplesmente aceitou com um gesto impaciente. O homem serviu Graeme, encheu a taça e os deixou.

Ela bebeu.

– Interesses comuns... – Ele estava tentando proteger-se com o tom de deboche, de incredulidade, fingindo ser condescendente com ela.

– Bem. – Ela pousou a taça. – Tony está fraco. Todos nós sabemos disso. Já passou o tempo dele. A máfia em Las Vegas está fraca e todos nós sabemos disso, também. Os federais já expulsaram todos os seus amigos daqui e os Conicci são os últimos. Bonini quer lucrar com as migalhas, com o que sobrar quando Tony for preso, mas, em Las Vegas, essas migalhas dão um bom lucro. A família Conicci está dando seus últimos suspiros, e, quando ela morrer, você pode ser o herdeiro de um legado, um pastor guiando-nos para um futuro brilhante de negócios legítimos e curtir o ar de pecado de Vegas, ou... você pode morrer com ela. – Ela encolheu os ombros. – Mas os outros, os outros chefes, eles gostam de você. Eles sabem que você é um empresário diplomático e não um velho tarado, bêbado de poder, que senta atrás de antigas leis, regras e mitos. Eles sabem que você pode ser uma parte de algo especial, porque entende como tudo funciona. Não funciona com guerras e ameaças. Funciona com política. A máfia quer o

país, os grandes cargos. E eles precisam de um novo *don* para a família. Eu acho que poderia ser você, Mickey.

Então ela abriu o menu e começou a ler.

Miguel ficou ali sentado, sem reação. Sabia que ela tinha razão em tudo o que dissera, mas também sentiu um movimento no ar quando aquelas palavras foram ditas. Só de tê-las ouvido ele já poderia ser julgado como culpado de traição e conspiração.

– Você tem a minha atenção, Graeme – disse ele em voz baixa. Não usaria chamá-la de Rocket.

Ela ainda estava lendo. – Sei disso. – Ela fechou o menu. Olhou para ele. – Então, vamos conversar?

– Sim, vamos conversar.

Charlie atravessou o jardim, sentindo-se contente ao ver as velas acesas na mesa de jantar. Não via Marion há um mês, já que Tony pedira que ele desse uma força para Vinnie nas ruas. Um homem conectado aos Bonini e um homem conectado aos Conicci haviam entrado numa briga e alguns dos soldados mais baixos na hierarquia haviam se envolvido. O resultado fora uma dúzia de homens no hospital.

Ele ficou surpreso com a intensidade da alegria ao vê-la ali, sozinha, no mesmo lugar de sempre, bebendo água de uma taça. Quando se aproximou, viu que ela estava arrumada demais para quem vai jantar na própria casa. O cabelo ajeitado como se ela tivesse ido ao salão de beleza, todo macio e em cachos largos em volta do rosto. Um vestido elegante, branco, de um tecido rígido, e muitas jóias. Ela olhou para ele e Charlie viu um borrão de rímel em volta do olho direito.

Marion desviou o olhar, com um pouco de vergonha. – É nosso aniversário de um ano. Bodas de papel.

Ele olhou a mesa que só esperava os pratos principais, aguardando Tony, que provavelmente não viria. Sentou-se de frente para Marion, na cadeira que também sempre fora sua. – Se não está em casa deve ser algo urgente. Talvez uma emergência no cassino.

Ela acariciava a taça. – Se fossem negócios, você estaria com ele – ela fungou, tentando não chorar. – Ele já tem uma amante, não é?

Charlie hesitou, mas não viu tanto perigo em contar a ela o que ela descobriria mais cedo ou mais tarde. – É, anjo, tem sim.

Ela mordeu o lábio e as chamadas das velas dançaram nas lágrimas grossas que brotaram nos olhos dela. – Ela é mais bonita do que eu?

– Isso é possível?

Ela moveu os olhos da taça para os dele. Não sorriu. A pergunta saiu como um suspiro: – Então por quê?

– Porque... na lógica deles, no mundo deles, isso é um direito dele, Marion. Porque talvez em algum nível de consciência ele saiba que não é merecedor de uma mulher como você.

Ela estendeu o braço e sua mão pousou sobre a dele. Ele, sem medo, talvez porque já estivesse tão puto consigo mesmo e com a vida, apertou a mão dela. Ela soltou um suspiro cheio de dor. – Um dia você vai saber quem eu sou e vai ver que não sou digna dessas palavras. Mas elas ajudam sim, Charlie.

Ele franziu a testa.

Ela tirou a mão da dele. Sussurrou. – Menstruei de novo. Dessa vez ele vai me matar.

Charlie sentiu a gravata apertá-lo e afrouxou-a.

– Pelo amor... Marion, ele não vai te matar.

Ela lambeu o lábio. Abriu a boca para falar algo, mas fechou. Charlie viu que ela escondia algo dele. Chegara àquele ponto? Ele não quis acreditar naquilo. – Tony te ama, Marion. – Reconheceu a merda que falava enquanto as palavras saíam de sua boca. – Ele só não sabe como demonstrar. Ele está sob pressão, mas tenho certeza de que vocês vão... de que, com o tempo, vão se acertar. Só estão casados há um ano. É cedo para desistir.

Que bela merda, pensou, odiando-se.

– Por que sempre o defende, Charlie?

Ele balançou a cabeça. – Ele é tudo o que eu tenho.

– É... – O sorriso dela era triste. – Por favor, coma. Não acho justo que elas tenham feito uma refeição para ir parar no lixo.

Ela levantou-se e pegou a gata que se enrolava pelas suas pernas. Deu um beijo nela. – Vem, Pandora, diz tchau pro Charlie.

Ele se pegou dando um sorriso para o gato e depois sentiu-se idiota por isso. Marion entrou na casa e ele ficou ali, em meio às velas, prata e linho.

Pensou em subir as escadas, entrar na suíte e apertar Marion contra a parede. Pensou num beijo molhado, pensou nos peitos dela. Balançou a cabeça para si mesmo.

Às vezes o tempo passa sem mudar as coisas. Como se uma semana pudesse ser esticada em abril e de repente dezembro chegava. Foi assim com 1996. Veio um outono entediante, no qual Charlie acompanhou reuniões, resolveu problemas levados a ele por Vinnie e Frey e passou um tempo no cassino. Tony lucrava e repassava uma parte generosa para Nova Iorque, mas Charlie via em seus olhos que era a contragosto e que não ficaria passivo por muito tempo. Não houve mais ataques da parte dos Bonini. Uma prostituta foi encontrada no deserto pela polícia, e, embora não tivessem evidências físicas que levassem a um culpado, Tony fez uma reunião com Frank Charlie não estivera presente, mas sabia que se tratava de Fabricio.

Tony continuou sustentando Tina no apartamento, mandando-lhe flores e presentes caros, levando-a para jantar e visitando-a nos mesmos dias e horários. Charlie não conseguia olhar para ela e ela pareceu notar. Quando Tony deu a ela um Porsche para o Natal, Charlie ficou apenas aliviado porque não precisaria mais passar tempo com ela, levando-a de um lugar para o outro.

Marion não engravidou. Aparecia com machucados no rosto, às vezes, que Charlie fazia o possível para ignorar. Para puni-la ou apenas para intimidá-la, Tony a proibiu de sair de casa sem sua prévia permissão. Quando tinha permissão, deveria ser acompanhada por um dos seguranças da mansão, por Donnie ou por Charlie. Ela passava os dias na piscina e as noites lendo quando Tony não estava em casa. Quando ele estava, os dois jantavam sem conversar muito, depois subiam para a suíte. Charlie fumava no jardim e sempre, no momento no qual as luzes lá em cima se apagavam, precisava fazer um esforço para não reagir.

O ano virou.

Charlie estava no Sleepy Johnny's com Vinnie no dia sete de janeiro, comendo um *hot dog* cheio de condimentos, quando Vinnie suspirou, olhando para o nada. – Coisas ruins vão acontecer, Charlie.

Normalmente Charlie teria dado risada dele, falando que só um gordo louco como ele acreditaria nas merdas das previsões astrológicas da revista *Astros e Sua Vida*, mas ele sabia que não se tratava do horóscopo agora. Era uma questão de causa e consequência. A colheita estava próxima. Ele enfiou um palito na boca. – Eu sei, Vin.

Ray Cage espiou as fotos no escritório de Francesca, confessando que os pais da chefe pareciam simpáticos e sua filha ficava cada vez mais gata.

Strong entrou no escritório com ar de quem não tinha tempo para papo-furado e fechou a porta. Ele engoliu em seco e ela se sentou.

– Não preciso te dar um *briefing* do nosso *status quo*, Cage, então vou ser direta: vão tirar a gente de Vegas se não conseguirmos alguma coisa, e logo. Entende isso?

– Foi a merda com Whitford, Strong, eles se fecharam demais depois daquilo.

– É, mas eu acho que conseguimos algo. Seu último relatório indicou que a amante de Tony está sendo sustentada por ele e mora num apartamento em Spring Valley, certo?

– É, fizemos a checagem dela, mas não acho seguro abordá-la ainda.

– Mas fiz uma checagem melhor e ela tem um irmão mais novo. – Strong colocou uma pasta em cima da mesa. Cage abriu e viu a foto colorida de um homem grandão, ruivo, com cara de mal, olhando para seu fotógrafo invisível. – Jake Sanders, irmão por parte de pai. Tá no Instituto Correccional de Nevada, tem mais oito anos por tráfico de drogas.

Cage olhou para Strong. – Quer trazê-la para interrogatório, dar uma apertada e tentar negociar a libertação de Jake em troca de informações? Mas como sabe que ela vai saber de alguma coisa?

– Na verdade, pensei em conseguir grampear o apartamento. Não é muito, mas é algo, e é algo para tirar o chefe do meu pé em relação a essa história toda.

Cage recostou-se contra a cadeira e fitou o arquivo, pensando. – Sabe, em vez de ficarmos tão passivos dessa vez, esperando a informação cair no nosso colo, podemos incitar algumas reações, Fran.

– O que quer dizer com isso?

– Tony deve estar puto com os ataques dos Bonini. Não vai ficar quieto por muito tempo. Vamos deixá-lo ainda mais agitado. Prendemos Fabricio por 24 horas, isso está no nosso direito. Inventamos que estamos investigando a morte de uma puta, Fabricio gosta de machucá-las. E eu posso dar uma sacudida na esposa, também. Só para balançar um pouco a jaula dele, entende?

– E o que acha que vai conseguir em troca?

– Acho que ele vai revidar. De alguma forma. Não temos nada a perder.

Francesca fitou Cage. Não conseguia decifrá-lo. Sempre parecia estar escondendo algo. Bonitão, alto e forte, Cage lembrava um pouco Robert, mas não era um terço do homem que Robert fora. – Uma coisa de cada vez. Vamos pressionar Sanders primeiro, ver o que ela entrega. Geralmente o chefe não autorizaria grampear um apartamento destinado a encontros sexuais, mas acho que dessa vez vamos conseguir algo.

Cage pegou o arquivo e levantou-se. – Sim, senhora.

Tina esfregava as mãos olhando em volta. Cage bebeu um gole de café, olhando para a imagem na tela, que gravava a pequena sala de interrogatório. Havia seguido o protocolo básico para prepará-la para a entrevista: ar condicionado alto, nada de água, banheiro ou comida. A sala tinha as paredes lisas, e nada além de uma mesa presa ao chão e duas cadeiras. Ela tamborilava os dedos na superfície da mesa, falava sozinha e mascava chiclete.

Francesca apareceu. – Essa é sua, Cage. Me impressione.

Ele jogou o resto do café no lixo. Poderia seguir o caminho do bonzinho, no qual ofereceria cigarros, um *donut*, um refrigerante para ela, faria as perguntas básicas para estabelecer uma base de comparação para quando ela comesse a mentir, coisas assim. Mas Tina não era uma suspeita e não era do tipo que entregaria o ouro por bem. Resolveu que o melhor caminho seria intimidá-la.

Entrou na sala e sentiu o ar frio no rosto. Ela estava apavorada, e não tentava esconder. – O que estou fazendo aqui?

– Eu faço as perguntas, Senhorita Sanders. – Ele sentou-se. Não era bonita, pelo menos não daquele tipo de beleza que faz parte da pessoa. Tina não acordava bela. Ela conseguia se maquiagem bem, era jovem e tinha um corpo daqueles, mas não era naturalmente bonita. Peitos exagerados, magra, pernas e bunda durinhas. Parecia ser ruiva natural, mas também usava tinta vermelha no cabelo para realçar seu maior trunfo.

– Vamos conversar sobre Jake, Senhorita Sanders. Seu irmão não está se dando bem no ICN. Tem ido à enfermaria com frequência, parece que tem

apanhado muito. Chora, diz que está sendo ameaçado, essas merdas de sempre. Tem um bom relacionamento com ele?

A garota tinha olhos murchos, fitava a mesa. – Sim. Ele sempre me protegeu, sempre foi legal comigo. Desde crianças nós... nós éramos muito amigos. Ele me pediu para não visitá-lo, sabe? Que uma mulher como eu chama o tipo errado de atenção. É só por isso que nunca fui.

– Qual é o seu relacionamento com Tony Conicci?

O rosto dela mudou. Ela pareceu um molusco voltando para dentro de uma concha. – Tony gosta de mim – falou baixo. – É legal comigo.

– Tem um relacionamento de natureza sexual com ele?

Ela lambeu os lábios cobertos por uma camada grossa de *gloss*. – Sim. E daí?

– Encontram-se no seu apartamento? Onde mais?

Ela começava a avaliar o perigo da informação que estava passando.

– Quero um advogado.

Ray sorriu. – Não está sendo acusada de nenhum crime, por que a defensiva, Senhorita Sanders?

– Então o que quer comigo, cara?

– Eu quero te dar a chance de fazer algo bom, de ser uma heroína para seu país e para seu irmão. Está numa situação privilegiada, Sanders, tem acesso a pessoas muito poderosas.

– Cara... você sabe como as coisas funcionam.

– Não estou pedindo informações. Estou oferecendo a transferência de Jake para a ala de segurança média do Instituto Correccional de Nevada, onde ele só ficará por mais um ano antes de ser um homem livre e se libertar desse pesadelo ter uma segunda chance. Só quero uma coisa em troca: poder instalar um grampo no seu apartamento. E, claro, que conduza certas conversas de forma que Tony possa fazer uma confissão gravada no áudio. Qualquer crime ligado a assassinato, extorsão, chantagem ou tráfico.

Ela fitava a mesa.

Ray esperou, paciente, mantendo-se no controle. Percebeu que se ela fosse negar, já teria negado. Levantou-se. – Vou pegar um café enquanto você pensa. Quer um também?

Tina olhou para ele e Ray sabia que ela toparia. Assentiu. – Sim, senhor. Para as duas ofertas.

Depois de uma batida na porta, Charlie ouviu um “Entre” lá de dentro. Passou o cartão na fechadura eletrônica e entrou na suíte presidencial do Bayside. Tony estava apenas de roupão, com um copo de água gelada na mão. Charlie ouviu o chuveiro ligado no banheiro. – Chamou, chefe?

Tony aproximou-se. Charlie nunca o vira tão à vontade. Parecia relaxado. Viu dois pés grandes e robustos enfiados em pantufas com o “B” de Bayside bordado em fio dourado. – Vou para Nova Iorque, tenho uma reunião com Cesare. Vocês ficam aqui, não é nada sério, nem perigoso. É sigilosa essa viagem, Charlie.

Ele olhou para o banheiro. – Marion vai com você?

– Pelo amor de Deus, se eu quisesse uma trepada sem graça com uma mulher que só chora eu não teria uma *comare*. Tina vai comigo. Você vai ficar de olho em Marion, ela anda meio instável, tudo bem?

Ele engoliu em seco com o “trepada sem graça”. Mudou de assunto:

– E se essa reunião for uma cilada, Tony? Não é melhor que eu vá com você?

– Vou levar Fabricio, por via das dúvidas. Mas só ele.

Charlie assentiu. – Tá, tudo bem.

Ele colocou uma mão no ombro de Charlie. – Confio em você. Até com Marion, e não confio nela com ninguém, Charlie. Você é meu braço direito, filho. *Filho.*

Charlie assentiu. – Pode confiar, Tony.

Tony olhou em direção ao banheiro, também. Ficou ali parado, com uma mão no bolso e a outra no copo. Então pareceu acordar de um devaneio. – Onde moram seus pais?

Charlie sentiu o coração disparar. Buscou em sua mente, tentando lembrar-se quais mentiras contara durante todos aqueles anos, morrendo de medo de entrar em contradição, mas não se lembrou. – Minha mãe mora em Chicago. Meu pai foi daqui para a Flórida, para um lar de idosos.

Tony parecia o inspecionar. Via a mentira nos seus olhos? Charlie apenas olhou de volta, vendendo as palavras com serenidade. Tony então desviou o olhar. – Passe na casa hoje, jante com ela. Marion precisa conversar com alguém, mesmo que seja você. Entende?

Não, não entendia. Por que não sentia ciúmes? Era outro teste? Mas ele queria tanto estar perto dela que não se importava mais em entender Tony. Fez um gesto, como uma continência meio informal, meio lenta, e saiu do quarto.

Na noite gelada, Charlie teve que dar duas voltas pela casa até encontrar Marion. E só conseguiu porque estava desistindo, no jardim, fumando, quando ouviu um assobio vindo de trás dele. Quando olhou, notou um movimento no telhado da casa. Um tchau. Era Marion, sentada num cobertor. Ele calculou o que teria que fazer para chegar onde ela estava.

Entrou na casa e subiu até o terceiro andar. Fez um mapa mental do lugar e virou para a esquerda, entrando num quarto de hóspedes sem personalidade e numa sacada. Estranhamente, não se importou com o trabalho que Marion estava

dando. Pegou-se sorrindo ao pisar na balaustrada da sacada, fincar o pé num vão entre as pedras e empurrar-se para cima. Com cautela, e uma fisgada de medo no estômago, caminhou nas telhas com os joelhos dobrados até ela.

Ela riu: – Era só sair por essa janela aqui.

No estilo no qual a casa fora construída, só uma arquiteta pensaria naquilo. Uma janela ampla, do sótão, dava para a camada de telhado quase sem inclinação onde estavam.

Marion usava um vestido curtíssimo, preto, de lantejoulas, e por cima um roupão felpudo de banho, rosa choque, além de pantufas. Não usava maquiagem e o cabelo estava preso. Levava uma cesta caricata de piquenique, de onde duas garrafas de champanhe Dom Pérignon despontavam. Charlie viu um cinzeiro com duas bitucas de cigarro e uma caixa de chocolates.

– Quando o gato sai...

Ela sorriu. – Senta, quer champanhe?

Sentou-se ao lado dela. Apoiou os cotovelos nos joelhos. De onde estavam, a visão do pátio era belíssima. A piscina acesa por baixo parecia um imenso vidro azulado. As palmeiras balançavam um pouco suas folhas ao vento.

Ele aceitou a garrafa que ela estava estendendo e bebeu um gole, que efervesceu na boca. – Só explica o vestido.

Ela sorriu. – Tony não gosta dele. Fui usar para uma festa uma vez e Tony disse que era curto demais, que eu parecia uma *puttana* com ele. Fez-me tirar. Então... bom, ele não está aqui então vou usá-lo.

Charlie sabia que ficava burro perto dela. Tudo em Marion o encantava, fazia-o ficar imaginando como seria com ela. Era como se, perto dela, ele estivesse submerso em algo espesso, algo que afetava seu autocontrole e seu raciocínio.

– Conta pra mim – ela falou, estudando o rosto dele.

– O quê?

Ela deu de ombros. – Sei lá, alguma coisa interessante. Seus dias são melhores do que os meus. Mal saio de casa agora, já não tenho muitos amigos com os quais conversar ao telefone, não tenho muita coisa para contar. Me fala dessa guerra, Charlie.

– Eu não sei, Marion, está tudo meio incerto, não sei explicar. É como uma corda, sabe? Uma corda tipo... resistente e grossa que não vai quebrar, e cada família, nós e eles, puxa de um lado. E sempre foi assim, esse vai e vem, e essa corda que está sempre vibrando, sempre tensa.

– Uau.

– É, sou péssimo com metáforas, eu sei.

Ela sorriu. – Você é o único que conversa comigo, aceito as metáforas.

Charlie olhou para ela. Aquela boca, o lábio superior que parecia ser puxado para cima, empinado, que dava a ela o ar de alguém que estava prestes a

beijar o que estivesse à sua frente, mexeu tanto com ele que Charlie quase verbalizou aquilo, quase lhe disse uma cantada ridícula como “Você é linda”. Ela sabia que era linda. E não se importava.

– Sou o único com quem vale a pena conversar – ele sorriu.

Marion riu. – É, mas... você não tem medo. Os outros têm medo. Não estou falando só de conversar comigo, estou falando de medo dele.

– Marion, eu... é claro que tenho medo dele. Todos têm.

Ela pegou um chocolate da caixa e enfiou na boca. Lambeu o dedão, distraída. – Pensei muito sobre o que é tão intimidante em Tony. Não é o poder que tem, não é a falta de limites na hora de se impor para reforçar esse poder.

Ele sentiu-se atento e intrigado com o que ela dizia. Ela conhecia uma parte de Tony que ele nunca vira. Como esposa, era a única que conhecia seu lado mais vulnerável, mas, estranhamente, era a pessoa que mais tinha medo dele. Marion o obedecia sem estranhamento, sem questionar.

Marion lambeu o lábio. Falava com o olhar distante, quase como se Charlie não estivesse lá, e ao mesmo tempo forjando um laço com ele, através daquela confissão. – Ele tem um jeito, uma habilidade quase sobrenatural de olhar para você, para dentro da sua alma, e detectar sua fraqueza mais íntima e secreta. Como se pudesse ver não quem você é, exatamente, mas... o que falta em você. Qual é o buraco, digamos assim, na sua existência. Então ele oferece aquilo. Oferece de forma tão fácil...

Charlie sentiu um arrepio quando ela falou aquilo.

– Que você não para pra questionar. Você se torna dependente dos poucos segundos nos quais ele te completa com aquilo. É uma sedução medonha, cruel, e você fica dependente dele assim, tão rápido.

Sim, Marion decifrara o velho com quem dividia a cama. Não tivera medo de pensar naquilo, de abraçar a verdade daquilo, não como ele. Tony era como uma droga, Charlie sabia disso.

Marion o encarou, uma mecha de cabelo soltara do rabo de cavalo e voava para seu rosto. – O que foi com você? O que você queria, pelo que ansiava tanto quando o conheceu, Charlie?

Ele olhou para baixo, para as telhas entre os pés. Sentia que ela, de forma tão delicada, conseguia quebrar suas barreiras. Não podia contar a verdade a ela, seria como assinar seu contrato de morte. – O que foi com você, Marion?

– Gosto de você. De compartilhar esses momentos breves de liberdade com você, de sentir que nessa existência vazia eu pelo menos fiz um amigo... e, se eu te contar a verdade, esse tipo primal, visceral e imoral de verdade, você nunca vai olhar para mim de novo.

– Duvido muito disso. Não há mais um pingão de moralidade em mim. Sabe, as pessoas têm esse ditado besta de falar que o que acontece em Vegas fica em Vegas... – Ele deu um riso triste. – Mas não é assim. O que acontece em

Vegas fica com você, grudado como lama na sua alma para sempre. Mesmo se fugir daqui, mesmo se correr... Vegas gruda, Vegas fica.

Ficaram em silêncio. Ele olhou para o lado, para os pés dela enfiados nas pantufas. Lindos pés, dedos em escadinha, uma beleza quase pura, como se pertencessem a uma mulher que nunca usou saltos, nunca caminhou, nunca usou aqueles pés para nada. Unhas pintadas de vermelho.

Ela suspirou e começou a falar, como se resignando-se a perder a amizade dele. – Fui adotada por um casal bem rico quando meus pais morreram. Eu tinha cinco, era uma menina bem bonitinha e boazinha, segundo relatos. Só entendi os motivos daquela adoção quando cresci. Ela era estéril e contente em ser estéril, porque filhos não eram exatamente o sonho de Aubrey, sabe? O negócio dela era a alta sociedade, era eventos beneficentes, chás da tarde com amigas, compras, luxo... ela era bem refinada, não de uma forma forçada... ela realmente era refinada. E ela tinha uma paixão na vida, que era David, meu pai adotivo.

Marion caiu num silêncio profundo, estagnado, por um segundo. Então continuou, um pouco mais devagar, como se lutasse para contar aquilo porque temia ouvi-lo. – David era... tinha uma dualidade nele. Gostava de ser o homem de negócios, o terno e Rolex que deslizava para dentro de uma sala de reuniões em um arranha-céu e contava piadas para encantar a todos, fechava negócios milionários e saía depois com os associados para entretê-los e tal... mas ele tinha um vício louco por adrenalina, também. O dinheiro servia para levá-lo a safáris suicidas no Quênia, escalar o Everest, coisas assim.

– Seu pai adotivo escalou o Everest?

– Chegou num dos picos, até onde eu sei. Não foi até o topo mesmo, mas fez umas quatro expedições. Amava aquilo, vivia para aquilo. E, claro... – Ela deu de ombros. – Era um canalha, no sentido que, por mais que gostasse de Aubrey, e ele gostava, precisava de variedade. E tinha. Enfim... ela era louca por ele, e, depois de oito anos de casados, David começou a sentir falta de filhos. Então meus pais morreram. Foi um acidente bem idiota de carro, culpa do meu pai, sabe? E minha tia era muito amiga de Aubrey, de forma que com um pouco de suborno conseguiram facilitar uma adoção rápida. Eu era uma boneca, e era isso que ela queria. E deu certo, Charlie, porque ele... ele começou a ficar em casa. Eu era a vida dele. E mesmo que Aubrey delegasse a função de mãe para as babás, eu era feliz naquela casa, quando criança. David me mimava, mas não era tanto com objetos, porque eu não dava a mínima, era com experiências. Levava-me nas aventuras dele, por todo o mundo. Aubrey não ligava. O que importava para ela era que eu servia como uma espécie de âncora que não deixava David ir longe demais dela. E tudo isso funcionou por uns quatro anos, até eu deixar de ser uma criancinha fofa. Acho que eles não percebiam que um dia eu cresceria. De repente eu era alta e magra e não era mais aquela

bonequinha que eles gostavam de exibir aos amigos. Eu sei o que você está pensando: o melodrama de uma riquinha mimada, blá-blá-blá...

– Eu não estava pensando isso.

– Bem... sei que parece ridículo, e deve ser, quer dizer... tem gente no mundo com problemas reais. Mas na época eu não sabia disso. Eu só percebi que os dois perderam o interesse por mim. E claro que ele logo voltou a chegar tarde das festas, das aventuras com outras mulheres, e Aubrey ficou ressentida. Com ele foi uma perda de interesse, mas com ela... era como se eu a tivesse traído, como se eu tivesse prometido ser uma criança de cinco anos para sempre. Então ela praticamente deixou de falar comigo... justamente quando eu estava crescendo e precisava de uma mãe.

Charlie revisitou a história de Graeme por alguns segundos. Então prestou atenção nos olhos de Marion, que fitavam as palmeiras enquanto ela fumava.

– Naquela época comecei a fazer coisas para chamar a atenção. Bati o carro de David quando tinha treze anos, essas coisas de adolescente. Não demorei para perceber que não dava certo, que isso só os deixava nervosos comigo, que pareciam se arrepender da adoção e aquelas coisas. Ele ficava decepcionado, me dava sermões cansados, por obrigação. Ela usava poucas palavras, mas as certas, aquelas que machucavam. No incidente do carro, eu estava no hospital para observação e ela disse, mais fria do que aquelas paredes: “Quer morrer igual aos seu pais?”, e aquilo acabou comigo. Enfim, eu cresci sendo tudo o que esperavam: líder de torcida bonita, notas altas, trabalho voluntário e fui percebendo o que te contei antes, sabe? Quem eles eram como casal e como eu me encaixava. Aos dezessete entrei na Universidade de Nova Iorque e vi que aquilo estava acabando, que seria livre deles, que poderia escolher quem eu queria ser... mas antes eu fui ao baile de formatura, onde, claro... – O sorriso dela era odioso. – Fui coroada rainha. O cara com quem saía na época, Perry, me pressionou um pouco, e eu sabia que metade das minhas amigas estava perdendo a virgindade naquela noite. Fiquei com um pouco de raiva dele, joguei a coroa na sarjeta e peguei um taxi para casa. Quando cheguei, Aubrey já havia tomado o coquetel do sono dela e roncava um pouco na cama, usando uma máscara para cobrir os olhos. E eu fui para meu quarto, acendi meu primeiro cigarro, eu tinha pego um no baile com um dos góticos... e fiquei lá pensando, Charlie. Sabe quando você se permite pensar e um monte de coisa começa a fazer sentido? Aquela noite foi assim. Pensei neles, pensei em mim e fiquei ali fumando.

Naquele momento Marion finalmente olhou para ele. Ele não desviou o olhar. – David chegou em casa e foi ao meu quarto. Repreendeu-me pelo cigarro, eu lembro que ele bebia uísque. Conversamos um pouco. Eu perguntei onde estivera, ele falou de um bar famoso, falou que fechara uma conta com clientes... e me perguntou do baile. Não conversávamos há meses. E eu disse que

o baile fora uma merda. David me deu parabéns pela faculdade. E aquela conversa foi tão fria, tão mecânica, que eu... não sei, Charlie, eu acho que parte de mim estava meio louca, aquela loucura que vem da solidão, da depressão que você não sabe que tem... sabe?

O sorriso dele foi triste. – Sei sim, Marion.

– Bem... então eu fiz o que fiz. Ele estava indo embora, me dando boa noite, indo até a porta, e eu o chamei de volta. Tirei o vestido, assim, na frente dele. Num primeiro momento ele ficou tão sem reação que não se mexeu, não disse nada. Mas olhou. E então me olhou nos olhos e perguntou “Por que, Marion?” e eu disse “Porque se a cultura adolescente diz que tenho que perder minha virgindade hoje, prefiro que seja com alguém experiente”. Charlie... eu sei que é fácil me detestar por isso. Mas eu não queria aquilo. Eu só queria que ele agisse como um pai. Queria que ele me cobrisse com alguma roupa, queria que se preocupasse com meu bem-estar, que me levasse num psicólogo, até me batesse, até isso, mas que me mostrasse, naquele teste absurdo que eu acabara de inventar, que me amava como um *pai* ama uma *filha*. Queria que ele olhasse para mim e visse a criança de cinco anos.

Os olhos dela brilharam. Não contava aquilo chorando ou com afetação, e sim com a voz grossa dela, analítica, distanciada. Mas naquele instante ele viu uma centelha de dor no rosto dela. – Eu lembro que ele levou a mão até a maçaneta da porta e eu pensei “Sim, está tudo bem, ele vai embora”. Mas então a mão dele virou a chave para trancá-la. E, quando ele olhou para mim de novo, eu não era a menina de cinco anos. Eu era a jovem de dezessete, nua, com o corpo que todo homem sempre quis, me entregando de bandeja. Ele se aproximou e eu me lembro de que senti as duas coisas, a decepção por compreender que ele não me amava do jeito que eu precisava e a excitação de estar fazendo aquela coisa absurda. A verdade que eu detesto é o fato de que eu quis o sexo, sabe? Porque era proibido, porque era contra a lei, porque era exatamente o tipo de coisa que me fazia sentir... viva. E quando ele me beijou foi tão estranho... como se eu soubesse como seria, porque a minha vida inteira eu conhecera o corpo dele, o cheiro dele, o jeito que o rosto dele era áspero e arranhava o meu. Ele me beijou de um jeito tão lento, mas tão intenso, do jeito que ele dominava as coisas, como sempre fizera. Levou-me para a cama e fez aquilo com calma. Colocou a boca em mim e me lambeu até eu me perder no prazer louco daquilo e ter o primeiro orgasmo de verdade. Quando eu estava tonta, tentando dimensionar aquilo, ele deitou em cima de mim com aquele olhar tão... orgulhoso. E eu caí em mim, eu percebi o quanto tudo aquilo era sujo... errado. E me lembro de que pensei: “Acorde, mãe, acorde e veja a família perfeita que construiu com leilões e bazares comunitários”, e quando eu percebi que ele estava afastando minhas coxas eu disse “Não, não, espere” e mesmo assim ele continuou. E doe, mas ele foi devagar. E quando aquilo acabou ele

foi... gentil. Perguntou como fora, fez carinho no meu cabelo, me ajudou a colocar os lençóis na máquina de lavar. E eu percebi que aquilo fora o mais próximo que eu cheguei de ter um pai.

Putá merda. Charlie a observou acender um cigarro novo.

Ela soprou fumaça no vento e mordeu a unha. – Eu juro que nunca contei isso para ninguém. E eu juro que carreguei isso como um segredo sujo a minha vida inteira, e mesmo que ele tenha telefonado depois, principalmente na época da faculdade, e me dito que cada vez que pensava naquela noite sentia arrepios e arrependimento. Mesmo que David tenha chegado a chorar no telefone, pedido desculpas e dito que sentia saudades, eu nunca mais voltei. Mas eu juro, Charlie, eu juro que quando conheci Tony ele viu aquilo em mim. Ele... enxergou que eu era má.

– Marion...

Ela levantou uma mão. – Eu sei o que você vai falar. Mas, Charlie, eu sou capaz disso. Entende? Mesmo não sendo quem eu sou o tempo todo, eu fui capaz de transar com ele, aos dezessete anos, por escolha. E eu sei que em algum nível Tony enxerga essa... indecência em mim. E não é só isso...

Ela suspirou. Soltou a verdade de uma vez só, com os colhões de um gladiador. – Ele sabe que eu precisava de um pai. Que o abismo dentro de mim só seria preenchido com um relacionamento tão... nem sei descrever o que temos, mas sei dar um exemplo. Quando nos casamos, na época em que eu ainda era uma idiota ingênua e apaixonada, na época em que ainda fazíamos sexo porque era bom, ele, uma vez, na lua de mel, saiu do banho e estava sentado na cama. Mandou-me tirar a roupa e ir até ele. Eu fui, animada, e ele me colocou no colo dele... tipo... deitou-me de barriga para baixo no colo dele, como se eu fosse criança, e me deu uns tapas. Aquilo deveria ser num tom de brincadeira, mas não foi. Era um tapa com força e então ele fazia uma massagem tão boa que o prazer daquilo emendava e se enroscava com a dor. E ele prestou atenção em como eu reagi. Eu nunca tinha sentido algo daquele tipo antes. Ele percebeu. Ele continuou. Ele viu o que aquilo fez comigo. Eu tinha sempre achado que algumas coisas eram mentiras de amigas, sabe? Mas quando ele fez aquilo eu perdi controle do meu corpo, de um corpo que eu achava que conhecia tão bem. Eu tive orgasmos sem controle, um atrás do outro, quando finalmente começamos a transar. Eu olhei para a cama depois e não entendia. Estava toda molhada, de mim. Eu senti uma vergonha tão grande que passei o jantar inteiro sem falar. E ele sorria, ele via. Ele sabe.

Ela ficou quieta, deixando as palavras no ar. Olhos secos, rosto rígido, as sobrancelhas divididas por uma ruga de preocupação. – É lógico que há quase um ano não é mais nada disso. Sou eu, deitada, chorando, e ele se empenhando na tarefa de me fecundar. Mas quando ainda nos amávamos, se é que algum dia

ele me amou, ele fazia aquilo às vezes, os tapas, e não era para ver meu prazer, e sim para poder sorrir da minha vergonha depois. Tinha sadismo naquilo.

Charlie estava tão chocado com o que ela estava falando que não sabia como reagir. As sensações isoladas eram absurdas: orgulho por ser o confidente de algo tão íntimo dela, vínculo com ela, empatia pela dependência que ela tinha por Tony, da mesma natureza que a dele, e um desejo incontrollável de fazer sexo com ela. Tudo aquilo ele sentia ao mesmo tempo, tudo colado com o choque do que ela acabara de admitir.

– E agora? – ela suspirou. – Vai falar que seus sentimentos por mim não mudaram? Ainda quer ser meu *amigo*?

A última palavra tinha um tom de deboche, mas soara sincera também.

– Você não é a única aqui que cometeu pecados, Marion. Os seus pelo menos são justificáveis. São cristalinos se comparados aos meus.

– Mas você não entende, Charlie? A violência de um homem é sempre justificada de uma forma ou de outra. A sexualidade de uma mulher não.

– É além disso, Marion. É o rastro que tudo isso deixa, sabe? Você enterra um cara no deserto e consegue dormir à noite. Mas às vezes cinco, dez anos se passam e você ainda sente a areia em você. Você soca um cara a noite toda, revezando com seus amigos, com frieza, com objetividade... e dorme bem à noite. Mas aí um dia você sente os nós dos dedos doerem e se lembra dele. Essas coisas não vão embora. O sangue pegajoso nas mãos, que seca e cria uma resistência, que demora para lavar e mancha tudo, os gritos, os berros dos caras que você tá torturando, isso não vai embora. Isso vira parte de você e você se acostuma. O pior é que se acostuma. O pior é que vira rotina. Mas nunca vai embora, Marion.

Na noite, na mansão iluminada, no vento que soprava e fazia farfalhar o papel de seda da caixa de chocolates dela, eles se olhavam. Ele via no rosto dela que estava tentando aceitar que conversava com um assassino. Ao mesmo tempo, os olhos dela imploravam para que ele aceitasse o que ela desnudara, continuasse gostando dela, como pessoa, mesmo sabendo o que ela fizera.

A aceitação de ambos veio fácil. É mais confortável abraçar alguém que está sujo quando você também está.

Então algo que sempre fora duro e resistente pareceu romper dentro dele. Ele sentiu os olhos lacrimejarem um pouco e soltou como um suspiro: – Ele viu em mim também, Marion. Ele viu que eu também só queria um pai. Uma presença masculina forte e protetora que poderia me ensinar alguma coisa.

Ela tocou no queixo dele, uma lágrima entrando em sua boca de um jeito obscuro. – E ensinou.

Ele desviou o olhar e tentou focar. Estava perigoso demais. A adrenalina subiu, ele pensou em todas as formas nas quais aquela conversa era errada e poderia foder com ele e com ela. A voz saiu mais estável, mais grossa: – Marion,

eu ainda te adoro. Mas eu vou embora. Entende isso? Porque se eu ficar vai dar merda.

Ela limpou a lágrima e assentiu, olhando para baixo.

Ele deu um último olhar para ela, naquela roupa sem sentido, nos venenos corriqueiros que consumia sem controle: o champanhe, os cigarros e os chocolates. Levantou-se e, com alguns passos curtos, entrou no sótão pela janela que ela deixara aberta. No breu, no silêncio, sentiu o coração acelerado. Marion se tornara algo que podia foder com todo o plano dele, um risco.

Que plano? O que você deveria ter seguido desde que entrou na vida de Tony e tem adiado há anos? Está enganando a si mesmo, Charlie. Seu plano nunca foi matá-lo. Você é Marion. Ela é ainda mais digna. Ela se apaixonou, ela nunca fingiu ter outros motivos para deitar na cama dele. E você? Se fazendo de justiceiro, vestindo o uniforme previsível e patético do vingador da mãe, quando na verdade só queria o que acha que é seu por direito, como um menino mimado: um lugar na mesa ao lado do pai.

Ele só conseguiu ir até o quarto de hóspedes. Fechou a porta e tirou o paletó. Dormiu naquela cama por puro medo de onde seus passos o levariam se saísse de lá: para o conforto da heroína, para a solidão do seu apartamento ou para os braços tóxicos de Marion Conicci.

Graeme não esperara uma recepção muito formal e já se acostumara a não ser levada a sério num primeiro instante. Não se importava, pois as reações futuras daqueles que não tinham muita fé nela sempre compensavam a falta inicial de respeito.

Gino Bonini não a recebeu com uma bela mesa de jantar. Em vez disso, escolheu um restaurante pequeno, da família dele, vazio. Quando ela e Zaitzev bateram à porta, um soldado Bonini abriu com uma expressão sisuda e um olhar em volta. Lá dentro, Graeme viu cadeiras de cabeça para baixo nas mesas, Gino, seu segurança e o *consigliere*. Cinco pessoas no total, para uma reunião tão única, tão sem precedentes.

Gino era largo, velho, com olhar calmo e feito de pura maldade. – Não vamos revistar vocês, senhora Volkov. Temos um aparelho que emite ondas de rádio numa frequência que desabilita escutas, então pode ficar a vontade.

– A última coisa que eu traria para esse encontro seria escutas, Gino, pode ficar sossegado.

Gino puxou uma cadeira e gesticulou para que ela se sentasse.

Graeme sentou e esperou que ele fizesse o mesmo. Os dois seguranças e Andrea ficaram de pé, mantendo uma distância de dois metros deles.

– Você é muito corajosa ou muito burra, senhora Volkov – ele começou. – Poucas pessoas entrariam em contato comigo com uma proposta que envolve os Conicci e envolve dinheiro. Ser mulher e ser casada com Bogdan Volkov te deixa

quase imune às minhas ameaças, mas apenas *quase*. Sou o que sou. Serei o que sou com você também, se for preciso. Vamos ouvir o que tem a dizer.

– Não precisa aceitar. Uma proposta como a minha só mostra intenções que já são óbvias para nós dois. Não estou contando nenhum segredo ao afirmar, nesse lugar com privacidade, que você tem ambições para sua família e parte dessas ambições é mais poder em Las Vegas.

– Não, de fato não está contando nenhum segredo.

– Então vou direto ao ponto. Se alguém tivesse torturado o senhor, suponho que iria atrás de vingança.

– Supõe corretamente.

– Fui machucada. Eu quero vingança.

– E sabe o que eu quero. Como pode me oferecer isso?

– Minha proposta é o desmantelamento da alta gerência da família Conicci, sem tocar nos idosos mais sagrados e sem colocar em risco o relacionamento dos Bonini com os Gnocchi. Para isso acontecer, precisamos tirar Tony Conicci do jogo. Mickey assume o lugar dele, com as bênçãos de Frankie, e negocia os territórios com vocês para permanecer no poder. A verdade é que hoje você não conseguiria o que Tony tem, porque ele tem o Bayside e os federais nunca permitirão que o cassino seja comprado por outro mafioso. Uma aliança com Mickey Pagniacchi seria hoje muito mais lucrativo e menos perigoso do que uma dominação total, que acabaria com muita gente morta e muita gente atrás das grades.

Gino inspirou profundamente, e, com as mãos entrelaçadas na barriga, pôs-se a pensar. – Eliminamos Tony, Sr. Pete e os *capiregime*. Mickey toca os negócios com uma nova distribuição de áreas e ruas, intermediada por Frankie perante as cinco famílias. É assim?

– É assim. O importante é manter Mickey e Frankie. Mickey vai cooperar, eu posso garantir. Também consigo envolver um federal na transição, de forma que tenho meios de chantagem se uma investigação policial conseguir algo sólido que ligue a morte de Tony Conicci a vocês.

– Posicionou direitinho suas peças de xadrez, Volkov, mas o que quer? Qual é o seu interesse em tudo isso?

– Preciso executar um membro da máfia sem represálias. É a você que estou pedindo permissão.

– Você sabe que se for um membro da minha família eu não posso te dar permissão.

– Não, não é. É um Gnocchi.

Ele fez uma cara. Mordeu o lábio inferior enquanto olhava para ela. – Imagino o que tenham feito com você. Imagino que o filho de Frankie tenha te machucado. Sinto muito.

Ela não respondeu. Suspirou e firmou a voz: – Sei que é um risco para você. Duvido muito que seja possível um dia a família Gnocchi descobrir isso e, mesmo que isso aconteça, duvido que se darão ao luxo de uma guerra com vocês, tendo em vista que estamos falando de um membro que é um estorvo para todos. Para compensar seu risco, estou disposta a oferecer à sua construtora, a Walter Construction, o contrato de dezoito hotéis da cadeia Coroana, que pertence à GlobalTech e ao meu esposo.

Naquele momento, após todas as humilhações, ela sentiu o gosto do respeito recém-adquirido de Gino Bonini por ela. Ele se inclinou para frente: – Tem poder para fazer isso?

– Eu durmo com Bogdan. Ele me dá liberdades. A Coroana vai construir vinte e duas unidades na América do Sul, América Latina e América do Norte. Dezoito desses hotéis serão nos Estados Unidos e Canadá. São seus, é só assinar um contrato.

– Eu ganho os hotéis, eu ganho meus novos territórios e você pode assassinar Fabricio Gnocchi. É um trato curioso, Volkov.

– Sou uma mulher curiosa, Gino.

Ele riu. Olhou para trás, para Andrea, que assentiu com a cabeça.

– Isso não pode ser feito imediatamente. Sabe disso. Sabe que é uma cadeia de eventos, que uma coisa puxa a outra. Vou colocar esses eventos em movimento, Volkov.

Ela sorriu. – Eu tinha certeza de que iria, Gino.

Ray Cage encontrou a chance que queria com Marion Conicci numa tarde de maio, no pequeno bistrô onde ela costumava tomar café e ler, o Continental. Como sempre, Ray observou bem o território antes de entrar no lugar. Charlie muitas vezes seguia Marion desde que Tony lhe devolvera parte de sua liberdade. Naquela tarde, ele não estava por perto.

Cage entrou e quando uma *hostess* se aproximou disse que já estava sendo esperado. Caminhou até a parte de trás do estabelecimento, onde ela sentava, num canto perto da janela, lendo *As Cinzas de Ângela*. Ray sentou-se de frente para ela e Marion franziu a testa, abaixando o livro e o fitando como se ele fosse de outro mundo. – Olá, Sra. Conicci.

Parecia preocupada. – Quem é você?

Ele esperara por aquilo por meses. Mostrou o distintivo. – Ray Cage, FBI.

Naquele momento ela não conseguiu esconder seu espanto. Fechou o livro sem perceber, colocou-o de lado e fechou as mãos no colo. – Sim?

Ele pegou um pedaço de pão de uma cestinha e enfiou na boca. – Quero conhecer você desde que se casou com Tony, mas sai pouco de casa.

Com o corpo tenso e rígido, Marion o fitava.

Nossa, como era bonita. Ray passara tanto tempo nas montanhas que cercavam a casa de Tony, fazendo vigilância e tirando fotos, que Marion não lhe era estranha. No entanto, a beleza dela de perto era intoxicante. Tinha uma quedinha por ela desde que a vira transando com Tony na piscina, poucas semanas antes do casamento. Ray não se esqueceria daquilo: peitos incríveis, um orgasmo fingido da parte dela e umas dez punhetas que ele batera na semana seguinte. Guardou as fotos para si.

Ray sorriu para ela. – Perdeu peso, Marion.

– Me vigia, agente Cage?

– É a única parte do meu trabalho que gosto.

– Ficou louco. Charlie me segue às vezes, são ordens do Tony, eu iria embora se fosse você.

– Marion, sou um agente federal, não tenho medo de gângsteres.

– Deveria.

Ele sorriu. – Você acha natural que uma mulher tenha tanto medo do homem com quem divide a cama?

– Natural, não. Humano, sem dúvidas.

– Quando você casou com o *don*, eu fiz minha pesquisa. Conheço você tão bem que é como se essa não fosse nossa primeira conversa.

Ela cruzou os braços. – Duvido muito disso.

– Não duvide, Marion. Fui até Boston, sabia? Conversei com seus pais adotivos. Têm opiniões muito diferentes sobre você.

Marion moveu o corpo para trás, recostando-se contra o sofá, estudando Cage com uma mistura de curiosidade e medo.

Ele apontou para o copo de suco dela. – Posso?

Quando Marion não respondeu, ele pegou o copo e bebeu um gole. – Geralmente bebe expresso. Mas este tá bom também. O que é? Oxicoco?

– Toranja rosa.

– Hum. Então... deixe-me ver... – suspirou. – Aubrey. Rígida, fina, meio esnobe. Não tinha coisas boas a dizer. Segundo ela, você se aproveitou de tudo o que eles te deram para subir na vida e depois nunca mais os reconheceu como pais e nunca mais telefonou. Ficou revoltada quando soube que tinha se casado com Tony e não a convidou.

– Viu mesmo meus pais adotivos...

– Sim, eu não minto. David, com ele o papo foi outro. Sente saudades. Lamenta-se muito, diz que não soube agir com você, diz que deveria ter sido um pai melhor. Elogiou sua inteligência. Ficou preocupado quando falei de seu casamento. Pediu que, se eu falasse com você, era para você perdô-lo e telefonar.

Ele observou-a digerir as palavras. Parecia bem confusa, sentimental.

– E mesmo com toda a minha pesquisa você é difícil de decifrar, Marion. Perde-se nos livros porque sua vida é um tédio sem fim, num *loop*. Passa o dia na piscina, fuma mais de um maço por dia, passa quase uma semana comendo apenas salada e então pira e come doces escondida e gosta de assistir Hitchcock. Fora aquele gatinho vira-lata, você não tem amigos.

– Pandora não é vira-lata, é um Maine Coon, seu ignorante.

Ray levantou os braços. – Porra, Marion, desculpa. Sério mesmo, não queria que ficasse chateada comigo.

- Então pare de falar besteiras.
- Certo, vamos ao que interessa.

Ele abriu uma pasta branca e tirou algumas fotos, que deslizou na mesa para ela. – Tina Sanders. Foi amante do seu marido por um tempo e desapareceu três meses atrás. Ninguém faz ideia de onde esteja. Descobrimos que viajou para Nova Iorque com identidade falsa no mesmo dia em que Tony foi para lá. Sem corpo, no entanto, não temos um crime, não temos caso contra ele porque nem sequer fizeram *check-in* em hotel algum. Seu marido assassinou essa mulher porque descobriu que ela falou com a gente. Uma mulher que instalou num apartamento por meses, com quem teve intimidade.

Marion pareceu ficar menor, mas naquele momento ele perdeu o contato, a conexão. Foi como ver a alma recuar dentro dela e fechar uma porta. O rosto não dedurava mais suas angústias. Ela ficou impassível.

Um mecanismo de autodefesa que Ray vira em poucas pessoas até então.

Ele continuou. – Esse é um agente federal que se infiltrou na família. Um homem muito bom, amigo de todos no bureau, pai de um filho. Olha esse carro na foto. Ele foi queimado vivo pelo seu marido, Marion.

Ela olhou para as duas fotos, os olhos sempre parando na de Tina. Ele colocou outra sobre a mesa: – Emily Paskovitch, prostituta, assassinada por um membro da família ano passado. Note os sinais de tortura.

Ela virou o rosto, a imagem impressa em sua mente.

Estava funcionando. Ray foi deitando na mesa uma foto após a outra, rápido, narrando os assassinatos mais cruéis ligados ao crime organizado da família: – Fernando Rivera, Tyler Mara, Jonathan Wingress e Taymyn Crawford, assassinados pela família Conicci por traficar em áreas dela, Clifford Donadon, Jackson Dunn...

- Pare, cale a boca, por favor.
- Mas a lista é imensa, Marion.
- Não tenho nada a ver com isso.
- Ah, mas as joias, a bolsa de três mil dólares, os sapatos de dois mil, tudo isso, Marion, você usa às custas do sangue alheio.

Marion olhou para baixo. – Quer me perguntar algo, pergunte, mas pare com o jogo, agente Cage. Meu marido já era quem é antes de me conhecer.

– Olha para mim, Marion. Você acha que...

Ray parou de falar quando viu o pânico no rosto dela. Passou a mão na mesa, coletando as fotos e as jogando sem ordem na pasta. Olhou para o lado e viu Charlie, de pé, fitando-o.

Ray estendeu a mão: – Retorini, prazer, Ray Cage, agente federal.

Charlie não tirou as mãos dos bolsos. – Senti seu cheiro lá da rua, federal, mas pode ir embora agora, está ocupando o meu lugar.

Ray não se mexeu. Marion olhava de um para o outro com terror nos olhos. – Seus dias de rua estão contados, sabe disso, não sabe, Charlie? Já devem estar liberando espaço numa cela no ICN. Velhos amigos devem estar à espera.

Charlie sorriu. – Temos os melhores advogados, como vocês federais sabem. Faz quantos anos que não conseguem condenar um Conicci?

Ray finalmente levantou-se, colocando a pasta debaixo do braço. – Como os irlandeses te trataram na prisão, Charlie?

– Melhor do que tratei sua irmã no meu apartamento ontem à noite.

Ray pegou a mão de Marion, que estava confusa demais para se mexer, e deu um beijo nos nós dos dedos dela. Com um sorriso para Charlie, ele saiu do bistrô.

Ele soltou todo o peso do corpo na cadeira oposta à dela. Algumas pessoas olhavam em direção à mesa deles e cochichavam. Quando Charlie olhou para Marion, falou o que precisava ser dito antes que perdesse a coragem: – Não existe como eu não contar isso para Tony.

Ele arregalou os olhos. – Charlie... eu estava sentada aqui quieta, foi ele que apareceu, sentou e me disse que era do FBI, e eu não soube o que fazer.

Ele tirou o rolo de dinheiro que guardava no bolso interno do paletó e largou uma nota de cem dólares na mesa. – Vamos.

Marion estava no quarto do casal. Charlie esperava por Tony sozinho, no quintal, fumando um cigarro atrás do outro e revivendo em sua mente a conversa que tivera com ela no carro. Ela implorara para que ele não contasse a Tony, começou a chorar e ele berrara que não tinha escolha, que era a mulher do *don* conversando com um federal e não havia nenhuma maneira de esconder aquilo.

Os federais deviam estar desesperados para chegar àquele ponto. Charlie se aproximara demais deles no passado, com Viking e Francesca, e não podia se dar ao luxo de correr aquele risco de novo. Marion num restaurante com um federal era o suficiente para muita merda acontecer. Um Bonini poderia até se aproveitar daquilo e dar a entender para as outras famílias que os Conicci estavam dedurando a *Cosa Nostra*, usando uma civil para isso. Eles tiveram sorte que foi só um encontro, uma abordagem em público, e pelo relato de Marion havia durado pouco tempo.

Os motivos de preocupação eram abundantes, e mesmo assim Charlie só conseguia pensar que ela o odiaria depois daquela noite, que ele perderia seja lá o que havia entre eles, para sempre.

Tony se aproximou, num terno alinhado que o emagrecia. O rosto quadrado, cabelos negros penteados para trás, aquele andar pesado. Charlie respirou fundo e esperou que o chefe parasse a alguns centímetros.

– O que foi?

– Marion saiu para tomar um café, eu me atrasei ao segui-la porque não achava lugar para estacionar. Aliás, no nervosismo, deixei o Viper dela lá, alguém vai ter que ir buscar.

– Nervosismo?

– Sim, quando entrei no bistrô eu vi um cara conversando com ela. Eu achei que fosse algum engraçadinho passando uma cantada e estava prestes a fazê-lo cagar nas calças, mas aí eu vi as fotos na mesa. Cheguei perto, por trás dele, e percebi que era autoridade. Pensei que fosse um policial, mas era um federal, Tony, Ray Cage.

O rosto de Tony permaneceu calmo. Charlie pegou-se com medo de encará-lo. – O mandei a merda e ele foi embora. Não foi culpa dela. Ela só estava ali quando ele chegou e começou a intimidá-la. Ela não falou nada, e o que poderia falar, ela não se mete nos negócios... né?

Aquele “né?” foi uma súplica para que Tony não fizesse nada com ela.

– O que viu nas fotos?

– Pareciam ser fotos de cenas de crimes.

– Vá para casa, Charlie, descanse. E obrigado.

Tony passou por ele e entrou na casa.

O coração de Charlie cantou o bom e velho “thu-dum-thu-dum” num ritmo gelado, mórbido, como um réquiem. Esfregou as mãos, suadas, na calça. Se subisse, se tentasse impedir Tony de machucá-la, aquilo realmente poderia ser seu fim. Por outro lado, como dormiria, como poderia ir para casa sem saber o que ele seria capaz de fazer com Marion? *Putá que pariu, Charlie, vá embora. Apenas vá.*

Afastou-se da casa, caminhando no jardim, de costas, até conseguir, ao olhar para cima, ver a sacada da suite de Tony. As luzes estavam acesas, as portas de vidro da sacada abertas.

Ele começou a mastigar a pele em volta da unha, sem perceber.

Não demorou para ouvir o som dos berros de Tony.

Vá. Para. Casa.

Charlie respirou fundo.

Foda-se. Preciso fazer alguma coisa.

Entrou na mansão e atravessou, a passos apressados e entupido de adrenalina, a sala de estar, que era mais como um gigantesco hall que dava para outras salas menores. Subiu as escadas acarpetadas e desceu o corredor até a suite. A porta estava fechada. Ouviu os berros mais altos, alguns trechos inaudíveis, outros bem claros, como: “... soubessem que está falando com um federal, sua piranha!”

A voz dela era fraca quando tentava se explicar.

Então Charlie ouviu um grito dela.

Caralho.

Era histérico, de repente.

Não, não, nãooooo! Paraaaaa! Tony, paraaaaa!

O volume, o sopraníssimo do berro dela desconcertaram Charlie. Ele entrou no quarto, o coração pulsando na boca, e quase teve um ataque cardíaco quando viu o que estava acontecendo.

A expressão de Marion era de um terror absoluto, daquele que desconecta a pessoa da realidade. Os olhos arregalados, a boca soltando aqueles berros que arrancam a garganta e espatifam vidros e as mãos abertas próximas ao rosto.

Tony segurava algo que se contorcia e Charlie levou alguns instantes para perceber que era a gata, Pandora. O som que saía do gato, pendurado pelo rabo e se debatendo, era gutural, parecendo sair das profundezas do próprio inferno.

No caos do momento, nenhum dos dois percebeu Charlie ali, pelo menos não de forma consciente. Outra onda saiu da boca de Marion, o pior entre todos os sons que Charlie já ouvira na vida dele.

– Nãaaaaooooo! Nãooooo! Aaaaaaaah!

E Tony, com os dentes cerrados, berrava:

– É essa merda de bicho que você ama?

E, com um movimento rápido e cru, ele girou o tronco e o braço, batendo o bicho peludo contra a parede. O som foi abafado, baixo, orgânico. O berro de Marion vibrava no ouvido dele:

– Uáaaaaahhhh! Ahhhhhh!

Tony bateu com o gato de novo, e do animal ecoou uma paródia dos berros da dona, um “ooooowlllll” baixo e grotesco.

Ele jogou a bola de pelos no chão e o grito estridente de Marion morreu, como se tivesse sido arrancada da tomada. Mas estava pirando, os braços abraçando o próprio corpo, os olhos no bichinho, que não se mexia.

Charlie percebeu que havia estendido uma mão, como se tentasse parar aquilo, mas os pés estavam plantados no chão. Tony olhava para Marion com uma intensidade que não lhe permitiu dirigir-se a Charlie.

– Ela está respirando, Marion. Está agonizando. É só pedir que eu acabo com isso.

Charlie viu um tipo de prazer nos olhos de Tony que não vira antes, não importasse quantos criminosos já conheceria. O homem parecia ter crescido, ofegava, e o medo que via nos olhos dela era incandescente. No rosto dele, um sorriso.

Marion parecia ter congelado naquela posição, de pé, vestindo um robe de um tecido fluido, amarrado na cintura e descalça. Os olhos arregalados fitavam o animal de estimação. Ela dava a impressão de que enlouqueceria, de que seria uma daquelas pessoas que ficam com os cabelos brancos de um dia para o outro, param de falar e vivem dentro de conchas imaginárias.

– Peça.

O animal soltou outro “owwwllrrr”. As mãos de Marion tremiam.

Tony não esperou. Levantou a perna direita e desceu, com tudo, o pé na cabeça pequena e triangular do animal, esmagando seu crânio.

Marion abafou o grito com as mãos dessa vez e foi abaixando o corpo até estar sentada na cama. Fechou os olhos. Começou a soluçar.

Charlie falou, porque achou que seria capaz de acompanhar Marion para algum manicômio sobrenatural a qualquer momento se não falasse.

– Tony...

Então o chefe olhou para ele. – Sim, Charlie?

– Ovi... tá tudo bem?

Tony olhou para Marion. O desdém por ela nos olhos dele era incontestável. – Está tudo ótimo, Charlie. Traga uma pá e um saco de plástico. Marion vai enterrar o bicho dela no quintal.

Marion só chorava, cobrindo o rosto com as mãos.

– Eu enterro, Tony, ela não tá legal. – A voz dele saiu embargada.

Então Tony fixou os olhos nele. – Feche a porta, Charlie.

O que é isso? Ele caminhou até a porta, sentindo que os joelhos iriam ceder, e a trancou. Voltou para a mesma cena, encarando seus detalhes macabros de novo: Marion aos prantos, Tony calmo e uma bola de pelos pretos, amarelos e brancos imóvel no chão.

Tony sentou na poltrona robusta do quarto. Cruzou as pernas, apoiou as duas mãos nos encostos e respirou fundo, olhando a esposa. – O que você faz quando compra mercadoria estragada que não pode devolver, Charlie?

Ele sentiu um pingo de suor descer suas costas. – Chefe... você teve um dia ruim, os putos dos federais estão mexendo com sua cabeça. Não deixe os desgraçados vencerem, plantando discórdia no seu lar, entende?

Tony não se mexeu. Olhava para ela de um jeito que deixava Charlie tonto de medo. – Vamos botar essa sua lealdade à prova hoje, o que acha?

Charlie engoliu a seco ao perceber que Tony estava se dirigindo a ele.

Tony arrastou os olhos até ele e sorriu. – Um acordo entre homens. Uma prova de que você é mais do que essas belas e estratégicas palavras que acabou de pronunciar. Lealdade, Charlie.

Marion tirou as mãos do rosto. Tinha as mãos no peito, como se tentando tocar o próprio coração. Tony se levantou e caminhou até Charlie.

Olhando em seus olhos, falou com clareza, com convicção. – Preciso de um filho. Você é mais jovem. Quero que engravide-a.

Marion levantou da cama e deu dois passos para trás.

– Enlouqueceu? – ela choramingou. – Está ficando louco?

Ele a ignorou. – Ninguém precisa saber. Não vão acusar você de traição. Entenda que não estou te dando permissão. Estou mandando fazer isso. O fim

terá que justificar os meios, garoto, porque, não tenha dúvidas, uma guerra está batendo à porta, e o resultado dela depende da minha imagem.

Charlie procurou as palavras na sua mente e não encontrou nenhuma, como se o cérebro houvesse apagado toda a linguagem adquirida em sua vida. Tudo era vazio, ele não conseguia nem reagir com gestos. *O homem enlouqueceu*, finalmente um pensamento foi formado. *Ele não liga, ele não sente nada por ela, ela é como um animal para ele*. Forçou-se a falar: – É a sua esposa. Não posso...

Ele olhou para Marion. Se ele tivera dúvidas de que morreria para ela, não tinha mais. A gata jazia ao pé da cama como testemunha silenciosa, sua presença incômoda. Algo acendera nos olhos de Marion. Ela os observava com cautela.

– Pense bem, Charlie, antes de se posicionar – Tony recomendou.

Ele estendeu as duas mãos. – O que você está pedindo é loucura.

– Não, é simples. – Ele foi até Marion e a agarrou pelos cabelos.

Ela se encolheu de dor e Charlie puxou ar para se acalmar diante da demonstração de crueldade de Tony. Ele a empurrou até que estivessem a poucos centímetros de Charlie, ela na frente, retraída, o rosto vermelho e todo molhado do choro. Tony continuou: – Em cinco minutos você faz isso. Resolve um problema que não é só meu, filho, é de todos nós. Nunca vou te culpar por isso.

Ela olhava para baixo.

– Não consigo, Tony, não posso.

– Por que, Charlie?

Charlie balançou a cabeça. *Meu Deus, isso não está acontecendo*.

Tony falou mais alto: – Que porra de incentivo é esse que você precisa para comer uma mulher assim, Charlie? Não te entendo!

Saiu antes que ele pudesse pensar: – Puta merda, Tony, é sua esposa! É uma pessoa! Como vou fazer isso?

Os ombros de Tony pareceram descer, de decepção, enquanto ele suspirou. Em três gestos impacientes ele puxou a fita amarrada em volta da cintura dela, e, enquanto ela tentava impedi-lo, puxou o robe, revelando a nudez de Marion sem uma centelha de pudor ou hesitação. Ela tentou virar-se num movimento débil, mas Tony a empurrou contra Charlie, com força.

A reação dele foi imediata. Amparou o corpo dela com um passo para frente e as mãos em seus ombros. Então um golpe, forte, e a sensação de que seu rosto estava pegando fogo. Quando se deu conta de que ela havia arranhado Charlie, Tony virou um murro na bochecha dela e Marion caiu na cama.

A mão no rosto não aliviou a dor e muito menos o choque de Charlie. Marion estava imóvel, de costas, a bunda perfeita totalmente inapropriada para o contexto, os cabelos espalhados em volta dela. Tony chupava os nós dos dedos. Murmurou: – Desgraçada.

Então Tony suspirou. Olhou para Charlie. – Anda logo.

– Ela desmaiou.

– Que bom, assim vai parar de lutar. Não vai se lembrar.

– Tony. – Ele fechou os olhos. *Você vai morrer, Charlie.* – Sua esposa está desmaiada. Não vou fazer isso. Não faria isso nem que você apontasse uma arma para minha cabeça. – *Se você morrer, ela é a próxima. Ganhe-o. Você sabe que consegue.* – Sei que está no limite. Sei que quer nos proteger. Mas deve haver outra forma, que não essa. Vamos sair, eu e você. Vamos tomar um martini juntos. Só peço isso. Que pense no que quer que eu faça, no que está prestes a fazer com ela. Você sempre me ensinou a pensar antes de tomar uma decisão. Isso tudo, esta noite... esse gato, Tony, ela... isso foi impensado. Você não é assim.

Queria fugir da realidade daquela merda daquele quarto. Enterrar aquele gato, cobrir o corpo de Marion, tomar um banho e beber oito litros de tequila para apagar o que vira. Olhou nos olhos de Tony e esperou.

Depois de um minuto interminável de silêncio, Tony fixou os olhos no rosto dele: – Cuide disso, garoto. Vai deixar uma cicatriz.

Ele saiu do quarto, a passos lentos, e Charlie só conseguiu respirar quando ouviu a porta sendo destrancada, aberta e depois fechada.

O ar parecia quente e estagnado. O corpo de Marion largado na cama parecia berrar. Ele a cobriu, rápido, e correu para o banheiro. No espelho, viu que a força e estupidez que ela concentrara no golpe haviam surtido efeito. Para se defender, mesmo sabendo que contra os dois ela não teria chances, Marion realmente rasgara sua pele com três marcas. Duas fortes, que sangravam, outra apenas um arranhão. Ele girou a torneira e jogou água no rosto, sentindo-o arder. Secou com batidas e apertões da toalha e voltou para o quarto. Por mais que quisesse sair correndo, não queria que Marion acordasse e ainda tivesse que lidar com aquele gato ali.

Charlie viu a noite virar dia, fumando nos degraus que levavam do jardim à sala de jantar. Sempre mexia com ele, a forma como a luz chegava, tão implacável, tão cheia dos sons de pássaros, de um despertar de espíritos no ar. Estava um lixo, cansado, com sono, sujo e suado. Limpou a bagunça do quarto, arrumou o corpo dela na cama para que conseguisse dormir direito, colocou o bichinho num saco de lixo e dentro do carro. Enterrou-o no deserto, próximo do bairro residencial onde Tony morava. Voltou para aquela casa porque agora não sabia mais o que aconteceria. Não sabia como Tony iria reagir com ele, nem com ela.

Ele só sabia que a noite anterior mudara tudo.

Sabia que os gritos de Marion haviam sido ouvidos por todos os criados, mas que não ousariam se pronunciar ou perguntar a respeito. Sabia que alguns deles, os que não dormiam e faziam a ronda de segurança, haviam visto as

marcas que ela deixara em seu rosto. Charlie não se importava. Na verdade, começara a sentir carinho por elas.

Ela finalmente revidara.

Não sabia se Marion se recuperaria daquilo, de ter sido oferecida pelo marido a outro homem, contra sua vontade. Fora mais do que o corpo e a dignidade dela: Tony oferecera o útero da esposa para que outro o fertilizasse, apenas para afirmar-se como homem perante os outros. Quanto mais Charlie pensava naquilo, mais fundo sentia uma pontada de nojo no estômago. Mais longe sentia-se de Tony.

E, mesmo naquele instante de revolta silenciosa e mortal, parte dele ainda se preocupava, ainda queria que o pai voltasse para casa, ileso e bem. Um Charlie menino dentro dele confessou: *Só quero que tudo fique bem de novo*. E ele odiou saber que por dentro era um fraco. Que ser brigão, que ser corajoso, que saber dar porrada em gente do mal e adorar ganhar dinheiro por isso era filha da putagem, claro, mas não era a mesma coisa do que ter o sangue frio para cometer patricídio.

Ouviu um som atrás de si e virou-se rápido, levantando.

Marion havia acordado. Estava usando jeans e um moletom. Os cabelos ainda pingavam água de um banho recente. A marca roxa na maçã do rosto era maior do que o esperado. Parecia, na luz deficiente da manhã, sem maquiagem e sem sorriso, um espectro de si mesma.

Não olhou para ele. Olhou a mesa e ele viu que viera atrás de comida, e, percebendo que ainda eram cinco e meia da manhã, viu que o café não fora posto.

Ele precisava que ela soubesse. Umedeceu os lábios secos, sentindo o gosto horrível de cigarro na boca. – Não toquei em você, Marion.

Ela não respondeu. Aflita de fome, e provavelmente sem energia para ir até a cozinha, ela deu um passo para frente e pegou a caixa de cigarros dele. Tirou um, colocou entre os lábios e acendeu. Deu quatro passos para trás, os braços cruzados. Daquele jeito, parecia ter mergulhado nas sombras da sala. A voz saiu rouca: – Onde ele está?

– Saiu ontem, depois do... do soco. Você desmaiou. Ele foi embora e ainda não voltou. Como você está?

– E... Pandora?

Na última sílaba a voz denunciou o choro. Ele não conseguia vê-la tão bem na pouca luz.

– Eu a enterrei. Achei melhor.

Ouviu-a fungando.

– Escuta, Marion, se eu pudesse desfazer a noite de ontem... sabe que eu faria isso. Não consigo imaginar como está se sentindo hoje. Só... mesmo que me

odeie, só saiba que eu não toquei em você. Quer dizer... eu mexi em você, para que pudesse dormir, mas eu não... eu nunca tocaria em você daquela forma.

– Meu herói.

Ele olhou para baixo. É, estava feito. Desfeito. Tudo entre eles rompera como carne na boca de um predador. Sabia que não fizera nada de errado. Mas entendia Marion, porque ele testemunhara o momento mais degradante da vida dela. Seria compreensível que ela o afastasse.

Ela sumiu da mesma forma que entrara, nas sombras, e ele precisou de outro cigarro quando ela se foi, apenas para fazer algo que o mantivesse calmo.

Charlie acordou com o telefone.

Bebera tanto na noite anterior que precisou de alguns minutos para se situar, mesmo quando já estava colocando o receptor contra a orelha.

– Charlie.

Era Tony. Ele sentiu o coração disparar. Pensou até que ouviria um “adeus” e o som de homens como Vinnie, Mickey e Frey entrando no seu apartamento para matá-lo. Em vez disso, Tony disse:

– Estou numa suíte no Bellagio. Me encontre aqui. Já.

E desligou.

Ai, porra.

Ele havia esperado por Tony até não aguentar mais de sono, então viera para o apartamento e bebera duas garrafas de vinho e quatro doses de uísque. Era o único viciado que conhecia que não largara a bebida. Para ele, uma coisa não tinha nada a ver com outra. Os cigarros, o café e o álcool ocasional o mantinham são. Bebera até cair no sono e agora um olhar no relógio lhe indicou que eram sete da manhã. Um dia inteiro se passara.

Tomou um banho, vestiu-se como de habitual e foi até o Bellagio.

No hall, já haviam começado a decorar o hotel para o Natal. Na recepção, ouvia-se “Jingle Bell Rock” baixinho. Tony havia deixado avisado que ele viria e ele foi instruído a subir para a *Chairman’s Suite*, um quarto de cinco metros quadrados e meio e quatro banheiros.

Tony abriu, de roupão. Nada de bebida na mão. Gesticulou para Charlie entrar e caminhou para a sala. – Sei que te acordei. Não tomou café?

– Não, eu não... não voltei pra mansão, não sabia se queria que eu fosse para lá ou não. – Tentou falar aquilo como um empregado e não como um moleque magoado.

– Sirva-se, se quiser.

Charlie notou, ao dar mais alguns passos para dentro da sala, que Tony pedira um café da manhã de realce pelo serviço de quarto e que este ainda fumegava sobre um carrinho de metal. A outra coisa que percebeu foi duas mulheres adormecidas na cama *king size* dentro do quarto adjacente.

Fingiu que não notou. Perguntou-se o que acontecera com Tina, que ele nunca mais vira.

Tony serviu-se de café preto e se sentou, deixando à mostra uma perna branca, com panturrilha forte e pelos pretos.

Charlie ansiava pela comida, mas não achou que estavam tão à vontade assim e se sentou numa poltrona estofada de frente para Tony.

Ele começou, calmo, sem rodeios. – Errei com você ontem. Não tinha percebido o óbvio, que você gosta de Marion.

– Eu nunca toquei em Marion.

– Sim, sei disso. Isso ficou claro. E, mesmo se não tivesse, sei que você é um cara leal, Charlie, sei que não faria algo tão absurdo, e, aliás, condenável por morte, dentro da nossa tradição.

Ele engoliu em seco.

– Mas demorei para perceber que passa tempo demais na minha casa e na companhia dela, e ela sabe ser bem sedutora quando quer. Entendo que tenha desenvolvido algum sentimento de amizade e de proteção em relação a ela. É isso?

– Sim, senhor, é isso.

– Até porque não vale a pena morrer por Marion, Charlie.

Ele não respondeu.

– Saí de mim ontem, com essa história do federal, e fui injusto ao colocar você numa posição em que seria forçado a quebrar seu juramento. E por isso peço desculpas.

– Tudo bem. Eu aceito isso.

Por dentro, ele estava berrando. Permaneceu calmo. Tony pedindo desculpas pareceu bizarro demais.

– Vou passar alguns dias aqui, para o bem estar da minha esposa e porque preciso ficar longe da minha rotina para tomar algumas decisões em relação aos Bonini, e à família.

– O que quer que eu faça? Onde fico?

– Por enquanto fique na casa, onde sempre esteve. Mas quero que passe aqui todas as noites, para eu te manter informado. E saia mais cedo da casa para dar um pulo no Bayside e ver como andam as coisas por lá, antes de ir ao seu apartamento. É claro que, depois dessa história toda, não posso mais deixar Marion sair de casa. Vão perguntar onde estou. Só você e Mickey estão sabendo, e mantenha assim, *capice*?

Ele assentiu.

Tony esperou, parecia estar pensando, depois disse: – Sei que é jovem e sei que tem colhões demais, para o próprio bem, então vou falar isso porque quero que confie em mim: não vale a pena. Você chegou longe, muito mais longe do que qualquer um na sua idade. Você é importante. Um dia vai sentar na cadeira.

Não estrague isso por causa de uma mulher. No final, Charlie, você acaba entendendo que não vai ser diferente com ela do que foi com as outras. No final, uma trepada é só uma trepada e nenhuma mulher oferece nenhuma paz, nenhuma redenção, nenhuma sensação que só pode ser atingida entre as coxas dela. Não há absolvição numa boceta, assim como não há no confessionário. Tudo é ilusão e manipulação, entende isso?

Ele assentiu. – Completamente, senhor.

– Então vá, Charlie.

Ele levantou-se. – Ela não está bem. Acho que deveria fazer algo para que fique melhor, Tony. Tenho medo que faça algo idiota, entende?

– Já estou fazendo algo para que fique melhor, Charlie. Estou ficando longe dela.

– Oi, mãe.

– Oi, *boyo*.

Ele sorriu, triste. Queria abraçá-la. – Então, tô ligando por causa do Natal. Queria poder te ver. Sei que é uma data sagrada pra você e tal... mas não vou poder.

– Não tem problema. Fiz planos de participar do sopão aqui da paróquia, serão mais de cento e quinze litros de sopa este ano.

– Precisa de algo? Aceita dinheiro do crime?

– Aceitamos caridade que nasce de vaidade, de consciência pesada e com finalidades políticas, *boyo*. Por que não aceitar dinheiro do crime?

Ele sorriu. A mesma Loreen de sempre. – Tá, vou mandar uma grana para a sua igreja. Tudo bem? Me fale de você, como está? Como tá sua pressão?

– Então... ahm... minha pressão tá bem, Charlie.

– Por que vacilou?

– Não, é que... bem, não sei bem como falar isso para você. Conheci um homem.

Charlie franziu a testa.

– Ele frequenta a igreja, já faz alguns meses que andamos passando mais tempo juntos. Jantar, cinema, essas coisas. Ele é... bem legal, uma pessoa muito boa, tem três filhos muito legais também.

– Por essa eu não esperava.

– Eu sei. Eu também não.

– Estou com ciúmes – ele sorriu, os olhos em lágrimas.

Ela riu. – Eu sei... talvez, um dia, sabe, você possa conhecê-lo. Seu nome é George. É um pouco mais velho, tem sessenta e três. Ele joga xadrez, é aposentado, mas era urologista. Não faça piadas.

– Não... claro que não. Qual é o signo dele?

– Desde quando...

– É... coisa boba. Mas qual é?

– Hã... o aniversário é quinze de maio.

– Tá, eu pergunto pro Vinnie. Mãe... se cuida, tá?

– Sempre me cuidei. E você? Soa tão... triste, *boy*.

Ele esfregou o rosto. – Sei lá... as coisas andam complicadas.

– O fim do ano traz reflexão, bate essa tristeza. É normal. O maior presente que Deus nos deu foi o de livre arbítrio, *boy*, lembre-se sempre disso. Você pode mudar a realidade se ela não for boa o bastante para você. Faça alguma coisa. Esqueça toda aquela babaquice que te falei sobre destino, George me mostrou isso. Livre arbítrio.

Ele balançou a cabeça. – Tá. Escuta, preciso ir. Liguei para dizer que estou encontrando uma forma de te ver de novo. E que amo você.

– Também te amo. Não esqueça suas raízes, Charlie.

Ele desligou. Tinha uma noite filha da puta pela frente. Dia 16 de dezembro. Aniversário de Marion. Sagitário com lua em escorpião.

O aviso de Tony, dois dias antes, de que Marion receberia alguns amigos num pequeno restaurante para comemorar seu aniversário, surpreendeu tanto a Charlie que ele achou ser uma piada de mau gosto. Marion passara o mês inteiro, desde a noite da morte de Pandora, quieta, usando calças de moletom e meias, olhando pela janela com a expressão vazia. Ele já não conseguia mais imaginá-la num evento social, agindo como uma mulher normal.

Sentindo um calor gostoso no peito ao pensar na declaração tímida de Loreen acerca do novo namorado, Charlie obedeceu o roteiro programado para a noite: encontrar Tony na suíte, depois vigiar Marion na festa de aniversário. Ele não estava com vontade de fazer nenhum dos dois.

Ficou surpreso ao ver Mickey, Frey, Vinnie, Donnie, Frank e Sr. Pete na suíte do hotel, assim como dois primos de Tony que eram herdeiros de Vittorio Conicci, numa espécie de festa. Havia música – Toni Bennet –, cartas numa mesa redonda, uma mulher seminua servindo bebidas e os homens riam, falavam alto e contavam histórias. Alguns tinham prostitutas no colo, que alisavam o rosto deles e riam das piadas que nem estavam ouvindo. Ele tomou fôlego e entrou, ouvindo cumprimentos animados deles. Reconheceu-os com sorrisos forçados e foi diretamente até Tony.

O chefe estava de bom humor. Charuto na mão, rindo com os colegas, parecia uma caricatura deliberada do protótipo de mafioso. E Charlie sabia que

não era aquilo que realmente era. O verdadeiro Antonio Conicci era aquele que ia sozinho para os bares, que andava sem seguranças nas ruas mais escuras de Vegas, esperando que alguém tentasse assaltá-lo para ter motivos para arreventar ossos faciais. Charlie perguntou-se por que demorara tantos anos para sacá-lo.

Ele deu um sorriso largo quando viu Charlie.

– Vai ficar de olho na esposa para mim?

– Sem problemas.

– Ela disse que seria importante para ela rever alguns amigos. Não vejo problema dela ter uma festa de aniversário, mas são muitas variáveis, entende? Além de ser um local de fácil acesso, não confio por um segundo de que um Bonini não tentaria me assustar usando Marion. Então leve uns dois soldados de sua escolha, mantenha um na porta e um do lado de fora. Fique próximo da mesa dela, e, se precisar de algo, telefone para Vinnie. Ele está se divertindo, mas está ciente.

– Sem problemas. Quem são os convidados dela?

– Um quatro amigas e um ex-chefe viado.

– Tudo certo.

– Se ela for ao banheiro, eu quero você junto.

– Não posso ir ao banheiro com ela, Tony.

– Pode ficar do lado de fora, não precisa necessariamente vê-la mijar.

– Ok

– Estou me divertindo. Não quero problemas hoje.

– *Capisco*, chefe.

– Você só tem que estar lá daqui a uma hora, e quero que relaxe e se divirta um pouco antes. – Ele estalou os dedos para uma mulher, que sorriu e se aproximou de Charlie. Da mesma configuração básica de Marion: olhos verdes, loira natural, magra e bronzada, peitos e coxas de primeira. Mas não era ela. Não tinha seu sorriso, sua beleza ou seu charme. Foi difícil ignorar o que via, afinal, ela usava um vestido minúsculo de um azul-turquesa gritante e saltos rosas que a deixavam tão alta quanto ele.

Ela colocou uma mão no ombro dele. Cheirava a chiclete de menta. – Oi, Charlie. Vamos conversar longe daqui?

Ele franziu a testa e antes que pudesse responder, Tony falou:

– Vá, Charlie, é um presente meu. Insisto.

Ele entendeu o “insisto”. Os outros homens olhavam. Ela o pegou pela mão e o levou até um dos dormitórios da suíte. Fechou a porta e começou a tirar o paletó dele. – Tony conversou comigo sobre você – falou numa voz baixa, cheia de açúcar, em tom de confissão. – Disse que é um excelente soldado, mas que anda tenso e ele se preocupa. Diz que é solitário. Imagino que possa ter a mulher que quiser, então, se é solitário, deve ser por algum motivo, não é?

Estar naquele quarto decorado em tons de vinho, coral e rosa, ouvindo aquelas palavras, desconectou Charlie da realidade lá fora. Sim, fazia muito tempo desde que estivera com uma mulher, e, sim, fora escolha própria. Aquela ali, naquele momento, mexeu com os hormônios dele. Ao mesmo tempo parecia uma barreira que ele teria que ultrapassar para chegar ao troféu da noite.

Ele não respondeu ao comentário dela por realmente não saber o que falar. Querendo que acabasse logo, ele colocou-a de barriga contra a parede e pegou o preservativo amarelado que ela tinha entre os dedos.

Enquanto fazia aquilo, ouviu-a falar: – Pode colocar onde quiser, querido.

O restaurante da escolha de Marion foi um indiano de iluminação baixa e vários budas espalhados por toda a parte. Charlie chamara Freddy Rizzo e Junior Castillo, homens que ele gostava, para ficarem de guarda. Ele ficou no salão, encostado na parede próxima à mesa de Marion, observando-os.

Realmente, era um grupo inofensivo. Entre as amigas estavam a madrinha de casamento dela, uma gorducha que Marion parecia amar e uma coroa de *look* gótico que dizia algumas coisas que faziam todos dar risadas. O ex-chefe gay não compareceu, mas mandou flores e um bilhete que fez Marion chorar.

O comportamento dela naquela noite era difícil de entender. Não parecia a mulher que rondava a casa como um fantasma. Marion não estava fingindo. Parecia estar amando a companhia deles, e, embora falasse muito pouco, inclinava a cabeça na mão e os observava com um sorriso genuíno e interesse quando falavam. Volta e meia começavam a perguntar dela, de sua rotina e do motivo pelo qual o marido não apareceu. Ela dava respostas superficiais e encontrava maneiras de desviar o foco, perguntando coisas específicas deles, como: “O rapaz magrinho da contabilidade ainda passa meia hora no banheiro depois do almoço?” ou “E sua prima, como está o bebê dela? Nasceu bem? É menino ou menina?”, e coisas do tipo. Funcionava. É, Marion aprendera bastante com o marido.

Quando ela levantou-se, ele foi atrás.

– Pode ficar aí, só vou ao banheiro.

– Marion, não dificulte, são ordens dele.

Ela só fez uma cara de irritação e caminhou até a porta com o rosto de Indira Gandhi. Ele entrou com ela e viu que não havia mais nenhuma mulher no banheiro. Apoiou a bunda na bancada da pia e cruzou os braços.

Marion olhou em volta. – Sei que vai cumprir ordens, mas por onde eu fugiria, exatamente?

De fato não havia por onde escapar. – Você sabe que não é medo que fuja, Marion. Ele sabe que você não fugiria. Sabe que isso é só para te humilhar.

– Sei, sim, Charlie, eu recebo essa humilhação por cinco noites seguidas durante o meu período fértil, depois sou ignorada.

Com isso, ela entrou num box do banheiro e fechou a porta. É, o objetivo era humilhação e ele havia se tornado, recentemente, a ferramenta para aquilo. Pensou agora na prostituta, sentindo-se sujo por ter transado com ela, sem ao menos saber por quê. Ouviu o chiado leve vindo do banheiro e mais uma vez questionou as atitudes de Marion naquela noite. Teve uma sensação de desconforto. Ignorou-a.

No carro, o Impala sem graça que amava, Charlie esfregou as mãos. Era inverno, mas Vegas não costumava ser tão fria quanto estava naquele ano. Desligou o rádio, interrompendo “Somewhere Beyond the Sea”, na versão de Bobby Darin. Olhou para os outros carros na garagem e sentiu-se abençoadamente pobre perto de Tony. Saiu e enfiou as mãos no bolso. Encontrou um palito e o enfiou entre os dentes. Tinha a noite de folga e sabia que Tony fora ao jantar de Natal da viúva de Vittorio Conicci, Margeretta, e não levava Marion. Dissera, ao telefone:

– Não vai conseguir esconder sua depressão e não quero dor de cabeça. Melhor deixá-la em casa do que desagradar aos velhos.

Charlie não era tolo. Pedira permissão: – Vou dar um pulo lá para checar as coisas, o que acha?

Podia ter jurado que Tony sorria ao dizer: – Claro, garoto.

Então ele fizera uma grande idiotice. Comprara um presente de Natal para ela. Sabia que Marion tinha gostos variados, gostava de ler Isabel Allende, Hemingway e até os romances *soft porn* com cavaleiros medievais, índios e rancheiros nas capas, sempre segurando uma mulher nos braços, os cabelos delas rebeldes ao vento e o decote aberto. Partia de um para o outro, com um cigarro na mão, sem se importar com quem estivesse tentando decifrar suas preferências literárias. Mas com filmes Marion era das antigas. Concentrava-se nos filmes em preto e branco, nos dramas de tribunal, nos de Marilyn e nos de Bogart. Ele comprou uma caixa bonita de colecionadores com todos os filmes dirigidos por Hitchcock. Sabia que ela iria gostar, mas não sabia se demonstraria ou não.

Mandando à merda a voz dentro de si que dizia *parece um moleque bundão, apaixonado pela líder de torcida da escola*, Charlie pegou o pacote e caminhou, assobiando o resto da música, até a mansão.

Ao entrar, notou a árvore de Natal de três metros de altura que Rosa deveria ter montado. Piscava num canto, quieta, e embaixo dela presentes que Charlie sabia serem de dezenas de mafiosos de Vegas, Nova Iorque, Filadélfia e Nova Jersey. Sentiu falta de Pandora correndo nas pontas macias das patas, o sininho no pescoço fazendo uma musiquinha chata e se enroscando nos pés dele, como passara a fazer nos últimos meses de vida. Ele sempre ignorara aquele gato. Arrependeu-se daquilo, agora.

– Marion? – chamou.

Rosa parou no limiar. – Senhor Charlie, a Senhora Conicci está tomando banho. Já faz bastante tempo que foi. Se for para entregar um presente, melhor colocar na árvore.

– Feliz Natal, Rosa.

– Feliz Natal, Senhor Charlie.

– Trouxe um para você, também. – Ele tirou o envelope do bolso. Não sabia o que alguém como Rosa ia querer de Natal, mas aprendera nos últimos anos que presente de mafioso é dinheiro, então lhe deu um envelope com dois mil.

Ela não abriu e ficou olhando para aquilo, quase com medo.

Ele apontou para o envelope. – Não precisa abrir agora, é só... um presente.

Rosa não parecia entender o motivo daquilo, mas assentiu. – Precisa de alguma coisa, Senhor Charlie?

– Não, vou subir, vou falar com a Senhora Conicci, depois já estou saindo, tudo bem?

Ela novamente assentiu, virou as costas e se retirou.

Charlie subiu as escadas e começou a planejar o que iria fazer. Seria melhor bater na porta, avisá-la que só estava passando para desejar um feliz Natal e deixar o presente na cama. Definitivamente a melhor estratégia.

Entrou no quarto e viu a porta do banheiro fechada.

Colocou o pacote com embrulho preto na cama. Ficou olhando para ele por um tempo, pensando se Tony ficaria nervoso se ele e Marion tomassem um chocolate quente, debaixo dos cobertores, assistindo *Intriga Internacional*. Pensou que não haveria nada melhor no mundo inteiro do que fazer aquilo com ela.

Foi até a porta do banheiro. Bateu. – Boa noite, Marion, só vim... deixar seu presente, tudo bem? Precisa de algo?

Silêncio.

Ela te odeia. Você é um bosta.

– Pode me mandar embora, Marion, entendo... só queria saber se está bem. Só me dá um “vá se foder” e eu vou embora.

Silêncio.

Abriu a porta.

– Estou entrando, tá?

Falou com cautela para que ela pudesse estar preparada.

Quando não ouviu resposta, Charlie olhou para dentro. Então o contraste gritante do vermelho contra o branco que ditava o visual do banheiro o fez arregalar os olhos, em pavor.

Disparou em direção à banheira. Se não fosse pelo suporte de cabeça antiderrapante, ela provavelmente teria deslizado para baixo na água e afogado-

se. A cabeça pendia para o lado num ângulo agressivo, antinatural. A água estava rosada de sangue e ele viu que ela fizera cortes em ambos os pulsos, horizontalmente.

Cortou errado, calma, ainda há tempo.

Balançou a cabeça dela, mas estava completamente apagada. As pontas dos cabelos formavam tufos rosados, e sangue pingava no piso de mármore.

Putá merda, meu Deus, meu Deus! Ele deu tapas no rosto dela. – Acorda, Marion, porra, acorda!

Correu para o quarto e discou o 911.

– Você ligou para o 911, qual é a sua emergência?

– Mandem uma ambulância aqui, agora, porra, *agora!*

– Estamos rastreando sua ligação e um carro já está a caminho, senhor, qual é a emergência?

– Ela cortou os pulsos, acho que foi há pouco tempo, puta que pariu, ela não pode morrer, o que eu faço?

– Consegue amarrar um pano nos pulsos dela, senhor?

– Tá.

– Coloque bastante pressão e aperte também a parte onde o braço dela dobra, para impedir que...

Ele sabia que ouviria outras instruções, mas largou o telefone e correu para o banheiro. Pegou duas toalhas brancas e felpudas e amarrou a primeira com bastante força em volta do pulso dela. Fez o mesmo com a outra. Ajoelhado, sentindo a roupa molhar com sangue e água, ouvindo o próprio pulso como um tambor em seu ouvido, ele apertou as dobras dos dois braços, com os dedões. Fechou os olhos. *Caralho, chega logo, chega logo, chega logo.*

Perdeu-se no rosto imóvel de Marion. Ele fora tão idiota que não vira os sinais. Agora entendia a forma dela de agir na própria festa de aniversário. Ouvia os amigos, sorrindo para eles, sem interrompê-los. Estava se despedindo. Ela havia planejado aquilo.

Ouviu sirenes e correu até a varanda da suíte. – Giulio! Deixa entrar!

O segurança que caminhava tranquilamente pelo jardim olhou para cima, alarmado. Viu que Charlie gesticulava e correu, sumindo em direção à entrada.

Quando os paramédicos entraram, tiraram Charlie de perto dela. Checaram a respiração e o pulso, e começaram a levantar o corpo da banheira. Charlie saiu de perto, sabendo que precisava avisar Tony, e não sabia o que diria.

Charlie com sangue nas mãos

No apartamento escuro, Charlie descansou a cabeça e deixou a mente percorrer os últimos quatorze anos, no seu próprio ritmo, escolhendo as lembranças mais fortes, tentando costurar seus melhores e piores momentos com um fio de coerência. Fora longe demais. Tudo chegara a um ponto no qual apenas um resultado seria o certo, o justo, o digno: precisava matar Tony. Precisava libertá-la, dar um fim àquilo tudo. Todos haviam saído do controle, todos eles haviam decidido flertar com o caos, e o resultado desastroso era aquele. Mais cedo ou mais tarde Marion seria levada para casa. E Charlie não queria lidar com o que aconteceria a ela então.

O telefone tocou.

Ele atendeu, sentindo que o aparelho pesava uma tonelada, e o colocou contra a orelha, esperando ouvir notícias de Marion. Reconheceu a voz de Vinnie, angustiada.

– Uma coisa do caralho, garoto, melhor você vir para cá agora.

Ele suspirou. – Acabei de chegar daí, Vinnie. Fui eu quem a encontrou. Ela foi costurada. Está no...

– Preste atenção, porra, Charlie! Não estou falando dessa merda que a Marion fez para chamar atenção, estou falando de nós!

– O quê?

– Um tiroteio, *cazzo*, na frente do Bayside, pelo amor de Deus, moleque, o lugar está infestado de policiais e federais, isso tudo vai feder, e muito!

Por um momento, o cansaço dele era tão intenso que funcionou da mesma forma que um silenciador numa arma. Aos poucos a notícia começou a fazer

sentido. – Espera... atacaram no Natal? Atacaram o Bayside diretamente? Vinnie, alguma baixa?

– Frey. Tomou um no peito, garoto. Estava do lado de fora, fumando, quando o carro passou.

– Peraí, Frey está morto?

– Charlie, foi o que eu disse, preste atenção. A família está se mobilizando, chamando todos os soldados, todo mundo. Começou e precisamos de você aqui.

– Estou indo.

Graeme olhou para o visor do celular e viu que era Ray. Desculpou-se com os convidados e saiu da sala. Lançou um olhar para Connor, assistindo TV com as outras crianças. – Oi.

– Feliz Natal, minha bela.

– Algum progresso?

– Consegue ligar a TV em algum lugar?

– Um minuto.

Na sala, a família de Bogdan e alguns amigos íntimos riam e trocavam presentes. Ela caminhou até um quarto vazio e fechou a porta. Ligou a TV na CNN. É, estava lá, um tiroteio deixara trinta feridos e quatro mortos na saída do Bayside Cassino. Alguns especulavam que era um ataque terrorista, outros davam a entender que era uma guerra da máfia.

Ela sorriu.

– Chegou a hora, Ray.

– Estou no escritório, onde você está?

– Sérvia. Vou ter três dias de Natal aqui com a família dele. Não vai poder ficar telefonando.

– Relaxa. Estou com poucas pessoas aqui por causa do Natal, e isso é bom. Vou ficar de olho, mas, se conseguir o que você quer nos próximos dias, vai poder sair daí?

– Eu atravessaria o mundo atrás do meu presente, Ray, sabe disso. É só mandar uma mensagem.

No frio era difícil distinguir rostos entre os sobretudos e casacos grossos. Onde havia uma mancha preta de homens quietos, era um grupo dos Conicci. Estavam nas duas esquinas da quadra onde Charlie começara aquela jornada e onde nunca mais voltara desde então. Reconheceu o açougue do Rodello, mas, onde antes fora o Jim Fly's, agora era um estabelecimento de tirar fotocópias. Na frente da Lavanderia, um grupo conhecido olhou para Charlie enquanto ele se aproximava. Fumavam e falavam baixo.

– Vinnie, Mickey... – Acenou para eles e olhou para os outros quatro. Homens que vira por perto em certas reuniões, membros da família Conicci

biológica. *Seus parentes distantes, Charlie*, ele pensou com amargura.

– Tony está a caminho com Franke e Fabricio. Notícias de Marion?

Fora Mickey quem falara.

– Parece que vai sobreviver.

– Você a encontrou, Charlie?

Tentou parecer frio. – Sim, fui para a mansão com ordens de Tony. Quando cheguei lá ela já tinha... tentado.

Eles não deram resposta. Charlie percebeu certa aflição no olhar de Mickey.

Naquele momento, o Jaguar chegou. Tony mesmo o estava dirigindo. Saíram ele, Franke e Fabricio. Não disse nada, apenas se dirigiu para a lavanderia. Todos seguiram em ordem hierárquica.

Lá dentro, no espaço pequeno, os homens se aglomeravam, uns escolhendo ficar perto das paredes, outros mais próximos de Tony. Quando o último havia entrado, Fabricio fechou as grades do estabelecimento, produzindo um som de metal arranhando metal.

Algumas tosses, então se fez silêncio. Tony tinha os braços cruzados e encarou rostos ao seu redor.

– Grana, putas e ostentação, senhores – ele falou numa voz alta, uma voz com colhões. – Isso eu já sei que sabem fazer. A hora chegou de mostrar quem está nessa família para o bem e para o mal. A hora chegou de honrar a porra do código com o qual vocês têm se sustentado até agora. Um Bonini atacou meu carro, minha esposa e um dos nossos, meses atrás. Fui paciente. Segui as regras impostas pelos Gnocchi.

Ele suspirou.

Charlie viu alguns rostos tão putos quanto o de Tony. Outros estavam apreensivos.

– No Natal, numa data sagrada, esses merdas escolheram me atacar, no *meu* cassino. Sabem o que isso significa? Que não nos respeitam e que não temem a gente. Porque cometi um erro ao não retaliar a porra do primeiro ataque, mas eu garanto... esses dias acabaram. Há 28 de vocês aqui agora. Eu quero uma execução por cabeça. Quero 28 cadáveres dos Bonini nas próximas 72 horas.

A troca de olhares entre todos foi tensa, engessada.

Charlie viu a loucura do plano de Tony nos olhos de cada homem presente. Sentiu o ar parado, ouviu alguns suspiros. Alguns, como Fabricio e Vinnie, assentiam.

Tony continuou, aumentando a voz: – Chegou a hora de me mostrar que estão nessa pra valer, que são homens, que um ataque a um é um ataque a todos. Eu quero que os próximos dias sejam os mais sangrentos da história de Vegas. Quero corpos de Boninis nas sarjetas, na Strip, para apavorar turistas, quero

policiais chorando e vomitando nas ruas. Só estou disposto a aceitar dois resultados para essa guerra. Em um, saímos vitoriosos e os Bonini não pisam mais em Vegas. No outro, eu morro, mas a história vai se lembrar dessa semana, vai lembrar-se de como os Conicci retaliaram.

Silêncio.

Tony descruzou os braços e deu um passo à frente. – Se há alguém nessa sala que não concorda com isso, saia agora da minha presença.

Naquele momento parou-se de respirar.

Charlie sentiu o agito no ar quando um homem, que estivera nos fundos, moveu-se, passando entre outros, até a porta. Alguns cochicharam palavras em italiano para ele, outros apenas o fitavam com incredulidade.

Quando chegou perto da porta, Fabricio abriu um pouco. Quando o homem esgueirou-se para sair, Fabricio moveu-se com quatro golpes rápidos. Levou alguns instantes para Charlie perceber que tinha um canivete na mão. Com a mão esquerda tampando a boca do homem, continuou enfiando a lâmina em suas costas. Não houve som enquanto isso foi feito, exceto o de tecido friccionado, e o homem cedeu os joelhos, caindo contra o chão com um som entorpecido.

Fabricio fechou o punho e deslizou a face do canivete algumas vezes na manga do paletó para limpar o sangue, girando-a de um lado para o outro.

– Mais alguém? – perguntou Tony.

Sem resposta, ele falou, calmo: – Eu disse 72 horas. Estão esperando o quê?

Moveram-se para sair. Tony chamou Charlie e Mickey com um gesto de dois dedos.

Até Fabricio e Frank se foram, e quando fecharam a porta os três homens ficaram sozinhos.

– Eu quero Bruno Bonini. E quero que vocês o peguem.

Mickey pareceu enrijecer. – Tony... se você quer isso, é direito seu. Só que... se me permite a pergunta, isso não vai te causar problemas com as cinco famílias?

– Estou pouco me fodendo para as cinco famílias, Mickey. Quero Bruno morto.

Charlie deu um tapinha de leve no ombro de Mickey e fez um gesto com a cabeça. Mickey o seguiu para a rua, onde alguns homens ainda fumavam e conversavam em sussurros.

Entraram no carro de Charlie.

No silêncio, Mickey falou. – Merda, Charlie.

Charlie pegou um palito da coleção que tinha no carro e o enfiou na boca. Olhou para frente. – Por que está tão relutante?

Porque fiz um trato diferente com sua ex-namorada, pensou Mickey. – Bruno Bonini é filho de um dos cinco homens mais poderosos da máfia.

– Foda-se, ele atirou em mim.

Mickey balançou a cabeça. – Ficou parecido demais com Tony, Charlie.

– O que quer dizer com isso?

– Que isso não é pessoal, são negócios. E não é bom negócio matar Bruno Bonini.

– Bom, temos nossas ordens. – Charlie olhou pelo retrovisor e viu mais homens indo embora. – Por onde quer começar?

– Meu Deus... não sei. Vegas é pequena, mas não temos nada a nosso favor, eles já estão esperando por isso. O que tem de arma?

– Tenho a minha Beretta, mas conseguimos metralhadoras com Vinnie, se quiser.

Mickey olhava para frente, pensando.

Charlie esperou.

– Tenho um informante – Mickey falou em tom de confissão. – Posso conseguir a localização e o itinerário de Bruno, mas não agora. Até as dez da manhã acho que consigo algo.

Era melhor do que dirigir por Vegas à procura dele, e Charlie sabia.

– Tá. Vem me buscar às dez no meu apartamento. Já leve as armas.

– Certo, Charlie.

Charlie parou o carro na Strip e Mickey saiu, fechando o sobretudo perto do pescoço quando um vento bateu.

Ele sabia que precisava dormir. Não podia voltar para o hospital sem deixar óbvio que estava preocupado com Marion. Não tinha mais nada que pudesse fazer naquela noite.

O Camry de Ray parou na areia do deserto, levantando poeira. Mickey colocou a mão sobre os olhos para protegê-los da luz dos faróis. Ray os baixou e saiu do carro.

– Você primeiro – falou, avaliando o homem que estudava e vigiava há anos, mas só agora conhecia pessoalmente.

Mickey parecia tenso. Fumava, a outra mão enfiada no bolso. Ray tinha motivos para estar apreensivo, mas Mickey não tinha nada a ganhar matando-o. Muito pelo contrário.

– Tony libertou uma fúria antiga dentro de seus homens essa noite, como se tivesse tirado a coleira de cães raivosos, sabe?

– Um contrato?

– Não, pior. Uma ordem de execução de quase trinta Boninis, praticamente todos eles em Vegas. Eu e Charlie ficamos com Bruno.

Ray balançou a cabeça e estreitou os olhos, fitando o horizonte que começava a ficar aparente na débil luz que bradava a chegada do sol. – O que quer de mim?

- Não posso matar Bruno, não estava nos planos de Volkov.
- Fala como se tivesse escolha.
- Não sei o que fazer, Ray. Não estou preocupado comigo. Tony é próximo demais de Carmen, das crianças... e está perdendo a cabeça.
- Vou ser bem claro, Mickey: temos vigilância em Bruno. É Natal, de forma que poucos de nós estão trabalhando, e, mesmo sendo convocados por causa dessa merda de tiroteio, o escritório está uma zona, de forma que é fácil conseguir para você a localização e itinerário dele. Posso colocar uns agentes na frente de sua casa com informações falsas de que interceptamos alguma conversa de que haverá um ataque lá, isso é fácil. Mas preciso que seja feito hoje a coisa com Charlie.
- Mande os agentes para a minha casa agora. Consiga-me o paradeiro de Bruno até as dez. E quando acabar... nos encontramos aqui. Eu trago Charlie. Você traz a pasta.
- Volkov tem um trato com os Bonini que não conheço por completo. Matar Bruno pode causar sérios estragos a esse trato.
- Ela posicionou as peças no tabuleiro, Ray, se não conseguiu prever que isso seria uma possibilidade, não está jogando muito bem.
- Volkov me arrepia, Mickey. Com ela não é estratégia. Ela vai fazer o que precisar, qualquer coisa, para conseguir o que quer. Tem um dos maiores empresários do mundo apoiando e financiando cada passo que dá nessa vingança dela, e esse cara pode parecer honesto e pode estar na capa da Forbes, mas ele tem ligações com um tipo de máfia que não conhecemos, entende? Do tipo que não tem código de honra e nem medo de federais.
- Se der a ela o que ela quer, hoje, o poder de Volkov sobre nós acaba. Você recebe seu dinheiro e desaparece. E eu posso tentar juntar os pedaços que vão sobrar dessa guerra para minha vantagem, cobrando dela o que ela me deve.
- Então tá. Traga Charlie que eu faço o resto.
- Mickey observou o Camry de Ray desaparecer na poeira e jogou o cigarro na areia.

Às nove da manhã, Charlie conseguiu acesso ao quarto de Marion.

Ela dormia com o sol iluminando seu rosto plácido e refletindo nos metais e vidros que são componentes intrínsecos ao ambiente hospitalar. Nos pulsos, curativos brancos, parecendo munhequeiras de jogadores de tênis. Tomava soro na veia, mas apenas isso.

Ele se aproximou e, sem pensar que alguém poderia estar olhando, fez um carinho leve nos cabelos dela. Lembrou-se de como a encontrara. Tentou medir a parcela de culpa que ele tinha naquilo. E mesmo assim não sabia se tinha salvo Marion ou a condenado a uma vida que ela não queria viver.

– Acorda – implorou, baixo.

A porta abriu e uma enfermeira entrou. Negra, de rosto belo, ela sorriu para ele e se aproximou. Ele deu um passo para trás, para deixá-la examinar Marion. – Ela já recebe alta hoje.

– Já? Não deveria ficar mais alguns dias?

– Não, ela fez a cirurgia e agora só tem a recuperação pela frente, que não é tão complexa. Repouso, basicamente, e medicação. A outra enfermeira me disse que você a trouxe.

– É...

– Agiu bem, muito rápido, salvou a vida dela.

Mas não, meu bem, eu piorei tudo. Marion não queria chamar atenção, ela queria morrer.

Ela sorriu para ele. – Parece se importar com ela. Então ajude-a. É só uma questão de tempo até que ela entre no mesmo ciclo de depressão de novo, e ela vai tentar até conseguir.

Ele assentiu.

A enfermeira tirou o termômetro de baixo do braço dela e anotou a temperatura no prontuário. Fitou Marion por alguns segundos. – Difícil imaginar o que leva uma mulher tão bonita e tão rica a fazer uma coisa dessas.

Ele forçou um sorriso débil, lembrando-se de Marion na noite da morte da gatinha. Do soco que Tony lhe deu, da forma como ela caíra na cama e Tony dissera para que Charlie se apressasse. *Não, enfermeira, não é.*

Ela saiu.

Charlie olhou para o relógio. Precisava ir. Deu um beijo na testa dela antes de sair.

Mickey estava esperando com o Mazda dele. Charlie entrou e Mickey saiu do acostamento para a rua, em direção sul. – Bruno está em Henderson, no The Resort.

– Longe o suficiente para não ser encontrado nas ruas, perto o suficiente para ter a proteção de sua família.

– Mais ou menos isso. Está sem a família, com três guarda-costas e a *comare*.

– Vamos lá.

O The Resort era um hotel magnífico ao sul, no Las Vegas Boulevard. Mickey parou o carro e tirou uma mala preta, pesada, de dentro do porta-malas. Pela forma como a carregou, Charlie sabia que as armas estavam lá. Caminharam até a recepção e receberam o sorriso de uma mulher atrás do balcão. – Bem-vindos ao The Resort.

– Precisamos de uma suíte, de preferência a melhor.

Ela consultou o computador com um som irritante do teclado. – Tenho disponível a suíte Piano, com dois quartos e um bar, é uma das nossas preferidas,

e tenho a Resort suíte. Vocês estão juntos?

– Tá perguntando se somos viados?

Charlie fez uma cara para ele. – Um quarto para mais de uma pessoa ficar junto, tipo um grupo, tem algo assim?

– Seria a suíte Piano, senhor.

– Tá, ficamos com ela. Uma diária só.

Charlie afastou-se enquanto Mickey pagava e mostrava os documentos para o *check-in*. Olhou em volta e viu turistas, mas nenhum deles. Estava prestes a se virar quando viu uma mulher atravessando o hall, um segurança atrás dela. Tinha toda a configuração de uma *comare*: bonita, exuberante, usando saltos altíssimos e um casaco de peles. Quando o segurança olhou em volta, Charlie virou o rosto e caminhou até um mostruário de joias. Pelo reflexo no vidro, viu que os dois entraram num elevador. Quando as portas fecharam, Charlie caminhou, depressa, até lá. O porteiro marcou uma parada no quinto andar e depois voltou a descer.

Mickey estava atrás dele quando ele se virou.

– Acho que está no quinto. Vi uma mulher com jeito de *comare*. Pode ser nada, pode ser algo.

Mickey lhe entregou o cartão do quarto. – Eu vou. Você sobe para o nosso quarto. Te encontro lá.

No quarto, decorado com bastante madeira clara e tons de bege, Charlie ligou no noticiário local. Ainda falava-se sobre o atentado e ele ficou surpreso quando sentiu uma pontada de pena ao ver a fachada do Bayside transformada em cena de crime. A foto de Tony apareceu na tela e diminuiu para ficar atrás de uma âncora com expressão séria.

Após a notícia, cortaram para falar das vendas no Natal. Ou seja, nenhum corpo de Bonicci fora descoberto ainda. Ele desligou a TV e caminhou em volta do quarto para liberar um pouco a tensão.

Batidas na porta.

Ele abriu, esperando ver Mickey, e quase sentiu o coração pular para a boca quando viu, além dele, a suposta *comare* de Bruno Bonini.

Abriu espaço e Mickey entrou, puxando-a pelo braço e soltando-a na cama. Ela ficou sentada, olhando de um para o outro, e se estava com medo não demonstrou.

Era de fato bonita, devia ter uns vinte e seis anos. Pele branca, cabelos castanhos cheios de mechas mais claras e brincos gigantes de argola. Maquiagem demais.

– Pirou? – Charlie perguntou, tentando dimensionar o tamanho da merda no qual se encontravam.

– Improvisei. É ela, sim.

– Como se livrou do guarda-costas?

– Segui os dois até o spa. Ela quis ficar sozinha lá e ele foi embora. Não estão esperando um ataque tão cedo, isso ficou óbvio.

Charlie cruzou os braços, olhando para ela. – Ou têm tanto o apoio dos Gnocchi que nos subestimam completamente. Isso me deixa dúvidas sobre a fidelidade de Frankie.

– Isso é um problema que resolveremos depois.

– Qual é o seu nome? – Charlie perguntou para ela.

– Robbie.

– Está numa suíte aqui com Bruno Bonini. Quero saber quantos outros estão com vocês.

Ela olhou em volta do quarto. Charlie fechou a mão, fingindo que ia dar um soco nela. Ela se encolheu um pouco. – Só três seguranças.

– Por que só três?

Ela lambeu os lábios melados de batom. – Bru-Bruno não está esperando nada desse tipo. Só me disse que seria bom passarmos uns dias afastados, mas não era nada demais.

– Onde ele está, nesse exato minuto, Robbie?

– No quarto. Estava tomando banho quando eu saí, disse que ia dormir um pouco. Vamos jantar às sete no Marino's, aqui no Hotel.

– Por que está contando tudo tão fácil? – perguntou Mickey.

– Porque não quero que me machuquem. Só quero que me deixem sair daqui, tudo bem?

– Tá, fica quietinha aí, deixa a gente pensar.

Eles se afastaram dela o suficiente para mantê-la à vista, mas sem poder escutá-los. Mickey suave. Charlie notou areia do deserto em seus sapatos, mas não falou nada. – Podemos usá-la?

– Só precisamos atrair Bruno para algum lugar, *pow*; estourar seus miolos e sair daqui – falou Charlie. – Podemos fazer parecer que ela está convidando para um encontro sexual em algum lugar do hotel, longe dos seguranças.

Mickey pensou. – É arriscado, Charlie. Cada segundo que passamos aqui é um segundo contra nós.

– Espera um pouco.

Ele andou até Robbie. – Bruno gosta de você, ou só gosta de trepar com você?

– Ele gosta de mim. Deixaria Laila, mas... não pode se divorciar.

– Quer sair viva dessa, Robbie?

Ela assentiu. Parecia uma criança cheia de joias. Parecia o protótipo de menina caipira abusada pelo pai, que foge para Vegas para ser uma dançarina e arranja um homem para cuidar dela. Era a versão menos sofisticada e inteligente de Marion.

– Escreva um bilhete para Bruno, convidando-o para um encontro num lugar com mais privacidade. Outro quarto. Ele suspeitaria disso, ou é algo que você faria?

– Eu não faria assim como você falou, mas se eu o chamasse para a Jacuzzi... ele iria.

Mickey pegou o telefone da suíte. – Como faço para reservar uma Jacuzzi? É privativa? Quanto? Reserve para Robbie. Às sete da noite.

Ele desligou.

Robbie pareceu tensa.

– Escreva um bilhete, Jacuzzi quatro – Mickey ordenou, colocando o bloco de papel com o R em cima.

Ela pegou o bloco, pegou a caneta e escreveu, usando a cama como apoio: “Meu *bello*, estou fazendo compras. Queria algo especial para nós hoje. Me encontra na Jacuzzi quatro às sete? Sei que fica com fome depois, aí podemos jantar. Prometo estar molhada quando chegar.”.

Charlie e Mickey trocaram um olhar. Ela entregou o bilhete com a cabeça baixa. Charlie o pegou. – Vou mandar para o quarto dele com flores. Você mandaria flores?

– Sim, peônias, as preferidas da mãe dele.

– Já volto, Mickey.

Charlie saiu.

Mickey se sentou à mesa, colocou a arma na superfície e fitou Robbie.

Ela tirou o casaco de peles, revelando que usava um vestido de tecido fluido, sem costas. Ele olhou para as pernas bem torneadas, depois desviou o olhar.

– Vão matá-lo?

– Não – ele mentiu. – Só queremos fazer umas perguntas para ele.

Ela fez uma cara de quem não acreditava.

– Sabe, quando isso acabar... – ela suspirou. – Vou ficar sozinha. Não quero ficar sozinha.

Mickey a observou.

– Sou uma boa *comare*, Mickey – ela disse, sem rodeios.

Ele entendeu. Existia uma possibilidade de alguém achar que ela estivera envolvida com a execução de Bruno. No caso, era melhor para ela estar com a família Conicci do que não estar com ninguém que pudesse protegê-la. Ela escorregou do colchão ao carpete, ficando de quatro. Engatinhou até ele, devagar. Ele não se mexeu. Pensou na caligrafia redonda dela: “prometo estar molhada”. Ela sorriu, erguendo o corpo, as mãos nos joelhos dele. – A sua é mais bonita do que eu?

Ele murmurou, já intoxicado por ela. – Não, não é, Robbie.

– Seja como for essa noite... estamos aqui agora. Quero ver você relaxar. – Ela abriu o zíper da calça dele. Mickey não moveu-se para impedi-la.

No carro de Mickey, Charlie olhou para os dois.

O subchefe acelerava pelas ruas periféricas, suado, o sangue de Bruno Bonini no terno. Ela estava com os cabelos molhados, envolta no maldito casaco de peles, usando um biquíni de oncinha por baixo e descalça.

Matar alguém tão importante vem com o preço de ter que olhar por cima do ombro toda vez que levanta para ir mijar. Mickey escolheu pagar o preço, esperando atrás das plantas decorativas e rosqueando o silenciador na pistola, enquanto Bruno apareceu na Jacuzzi e agarrou Robbie por trás. Esperou o namoro começar, dentro d'água, e se aproximou, pelas costas. Ela não reagiu. Mickey enfiou duas balas na cabeça de Bruno e Robbie deslizou para sair debaixo dele, sem gritos, sem alarde. Como uma profissional, ela enxugou a pele com uma toalha, vestiu o casaco e seguiu Mickey para fora dali. Calculavam que levaria pelo menos uma hora até que o corpo de Bruno fosse encontrado. Até lá, estariam longe.

Charlie também sentiu que algo acontecera entre eles. Mickey não chegou a explicar o motivo de ter levado Robbie com eles, o que indicava que já tomara sua decisão. *Meu Deus*, ele pensou, olhando para o rosto endurecido e frio dela, *deve ser boa mesmo nisso*.

Foi no silêncio que chegaram até o apartamento de Charlie.

Não precisavam conversar sobre o que acontecera naquele dia. As ações dos dois estavam fora do controle deles. A adrenalina baixara para um nível tolerável e fora balanceada pelo sutil conforto de saberem que haviam cumprido a ordem de Tony e que, por um tempo, pelo menos, estavam do lado mais forte.

Quando Charlie fez menção que ia sair, Mickey falou: – Não tenho um lugar seguro para ela, ainda, Charlie. E preciso conversar com você. Robbie pode ficar aí por algumas horas, por favor?

– No meu apartamento?

– É seguro.

O quanto aquilo poderia complicar sua situação? Ele não conseguia mensurar. Deu de ombros e esticou a mão para Robbie, que saiu do carro. – Já volto – ele disse para Mickey, e caminhou com ela até o apartamento.

Robbie entrou, olhou em volta e tirou o casaco.

– Não apronta, tá? – ele suspirou.

– Só vou tomar um banho e dormir um pouco.

– Não durma nua na minha cama, não quero me envolver nessa merda. Use uma das minhas camisetas. Tem comida na geladeira.

Ele trancou a porta e voltou para o carro.

Ao entrar, fitou Mickey.

Mickey olhava para baixo, o terno ensanguentado. Falou baixo:

– Sei que foram os últimos dois dias mais loucos que já teve, mas chegou a hora, precisa vir comigo. Tem uma pessoa que precisa conhecer.

Charlie estava tão cheio de ansiedade que não conseguia imaginar-se dormindo. Enfiou um cigarro na boca e fumou, baixando o vidro. – Comeu Robbie?

– Mais ou menos isso.

– Foi idiotice. Sabe disso. Complica as coisas.

– Ninguém precisa ficar sabendo.

– Está me levando em algum lugar para me matar?

– Não, Charlie, só confio em você agora.

– Então acabe logo com isso.

Mickey ligou o carro com um movimento exausto, visivelmente abalado. Charlie sentiu que não tinha medo de mais nada.

Pararam no deserto. Mickey saiu e Charlie também.

Perguntou-se se Marion já havia saído do hospital, se alguém fora buscá-la, como ela estava. Precisava encontrar uma forma de chegar até Tony, mas ainda tinha aquilo, aquela coisa estranha que Mickey queria dele.

Os dois sentaram no capô quente. Fumaram, sentindo o cheiro do deserto. Charlie se perguntou quantos corpos estavam enterrados ali.

– Depois de hoje, você vai ficar com ódio de mim.

Charlie olhou para ele, pensando naquilo.

– Mas espero que não fique. Sempre gostei de você, Charlie. Mesmo que alguns de nós se sintam injustiçados pela forma como Tony o protege e tal... eu acho você um cara leal.

A apreensão borbulhou no estômago dele. Sentia no corpo todas as dores musculares da noite. Os joelhos já não eram mais os mesmos, também. – Acho que estou anestesiado demais para sentir qualquer coisa, Mickey.

– Sinto muito por Marion, Charlie, sei que gosta dela.

Ele tragou para não responder que era muito mais do que isso.

Ouviram um carro se aproximar.

Os faróis iluminaram a poeira levantada de forma a torná-la fantasmagórica. Um homem alto saiu do carro, e quando o rosto dele foi desvelado por um feixe de luz amarelada, Charlie reconheceu o federal, Ray Cage.

– Puta merda, Mickey – soltou, ainda sem respostas, mas compreendendo que estava numa merda que tinha as propriedades de areia movediça.

Ray Cage tinha as mãos nos bolsos. – E aí, Mickey?

– Está feito. Minha família?

– Estão bem, nem notaram meus homens lá. Consigo estender a vigilância por mais umas doze horas.

Mickey assentiu.

Eles têm um trato, meu Deus. Charlie esperou. Era irônico que ele parecia ser um dos poucos homens verdadeiramente fiéis a Tony.

Ray fitou Charlie por um segundo. Estendeu o braço e a luz bateu numa pasta parda.

Charlie pegou a pasta sem rodeios, desejando acabar logo com aquilo, porque ainda queria encontrar uma forma de ver Marion antes de ir ao apartamento. O coração pesava ao saber que teria que contar a Tony sobre Bruno, porque sentia certo receio de Tony agora e também não queria ter que lidar com Robbie. Abriu a pasta, com um suspiro, e se deparou com algo que não entendeu a princípio.

Fotos.

Olhos inchados, lábios cortados, marcas de queimaduras, cortes...

Ele foi passando de uma para a outra, rápido, o coração dançando o “Thudum-thu-dum”, tentando manter as fotos num ângulo para que a luz as iluminasse.

Não pode ser ela, não pode ser.

Mas era. O rosto quase deformado porém familiar de Graeme. O corpo do qual ele nunca esqueceria. As mãos delicadas, os pés de dançarina.

Ele olhou para cima.

Mickey desviou o olhar, mas não Cage: – Graeme Crowe foi entregue a Fabricio Gnocchi sob ordens de Tony, Charlie, quando ele te mandou para a reabilitação. Ela foi torturada por três dias. Ordenaram que sumisse e ela fez isso, mas temos os arquivos da polícia e do hospital.

Ele fechou os olhos.

Não havia então chão sob seus pés e ele não estava mais no deserto. Caíra numa lama negra e gélida onde faces riam dele sem som. Olhos maliciosos o colocavam sob escrutínio, fazendo com que ele sentisse o impacto da culpa que tivera naquilo. Graeme, do cheiro de xampu de coco, das risadas no seu ouvido, de braços macios que o confortavam. Sentiu que perderia o fôlego e puxou ar para os pulmões. As imagens do dano absurdo que fora causado deliberadamente ao seu corpo não saíam de sua cabeça. Cerrando os dentes, ele voou no pescoço de Mickey.

O outro deixou-se derrubar, as mãos para cima, na defensiva, e Charlie sentiu Ray puxando-o para trás quando estava prestes a encher o outro de porrada. Foi empurrado na noite escura e viu a Glock de Ray apontada para ele:

– Controle-se. – Foi a ordem.

Mickey levantava-se, devagar, pesado. – Eu não sabia, Charlie – menti porque precisava. – Soube há pouco tempo. Queria te contar antes, mas o

momento certo nunca surgiu. Agora que estamos nessa... todos nós... achei que deveria saber. E deveria saber por Cage, para que não houvesse dúvidas. Isso não é uma fraude. Isso realmente aconteceu com ela. E se você... você deve ler o relatório completo.

Ele olhou para o maço de fotos e papéis que estava amassando.

Viu que as mãos tremiam. Jogou as fotos na areia, não conseguindo mais olhar para elas. Encontrou um documento do hospital. Nele, uma lista das fraturas, queimaduras e lesões que Graeme sofrera. Lia aquilo, cada palavra um golpe, até que chegou a uma frase que precisou ler quatro vezes para entender.

“Exame Beta HCG condizente com cinco a seis semanas de gravidez”.

Olhou números abaixo, que não entendeu. Jogou a pasta no capô do carro e endireitou as costas.

Mickey teve coragem de confirmar. – Ela estava grávida, Charlie, mas não sabia. Não sabemos se o bebê sobreviveu.

Ray e Mickey esperaram.

Charlie caminhou pela areia, respirando de um jeito difícil, com esforço. Finalmente sentou, colocou a cabeça entre as mãos e chorou.

Mickey não gostou de ver aquilo. Sentia agora, talvez porque estivesse cansado, talvez porque agora tinha dois filhos e as crianças haviam amolecido seu coração, que contar a Charlie por motivos egoístas era pior do que não contar por lealdade a Tony.

O som era fino, quebradiço. As costas de Charlie tremiam com os soluços. Mickey percebeu que Cage não dava a mínima. Com calma, ele juntou os papéis e fotos de novo dentro da pasta, amassados e cheios de areia.

Marion entrou na mansão, parou no hall e olhou em volta. *Morri e fui para o inferno, de fato*, pensou. Donnie olhava para ela. – Sugiro que se deite e descanse, Senhora Conicci. Vou precisar deixar você aqui, estamos numa situação de emergência e preciso sair.

– Onde está Charlie?

– Não sei, mas com a situação lá fora do jeito que está... pode estar em qualquer lugar. Tchau.

Ela o olhou afastar-se.

Viu a árvore piscando no canto e deu leves batidas na coxa, beijando o ar, esperando Pandora. Então lembrou-se e suspirou. Olhou para as faixas nos pulsos. Sentia a pele arder de vez em quando, mesmo com os medicamentos pesados que estava tomando.

Subiu as escadas devagar, com a mão no corrimão. Não precisara de uma transfusão de sangue, disseram-lhe que fora socorrida pouco tempo depois de cortar-se, e que só estava viva por causa daquilo e porque fizera o corte na horizontal.

Bem, da próxima vez já sabe.

Ela não sabia se deveria agradecer Charlie ou odiá-lo para sempre.

No quarto, viu que as empregadas haviam limpado todos os traços do incidente, todo o sangue, tudo o que indicava a infelicidade extrema de quem habitava aquele lar.

Viu também uma caixa embrulhada, com uma fita. Jazia na mesa de cabeceira dela, quase grande demais. Ela tocou o bilhete pequeno. Curto e grosso como quem o escrevera: “Para Marion, de Charlie. Feliz Natal.”

Puxou a fita e viu o pacote ceder. Moveu o embrulho o suficiente para ver o que era. Seu sorriso era débil, pesado. Percebeu que se tivesse que olhar para qualquer outro ser humano de novo, queria que fosse Charlie.

O ódio não cabia dentro dele e batia para sair, mas Charlie o manteve sob controle. Estacionara nas sombras e observava a lavanderia. Um telefonema para Vinnie indicara que era ali que o desgraçado estava.

Acendeu um cigarro e esperou. O ar gélido que vinha de fora invadiu seus pulmões e ele deu uma tossida. Largara Mickey com Cage e pegara seu carro. Não ia esperar, não podia, não conseguia. A cólera vencera todo o resto dentro dele, contaminara todas as células. Ele agarrou o volante e apertou para liberar um pouco de energia.

Viu Fabricio sair da lavanderia e olhar para os dois lados antes de entrar no Camaro que tanto amava. Ele saiu com pneus arranhando o asfalto e Charlie foi atrás.

Chegaram a uma casa.

Charlie pensou que fora naquele lugar que ela passara aqueles dias, sendo usada como um brinquedo por ele, cheia de agonia, dor e desesperança. Ele viu Fabricio estacionar fora da garagem, como se tivesse intenção de sair em breve.

O bairro estava tranquilo para o horário. Ouvia alguns televisores ligados dentro de casas menores. Fabricio entrou.

Ele saiu do carro e atravessou a rua, sacando a arma do coldre. A palma da mão suava, assim como seu peito debaixo do terno. Não pensou e abriu a porta. Afinal, para que trancar? Quem teria coragem de entrar na casa de Fabricio Gnocchi? Deu tempo de ver Fabricio virando-se para entender o que estava acontecendo. Quando reconheceu Charlie, já estava com a Beretta contra sua têmpora.

Charlie apertava-o pelo colarinho e Fabricio olhou dentro dos seus olhos com questionamento e confusão, então viu que ele sabia. – Graeme – sorriu. – Alguém te contou de Rocket.

Charlie cerrou os dentes e jogou a Beretta no chão. Fechou o punho e deu um soco no rosto dele.

Fabricio caiu no piso acarpetado. Charlie lhe deu um chute na barriga, que o fez se dobrar, depois um chute no rosto. Ouvia os gemidos de dor e ofegou, gritando dentro da própria cabeça aquilo que queria berrar para o desgraçado.

– Ah, Charlie... – Fabricio tinha as mãos na barriga, tentando segurar a dor, suavizá-la. – O que você quer que eu diga?

– Levanta, filho da puta.

Fabricio virou no chão e se pôs de pé com movimentos bruscos e doidos. Foi para cima de Charlie com a força de cem homens e os dois caíram em cima de uma mesa que espatifou. Sentindo os cacos de vidro contra as costas, Charlie distraiu-se e levou um soco que o desconectou do momento e o jogou num limbo negro e faiscante por alguns segundos. Precisava voltar. Tentou um soco que foi aplacado por Fabricio e levou outro. Percebeu que o adversário estava sentado em cima dele, e que agora, com a boca cheia de sangue, ria:

– Foram ordens do chefe, seu idiota. O chefe cujo saco você puxa como um cachorrinho perdido. Foi ele que mandou que trouxessem a piranha aqui. Eu só fiz o que deixaram. Sua briga não é comigo, seu merda, é com Tony.

Fabricio fechou o punho e desferiu um golpe tão rápido no rosto de Charlie que ele quase apagou. Sentiu o corpo ficar mole e não teve força nos braços para colocá-los no rosto. Não precisava. Sentiu a dor aguda por baixo de uma bola gigantesca de entorpecimento e sabia que o nariz estava quebrado. Quando respirou, sentiu algumas gotas de sangue esguicharem da narina. Fabricio estava levantando-se. Charlie esticou o braço, mas a Beretta estava longe. Não conseguia respirar direito. Puxou ar com a boca e tentou se firmar o suficiente para levantar-se.

Ouvia o som de carrinho. Olhou para cima e viu que Fabricio estava mexendo em um aparelho de TV.

Precisa levantar.

Não tinha forças. Estava exausto.

Então ouviu berros femininos e aquilo o despertou. Olhou para a tela.

Meu Deus.

Era ela.

– Essa foi a segunda noite, por isso ela já está meio acabada.

Não olhe, não olhe.

Os berros de Graeme eram estridentes.

Charlie foi burro o suficiente para focar na tela e ver que ele a amarrara com uma técnica elaborada de *bondage*, de forma que ela ficava presa com as mãos para trás, puxadas para os tornozelos. Nua, ela tinha sangue seco numa camada fina e fosca nas pernas. Os pés estavam imundos. O rosto já fora machucado demais. Ela gritava quando ele se aproximava, também nu, ereto, e jogava água nela. Charlie notou a fumaça que saía da água quente o suficiente

para causar uma dor potente, mas não deformar a pele. Fabricio fumava na fita, calmo, observando.

Quando se aproximou, tinha o mesmo olhar divertido. – Cara, ela nem lutou. Foi mansinha. Entrou sem um pingão de vas...

Perdeu o equilíbrio e caiu para o lado quando Charlie usou a pouca força que tinha para dar com um cinzeiro pesado na têmpora dele.

Levantou-se, rápido, e deu um passo para Fabricio, quando ouviu o som familiar de uma arma sendo engatilhada, o clique suave da Glock de Ray. Estava com dois outros homens, entrando na casa com armas parecidas.

Não eram do FBI, estava na cara. Pareciam europeus.

– Charlie, dê um passo para trás, vamos lá.

Ele esperou. Queria matá-lo. Os berros de Graeme no vídeo diziam que valia a pena, mesmo se levasse um tiro de Ray.

Ray andava de lado, sem tirar Charlie da mira. – Ele é meu, sinto muito. – Lançou um breve olhar para o vídeo, e por um momento não conseguiu esconder sua aversão ao que estava vendo. Olhou para um dos capangas. – Desliga aquela merda. Me dê a fita.

O cara foi até o aparelho.

Um outro pegou Fabricio pelo terno e o levantou. Alisou-o procurando armas, mas não encontrou nenhuma.

– Me usou direitinho – Charlie suspirou, sentindo como se o corpo fosse desmontar. – Eu o trouxe até ele, desabilitei o filho da puta e agora você vai prendê-lo.

– Vai além disso, Charlie. É maior do que nós dois.

– O outro agarrou Fabricio pelo ombro e tirou algo do bolso. Charlie só viu que era uma seringa quando já estava sendo descarregada no pescoço do outro.

Fabricio ficou mole e os homens saíram da casa com ele, arrastando seus pés no piso.

Ray guardou a arma. – Durma um pouco.

E saiu.

Graeme entrou no galpão e dirigiu uma palavra de cumprimento para Zaitzev e Aleksandar. Viu Fabricio nu, pendurado de cabeça para baixo por uma corrente, braços amarrados. Virou-se para Ray.

– Tem o número da conta?

Ela entregou um pedaço de papel para ela. Também entregou a fita cassete. – Estava na casa. Faça o que quiser com ela.

Ela olhou para a fita. Então nos olhos de Ray. – Como estamos com o resto?

– Um problema. Mickey matou Bruno Bonini sob ordens de Tony.

Ela pareceu nervosa. As promessas que fizera para Gino Bonini não seriam cumpridas à risca e ela precisaria improvisar.

Ray aproximou-se dela e sussurrou: – O que vai fazer com ele, Graeme?

– O que ele fez comigo, Cage.

Ela manteve o rosto impassível enquanto ele a estudava e sabia que Ray estava se perguntando se ela realmente conseguiria fazer algo daquele tipo. Graeme sabia que conseguiria. Pensara naquilo por anos, pensara naquilo todas as vezes que olhava para o filho e o imaginava dentro dela, ainda um feto, sendo exposto àquilo. Lembrava-se da dor e da luz vermelha daquela câmera, piscando, participando das torturas, imortalizando-as. Pensava, cada vez que fazia amor com Bogdan, nos sussurros embriagados de desejo de Fabricio. Pensara tanto que era como se já tivesse feito aquilo.

– Vou sumir, sabe disso – ele falou, baixo.

– Sim, sei. Não tentar te rastrear, vão deduzir que foi assassinado no meio desse caos que Tony instaurou em Vegas. Se for esperto, nunca será encontrado, nem pela máfia, nem pelos seus amigos federais.

– Tem certeza que quer fazer isso? Isso não é esquecido de um dia para a noite, isso vai fazer parte de quem você é, para sempre.

– Adeus, Cage.

Ele suspirou. Pensou nos poucos segundos da abominação que vira na televisão de Fabricio. Sabia que ela tinha direito à sua vingança. Mas nunca imaginou que tivesse a frieza para tal. Olhando nos olhos amendoados dela, naquele momento, teve certeza.

Ele saiu do galpão, deixando Graeme ali com seus dois empregados e Fabricio, que já acordara e olhava aquilo acontecer, entendendo aos poucos. Ela se sentou na cadeira de metal que haviam colocado de frente para o corpo pendurado, notou as bitucas de cigarro e cruzou as pernas.

Não falou.

Olhou para ele, percebendo que nunca se esquecera do seu rosto, nunca deixara um borrão substituir aqueles olhos secos e cheios de loucura. Sentiu o prazer de constatar que não tinha mais medo de olhar para ele, de saber que ele não podia mais machucá-la.

Ele olhava também, suado, o corpo rígido.

Graeme sorriu. – Pode falar, Fabricio.

Ele não falou.

Ela suspirou. Mexeu o pescoço para liberar a tensão nele. Olhou para ele e falou devagar. – Eu tenho plena convicção de que isso vai me mudar. De que ainda tenho um pouco de ternura em mim, de compaixão, que reservo para o meu filho, e só para ele. Meu marido tentou me dissuadir, dizendo que outra pessoa poderia fazer isso por mim, para que eu não tivesse as lembranças. Mas disse por fim que a escolha era minha. E eu pensei, Fabricio... ah, como pensei. Você não tem ideia de quantas noites passei em claro, pensando, *querido*. E cheguei à conclusão de que não vou basear minhas escolhas no medo e sim na esperança. Eu escolho ter esperança de que os próximos três dias vão me vingar e vão vingar todas as outras mulheres que você estuprou, torturou, espancou e humilhou. Se isso vai me estragar de alguma forma, eu aceito o castigo. Se isso me torna parecida com você, aceito. Aceito por mim e por elas.

Ele não falou.

– Para ser justa, vou fazer o que você fez. Vou te explicar o que te aguarda nos próximos três dias. Em breve eu vou para meu hotel. Vou assistir à fita que você fez. Vou tomar um banho, falar com minha família por telefone, fazer a transferência para Ray, jantar e dormir. Você vai ficar nessa posição. Meus amigos vão ficar aqui com você. Amanhã eu venho e vamos começar. Você será eletrocutado, escaldado com água fervente, cortado com papel em diversas partes do corpo. Vão enfiar cabos de vassoura em você e faço questão que certas frases acompanhem o processo, certas frases que, graças a você, nunca esqueci. Vão arrancar seus dentes e forçá-lo a fazer sexo oral. Vão quebrar os ossos dos

seus pés. Você vai implorar para que parem, assim como eu implorei. Eles não vão parar. E eu vou estar presente, vou ver tudo e vou filmar também. Alguma pergunta, *querido*?

Ele não falou. Uma lágrima escorreu.

Ela se levantou. – Te vejo amanhã, em algumas horas.

A última visão de Fabricio, antes das luzes se apagarem, foi das costas dela, caminhando com o “click-click” dos saltos no concreto do galpão, de cabeça para baixo. Os dois homens altos foram atrás dela, fechando a porta. Tudo ficou escuro.

E então tudo era frio e dor.

O efeito do álcool, das drogas, dos medicamentos, sempre passa.

Charlie deixou o corpo deslizar para o chão e sentou-se contra a cama. Esfregou o rosto e alcançou o maço de cigarros com a mão. Enfiou um na boca, acendeu, e olhou no relógio: 27 de Dezembro. As 72 horas de Tony estavam chegando ao fim. Ele se perguntou quantos Bonini haviam sido mortos nas últimas 48.

Permitira-se a exclusão do mundo real por auxílio de doses cavalares de álcool. Passara mal, dormira. Acordou, bebeu mais, dormiu. Agora se sentia como a casca de um homem. Levantou, foi ao banheiro e se olhou ao espelho. Bolsas roxas embaixo dos olhos, maçã do rosto vermelha, lábio cortado e um nariz arrebitado. Com o cigarro entre os lábios bateu palmas lentas e pesadas para si mesmo.

Parabéns, boyo.

Entregou a mulher que amava ao destino que sua mãe teve, de forma ainda pior. Covarde.

Mas aqueles dias de dúvida haviam acabado.

Precisava vê-la mais uma vez antes de se entregar ao destino. Só mais uma vez. Para ver se gostara do presente de Natal. Para olhar a sua boca e fingir que já sabia o gosto que teria. Para sentir o cheiro dela.

Ligou o chuveiro e terminou o cigarro. Tomou uma ducha longa, quente, permitindo-se sentir a água descer em cada parte do corpo machucado. Esfregou-se com sabonete, lavou o cabelo e fez massagem no ombro que doía. Desligou e se secou com uma toalha, tendo que pressioná-la com cuidado onde o corpo estava dolorido.

Estava fazendo um bom trabalho em bloquear as lembranças das fotos e do filme que assistira por alguns minutos na casa de Fabricio. Quando ameaçavam vir, ele pensava em Marion.

Vestiu-se com o terno mais alinhado que tinha. Cada um tinha a despedida que achava melhor. Para Marion, havia sido escutar as histórias banais e

corriqueiras dos amigos. Para ele, seria morrer como a única coisa que ele fora de verdade. Um gângster.

O telefone tocou no quarto e ele se apressou para atender.

– Retorini.

Pela última vez.

– Vinnie, garoto. Tem que prestar contas.

– Onde está Tony?

– Escondido. Recluso. Você vai prestar contas para mim.

– Não. Quero falar com ele.

– Garoto...

– Tenho 32 anos, não sou um garoto, Vinnie.

– Quando você vai aparecer?

– Em breve.

– Vou estar na lavanderia a noite toda.

Ele desligou. Onde Tony se esconderia?

Primeiro o adeus, Charlie. Depois ele.

A mansão estava praticamente deserta. Dois guardas no portão, visivelmente armados, e poucos empregados. Já eram oito da noite e ele imaginou que a maioria dos criados já havia se recolhido. Atravessou a sala central e entrou nas adjacentes, mas não a viu. Estava se perguntando se ela estaria na suíte, depois de tudo o que acontecera, quando ouviu sua voz:

– Oi, Charlie.

Ele se virou. Não escondeu que sentiu um alívio estranho ao vê-la.

Usava uma camiseta preta e calças jeans. Ele não conseguiu evitar olhar para os pulsos dela. – Oi. Como está?

– Viva. Culpa sua.

Por um segundo ele quase desabou. Sentiu os olhos queimarem e olhou para baixo, para esconder os sentimentos dela. – Não consegui deixar você ali, sangrando – falou baixo.

– Bem... aqui estou.

Charlie aproximou-se dela e falou, baixo. – Marion... preciso ir... fazer uma coisa. E não sei se vamos poder conversar mais. Mas vim para ver você, te dizer que tudo vai ficar bem, te pedir um tempo e pedir para que não faça nada contra si mesma. Porque tudo vai ficar bem.

Não podia falar mais, não podia fazer promessas que não sabia se conseguiria cumprir. Virou as costas para ela, para não ultrapassar os limites, e andou alguns passos até ouvi-la dizer:

– Isso foi um adeus, não foi?

Ele engoliu em seco. Não virou. – Não sei ainda, Marion.

– Se voltar... eu não fico mais na suíte agora que ele não está por perto. Estou dormindo aqui, no quarto de hóspedes do térreo.

Ele assentiu, achando aquela declaração tão estranha que não soube exatamente o que responder. Saiu da casa, sentindo uma lufada de vento gelado no rosto, e caminhou até o carro. *Se voltar... estou dormindo no quarto de hóspedes.* Fora um convite? Ele parou de andar. Depois de anos, agora que ela chegara a um limite que não lhe permitia mais sentir medo...

Pense, Charlie. Você precisa ir atrás daquele demônio.

Marion realmente sentia algo por ele, ou só queria dar outro foda-se para Tony? *Isso importa?* Ele segurou as chaves na mão, sentindo o peso delas e sentindo que duas forças muito potentes o puxavam em sentidos opostos. Lambeu os lábios, no frio, e olhou para a mansão. Não sabia se voltaria, se sobreviveria àquela noite. Mas toda a escuridão que era Vegas lá fora também o chamava. Esperara quatorze anos por aquele momento, pela convicção absoluta de que a hora de se despedir do pai chegara.

Ele ou ela, Charlie? Decida-se logo.

A contragosto, enfiou a chave no carro e entrou. Sentiu que foi recompensado com uma intuição de onde Tony estaria. Sentiu como no primeiro dia, como se alguma força o estivesse ajudando, e ainda a incerteza da procedência e intenção daquela força. Mas agora não era mais um garoto de dezoito anos. Agora não pensava na força como vinda de Deus ou do Diabo, e sim de algo dentro dele. Walsh versus Conicci.

O Diabo estava em seu palácio, Charlie sabia. Tinha orgulho demais de onde chegara para estar em qualquer outro lugar. Ele abriu o porta-luvas e tirou a Beretta P4 de dentro. Checou o carregador e viu que tinha dez balas. Deixou a arma no banco de passageiros. Ligou o rádio.

Rory Gallagher, “Tattoo’d Lady” invadiu o carro através dos alto-falantes. É, Charlie sorriu, encontrando na música inspiração para a merda que estava prestes a fazer, *música, boyo, de irlandês.* Ele aumentou o volume e pisou no acelerador.

Vegas ainda brilhava. Funcionava como se nada estivesse acontecendo, uma faixa longuíssima flanqueada por uma miríade de luzes de todos os tamanhos, formas e cores. Vegas pulsava, abria as pernas, dizia: “Venha, divirta-se, aceitamos todos os cartões”.

O Bayside ainda brilhava, também. Viam-se alguns olhares curiosos de transeuntes à fachada ferida pelos tiros, mas uma equipe de homens já substituíra os vidros quebrados e o clima era de *business as usual*. Do outro lado da rua, uma van de reportagem esperando algo interessante acontecer.

Charlie entrou e viu um hotel com número reduzido de hóspedes. Ao caminhar até o elevador, pensou ter visto a recepcionista encarando-o e pegando

o telefone. Dentro, ele sacou a Beretta do coldre e olhou para ela, sentindo que se tornava minúsculo e caminhava entre os componentes de metal. Respirou fundo. *Basta entrar lá e atirar no peito dele, qual é a dificuldade?*

Soltou ar pela boca.

O pensamento foi na mãe. Então o elevador atingiu o último andar e sinalizou o fim da linha com um “plimm!”.

Só havia um quarto no último andar, a cobertura, de forma que Charlie deu de cara com as portas abertas. Achou estranho, como um convite, mas não tinha tempo para analisar as escolhas de Tony naquele momento. Viu a enorme e sofisticada suíte vazia e Tony, em pé, de costas para a porta e olhando para a Strip lá do alto, virou-se para encará-lo. Charlie viu um sorriso leve no rosto dele.

– Estava te esperando.

Charlie pensou em falar algo, em começar algum diálogo que pudesse desencadear uma discussão, para assim poder descarregar a Beretta no peito de Tony. Por conhecer sua própria fraqueza, e conhecer bem o poder de persuasão do chefe, ele decidiu, num átimo de segundo, agir. Levantou o braço e apontou a pistola para o pai.

Tony apenas moveu os olhos para a arma. Não levantou os braços, mantendo as mãos no bolso. Não mostrou medo e muito menos surpresa. Naquele momento, Charlie começou a questionar o verdadeiro significado das palavras “estava te esperando”. Então ele disse:

– Veio me matar?

– Pode apostar que sim, seu merda – Charlie disse entre dentes.

– Me diga uma coisa antes, Charlie, e então pode puxar o gatilho. Algo se apagou em seus olhos, filho, e foi quando sua lealdade morreu. O que foi? A grana de um Bonini, ou a boceta de Marion?

Charlie deu um passo para frente. – Foi exatamente isso, quem você é, o jeito que fala dela, o que fez com ela e tudo o que você representa!

– Ah, mas por que hoje e não ontem? Por que não mês passado, dois, três anos atrás?

– Graeme. Agora eu sei o que você fez com ela.

– Vai me matar por causa de uma puta?

Charlie levantou a arma, movendo o alvo do peito para o rosto de Tony. – Desgraçado.

Então sentiu um puxão, percebeu que chegara perto demais e que Tony empurrara seu braço para esquerda. Um flash de vermelho e então um mergulho vertiginoso na escuridão da inconsciência.

A primeira coisa que fez uma rachadura no limbo no qual Charlie estava foi uma faísca na base do crânio. Uma dor insistente, aguda, que pedia sua atenção em ondas. Aos poucos sentiu a consciência forçar-se dentro dele, da

forma lenta e exponencial que o sol invade a noite. Pensamentos começaram a se formar, primeiro voltados para a dor, depois para a posição incômoda na qual o corpo fora colocado e então para o momento.

Abriu os olhos para dar de cara com Tony e Vinnie.

Ainda estavam na suíte, e pelo vidro via que ainda era noite. O rosto de Vinnie denunciava uma dor verdadeira. Estava visivelmente abalado com aquilo e Charlie se deu conta de que fora ele quem o golpearia na nuca e o apagara.

Testou as mãos atrás das costas, sentiu o aço das algemas.

Ah, a ironia... Quantas vezes estivera do outro lado daquela situação?

Olhou para Vinnie. – Isso é carma ou é algum alinhamento dos planetas?

Vinnie balançou a cabeça, com olhos caídos.

Tony cruzou os braços. – O que aconteceu com Fabricio, Charlie?

Que bom, seria interrogado a base de socos. Mas ele não tinha quem defender. – Fui até a casa dele acabar com a raça do carcamano filho da puta, mas um federal chegou antes. O mesmo que procurou Marion, Ray Cage.

Tony olhou para o chão por um tempo. – E quem te contou sobre a boa e velha Rocket, Charlie?

– O federal me entregou um arquivo.

Vinnie o observou.

Charlie olhou nos olhos dele. – E você sempre soube e nunca me contou, Vin.

Mais uma vez, Vinnie balançou a cabeça. – Ela estava te fazendo mal, garoto.

– Então compactuou para que ela fosse torturada?

Charlie cuspiu no chão, aos pés de Vinnie.

– E Mickey, Charlie, onde ele está?

Um alarme soou na cabeça de Charlie. Como assim, Mickey? Desaparecera? Teria um dos Bonini chegado a ele, ou a polícia, os federais? Falou a verdade. – Não sei nada sobre Mickey. Encontramos Bruno no The Resort, matamos o filho da mãe e Mickey sumiu com a *comare* dele.

– *Comare* do Bonini?

– Ele nunca conseguiu dizer *não*...

Tony o fitava, parecendo irritado com o senso de humor inapropriado de Charlie. – Recebi um telefonema de Salvatore. Você esteve na minha casa antes de vir para cá. Comeu Marion, Charlie? Minha esposa, na minha casa?

– Foi mal, chefe. Achei que você tinha dado permissão.

O olhar de Vinnie era parte pavor, parte decepção. Charlie sabia que tinha dado a Tony uma dúzia de motivos para executá-lo, de acordo com as leis da máfia. Aliás, praticamente deixara Tony sem escolha. O pior: com uma testemunha. Charlie era um homem morto, sabia disso e aceitava isso.

Tony virou a mão, colocando a palma para cima. Vinnie colocou a Beretta de Charlie na palma dele, num movimento letárgico.

Tony encaixou-a na mão, enfiando o dedo no guarda-mato.

– Sabe que não tenho escolha, não sabe?

– Sei.

Vinnie virou o rosto.

Charlie ouviu o estalo seco e masculino da Beretta. O som pareceu alguém batendo com um martelo de carne numa prancha de madeira, com força exagerada. Charlie sentiu um arrepio quando viu o braço de Tony esticado para o lado. Vinnie franziu a testa, olhou para baixo e caiu com todo o peso no chão.

Charlie não conseguiu tirar os olhos dele. Os olhos abertos e a cara amassada contra o piso de mármore da cobertura. Então Charlie deu um suspiro para se situar. Olhou para Tony, que pousou a arma em seu colo. – Mas você é meu filho – o chefe complementou, calmo.

Ele engoliu em seco, fitando Tony com questionamento nos olhos.

O *don* puxou uma poltrona e se sentou, ignorando completamente o corpo de Vinnie. Cruzou as pernas e entrelaçou os dedos. – Achou mesmo que eu não soubesse?

Achou, otário, você achou. Ele suspirou, o peito formigando de adrenalina.
– Quando descobriu?

– Assim que te vi, filho. Você tem o corpo forte do meu lado da família, os cabelos e olhos que herdou de mim. Mas seu rosto, Charlie... é muito parecido com o de Loreen.

– Não ouse falar o nome dela.

– Ouso, sim. Você nunca ouviu o meu lado da história, *figlio*. Imagino o que ela deve ter falado sobre mim. Como está Loreen? Deve ter... cinquenta?

Charlie mordeu o lábio. Forçou as mãos mais uma vez para testar as algemas, mas estavam apertadas. Ele transpirava e podia jurar que o suor estava incandescente da sua raiva.

Tony o estudava, media suas reações. – Sua mãe era linda, Charlie, e sei que a modéstia cristã dela nunca permitiu que contasse isso a você. Imagino que criar um filho sozinha, na pobreza, deve tê-la envelhecido um pouco. Saiba, antes de qualquer outra coisa, que ofereci dinheiro a ela.

– Como você é filho da puta.

– Aceito sua raiva. Eu também achava que odiava meu tio. Meu pai morreu quando eu era novo demais e o irmão da minha mãe me aceitou na casa dele, me alimentou, me deu uma educação e cuidou de mim. Meu tio viu que eu tinha potencial, mais do que *quei froci* dos outros filhos dele. E, quando viu isso, Vittorio agarrou a oportunidade, me colocou nas ruas e explorou minha inclinação para o negócio da família. Mas Charlie... por dentro eu ainda era um

menino. Sua mãe... nunca amei uma mulher como amei Loreen e sei que não vai acreditar, mas é verdade.

Charlie sentiu tanta raiva que achou que ela iria transbordar. Não sabia quanto tempo iria aguentar ficar algemado, sendo forçado a ouvir a retórica daquele desgraçado.

– Infelizmente ela apareceu naquele beco aquela noite. Não fomos atrás dela, garoto, ela praticamente veio até nós. Nada daquilo teria acontecido se eu estivesse sozinho ali. Mas éramos homens perigosos, jovens e tolos, Charlie. Então aconteceu. Sei que não vale de nada te dizer isso, mas sinto muito que ela foi machucada daquela maneira.

Charlie soltou um riso cheio de cólera. – Sente muito...

Tony pareceu paciente. – Tentei consertar as coisas. Tentei namorar com sua mãe do jeito certo, tratá-la bem. Dei presentes para ela, a ajudei a ser promovida no trabalho, eu *cuidei* de sua mãe, Charlie. Mas ela era... teimosa, muito teimosa. O olhar dela me machucava mais do que qualquer coisa que eu possa ter feito a ela. Sua mãe tinha esse poder. O olhar de desprezo dela... – Ele parou, olhou para o lado, pensativo. – Ela ficava tão quieta. Eu nunca soube que odiava aquilo tanto assim, porque ela não dizia nada, ela não demonstrava dor, ou resistência, nada. Eu me inclinava para beijá-la e ela ficava ali, parada.

Charlie imaginou uma cena horrenda de Tony apertando sua mãe contra uma mesa de restaurante. Fixou o olhar no pai para não imaginar mais nada. Queria berrar.

– Eu sei que errei com ela, sei disso agora. – Tony o encarou, a voz suave, racional. – Quando te vi, ali, a cara dela, o mesmo olhar desafiador... eu soube que não podia fazer nada para mudar o passado, mas podia mudar o seu futuro. Charlie, você não imagina o que senti quando vi você ali no Rodello's. Era como me ver, encontrar uma versão mais jovem de mim. E dela. Senti falta dela naquele momento, e, quando você falou, fiquei cada vez mais certo de que não era uma miragem, de que era mesmo você. Pedi seus registros para Viking.

– Não.

Tony franziu a testa.

– Puta merda, não fale dele.

– Depois do que ele fez, *figlio*?

– Você o queimou. Vivo.

– E você acabou com seu sofrimento. Responda-me, Charlie, por que você acha que não obriguei você a executá-lo? Vinnie te deu a arma, era para você fazer aquilo. Por que acha que te poupei?

Merda... Os olhos de Charlie lacrimejaram. Fechou-os para não lembrar daquele maldito dia. – Não me poupeu.

– Poupei sim. No final você atirou no peito dele, mas se enche de orgulho disso. Eu o poupei de não assassinar seu amigo a sangue-frio. Aliás, Charlie, olhe

de novo para o seu passado e pense em tudo o que eu te poupei de fazer. No quanto eu o protegi.

– Não teve nem a dignidade de ir ver seu próprio filho na prisão.

– Eu fui te ver na prisão.

– Quando eu não precisava mais de você.

– Vai realmente me dizer que aquilo não te tornou mais forte?

– Entregou a mulher que eu amava para um sádico.

– Não foi uma decisão leviana, Charlie. Sei que a amava. Sei que uma mulher como ela tem o poder de deixar um homem irracional. Mas de fora, como alguém que ama você, vi claramente que ela o destruiu. Foi por causa dela que você quase se matou com aquela merda toda. Eu protegi você. Mandeí você para a reabilitação e você sabe que funcionou. E sabe por que funcionou? Porque quando você voltou a vadia não estava mais lá.

Charlie jogou a cabeça para trás para aliviar a dor no pescoço. Abriu os olhos cheios de lágrimas e viu o teto pintado de bege da suíte. Tentou respirar fundo e se acalmar. – Ele a torturou por dias. Eu vi a fita.

Tony suspirou. – Que fita?

– Ele filmou tudo, aquele... – Ele cerrou os dentes, achando que arreventaria a própria mandíbula. – Ele me mostrou.

– Sinto que tenha visto aquilo.

– Ela estava grávida. Mandou seu próprio neto contra Fabricio!

– Eu não sabia disso. Juro que não sabia.

– Por que essa conversa toda? Por que não me mata logo, porra, em vez de ficar se desculpando pelas merdas que nós dois sabemos que não faria diferente?!

– Porque consigo imaginar a raiva que você está sentindo e quero que se acalme para que possamos conversar como homens.

– Eu não quero conversar. Quero que isso acabe, porque toda essa merda com Viking, Graeme e Marion eu poderia... eu deveria ter impedido se tivesse metido uma porra de uma bala em você na primeira chance que tive.

– E por que não fez isso, Charlie?

– Não sei.

– Sabe. Sabe sim. Porque ama essa vida. Porque ama essa família. Porque não quer e nem saberia ser algo diferente do que você é. Você nasceu para ser um Conicci, Charlie.

– *Walsh!* – ele berrou, o rosto vermelho. – Sou um irlandês, esqueceu? Meu nome é Walsh!

– Você era um Walsh, isso é fato. Quando olhou para mim naquela tarde no Rodello's você era um Walsh. Mas não seja ingênuo a ponto de mentir para si mesmo que não mudou. Que essa vida não te mudou. Você se tornou um Conicci. Você é meu filho por completo agora.

Tony levantou-se e colocou as mãos nos ombros de Charlie. Olhou nos olhos dele como se procurando algo. – Entendo a resistência. Temos muito o que conversar e muito o que perdoar. Mas você só tem um destino possível, *figlio*, e sabe disso. Matei Vinnie para te provar que passo por cima de qualquer regra, qualquer moral, para que me perdoe, para que reconheça meus defeitos como homem e aceite seu destino. O momento é certo. Uma nova família Conicci vai surgir dessa merda dessa guerra. Lá fora os nossos estão aniquilando os deles e sangue está correndo nas ruas porque isso precisa acontecer de vez em quando. Quero você comigo. Quero poder te reconhecer como filho perante todos eles e quero que tome as decisões comigo. Que more naquela casa comigo. Não entende que dessa forma posso libertar Marion da obrigação de me dar um filho? Não entende que dessa forma, dentro daquela casa, ela pode ser sua? Sei que sempre quis isso. Por isso a ofereci a você naquela noite, mas você entendeu tudo errado. Agora pode tê-la, Charlie. Sem culpa. Sem que seja traição. Vamos reinar, lado a lado, eu e você. Tomar de volta os territórios que deveriam ter ficado com a gente desde o início. E aos poucos conquistar o lugar que merecemos em Nova Iorque. Daqui a quinze anos eu me aposento e posso me redimir com você, entregando tudo isso, esse verdadeiro império, em suas mãos.

Charlie olhou de volta para o pai, mensurando as palavras, pensando a proposta. – Vai deixar Marion livre?

Tony sorriu. – Claro, garoto. Nunca ameí Marion. Sabe disso. Todas as mulheres que tive foram fracas substitutas para Loreen. Decepcionei-me e descontei minha solidão de forma violenta nela, sei disso. Não sei ser diferente, Charlie. Você pode e deve mudar isso. Não vê que você é a melhor parte de mim, que você é minha redenção? Minha herança para a *Cosa Nostra* e para o mundo, alguém com minha força, alguém que treinei durante todos esses anos, mas com um coração melhor, com um discernimento mais adequado para essa época?

Ele olhou para baixo, para o carpete cheio de padrões floridos na suite. Sabia que podia fazer aquilo, ser aquilo, mudar as coisas para serem melhores, mais justas. Pensou na mansão, pensou em Marion esperando, com uma caneca de chocolate quente e cobertores, para assistir Hitchcock com ele. – Sim. – A voz saiu fraca. – Tem razão.

Tony o estudou, o corpo mais tenso, a respiração mal contendo seu entusiasmo. – Fale, Charlie. Somos só nós dois aqui, pai e filho. Fale.

– Tem razão. Sempre soube disso. Por isso nunca... nunca tive coragem de fazer o que queria, de levar para frente essa vingança infantil.

Tony segurou a cabeça de Charlie com as duas mãos. – Eu vou me redimir com sua mãe. Isso eu te prometo. Você decide, você manda, e eu faço. Separo-me de Marion amanhã, mesmo sendo contra as regras. Quero vê-lo feliz, só isso.

Quero você ao meu lado, só isso. Nossas desavenças são típicas entre todos os pais e filhos, mas juntos podemos superá-las, *figlio*. Eu te amo, Charlie.

Ele sentiu os olhos queimarem e assentiu. – Eu te amo, pai.

Tony sacou as chaves do bolso traseiro. Moveu-se para trás e abriu as algemas, jogando-as no chão como se as odiasse. Charlie esfregou os pulsos com um suspiro, sentindo o quanto aquela libertação era metafórica.

Tony sorria para ele. Abriu os braços, o anel no dedinho reluzindo ao encontrar um feixe de luz. Charlie pegou a Beretta, apertou o gatilho e abriu um buraco no peito dele.

Tony caiu com o impacto, desequilibrado, ofegante, olhando para Charlie com os olhos arregalados de surpresa. Charlie terminou de se levantar e apontou a arma para baixo, para a camisa do pai. – Viking – sibilou, e disparou de novo, sentindo o puxo do coice e ouvindo o cartucho tintilar no mármore. – Graeme. – Apertou de novo o gatilho, vendo outro buraco vermelho aparecer no peito do pai. – Marion. – Outro tiro, outra bala que penetrou o tórax de Tony. Charlie tinha os olhos cheios de lágrimas quando apontou para a testa do pai. – Loreen.

Atirou uma última vez, ouvindo o estalo da arma, o eco do tiro no cartucho quicando no piso. Então o silêncio, e o corpo de Tony prostrado no chão, os olhos dele fechados, o sangue espalhando-se na camisa. Charlie não queria esquecer daquilo. Precisava assumir responsabilidade, precisava sentir tudo o que havia naquele quarto, naquele momento, para ser sentido.

Nada. Nem uma pontada de tristeza e muito menos de alívio.

Então ouviu uma respiração cortar o ar. Sentindo o corpo endurecer de medo, ele foi arrancado do estado de transe em que se encontrava ao fitar o cadáver do pai e olhou para cima.

Ela estava ali há quanto tempo? Francesca Strong, usando calças jeans e camisa branca deformada por um colete à prova de balas que vestira por baixo. As mãos seguravam uma Glock apontada para o chão, o rosto demonstrava preocupação.

Ele deixou cair a arma. Mas não levantou as mãos. Procurou medo como procurara tristeza pelo que tinha acabado de fazer. Não encontrou. Que ela fizesse o que quisesse com ele. Que ele voltasse para a prisão. Não se importava mais.

Mas Francesca abaixou a arma e deu dois passos para dentro do quarto, olhando o corpo de Tony. Relaxou os ombros. Ficou em silêncio por alguns instantes. Quando encarou Charlie, não esboçou nenhum sentimento fora paz.

E, sem pronunciar uma única palavra, ela se retirou, virando as costas para ele, confiando inteiramente que ele não ousaria agredi-la, parecendo caminhar de forma mais leve e fluida para fora daquele lugar e daquele momento.

Charlie sentiu-se como se os dois tivessem acabado de ter uma longa conversa sobre aquilo. Sobre Viking, sobre vingança, sobre certo e errado e sobre

uma trégua ingênua e breve entre o FBI e a Cosa Nostra em Vegas, ou o que sobrara dela. Por mais que a presença de Strong ali, alguns segundos antes, tivesse parecido a presença de um deus, agora parecia ter sido uma miragem.

Ele poderia fugir, mas quando a máfia está atrás de você, eles vão te achar. Então caminhou para longe dos corpos e deslizou sobre uma poltrona acolhedora, que pareceu abraçar seu corpo inteiro. Descansou cada músculo, cada osso, e estudou suas próprias funções, sua respiração, seus batimentos cardíacos, tudo. Relaxou.

Pensou nela, e só nela, na única que ainda restara. Loreen se recuperara, porque era forte. Graeme provavelmente não. Os outros morreram. Mas Marion estava livre, finalmente. Marion ainda tinha uma vida inteira para ser vivida. Queria que ela o escolhesse. Queria comprar outro gato, ver filmes e dormir com ela. Limpou o suor da testa. E Mickey? E que fim dera Fabricio? O que estava acontecendo lá fora que naquele exato momento definia seu futuro?

Charlie esperou. Ficou sentado ali com a Beretta no colo, sem olhar para os corpos, e esperou. Não sabia quem iria cruzar aquela porta, se seriam os amigos de Strong, os Bonini, para executá-lo com dois tiros no peito e um na cabeça, ou os Conicci, vingando o *don*. Charlie esperou.

A imoralidade da cena colocava um sorriso no rosto de Marion. Gostava da falta de decência daquilo. Também gostava do que sentia naquela cama, quando a pele quente dele tocava a dela. Gostava de ser quem era ali e sentia que nunca precisaria ter medo de novo.

Levantou a mão e olhou para o pulso enfaixado. Ainda sentia choques correndo por baixo da pele. Sentia um queimar súbito de vez em quando. Uns puxões finos. Mas não doía tanto.

Ela ainda se lembrava de deitar-se nua naquela banheira, de ter engolido dois comprimidos para dormir, meia hora antes do banho, para que apagasse logo e não precisasse sentir o sangue inteiro fluir para a água. Lembrava-se da dor do corte, estranhamente mais tênue do que outras dores que já sentira. E quando o sangue subira do corte, a libertação.

Agora entendia melhor a sensação de libertação, tão próxima de uma agorafobia que lhe tirava o ar. Virou-se na cama, amando a sensação dos lençóis acariciando sua pele, e não conseguiu se controlar. Deu um beijo no peito dele, sentindo o sexo formigar, ficar quente com a possibilidade de senti-lo de novo.

Charlie fumava, olhando para a escuridão do quarto. No chão, o terno preto que usara no funeral. O vestido dela, também usado para o compromisso fúnebre, estava amarrotado sobre o carpete, ao lado das meias, dos sapatos, da bolsa e da calcinha.

Ele deu um beijo na testa dela. Amassou o cigarro no cinzeiro. – Está com fome?

– Muita. Pede para gente? Chinesa?

Ele assentiu. Queria que o mundo parasse de girar para que pudesse passar anos com ela naquela cama, alternando entre jantar e beijá-la, dormir, comer e beijá-la. Queria poder guardar o perfume da pele dela numa jarra. Nenhum prazer de drogas, bebida, cigarros ou grana chegaria perto do que ele sentia naquele momento, com Marion finalmente ali, real, acessível, possível de ser tocada, na cama dele, respirando com suavidade, dando suspiros de cansaço.

Dois dias antes, Charlie fora encontrado na suíte do Bayside por Frank Gnocchi. Pensara que Frank teria um surto ao ver os dois cadáveres no chão, mas Frank caminhará com passos cuidadosos até a cama. Sentara e apoiara os cotovelos nos joelhos. – Vamos sobreviver, garoto – dissera, cansado. – Eu e você.

Charlie ainda estava vivo, mas a reunião que decidiria seu futuro aconteceria no dia seguinte. O enterro de Tony fora naquela manhã, marcado pela presença em massa da imprensa e de outros chefes. Nos últimos quatro dias, mais de trinta corpos de mafiosos haviam sido enterrados em covas reais em cemitérios. O mundo ainda noticiava o “Natal macabro em Vegas” com uma mistura de aversão, indignação e fascínio. Políticos e celebridades davam suas opiniões, viaturas de polícia marcavam presença em cada esquina e o fim do ano parecia não chegar nunca.

Frank chorara no enterro. Charlie sabia que sentia a morte de Fabricio, mesmo se ela não tivesse sido confirmada. Um desaparecimento de alguém que causara tanto sofrimento, em meio a uma guerra, era algo que não podia ser encarado com esperança. Pete passara o enterro apertando mãos e falando baixo com outros chefes. Charlie não mostrara sentimento algum ao ficar ali de pé. Arriscou olhares para Marion, que tinha o olhar cansado e os olhos tristes. Ela usara luvas pretas de cetim, até o meio dos braços, que esconderam com delicadeza os curativos.

O evento foi longo naquela manhã ensolarada. Muita gente, muitas fotos, muitas palavras. Elogios e pêsames eram bradados ao ar e novas estratégias e opiniões pessoais cochichadas em círculos pequenos. Charlie pegou os olhares em sua direção, mas não se mostrou intimidado. Sabia que se tivesse um contrato sobre sua cabeça, já estaria morto.

Entrou na limusine preta junto com Marion quando tudo acabou.

O motorista, Donnie, dirigiu de forma lenta em direção à mansão.

Ela tirou o chapéu com véu preto e o colocou ao seu lado, no banco de couro. Olhou para Charlie com uma expressão difícil de decifrar.

Finalmente disse: – Não quero saber quem foi, ou como foi.

Charlie não respondeu.

Ela olhou para fora da janela e esfregou a coxa com um gesto distraído. Lambeu os lábios e arriscou um olhar para ele.

Ela a fitava. Aproximou o corpo. – O que você quer? – sussurrou.

O peito dela inflou quando puxou uma respiração profunda. – Estou confusa – respondeu baixo. – Sei o que quero... o que quero há muito tempo, mas não sei se deveria.

Ele não conseguiu se conter. Deslizou a mão pela maciez acetinada da meia-calça dela, por dentro, quase tocando a calcinha. Marion deixou escapar uma respiração trêmula, mas segurou a mão dele para que parasse.

Ele ficou surpreso quando ela falou, em voz alta: – Donnie, não vamos para casa, vamos para o apartamento de Charlie.

Ele entendeu. Ela não estava pronta. *Claro que não, amigo, está com os pulsos abertos e com a roupa que usou para enterrar o marido.* Ele recostou-se contra o banco, ainda com os olhos nos dela. Ela não o encarou e ele viu que estava enrubescida, mirando o mundo através dos vidros esfumacados, o mundo no qual ela era uma viúva de 28 anos, o mundo que alguns dias antes decidira abandonar, com uma navalha na mão.

Quando a limusine parou em frente ao prédio de Charlie, ele pensou no que falar. Não estava pronto para dizer adeus, mesmo sabendo que era o melhor para ela. Mas então Marion abriu a porta. – Tchau, Donnie, a gente se vê.

Charlie olhou enquanto ela saía do carro e segurava a porta aberta para ele. Donnie franziu a testa, olhando para Charlie, que saiu para evitar aquelas acusações silenciosas.

No apartamento, Marion deu uma longa olhada para os quadros nas paredes, em preto e branco, de Charlie e seus amigos. Olhou os CDs dele, sorrindo. Parecia, finalmente, uma mulher de sua idade. Passava os dedos nos poucos livros que Charlie tinha na prateleira. – Ian Fleming – ela sorriu.

Ele a fitava. Sentia-se nervoso, como se num encontro adolescente. Uma hora olhava para ela e via uma garota mais jovem do que ele, a mesma que comia chocolate e bebia champanhe da garrafa no telhado da casa. Outras vezes, lembrava que ela fora a esposa de seu pai.

Então ela endireitou as costas e virou-se para encará-lo. Puxou um grampo do cabelo e deixou que caísse em ondas suaves em volta do rosto.

– Me leva para o quarto, Charlie.

Com dois passos ele estava contra ela e a agarrou num beijo áspero. Ela suspirou enquanto abria a boca e foi com um pouco de dente a princípio, depois línguas obscenas e muita saliva. Num impulso, ele a levantou e apertou contra a parede, sentindo as pernas dela o envolverem, apertando a bunda dela com uma vontade que confundiu todos os seus sentidos.

O primeiro momento entre eles foi de um conhecimento tímido, porém esfomeado, marcado por beijos derretidos, respiração acelerada no escuro e gemidos contidos. Ele se perdia no pescoço de Marion, na maciez da pele dela, e ao mesmo tempo movia-se com cuidado para não agarrar seus pulsos. Ela sorria de olhos fechados, deliciada, movendo-se de um jeito mole, sem pressa.

Charlie não conseguia se lembrar de quanto tempo aquela brincadeira durara, mas sabia que fora por uma parte considerável da tarde. O segundo momento foi diferente do primeiro quando Marion parou de sorrir, quando Charlie já estava deitado em cima dela na cama, quando as roupas já estavam sendo arrancadas e quando a boca dele desceu para sentir o gosto dela. Quando Marion começou a gritar, ele parou, e então ela se agarrou nele, com força, os dedos nos cabelos, as unhas nas costas, e ele se perdeu de novo nela, enfiando-se nela, sentindo que a tornava sua e ao mesmo tempo dava a ela o poder de partir seu coração para sempre.

A noite brincou com as luzes que entravam pela janela e desenhou ângulos estranhos nos corpos que, entrelaçados, tentavam se recuperar da cópula secreta, indecente e excessivamente satisfatória dos dois.

Entrelaçaram dedos, beijaram-se com corpos suados. Não falaram. Deixaram um sono raso, juvenil, os separar.

Agora, Charlie fumava, sentindo-se completo com ela descansando a cabeça em seu peito. Não tinha coragem de declarar em voz alta os pensamentos que o invadiam, aqueles que um homem tem quando inebriado pelo cheiro de cabelo, perfume e suor da mulher amada. Queria dizer que matara por ela e morreria por ela. Secretamente desejava pedi-la em casamento, queria engravidá-la, queria possuí-la de todas as formas que podia. Por isso ficou em silêncio. Seus desejos eram imaturos e machistas, e no fundo só eram fruto de um amor que ele reprimira por tempo demais.

– Posso fazer a primeira confissão? – ela sussurrou no escuro, cheia de moleza, como uma gata.

– Claro. – Dançou as pontas dos dedos nas costas macias dela.

– Me dá tesão que você foi tão proibido para mim, por tanto tempo.

– É, reconheço meu próprio fetiche por você ser a mulher do chefe.

Do meu pai, ele acrescentou mentalmente, soprando fumaça no ar.

Ela sorria. Dentes lindos, mordendo o lábio inferior. – Não quero me reprimir com você. Não quero ter que me segurar.

– Puta merda, Marion, tem mais?

Ela riu, rouca, linda, perfeita. – Tem muito mais. Tem tudo o que eu sonhei nas noites sozinhas naquela cama, tudo o que eu desejei que ele me desse, que ele guardou para as outras, para separar a esposa da puta, a mulher pra procriar e a mulher para lhe dar prazer.

– Não consigo separar isso – ele suspirou, olhando para o teto. – Eu olho para você e vejo tudo, todos os seus lados e facetas, e morro de medo deles... morro de medo deles.

– Não tenha, Charlie – foi um sussurro.

– Vou pedir nossa comida. Vou tomar um banho.

Ele levantou e ela virou na cama, de barriga para baixo, colocando as pernas para cima e olhando para o corpo dele. – É errado eu dizer que ainda acho você parecido com Tony?

Ele mordeu o lábio. Como queria contar. Sabia que se contasse ela iria fugir. Tinha certeza, e não estava pronto para ficar sem ela. Olhou sobre o ombro. – Não diga isso, Marion.

Ela olhava para os pulsos enquanto ele vestia as calças. – Sonhei uma vez com isso. No meu sonho, Tony se separava, virava dois, como se puxado por uma energia ruim e outra boa, um cabo de guerra, sabe? Parecia um aspirador invisível. E nessa separação do bom e do ruim você era o bom. Não era “você, você”, mas um Tony mais jovem, muito parecido com você.

– E o lado ruim?

– Eu li um livro quando era pequena, no colo de David – ela suspirou. – Horripilante, ele mesmo achou e o guardou no fundo de uma gaveta. Falava de castigos horríveis para crianças que faziam maldades. Numa página havia uma ilustração que conseguiria replicar perfeitamente se tivesse o dom artístico, de tanto que me lembro dela. Eram dezenas de tipos diferentes de demônios. O que mais me dava medo era um... meio magricela, pernas abertas como um desenho de vaqueiro, corpo todo vermelho. Ele não tinha chifres, mas imitava dois chifres no alto da cabeça com os dedos levantados. Aquela ilustração me apavorava, porque ele era debochado, sabe? E eu lembro que imaginei coisas horríveis acontecendo com pessoas e ele sempre espiava por trás de uma árvore ou debaixo da cama... e ele estava sempre rindo.

Ela esticou o braço e pegou um cigarro do maço dele. Acendeu e fumou, falando com a fumaça que subia em curvas sinuosas. – Aquele demônio foi o que eu vi quando Tony virou dois no meu sonho.

Ela a fitou, sem saber o que dizer. Há três noites esperara uma reação ao assassinato de Tony, algum tipo de culpa e depressão absurda, algo parecido com o que sentira quando Viking morrera. O sentimento nunca o atingiu, embora ele ainda estivesse esperando-o. Naquele momento, no entanto, quando Marion falou aquilo, ele sentiu um arrepio. Não pela primeira vez, ela pareceu ter lido seus pensamentos:

– Estou pronta. Pode falar. Foi você?

Ele assentiu. – Sim, Marion. Fui eu.

– Sente culpa?

– Não.

Com lágrimas nos olhos, ela não olhou para ele quando disse: – Não sinta. O que você viu Tony fazer comigo... não se compara ao que ele fazia comigo no silêncio, no escuro, quando ninguém estava por perto.

Ele engoliu em seco. – Vi um lado dele que acredito ser ainda pior, Marion... sou o fruto do pior de Tony. E mesmo assim cheguei a amá-lo algumas

vezes.

O sorriso dela era fraco. – Sim, conheço a sensação.

Amanheceu cedo demais.

Ele fez a barba e voltou para o quarto, onde Marion respirava num ritmo inebriante enquanto dormia. Não queria deixá-la, achando que o que tinham ainda era frágil. Queria mergulhar nela, como fizera outras vezes durante a noite.

O sol entrava no quarto, mesmo com as cortinas fechadas. Um feixe de luz parecia cortar o corpo nu de Marion no meio, na barriga.

Acordou-a com um beijo sedento onde a luz tocava sua pele e ouviu que ela ria. Charlie tornou sua missão fazê-la rir todos os dias. Deitou-se de lado, para olhá-la.

– Fica – ela suspirou.

– Não posso. Mas é rápido. Não sei por que ainda estou vivo depois de tudo o que fiz, e preciso descobrir o que querem de mim. É só uma reunião. Depois eu volto.

Marion tocou o rosto dele.

Então Charlie falou: – Fica.

Ela engoliu e o rosto mostrou uma leve tristeza.

– Tem dúvidas se quer ficar?

Marion balançou a cabeça. – Tenho dúvidas se sente por mim o que sinto por você.

Charlie pegou a mão dela com o cuidado que já aprendera a ter com seu pulso. Com firmeza, tirou a aliança de casamento dela. Beijou o lugar onde estivera, marcado pelo bronzeado. – Sei que tem dúvidas se consegue continuar nessa vida que tanto te machucou. Sei que finalmente é livre e pode fazer o que quiser, ter a vida que merece, longe daqui e longe dessa merda toda. E suponho que seja pedir demais que você insista, que fique.

– Não, Charlie, essa não é minha dúvida. Tenho forças para essa vida. Mas preciso saber se o homem que amo vale o que terei que enfrentar. Preciso saber o que sente.

– O que preciso fazer para prová-lo?

Ela suspirou. – Não sei. Acho que já provou, não é mesmo?

– O que você quiser, Marion. A demonstração mais absurda e exagerada. Se quiser que eu corte meus pulsos para ter as mesmas cicatrizes, eu farei isso.

Marion o fitou com uma ruga na testa, buscando seus olhos. – Vai renegar as tentações desse mundo, Charlie? As *comares*, o poder corrosivo, o bom senso em nome das tradições?

– Não sou Tony. Nunca vou ser como ele.

– Diga isso mais uma vez. E eu fico.

Ele a beijou, sentindo o peito expandir de alegria. – Não sou Tony. Nunca vou ser como ele – sussurrou para ela.

Quando Charlie saiu ao sol, a caminho do carro, não conseguiu esconder um sorriso. Sacudia as chaves no punho e pensava na mulher dentro do apartamento, pensava no quanto queria passar a noite lá com ela, no quanto queria ter tudo com ela. Entrou no carro e fechou a porta, girou a chave e ouviu o rádio tocando “Stay”, do Oingo Boingo.

Ele riu. Bateu a palma aberta no volante. Berrou as letras que diziam o que ele dissera para ela alguns minutos atrás. “Fique, fique comigo mais um dia, se sobrevivermos a mais uma noite”. Cantou o caminho inteiro até a mansão, ignorando com alegria as pessoas que olhavam para ele quando parava num semáforo. *Você virou um otário de primeira categoria, Charlie.* Ele riu. *Vai dar tudo certo para você.* Olhou para a cidade que sempre parecia meio morta à luz do dia, como se numa ressaca da noite anterior. As luzes continuavam acesas, mas pareciam perder o brilho, de alguma forma.

Chegou à mansão e foi direto ao escritório, onde a porta estava aberta e a luz batia na mesa de mogno que sempre fora de Tony. Quando entrou, Charlie sentiu que o chefe deveria estar ali e estranhou que a falta dele naquele ambiente fosse tão opressiva, tão sólida.

Os outros se levantaram e Charlie reconheceu Gino Bonini e Cesare Gnocchi entre eles. Gino comandava respeito pela robustez do seu corpo, pelo casaco de peles masculino que usava, pelo rosto grande, enrugado e charuto na mão. Cesare era mais novo, mais bem apessoado, mas também uma presença adamantina. Charlie procurou dentro de si o medo que deveria sentir daqueles homens, e não encontrou. Atrás de Gino e Cesare, seus guarda-costas e *contabile*. Frank e Pete estavam lá, também, e cumprimentaram Charlie de um jeito que ele não entendeu.

Charlie era feito de incertezas, mas permitiu-se a frieza de não perguntar. Cumprimentou Gino e Cesare com o respeito que lhes devia e sentou-se. Enquanto sentavam, ele jogou um olhar sobre o ombro para a pintura tradicional do *don*, na parede, em cima da lareira. O pai posara com o orgulho descarado e agressivo que o definira. Charlie sentiu uma mistura de ódio e saudades. Virou o rosto para os homens que o fitavam.

Frank começou. – Gostaríamos, em primeiro lugar, da sua avaliação da última semana, Charlie, e sabe que entre nós não há espaço para segredos.

Ele suspirou. Esfregou o dedão contra o dedo indicador e então falou, sem desviar o olhar deles: – Fomos dilacerados, ambos os lados, como dois tubarões brigando. Se não trabalharmos juntos, o FBI nos destrói em menos de três meses. Houve baixas significativas em números, mas também na moral das duas

famílias. Bruno conduzia as coisas aqui... – Ele olhou para Gino. – Sinto pela sua perda.

Gino meneou a cabeça.

Charlie continuou. – E Tony está morto, de forma que as duas famílias precisam de novos líderes. Um novo *don* para os Conicci e alguém que Gino vai escolher para tocar os negócios aqui. Deve haver um novo acordo territorial, com validade predeterminada, para que não tenhamos que nos preocupar com guerras e possamos investir na nossa recuperação.

Houve uma troca de olhares entre os velhos. Frank falou: – Concordamos com o cenário que você propôs, Charlie, e achamos que a única forma de sobrevivermos é através da paz. Mas temos alguns problemas. Perdemos Vinnie e o corpo de Mickey foi encontrado ontem, num hotel. Ele foi executado por ordens de Gino aqui, junto com a *comare* de Bruno, que o traiu. Dessa forma, nos reunimos e concordamos que o novo *don* da família Conicci deve ser você, com o meu aconselhamento.

– Sinto por Mickey – ele falou, sendo sincero, olhando para Gino. – Mas compreendo sua decisão. E sim, suponho que não há pessoa melhor do que eu para assumir os negócios. O que a família Conicci acha disso?

Pete inclinou a cabeça ligeiramente para o lado. – A família Conicci está a par e concorda, Charlie.

Ele trocou olhares com Frank. A expressão calma dele indicava que ele não contara à família Conicci que Charlie fora o autor da morte do *don*. Frank manteve os olhos fixos em Charlie quando disse:

– Há questões legais envolvidas também, Charlie. Tony deixou claro em seu testamento que você é seu filho biológico. Deixou a mansão e o Bayside para você e alguns bens para Marion. Os Conicci ainda são donos do negócio e das operações e o tributo para os Gnocchi continua o mesmo.

Ele não escondeu um sorriso. *O amor paterno e sua força incontestável.* – Cesare, vai ser uma honra conduzir os negócios sob a tutela da grande família Gnocchi. Vou precisar de homens.

Cesare assentiu. – Sim, vai. Vou mandar dois dos meus *capiregime* para você, Charlie. – Ele estendeu a mão. Charlie a apertou.

Frank olhou para Gino. – Estamos de acordo aqui, Gino? Há algo que queira contestar?

Gino balançou a cabeça. – É um período de luto. Enterramos muitos dos nossos. Perdi um filho. Frank, você perdeu um filho e Charlie aqui perdeu o pai. Muitos amigos queridos se foram nessa guerra e agora eu quero paz. Paz, lucros, filhos, família. Estou de acordo com a divisão dos bairros, estou de acordo com a trégua. Charlie tem razão quando diz que devemos nos unir para sobreviver. Então faremos isso. Declaro que Charlie seja feito *don* numa cerimônia oficial

depois da missa de sétimo dia de Antonio. Anuncio agora que vou colocar meu primo, Ignacio, para representar a família aqui em Vegas. Vou oficializar isso depois que Charlie for feito *don*.

Charlie levantou-se e abriu os braços. Gino se pôs de pé e o abraçou. Charlie deu um beijo na face dele e lhe deu um sorriso.

Os outros homens se cumprimentaram e Pete os acompanhou até as limusines paradas na entrada da casa.

Frank olhava para Charlie com uma mistura de orgulho e apreensão.

– Filho, olha pra mim.

Charlie olhou. Frank se aproximou e colocou duas mãos pesadas nos seus ombros. – Discernimento. Calma. Racionalidade, êh?

Ele assentiu. – Sim, Frankie.

– Case-se. Forme uma grande família.

Ele suspirou.

– Estou do seu lado – Frankie falou. – Perdi um filho e você um pai. Apoie-se em mim e tudo vai dar certo. Somos fortes.

– Sim, Frankie.

– Vou mandar tirar o quadro do seu pai da parede. Passe para Donnie os seus desejos em relação à mansão, o que fica, o que vai.

– Espere, Frankie... não tire o quadro dele. Deixe-o. Quero o meu ao lado.

Frankie meneou a cabeça. – Como quiser, filho.

Charlie pensava em ir ao seu apartamento. Ansiava por Marion, mesmo que a conversa que teria com ela não fosse fácil. Ainda precisavam das palavras, e o sexo fora uma barreira que não permitira que as coisas difíceis tivessem sido ditas ainda. Não teve receio ou medo da conversa, no entanto. A melhor coisa sobre Marion era que ela sabia conversar. Que brigava, claro, que reagia com sentimento e emoção sem qualquer tipo de filtro, mas que também analisava o coração humano com a mesma abertura, com a mesma falta de preconceitos ou medos. Ele imaginou que a revelação sobre sua nova posição na família fosse mexer com ela, trazer à superfície suas dúvidas. Soube que revelar que Tony fora, todo esse tempo, seu pai, também mexeria com Marion. Mas Charlie tinha esperanças de que ela lidaria com aquilo com a coragem que tinha, com a coragem que lhe definia.

Antes, no entanto, ele escutou sua alma, aquela que ansiava pela voz da mãe ao telefone, pelos beijos de Marion no apartamento e por talvez um último martini ao lado do pai. É, um pouco de conselho do desgraçado não cairia mal num momento daqueles.

Deixando-se ser arrastado por aquele sentimento nostálgico, que por algum motivo parecia mais digno de ser saboreado do que a sensação de vitória, Charlie dirigiu até o Bay side.

Olhou para a fachada exagerada, como a maioria dos cassinos de Vegas, piscando, a fonte na frente sobre uma plataforma redonda de mármore, as palmeiras... aquilo era dele agora. Aquilo era um trabalho real, legítimo. Era ali que ele concentraria todas as suas forças, em tornar aquilo puro, limpo, em algo do que se gabar, algo que poderia apresentar para Loreen sem medo de seu escrutínio. Um dia a força da ilegalidade das operações da família Conicci definharia. E Charlie teria o *Bayside*.

Ele parou o carro e jogou as chaves para o *valet* que sorriu um “Olá, Charlie” e subiu as escadas. Dentro do hotel, caminhou pelo carpete cafona do cassino, entre as máquinas de caça-níqueis, as mesas de *Blackjack* e as roletas. Lembrou-se de que não costumava gostar do som. Agora, não lhe parecia irritante, e muito menos belo. Parecia natural, apenas.

Uma vez, quando pequeno, Charlie acompanhara Loreen a um escritório onde ela tivera que preencher um documento para que continuassem alugando a casa que alugavam. Ele prestou atenção e viu que em “nascido:” ela escrevera “Nova Iorque”. Na volta para casa, Charlie segurara sua mão e perguntara: “Como é Nova Iorque, mãe?” e Loreen pensara por alguns minutos antes de responder:

– Nova Iorque é um mundo em si só, *boy*. É diferente de todos os lugares do mundo. Quando você está lá, é como se estivesse no único lugar que realmente importa, sabe? Como se fosse o topo de uma montanha e todos os outros países e estados e cidades estivessem abaixo dela. Nova Iorque é linda... perigosa para pessoas fracas, Charlie. Mas linda.

Ele pensou agora que Loreen estivera errada. Um mundo à parte, uma dimensão distinta, um lugar diferente de todos... era Las Vegas. E ele estava em seu lar, na sua casa, no lugar onde Charlie não era outro moleque encrenqueiro, filho da violência, tentando sobreviver um assalto de cada vez. Ali Charlie era alguém importante. Ali poderia tomar decisões. Ali era chefe.

Pisou na calçada quando o céu já estava num tom de azul intenso. Ligara para Marion. Ela atendera com uma voz manhosa, insinuante, pedindo para que ele fosse logo para lá. Ele respondeu que ia levar o jantar, que sentia a demora, mas tivera que passear pelo cassino sozinho um pouco e que tinha coisas para conversar com ela. A resposta de Marion fora: “Estou pronta, Charlie. Venha conversar”.

Ele acendeu um cigarro e respirou fundo a noite que se aproximava. A noite que acordava a cidade, que fazia as moedas caírem em pilhas, as *strippers* rodopiarem nos *poles*, os pneus das limusines pararem de frente para os cassinos. Tudo rodopiava quando a lua mostrava seus dotes no céu de Vegas. Poderia ser a roleta que quebraria um empresário ou a câmara de um revólver segundos antes dele disparar na boca do mesmo homem. Tudo rodopiava.

Marion gostava de comida tailandesa. Havia um restaurante tailandês a duas quadras dali, de forma que Charlie decidiu ir andando. Passou pelos turistas, os executivos, as putas, os traficantes, todos ocupando democraticamente a mesma calçada. Olhou de forma casual para uma limusine branca, parada junto ao meio-fio, e para o homem que abria a porta a espera de seu mestre. Reconheceu aquele homem. Continuou andando, franzindo a testa, pensando que tinha acabado de ver um dos capangas que haviam estado com Ray na noite em que ele levou Fabricio. Alto, forte e de cabeça raspada, olhos azuis de uma frieza notável. Charlie parou de andar e olhou para trás.

Então seu olhar pousou sobre a criatura magra que saíra do Hotel Coroana vestindo um sobretudo Burberry e botas marrons. Ela pisara na calçada e dava passos decididos, com a cabeça erguida, até o carro que a esperava. Atrás dela, uma mulher andava de mãos dadas com um menino de uns cinco anos. Um segurança carregava duas malas. Outro observava, com olhar de mau.

Santo caralho, era ela. Mas não podia ser.

Ele deu alguns passos impensados em direção a ela, vendo que ela esperava a mulher com o menino entrarem no carro primeiro. Ao mesmo tempo, um dos fortões colocava as valises no porta-malas. Quando Charlie deu outro passo, o segurança de trás pisou na calçada para impedi-lo de chegar perto dela.

– Graeme!

Ela virou o rosto e eles se olharam. As luzes amareladas brilhavam no rosto lindo, porém endurecido da mulher que fora seu primeiro amor. Ele viu o reconhecimento nos olhos dela, as bochechas vermelhas do frio e o cabelo preso querendo se desprender da fivela pelo vento.

Passaram-se entre aquele olhar as noites de refúgio nos braços um do outro. Só uma prostituta e um gângster. Tudo mudara desde então, mas era difícil se concentrar no presente quando o passado entre eles parecia berrar.

O movimento dela foi seco: fechou a porta do carro. Falou algo em outro idioma para o segurança e ele abriu passagem. Com um som de saltos na calçada, as mãos nos bolsos do casaco, ela se aproximou dele.

Charlie procurou a mulher que ela fora na mulher que era agora e não encontrou. A voz que ele amara um dia tinha um tom secreto e irritado quando falou: – Aqui não. Te dou cinco minutos e nada mais, Charlie.

Ela latiu ordens em outro idioma, mais uma vez, para o segurança, e entrou no hotel. Charlie foi atrás dela, enfurecido pela forma como ela estava agindo, e ao mesmo tempo com medo de que a criança no carro do qual ele estava se distanciando fosse mesmo o filho dele.

Graeme olhou em volta, procurando algum lugar onde pudessem conversar. Ele não quis esperá-la se decidir, pegou-a pelo braço e a puxou até o elevador.

As portas deslizaram, prendendo os dois na caixa que parecia ter saído de um parque de diversões, toda iluminada, as paredes revestidas com cartazes de shows e espelhos. Charlie viu a si mesmo e a Graeme refletidos e distorcidos em detalhes polidos e superfícies metálicas.

Como ela mudara. Ainda era belíssima, mas o rosto parecia mais magro e rígido. Ao olhar para ele e lembrar-se das fotos que vira na pasta de Ray, Charlie quase sentiu os joelhos cederem. Quis sentar no chão, mas não o fez – O que aconteceu com você? – ele perguntou, temendo as palavras que sairiam de sua boca. – Você consegue imaginar o que eu passei? – ele sussurrou, completamente imerso em sua raiva agora.

Ela evitou seus olhos e apertou o primeiro botão que viu, o do oitavo andar. Ele agarrou a mão dela. Ela libertou-se. – O que você passou? – De repente, ela o empurrou. Ele viu que ela tentara se controlar e não conseguira. – O que *você* passou?

– Nada, nunca, que eu faça vai ser o suficiente para me desculpar pelo que te aconteceu.

– Ai está a grande beleza do mundo, Charlie. Eu não fiquei sentada num apartamento podre e fedido, chorando em posição fetal e esperando que talvez um dia você ligasse os pontos e me vingasse.

“Plimm!”

As portas se abriram e ela saiu, percebendo que nem saberia para onde ir, descendo o corredor acarpetado do hotel, portas para quartos em ambos os lados.

Ele foi atrás dela, quase correndo, e conseguiu bloquear sua passagem. – Graeme, você sabe que deveria ter me contado.

– E o que você teria feito?

– Meu Deus, matado o desgraçado!

Ela balançou a cabeça. – Você não sabe absolutamente nada sobre mim, sobre isso tudo e sobre quem seus amigos são.

– Foda-se o que eu sei e não sei, eu te amava! Eu fiquei naquele lugar horrível e a única coisa que me manteve são era a ideia de que quando saísse dali você estaria me esperando. Tem ideia do que senti quando cheguei lá e você não estava?

– Tony me disse para ir. Tony me fez ameaças das quais você não entende nada. Tony... – Ela cerrou os dentes. – Destruíu-me. Você sofreu abstinência e coração partido, Charlie? Bem, eu sofri de um jeito completamente diferente, de um jeito que nem um assassino como você consegue imaginar.

– Eu não preciso imaginar, Ray Cage me mostrou suas fotos.

Graeme suspirou. – Por que estamos tendo essa conversa ridícula? Não vai mudar nada. Preciso ir.

Ela passou por ele, andando sobre os saltos em direção ao outro elevador no corredor em forma oval. Com raiva, Charlie falou alto para ela:

– Ir para seu marido?

Graeme parou e virou o corpo de lado. Encarou Charlie com um olhar álgido. – Sim. Vou para o homem que me ajudou a me curar.

Ele pensou no que lera no arquivo, e, sem saber que conseguiria lidar com a confirmação daquilo, perguntou, porque seria pior viver na dúvida:

– Com o meu filho?

Ele viu a mudança no olhar dela. Quando Graeme andou de volta em sua direção, o rosto mostrava uma ira quase grande demais para uma mulher daquele tamanho. – *Seu* filho? Só pode ser um completo louco para achar que tem o direito de chamar Connor de seu!

Então era verdade. O menino no carro, que ele vira por apenas um segundo antes das sombras ocultarem seu rosto, era filho dele. Connor.

Sentiu os olhos arderem ao encará-la. Sentiu crescendo dentro de si uma inflamação comparada a dela. – Tenho direito de ver meu filho.

Aquela frase pareceu inflá-la de cólera. Ele não reconhecia aquela expressão no rosto dela, aquela forma de falar, ele não testemunhara raiva em Graeme antes. Naquele momento, ele teve dúvidas se chegou a conhecê-la. A voz dela pingava descontrole quando sibilou, naquele corredor: – Você não tem direito a nada. Você acha que está falando com a otária que se apaixonou por você seis anos atrás? Acha que está lidando com uma idiota que achava que dançar nua era alguma espécie de poder, de controle da própria vida? *Eu* paguei o preço pelo nosso amor patético, Charlie. Eu! Você jurou! – O descontrole bateu e ela enrugou o rosto inteiro para tentar conter as lágrimas que agora fluíam de seus olhos. – Você jurou que não deixaria nada de ruim acontecer comigo!

Ele também perdeu o controle e olhou para baixo, a visão de seus sapatos contra o carpete salmão tremia através das lágrimas que formavam uma camada grossa em seus olhos naquele momento. – Me desculpe, Gram – sussurrou. – Por favor me perdoe porque eu nunca vou me perdoar.

Ela limpou as lágrimas do rosto. O nariz estava avermelhado. – Três dias, Charlie. A dor não acabava nunca. O que ele falava... – Então ela puxou uma respiração profunda e fechou os olhos.

Ele lutou contra a visão que tivera do inferno pelo qual ela passara. Sabia que se sentasse para pensar, para realmente pensar naquilo, perderia o juízo. Ela falou, mais calma. – Não importa mais, eu me vinguei do filho da puta.

– Gram... não. Não. Por favor me fala que não foi você. Fala que Ray não entregou Fabricio a você.

Os olhos ainda não estavam secos, mas voltaram a exibir aquele brilho de amargura. Os lábios se curvaram ligeiramente para cima. – Sim. Eu sei que o teria matado. Eu sei que sua raiva é quase igual à minha, mas você não tinha o direito. Você não entendeu ainda que eu sofri a dor, e qualquer resultado disso é

meu, pertence a mim. Fabricio pertencia a mim. E só eu sei o que tive que fazer para conseguir.

– Você enlouqueceu?

– Não, Charlie, eu cresci. Eu dei uma boa e longa olhada na Graeme que como uma otária caiu nos seus encantos, que achou que era digna de ser a namorada de alguém e que caminhou direto para os braços do demônio, acreditando nas palavras do amado, de que nada de ruim aconteceria com ela. Eu olhei para aquela trouxa por dias, enquanto estava deitada naquela cama de hospital, sem poder respirar sem sentir dor. E eu matei aquela piranha burra. Eu matei tudo o que ela foi. Eu sobrevivi.

Ele deu um passo para trás, pensando: *Não, eu matei Graeme.*

Ela deu outro sorriso rancoroso. – Eu fugi com Connor dentro de mim, eu comecei a trabalhar como camareira num hotel idêntico a este e eu o conheci. E eu fiz o que fazia de melhor. Eu o seduzi. Eu o manipulei. Eu fiz Bogdan acreditar que eu o amava, eu dei a ele o melhor sexo que um homem já teve, e então... – Os ombros dela caíram e a expressão se suavizou. – E então o inesperado aconteceu. Eu me abri com ele. Ele me levou para conhecer a aldeia decrépita e pobre na qual passou a infância e quando eu vi miséria de verdade, eu me abri. Eu contei tudo, tudo, tudo sobre minha vida. Eu falei que estava grávida de outro homem. Eu falei tudo o que precisava contar a alguém. E Bogdan, que tem segredos quase tão obscuros quanto os meus, me entendeu. Casou-se comigo. Cuidou de Connor. Pagou para que professores me dessem aulas, lessem livros comigo, me ensinassem a pensar, a me questionar, a ver o mundo como era. Liam jornais comigo e me obrigavam a traçar narrativas políticas, a entender os conceitos básicos da Economia. Eu lia Freud, Shakespeare e Marx, e eu não entendia quase nada. E eles insistiam, eles me motivaram. E, acredite, nenhuma motivação era tão forte quanto imaginar Fabricio aos berros, olhando nos meus olhos quando alguém o eletrocutava. E eu virei Graeme Volkov.

– Um novo tipo de prostituta? Que dorme com um homem que não ama?

Ela sorriu. Colocou a mão enluvada no rosto dele. – Você gostaria que fosse assim, não gostaria, *don*? A verdade é que eu o amo, sim. Aprendi a amar quando entendi o que é amor verdadeiro.

– Amor é o que tínhamos, Graeme.

– Não, Charlie. O amor potencializa, o amor nos engrandece, o amor nos dá poder. O que tínhamos, eu e você, era gostoso, mas me deixou burra. O que Bogdan me deu foi maior. Bogdan me deu a confiança e o poder para colocar Gino, Mickey e Ray no meu bolso para que brincasse de fantoche quando a hora chegou. Gino e Mickey se viraram um contra o outro, Ray ganhou a aposentadoria dos sonhos, Fabricio sofreu a morte que tinha que sofrer e eu sou intocável.

– Tem razão, Graeme, você a matou. Matou a mulher que eu amei.

- E faria de novo. Agora sou a mulher que pode proteger seu filho.
- Acha que vou desistir dele porque está me ameaçando?
- Connor não é seu. Entenda isso e poupe-se do sofrimento.
- Connor nunca foi meu porque eu não sabia de sua existência. Vou conhecer meu filho, Graeme. Vou lutar por ele.

Ela lambeu os lábios e olhou para o lado. Uma camareira gorda passou, uniformizada, empurrando um carrinho de limpeza e atirando aos dois um olhar curioso. Quando ela se distanciou, Graeme olhou para ele e disse numa voz suave. – Connor crescia dentro de mim sem que eu soubesse. Eu o expus a cocaína, maconha, heroína, álcool e nicotina. Ele estava dentro de mim quando fui esfaqueada no abdome. Isso foi a vida de Connor quando eu vivia no seu mundo, Charlie. Acha mesmo que como um gângster, como um chefe da máfia agora, porque já sei que você foi o escolhido, acha que vai oferecer a ele a vida que ele merece? Meu filho é feliz, está seguro e vai ter uma vida boa e eu morro antes de deixar que você o arraste até um tribunal e coloque uma agulha no braço dele para provar que você é seu pai. Você não quer me enfrentar, Charlie. Acredite. Não vou deixar Connor ser o filho de um mafioso.

Achou que seria fácil, Charlie, achou que sua vingança não teria um preço? Foi golpeado pelo reconhecimento simultâneo de todos os elementos que o compunham. Ele era filho de um *don*. Sorrira com arrogância para todos os sinais e advertências de que não deveria seguir os passos do pai, que deveria se resguardar e ser um covarde feliz fora daquele mundo. Motivado pela sua coragem juvenil e seu espírito teimoso, Charlie trilhara um caminho que não tinha volta, uma ponte construída por violência e horror que desmoronava a cada passo dado.

Um orgulho potente o mandou desafiá-la, movido pela certeza de que tinha direito ao filho que carregava seu sangue. Queria poder segurá-lo em seus braços, conversar com ele, compreendê-lo, amá-lo.

Mas a mensagem de Loreen fora clara: “Talvez você ainda tenha algo importante a fazer, alguém especial para salvar ou alguém ruim para matar”. Charlie percebeu que ela não se referira, sem saber, a Marion.

Amar o filho seria protegê-lo do mundo que ele não precisava conhecer. Amar Connor significaria libertá-lo das garras do negócio dos Conicci. Por mais que Charlie entendesse aquilo, naquele segundo, pareceu demais para suportar. Teria que abrir mão de um futuro inteiro com o filho, para não vê-lo um dia seguir os passos do pai e do avô.

Deu um passo para frente. Encostou o rosto no dela, Graeme fechou os olhos e segurou o choro. – Cuide bem dele, Gram.

Sem conseguir falar, por medo de se jogar nos braços dele e reviver por um segundo os melhores dias de sua vida, Graeme assentiu.

Charlie deu uma última olhada para ela. Doces dias e noites, a suspensão temporária de todas as dores, os suspiros, beijos e gemidos que ela reservara apenas para ele seriam sempre lembranças, até que estivessem tão borradas, tão turvas, que ele se perguntaria se não seriam apenas fruto da imaginação. Deu as costas para Graeme e saiu do hotel.

A missa de sétimo dia de Antonio Vecoli Conicci aconteceu numa manhã gélida na mesma igreja onde ele se casara. Um novo ano era recém-nascido e ele trazia os ares de mudança e otimismo.

Crianças usando ternos minúsculos e vestidos sóbrios ignoravam a formalidade do evento e corriam em meio a risadas, desconsiderando as ameaças dos pais. Homens em ternos e cabelos com gel saíam de carros, abotoavam ternos e apertavam as mãos de outros homens. Mulheres usavam vestidos caros, véus e joias. Davam beijos nas bochechas das outras e acariciavam barrigas grávidas e cabelos de crianças menores. Riam. Gesticulavam.

A igreja começava a ser preenchida.

Charlie estava de pé, na entrada, e recebia os cumprimentos dos que passavam. Um dos filhos de Vittorio Conicci escoltou a viúva e matriarca, Margeretta, até Charlie, que a elogiou, beijou-lhe as faces com rouge e a chamou de *nonna*. Ele cumprimentou membros da família e esposas, e deu atenção especial a Suzie, viúva de Vinnie, que chorava e se destacava das outras pelas suas roupas mais simples. Charlie prometeu que cuidaria dela, que ela estava sob sua proteção agora, que podia pedir o que quisesse. Fez as mesmas promessas para Carmen, que segurava os filhos pelas mãos e soluçou quando o abraçou. Ele colocou uma mão no rosto dela e a tranquilizou. – Seja forte – ele insistiu. – Pelas crianças.

Então o Jaguar chegou e ele saiu de onde estava, ignorando um casal que buscava sua atenção. Caminhou até o veículo, de onde Donnie saía e abria a porta para ela. Charlie prendeu a respiração ao ver Marion saindo com aquele

jeito elegante dela de virar o quadril para o lado e sair do carro sem ter que abrir as pernas. Usava um vestido vermelho, até os joelhos, de um tecido grosso. Charlie ia comentar que a manhã estava fria demais, mas então ela abaixou um pouco e tirou um casaco do banco do carro, dando a ele uma visão breve, mas instigante, da bunda apertada no vestido. Vestiu as peles negras por cima do vermelho e sorriu para ele.

Ele estendeu a mão. Ela pegou. Quando ele lhe deu um beijo na bochecha, falou baixo. – Eles vão olhar. Eles vão sussurrar. Agora somos nós dois contra o mundo, Marion. Sabe disso, não sabe?

– É claro que eu sei.

Ele pegou a mão dela e a levou para dentro da igreja.

Sim, todos olharam para a viúva de Tony vestida de vermelho e preto, deslumbrante em sua beleza juvenil, de mãos dadas com o novo *don*. Mulheres viravam a cabeça sobre o ombro para comentar o vestido com a amiga que estava atrás.

Completamente ciente do poder que tinha, Charlie a conduziu até o primeiro banco, de onde ela assistiria à missa. Antes dela se sentar, ele passou um braço em torno de sua cintura, puxando-a contra si, e deu um beijo na face dela. Ela o fitou com olhos surpresos naquele momento. Ele sentiu todos os olhos sobre eles. – Não vou esconder isso deles – ele sussurrou. Ela sorriu, formando covinhas.

Então se sentou.

Charlie colocou a mão no bolso e caminhou pelo corredor, ouvindo os sussurros escandalizados até o lado de fora.

Já esvaziara e ele aproveitou a solidão para acender um cigarro.

Fumou com o corpo apoiado contra uma mureta de gesso, sentindo, como fizera nos últimos dias, o gosto do momento, do futuro, das promessas.

– Charlie.

Ele virou a cabeça. Viu Francesca Strong caminhando em sua direção com aquele ar de agente federal que fazia parte dela. Não estava arrumada para a missa, mas também não usava um colete, o que indicava que só estava lá para conversar.

– Fran.

Ela respirou fundo e o estudou.

– Chegou longe. Parabéns.

– Obrigado.

Ela inclinou-se sobre a mureta, perto dele. – Deixaram um rastro de corpos, Charlie. Conseguiram que o bureau injetasse novos recursos em Vegas e na minha força-tarefa. Gosto de você e deixei passar o que vi naquele quarto no Bayside, mas não vou facilitar, entende?

Charlie sorriu. – Perfeitamente, Fran. Nunca pensei que fosse de sua índole facilitar as coisas para qualquer um que fosse.

– Consegui te transferir para a cozinha, esqueceu?

– É... tem isso.

Ela deu um olhar ao redor. – Marion sabe que é filho dele?

– Eu contei. Ela teve um momento de raiva, mas conversamos. No fim, ela entendeu. Em algum lugar ela sempre soube... de alguma forma. Marion é do tipo de mulher que pergunta “por que você não me contou?” não para fazer drama, e sim para realmente compreender os motivos pelos quais um segredo foi mantido. É uma das coisas que amo nela.

Francesca colocou as mãos nos bolsos.

Charlie fixou o olhar no rosto dela. – Vi... Robert me disse uma vez que olhava para você dormindo e se perguntava por que você estava com ele... que era boa demais para estar com ele.

Ela desviou o olhar, tentando manter a pose de durona, mas os olhos brilharam por um instante. – Se ele ainda estivesse aqui... teria que prender você.

– Valeria a pena.

Francesca suspirou. Olhou em direção às portas abertas da igreja imensa e pensou em como gostaria de poder prender metade das pessoas ali presentes. Teria tempo, ela sabia. Era um trabalho longo, difícil, mas ela tinha tempo. – A gente se vê por aí, *don*.

Ele a observou ir embora. Jogou o cigarro fora. A missa ia começar.

Assim que sentou-se ao lado de Marion, as portas foram fechadas e um padre belamente trajado deslizou os pés velhos para o centro do altar.

Charlie olhou em volta enquanto o homem falava e sentiu os olhares nele. Entendeu o que esperavam dele. Lucros. Sempre lucros. E uma atitude mais juvenil, mais política, mais americana do que siciliana em relação aos negócios. O filho tomando o lugar do pai, com o mesmo pulso firme, mas com uma abordagem mais inusitada, criativa, corajosa. Sim, Charlie daria a eles o que queriam.

Mas ele prometeu a si mesmo que, no fundo, seria fiel a si próprio. Que no seu íntimo, na sua alma, no seu relacionamento com Marion, e, um dia, na forma de se relacionar com os filhos que ele de repente queria ter mais do que tudo, ele não seria um Conicci.

Seria Charlie Walsh.